
BEYOND
THE
ROSES
Follow your heart,
and it'll lead to love.
International Bestselling Author
MONICA JAMES

Para o mundo exterior, minha vida é perfeita.

Sou jovem e rica, e alguns podem até dizer que sou bonita. Mas eu daria tudo para ser outra pessoa porque depois de ser extraordinária toda a minha vida, tudo o que desejo é... silêncio.

Meu nome é Lola Van Allen, e não há maneira fácil de dizer isso, mas... estou morrendo.

Quando meus médicos revelam que toda esperança está perdida, decido passar o tempo que resta compartilhando minha experiência em Strawberry Fields, um acampamento de verão para crianças com doenças terminais. Não importa o meu destino, anseio por fazer a diferença.

As coisas são quietas e lentas até eu conhecê-lo.

Dr. Roman Archibald.

A partir do momento em que nossas vidas se entrelaçam, ele me pressiona até eu ceder. Mas para alguém que não tem mais nada a perder, eu repelia duas vezes mais forte. Roman me desafia de maneiras que nunca imaginei, mostrando que as coisas nem sempre são o que parecem.

Esta é minha história... e como ganhei uma segunda chance na vida.

Disponibilidade:
Valentina
Tradutora:
Vi
Revisora Inicial:
Drika
Revisora Final:
Anny
Leitura Final:
Valentina
Diagramação:
Federicci

Arlequina's Legacy Traduções



ALT

BEYOND THE ROSES

Capítulo 01

Às vezes, me pergunto como seria ser outra pessoa. Não tenho preferência por quem, apenas alguém que não seja eu. Elas não teriam que ser altas, ou magras, ou mesmo bonitas. Na verdade, eu preferia que fossem comuns, que se misturassem à multidão, porque depois de ser extraordinária, tudo que eu desejo é... silêncio.

— Lola? LOLA!

O papel da mãe é proteger, ensinar e amar incondicionalmente a sua família. E a maioria das mães assume essa responsabilidade. Algumas até dizem que ter um filho mudou suas vidas para sempre. Isso deu a elas um propósito. Infelizmente para mim, minha mãe, Camille Van Allen, perdeu o memorando.

Suspirando, abaixo o mais novo romance de Dan Brown e tiro meus fones de ouvido.

Não há como questionar a beleza da minha mãe. Seu longo cabelo castanho é geralmente penteado em um coque baixo, assim como ela o usa agora. Seus grandes olhos verdes pareceriam estranhos em qualquer outra pessoa, mas suas maçãs do rosto salientes, lábios



rosados e nariz fino e delicado complementam sua aparência graciosa. Ela nunca seria vista em nada além de roupas de grife e, embora eu não entendesse, eu aceitava porque nunca soube que minha mãe fosse nada além de... perfeita. E por isso, eu a invejo porque... Eu sou tudo, menos perfeita.

— Desculpe, o que você disse? – eu dou a ela toda minha atenção.

— Eu disse, que gostaria que você reconsiderasse e viesse para a Europa conosco para o verão. Não é verdade, Dermott? – Isso tudo é besteira, no entanto.

Meu pai me olha pelo espelho retrovisor, com seus amáveis olhos azuis refletindo sua tristeza, mas ele balança a cabeça, pois minha mãe está aguardando sua resposta. — Sim, é verdade, mas eu sei dadas as suas... circunstâncias. – Sua pausa revela que minhas circunstâncias não podem ser varridas para debaixo do tapete tão facilmente para ele quanto para minha mãe. — Por que você quer fazer isso. – Mais uma pausa. Parece haver muitas dessas ultimamente.

Aceitei que a normalidade não está no meu futuro. Aceitei isso há quatro anos. Muitos dias se passaram desde então, mas infelizmente para mim, um novo dia não traz novas esperanças. Meu futuro está traçado diante de mim, e nem sequer tenho voz sobre como minha história terminará.

Enxugando discretamente as lágrimas traidoras que escorrem dos cantos dos meus olhos, tento o meu melhor para sorrir. Minha mãe, por outro lado, está a segundos de dar um tapa pela insolência do meu pai. Mas ela não diz nada.

Isso é comum para a família Van Allen. Não lavamos nossa roupa suja. Em especial, não discutimos assuntos que manchariam o nome da família. Lamentavelmente, eu sou um assunto que manchou nossa reputação.



Olhando pela janela, pressiono minha testa no vidro frio, desejando poder sentir os raios de sol na minha pele. Paisagens de tirar o fôlego de cachoeiras estrondosas, florestas verdes exuberantes e planícies rochosas intocadas passam por mim. A vista é linda. É bom entrar em contato com a natureza, visto que meu apartamento no Upper East Side abrange a agitação pela qual Nova York é famosa. Para onde estou indo, terei sorte de conseguir recepção de celular. Não que isso importe, porque para quem eu ligaria? Meu coração dói com o pensamento.

Quanto mais longe meu pai dirige, mais remotas e isoladas as coisas se tornam, mas esse é o plano. Foi para isso que me inscrevi.

O GPS diz as direções, com a voz alegre e robótica sendo o único som preenchendo o ar pesado. Para o mundo exterior, somos a família americana totalmente perfeita e, uma vez, éramos, mas atrás de portas fechadas, a minha família não é feliz há muito tempo. Me entristece pensar que sou a razão por trás dessa tristeza.

Meu pai levanta os seus olhos conhecedores, vendo meu sofrimento instantaneamente. Ele se sente como se tivesse falhado comigo, mas não falhou. Algumas pessoas simplesmente nascem azaradas.

Pinheiros altos alinham-se na estrada de cascalho como soldados muito rigorosos, nunca vacilando de sua posição de vigiar todos aqueles que viajam por este caminho com sombra. Sei que estamos perto; Posso sentir a súbita mudança no ar.

A Mercedes azul marinho começa sua jornada pela sinuosa estrada de terra. O sol se foi há muito tempo, escondido, e um calafrio passa por mim, o frio inesperado um presságio do que está por vir, talvez?

Mas eu o anulo e dou as boas-vindas à minha chegada a Strawberry Fields com uma



mentalidade diferente. Estou energizada e entusiasmada porque isso é o que há de mais valioso que senti em meses.

Os pneus esmagam o cascalho enquanto papai dirige na estrada com cuidado. Ele faz uma curva fechada à esquerda e, subindo a colina, vejo - a mansão branca de estilo gótico.

— Olha, eles têm cavalos. – O tom animado do meu pai me lembra de quando ele me levou para ver os leões no zoológico quando eu tinha sete anos. A vida era tão simples naquela época. Eu daria qualquer coisa para ter isso de volta. Foi uma época de inocência, quando meu mundo não estava cheio de palavras que eu não entendia.

Voltando ao presente, percebo que meu pai também anseia por esse tempo. Ele quer sua filha perfeita de volta, mas não sou perfeita há muito tempo.

Meu pai estaciona o carro ao lado da entrada em cúpula, e meus pais saem do carro com entusiasmo. Recolhendo os meus pertences, movo as minhas pernas, colocando o meu tênis no chão rochoso. Respirando fundo, faço meu corpo se mover. Fico grata que nenhum tremor destruiu meu corpo.

Uma pequena vitória para mim.

Minha mãe me passa minha mala do porta-malas, levantando o lábio quando me vê em pé na minha altura total de um metro e meio. — Lola, sério? Certamente você tem algo melhor para vestir. – Meus Chucks[1] surrados, jeans rasgados e camiseta da PETA[2] não são aprovados pela Camille Van Allen. Antigamente, eu usava vestidos de festa e joias caras, mas isso não sou mais eu.



[1] ***Chucks: é um modelo do tênis All Star.***
[2] ***PETA: é uma organização de protetores dos animais.***

— Você parece uma sem-teto. – diz ela, acrescentando insulto à injúria.

Minha paciência se acaba. — Acho que dificilmente vou conseguir usar saltos altos, *mãe*. – Meu tom pinga veneno. De repente, desejo ter pegado um táxi em vez de pedir que me levem.

Felizmente, uma voz vibrante soa em todo o terreno, interrompendo um momento sem dúvida desagradável. — Bem-vindos, você deve ser a Lola.

Quando a mulher de meia-idade para na minha frente, sua compaixão transparece sem motivos ocultos óbvios. Ela está aqui por causa da bondade de seu coração, e eu gosto dela instantaneamente.

— Sim, sou eu.

— Olá, Lola. Eu sou a Sra. Carrington, mas você pode me chamar de June. Eu sou a administradora aqui. – Gosto dela ainda mais porque reconheço seu nome no pacote de boas-vindas que recebi.

— Olá June. Mal posso esperar para começar. Apenas me aponte na direção certa. – Como June me olha de perto, não tenho dúvidas de que ela leu minha inscrição e tudo o que revelei.

Olhando para a enorme mansão, de repente tenho a premonição de que, assim que eu sair, serei uma pessoa diferente. Não sei por que ou como. Só sei que, assim que passar por essas portas, minha vida mudará.

— Tchau, pai. – eu caminho, dando-lhe um abraço apertado.

— Adeus. Estou orgulhoso de você. – ele me aperta com mais força.

Eu me afasto de seu abraço e sorrio. — Certifique-se de tomar muito sorvete por mim.



Seus olhos se enrugam enquanto ele ri. — Pode deixar. – Não ouço o som com muita frequência, mas acho que não há muito mais para ele rir.

Parada ao lado, minha mãe espera por alguma despedida emocional, mas ela é toda uma farsa. Olho em seus olhos verdes, tão semelhantes aos meus. O meu pode estar escondido atrás de grossas armações pretas, mas não há dúvida de que herdei minha aparência dela. Mas, ao contrário dela, minha aparência vai desaparecer. Ela já desapareceu.

— Tchau, mãe. Tenham um voo seguro. – eu me afasto, sentindo-me estranha ao dar-lhe um abraço frouxo.

— Nós vamos, querida.

Dando uma última olhada neles, evidenciei a diferença entre o passado e o futuro. Meu futuro está esperando apenas além dessas portas. Com essa mentalidade, June e eu caminhamos em direção à entrada. A vida é curta demais para atrasos.

Olhando para cima, paro a alguns metros de distância, mascarando o sol com a mão em concha sobre a testa. O ar está fresco e o sol quente. A sensação de descoberta ainda me cerca, então, assim com um salto sigo June com o meu passo pesado de costume,.

No momento em que coloco os pés dentro do hall de entrada, sou atingida com a elegância que Strawberry Fields abrange. Tetos altos decorados, paredes brancas imaculadas e pisos de mármore são apenas o começo do que está definido diante de mim. Olho ao redor com admiração; não porque eu nunca tenha visto tais luxos antes, mas porque há uma ternura com a qual não estou familiarizada.

Uma delicada peça de Bach acalma e dá as boas-vindas a todos os que estão na mesma expedição que eu. Independentemente de nosso



ambiente extravagante, não há como negar porque estamos aqui. O pensamento pesa muito como uma algema em volta do meu coração, seguindo minha excitação recém-descoberta com melancolia. Balançando a cabeça para dissipar esses pensamentos, acelero meu passo para alcançar June.

— Este é o seu quarto. – June me informa por cima do ombro, antes de parar em frente a uma porta de madeira.

— Leve o seu tempo para se instalar. Ainda faltam alguns voluntários. Você estar aqui significa muito para nós.

Eu não posso deixar de sorrir com sua bondade. — Obrigada.

June pode ser uma das únicas pessoas que podem entender o que estou passando porque, infelizmente para ela, ela vê isso todos os dias.

Ela não se demora.

Eu agarro a maçaneta fria da porta, mas uma voz atrás de mim me impede de entrar. — Oi! Eu sou Zoe. Colega voluntária.

Virando, eu vejo uma mulher de idade semelhante a mim parada a poucos metros de distância. Seu cabelo escuro é curto, apenas alguns centímetros de comprimento. Isso parece enfatizar a clareza de seus olhos azuis. Ela estende sua mão esguia, que eu aperto. Seu calor derrete meu frio.

— Olá, sou Lola.

— Prazer em conhecê-la. – Sem pausa, ela pega a mala da minha mão e vai para o meu quarto, arrastando-a atrás dela.

Eu sigo o exemplo, e a primeira coisa que chama minha atenção são as duas janelas largas bem na minha frente. Elas são equipadas com chapas de vidro Tiffany. A impressionante imagem manchada está espalhada por ambas as janelas. A imagem é



de um salgueiro-chorão rosa. As pétalas cobrem o painel lateral e se estendem ao longo do topo; as cores vibrantes destacadas conforme o sol surge.

Assim que tiro meus olhos da magnificência, admiro o tamanho generoso do quarto. Um deslumbrante edredom azul-celeste cobre a cama, e almofadas combinando repousam estranhamente umas contra as outras.

O carpete de veludo parece macio sob meus pés enquanto viro em um pequeno círculo, absorvendo o silêncio.

— Você não estava esperando por isso? – Zoe pergunta, deixando minha mala ao pé da cama enquanto ela se joga no colchão, com a barriga primeiro. Eu reprimo uma risadinha por trás da minha mão.

— Não sei o que estava esperando. – eu confesso honestamente. — Achei que seria um pouco mais... rústico. – Não vi nenhuma foto online porque não me importava com a aparência da minha hospedagem. Essa não é a razão pela qual decidi vir.

Zoe se senta, com seus olhos inteligentes focados em mim. — Então porque você está aqui? – eu suspiro em uma respiração abafada, surpresa com sua atitude petulante. Eu empurro meus óculos até a ponte do meu nariz, engolindo ruidosamente.

— Ah, vamos, a vida é curta... nós duas sabemos disso. Não faz sentido ser tímida. Este é o meu terceiro ano aqui e, pela minha experiência, todos nós viemos aqui por um motivo. Minha irmã morreu de câncer há três anos.

As paredes espetaculares, que admirei, agora estão se fechando sobre mim, pois estou tendo mais dificuldade para respirar. Eu me inclino e envolvo meus braços em volta da cintura, desejando ter prestado mais atenção ao Dr. Carter quando ele detalhou maneiras de eu lidar



com o estresse.

“Lola, todos esses remédios que você está tomando... elas vão te ajudar.”

“Ajudar-me como?” – eu estava tão furiosa. Eu ainda estou. Por que isso aconteceu? O que eu fiz para merecer tal punição? O que ela fez para merecer tamanha injustiça?

“Se você não tomá-los, você...”

Não.

Por que a vida é tão cruel?

Eu coloco minhas mãos sobre meus ouvidos, precisando bloquear as vozes na minha cabeça. Mas quanto mais desesperada fico para escapar do meu futuro, mais barulhenta as coisas se tornam.

“... eles são remédios experimentais para um glioblastoma de alto grau, também conhecido como astrocitoma de quarto grau, que está crescendo no lado direito do seu cérebro.” – Lágrimas ardem em meus olhos porque não importa o quanto rápido eu corra, nunca poderei fugir do destino.

— Lola, você está bem? – A voz de Zoe mostra preocupação, mas sua simpatia só me faz sentir pior.

Escondido sob os lindos tons pastéis, a calma reconfortante e as obras calmantes de Bach está o epicentro do que este lugar é. O estratagema superficial não pode mascarar a verdade. Strawberry Fields é um santuário, um acampamento de verão onde crianças com doenças terminais vêm para esquecer e ser apenas crianças.

E a razão de eu estar aqui - estou aqui para ser voluntária porque essas crianças são como eu.



Meu nome é Lola Van Allen. Não há uma maneira fácil de dizer isso, mas... estou morrendo.



Capítulo 02

— Lola, você pode me ouvir? – As palavras de Zoe entram e saem de foco, mas estou familiarizada com as vozes abafadas. Tudo começou quando eu tinha vinte e um anos.

Fiz o que toda socialite da minha idade fazia - fazia compras, me divertia. Eu não tinha nenhuma preocupação no mundo. Mas quando comecei a ouvir vozes que ninguém mais ouvia, pensei que estava ficando louca. E quando as vozes vieram com dores de cabeça debilitantes, fui aos melhores médicos de Nova York porque sabia que algo não estava certo. Eles fizeram exames intermináveis e foi quando encontraram - uma mancha escura dentro da minha cabeça.

Acontece que a bolha era um glioblastoma, também conhecido como astrocitoma de quarto grau, que estava consumindo o lado direito do meu cérebro. Em termos leigos, eu tinha um tumor cerebral inoperável.



No entanto, recusei-me a aceitar meu destino, inflexível de que havia algum engano. Isso não acontecia com pessoas como eu. Como

fui ingênua porque não importa quem eu visse, o prognóstico era sempre o mesmo.

Os sintomas aumentaram semanas depois. Eu fui um acidente de carro. Não só eu tinha a visão turva, desmaios ocasionais e falava com gagueira, mas também mancava um pouco. Nem é preciso dizer que os supostos melhores anos da minha vida acabaram sendo os piores.

Todos os meus supostos amigos pegaram a estrada quando as coisas ficaram sérias, provando para mim o quanto superficial e rasa minha vida realmente era.

Minha mãe não conseguia lidar com todo mundo olhando para ela de forma diferente porque se espalhou que o nome Van Allen estava manchado. Isso mostra o quanto mesquinho era o círculo social ao qual minha mãe pertencia - o círculo ao qual *eu* pertenci.

Mas tirei o máximo proveito da minha situação de merda. Pela primeira vez na vida, abri um livro e estudei. Tornei-me a mestre de minha própria doença; aprendendo, estava determinada a encontrar uma cura. Esgotei todos os remédios que meus médicos me deram, mas sem sucesso. Os medicamentos da quimioterapia podem muito bem ser aspirina.

Levei muito tempo, mas finalmente, minha perseverança valeu a pena. Um médico na Alemanha afirmou ter encontrado um medicamento que quebrou a proteína do tumor que eu tinha, reduzindo assim o tamanho. Os testes experimentais estavam ocorrendo na Alemanha, e eu queria participar.

Liguei para meu médico, Dr. Carter, que estava ciente dos testes experimentais. Ele disse que eu não tinha nada a perder e fui colocada na lista de espera.

Três semanas depois, eu estava tomando todas as cores de remédios conhecidos pela



humanidade quatro vezes por dia durante o ano seguinte. Os efeitos colaterais eram horríveis, mas também era ter a espada de Dâmocles pendurada sobre a minha cabeça. Eu ficava constantemente doente, com sintomas parecidos com os da gripe, pois os remédios exauriam meu sistema imunológico. Meu cabelo caiu completamente, o que foi bom, já que estava ficando ralo com a quimio de qualquer maneira. Mas para minha mãe, destaquei o fato de que sua vida perfeita não era tão perfeita afinal. Ela me preferia a criança mimada que eu fui, em oposição à jovem doente que me tornei.

Mas eu continuei porque, após o primeiro trimestre dos testes experimentais, meu tumor havia diminuído. Agora era quase do tamanho de um pequeno limão.

Dr. Carter me disse para não ter muitas esperanças, mas fiquei emocionada. Eu estava convencida de que venceria isso. Eu estava vencendo as probabilidades de sobreviver por tanto tempo quanto eu, mas era tudo em vão. Apesar de tudo, pela primeira vez em muito tempo, tive esperança. E essa esperança foi graças a alguém que mudou minha vida para sempre.

Georgia Faye era minha única amiga verdadeira. Todas as minhas amigas socialites há muito se esqueceram de mim, e nossa “amizade” se apresentou como realmente era - superficial, assim como o mundo em que um dia vivi e cresci.

Conheci Georgia enquanto ela também estava recebendo os remédios do teste. Conversávamos diariamente e era bom ter alguém que entendia como a vida era difícil. Logo, nos tornamos inseparáveis, pois nossas terríveis circunstâncias nos uniram.

Decidimos que não íamos deixar essa doença nos vencer sem lutar. O tumor de Georgia era ligeiramente maior e mais agressivo do que o meu, mas isso apenas a inspirou a lutar mais. Georgia foi a pessoa



mais positiva e inspiradora que conheci.

Entramos em uma academia, ficamos fortes e eliminamos o estigma que acompanhava a doença. Bebemos poções nojentas que acreditam manter o cérebro saudável, mas engolimos aquela gosma como se ela estivesse saindo de moda. Tudo era melhor naquela época porque a Georgia estava ao meu lado.

Quando nossos resultados mostraram melhorias, nos sentimos as garotas mais sortudas vivas.

Nossas massas musculares cresceram graças aos nossos treinos intensos, então meu mancar tinha sumido. Georgia me ajudou com minha gagueira enquanto eu a ajudava com seus apagões, ensinando-lhe um pouco de meditação que aprendi na ioga.

A vida era boa. Bem, tão boa quanto pode ser para duas mulheres, como Georgia e eu.

Georgia e eu fomos amigas por um ano, e foi o melhor ano da minha vida. Mas a vida pode ser cruel e me mostrou o quanto implacável pode ser. Para comemorar seu aniversário de vinte e cinco anos, íamos sair para um bar.

Eu estava aplicando meu batom favorito quando meu celular tocou. Houve um passo, mas foi o último que eu já tive. Do outro lado da linha estava a mãe de Georgia - ela estava soluçando, inconsolável, com suas palavras com um choro confuso. Ela me informou que Georgia havia morrido durante o sono. Ela havia sucumbido à doença que tínhamos certeza de que venceríamos.

O funeral foi lindo. Georgia teria adorado. Foi colorido e vivaz, assim como a Georgia. Mas minha melhor amiga não seria nenhuma dessas coisas nunca mais. Após a morte da Georgia, perdi todas as esperanças. Parecia que meu coração havia sido arrancado do peito. Parei de fazer



todas as coisas que Georgia e eu costumávamos fazer porque as memórias eram dolorosas demais para suportar sozinha.

Se a pessoa mais forte que eu conhecia não conseguiu vencer isso, então como eu poderia?

Dr. Carter disse que um novo medicamento experimental acabara de ser disponibilizado e que eu era a candidata perfeita. Era mais forte do que os medicamentos anteriores e, devido aos resultados positivos do meu teste, ele achou que eu tinha uma boa chance de tornar operável meu tumor inoperável. Os medicamentos anteriores haviam reduzido o tamanho do meu tumor, mas ele ainda era inoperável. Ele tinha esperança. Mas eu, não fiz. Antigamente, eu tinha esperança, mas tudo o que fez foi me dar uma falsa sensação de normalidade. Então parei de usar qualquer droga e aceitei que acabaria em um buraco no chão, assim como a única pessoa que já amei e que também me amou.

Enxugando a torrente de lágrimas, me forço a voltar ao agora. Desde a morte de Georgia, tem sido muito fácil voltar para a escuridão.

— De... desculpe, Zoe, eu não queria te assustar. – eu me levantei lentamente, com o mundo girando constantemente. Quando encontro seus olhos arregalados e preocupados, meu estômago embrulha.

— Está tudo bem. Por favor, não se desculpe. Você está bem?

— Eu ficarei. – Zoe não acredita, mas não pressiona.

— Posso ajudá-la a desfazer as malas?

— Eu posso desfazer mais tarde. Eu adoraria dar uma olhada.

— Eu ficaria feliz em mostrar a você.

— Claro, obrigada.



Um sorriso irradia seu rosto. — Você se importaria se eu fosse para o meu quarto primeiro? Eu preciso pegar um suéter.

— Claro, sem problema. – ela está fora da porta, prometendo voltar em cinco minutos.

Decidindo ir descalça, sento na beira da cama e desamarro meus cadarços. Quando tiro os sapatos, um flash vermelho dentro da minha mala chama minha atenção. Eu sei o que é sem olhar.

Essa bandana vermelha que guardei com cuidado era da Georgia.

Ela costumava usá-la em volta da cabeça pálida com orgulho. Decidindo homenagear minha amiga, eu o pego, tocando o tecido macio entre meus dedos. — Eu sinto sua falta. – eu sussurro, desejando que ela estivesse aqui comigo.

Reprimindo minha tristeza, eu cambaleio enquanto caminho até o espelho de parede. Eu odeio que meu mancar vai e vem porque eu sei que posso ser forte novamente. Mas não adianta.

Meu reflexo me encara de volta no espelho enquanto passo meus dedos pelo meu cabelo castanho. Ficou saudável desde que parei de tomar os remédios. Acabou passando dos meus ombros. Eu amarro a bandana no meu cabelo, como uma faixa de cabelo, exatamente como Georgia fazia. O vermelho destaca o verde em meus olhos. Ele também enfatiza as olheiras. Eu pareço e me sinto muito mais velha do que vinte e cinco.

Olhando em volta do meu quarto, agradeço o Strawberry Fields pelo que é - um acampamento de férias, férias de verão para os moribundos. Os requisitos para associação - *você deve estar morrendo de vontade de entrar* - trocadilho totalmente intencional.

E é por isso que estou aqui.



Os médicos me disseram que é apenas uma questão de tempo antes que eu sucumba à minha doença, assim como a Georgia. Mas até que chegue esse momento, quero ajudar as pessoas. Fui voluntária por três meses porque depois de ler o panfleto, não importa quanto tempo me resta, quero fazer a diferença. Posso me identificar com o que essas crianças estão passando porque tudo que eu sempre quis foi que alguém me ouvisse e fosse tratada normalmente. Pretendo estar aqui para essas crianças e deixá-las saber que não estão sozinhas. Eu quero que saibam que, embora tenham sido condenadas à prisão perpétua, isso não significa que não possam viver a vida ao máximo. Eu quero que saibam que não há problema em ser diferente.

Esta é a primeira vez em tantos meses que sinto que pertenço aqui.

Um sorriso está estampado em meu rosto enquanto fecho minha porta, grata por ter ouvido meu instinto e vindo aqui. No entanto, um grito substituiu aquele sorriso quando me viro sem olhar e esbarro em algo duro.

A princípio, tenho certeza de que é a parede, mas isso é impossível, considerando que estou parada no corredor aberto. Isso deixa apenas outra opção. Eu acabei de bater rudemente em alguém.

— Sou tão... – As palavras morrem em uma confusão convicta quando olho para cima, e para cima, e vejo o rosto marcante de um homem que emana pura masculinidade. A primeira coisa que chama minha atenção é a vibração de seus olhos azul-acinzentados. Eles são cristalinos, hipnotizantes sob seus óculos pretos de aro de tartaruga. Seu cabelo castanho escuro está penteado para trás com os lados curtos.

Seu rosto é a perfeição completa, e eu estou olhando como uma completa idiota.



Envergonhada, eu olho para baixo, o que é uma má ideia, porque vejo que o rosto perfeito está ligado a um corpo perfeito. Agora entendo por que acreditei que bati em uma parede - uma parede de tijolos, quero dizer - porque ele tem músculos onde eu nem sabia que existiam.

— Desculpe. – eu disse, terminando minha frase falada uma vida atrás.

— Sem problemas. – ele respondeu um momento depois. Sua voz é grossa e melosa. De repente, me pergunto por que meus braços parecem que estão pegando fogo. Olhando para baixo, vejo seus dedos fortes envolvendo meu bíceps. O gesto era para me impedir de cair, o que sou grata porque tenho certeza de que estou prestes a desmaiar.

Ele é o homem mais bonito que já vi. Eu não posso deixar de me perguntar quem é ele.

Zoe responde a pergunta para mim. — Olá, Dr. Archibald.

A voz dela parece nos tirar de qualquer bolha em que estamos, porque ele remove suavemente as mãos enquanto eu balanço a cabeça fisicamente, na esperança de colocar algum sentido nisso.

Ele limpa a garganta antes de se virar para olhar para ela. — Oi, Zoe. Evitando travessuras, espero?

Ela ri, e eu sou grata por poder respirar novamente. — Shh, eu tenho uma reputação a zelar.

Ele é um *médico*? De repente, me sinto além de envergonhada por babar em mim mesma.

— OK. Seu segredo está seguro comigo. – Há um silêncio pesado antes que o Dr. Archibald vire lentamente. Eu prendo minha respiração. — Lamento não ter me apresentado. Eu sou o Dr. Archibald. Eu sou



um dos muitos médicos que trabalham aqui.

— Oi, Dr. Archibald. Prazer em conhecê-lo. Eu sou Lola. Lola Van Allen. – eu dou a ele um pequeno aceno, grata por ter conseguido dizer minha frase em uma única tentativa.

— O prazer é todo meu. – ele coloca as mãos nos bolsos da calça apertada. — Você acabou de chegar?

Seu comentário inocente me tira do meu episódio movido a hormônios, e eu aceno. — Sim. Zoe estava prestes a me mostrar o lugar.

Uma covinha aparece em sua bochecha direita. — Bem, você está em boas mãos. Eu vejo você por aí, Lola. – eu aceno, incapaz de falar.

Ele permanece por um momento, claramente me avaliando. Ele me dá uma olhada antes que aqueles olhos azuis deslumbrantes pousem na bandana no meu cabelo. Ele pode ver o significado? Como eu amarrei com amor e carinho.

Ele parece querer dizer outra coisa, mas muda de ideia no último minuto. O ar muda.

Um segundo depois, ele sai antes que eu possa questionar mais minha insanidade temporária.

Uma risadinha me faz virar por cima do ombro, levantando uma sobrancelha. — O que? – eu estou surpresa por poder falar.

Zoe encolhe os ombros maliciosamente. — Nada. – ela responde, arrastando o A.

— Desembucha. – estou curiosa para saber o que está acontecendo.



— Ah, nada, exceto o fato de que você acabou de ser infectada com o vírus do amor pelo Dr. Roman Archibald.

— O quê? – eu franzo meu nariz.

Ela começa a rir. — Você tem muito que aprender. – ela entrelaça seu braço em volta de mim de brincadeira. — O que você quer ver primeiro?

— Eu quero ver tudo. – E pela primeira vez em muito tempo, estou falando sério.

Zoe me mostra os jardins primeiro, pois o sol é lindo demais para desperdiçar. A terra parece libertadora sob meus pés; tanto que, Zoe também tira as sandálias na metade do tour.

O verde exuberante estende-se até onde a vista alcança. Inúmeras atividades aquáticas acontecem no lago, já que as águas paradas correm ao longo da encosta de toda a propriedade. Muitos barcos a remo estão amarrados às docas.

Zoe detalha as várias atividades que acontecem em dias diferentes. Pólo aquático, canoagem, voleibol, golfe e passeios a cavalo são apenas o começo do que está disponível. Um pouco de crianças estão sentadas sob as árvores lendo, enquanto a maioria brinca na água no lago.

Zoe está conversando sobre como Strawberry Fields atende trinta crianças quando eu paro, precisando recuperar o fôlego. Ela não percebe até que se vira e me vê encostada em uma árvore para me apoiar. — Ah, meu Deus! Estou andando muito rápido? Eu sinto muito. – ela corre, preocupada.



— Está tudo bem. Eu só... minha perna. Dói às vezes. – Meu mancar voltou desde que parei de tomar os remédios. Não tão ruim quanto antes, mas quando eu exagero, isso me lembra de que está ganhando vida.

Vendo que Zoe e eu provavelmente trabalharemos juntos nos próximos três meses, e não tenho nada a esconder, não vejo razão para ser evasiva. — Então, a resposta à sua pergunta sobre por que estou aqui... tenho um tumor no cérebro. Inoperável. Tentei muitos remédios diferentes. Nada funcionou, exceto um remédio experimental, mas isso também acabou sendo uma bobagem. – eu não posso deixar de ser amarga. — Os médicos disseram que eu poderia ir a qualquer momento, mas ninguém sabe o destino deles.

Quando Zoe pisca uma vez, eu rapidamente volto atrás. — Sinto muito. Isso não foi nada incrivelmente deprimente. Só queria ser honesta.

Ela molha os lábios, balançando a cabeça. — Não, isso não é deprimente. É animador e inspirador que queira vir aqui e compartilhar sua experiência com crianças que realmente poderiam usar sua força. O que você está fazendo... você está fazendo a diferença, e essas crianças vão gostar, mesmo que não demonstrem na metade das vezes.

Uma bola de beisebol passa voando por nossas cabeças enquanto ela sorri.

Nunca tive vergonha da minha doença, por isso decidi vir para cá. Se preocupar com crianças que não entendem por que receberam um azar pode ser difícil, e vi isso com meus próprios olhos. Mas serei capaz de me relacionar com elas contando minha história - só espero estar lá para elas como a Georgia esteve por mim.

Zoe está claramente interessada no que acabei de dizer e estou feliz em dizer a ela



tudo o que quiser saber. — Então você não toma nenhum remédio? Sem remédios de quimio?

— Não. Eu não vejo sentido. Eles me dão falsas esperanças. Estou tomando medicamentos para controlar minhas convulsões e enxaquecas. Eles queriam que eu tomasse um estabilizador de humor, mas não estou interessado em viver o resto da minha curta vida como um zumbi. Mas, quanto aos medicamentos para ajudar na minha condição, não há nenhum. Eu tentei todos. O mancar vai e vem porque o tumor está pressionando meu lóbulo frontal, afetando meus movimentos. E só por diversão, meu lóbulo temporal também é afetado, e é por isso que gaguejo ocasionalmente. – ela entra em ação na hora certa.

Zoe está quieta, o que é uma novidade para ela.

— Eu preciso beber alguma coisa. – digo em voz alta, precisando aliviar o clima. Eu não vim aqui por mim. Vim aqui para *ajudar* outras pessoas *como* eu.

Zoe respirou, antes de deixar escapar uma risada abafada. — Eu também. – O clima acalmou enquanto caminhamos para a casa.

— Zoe, estou procurando por você. – diz uma voz doce. Mais à frente, vejo uma garota esguia em uma cadeira girando as rodas até nós.

— Cassandra. – Zoe sorri e envolve os braços em volta do pescoço dela. — Quero que conheça minha nova amiga, Lola Van Allen.

— É um prazer conhecê-la, Cassandra. – eu me inclino para frente e aperto sua mão inerte, que está fechada ao seu lado. Cassandra está quase completamente paralisada do peito para baixo. Ela controla sua cadeira de rodas motorizada por um joystick com a mão esquerda.



Não deixo que isso me impeça de estender a mão e tocá-la porque ela não é leprosa. Nenhum de nós é.

Cassandra sorri, e a visão é realmente linda.

— Quem está com fome? Está quase na hora do almoço. – Zoe diz.

Meu estômago ronca com a simples menção de comida. Elas se viram para olhar para mim e caem na gargalhada. É bom rir. Zoe lidera o caminho.

Entramos no refeitório, que parece saído de um filme. Um lustre de cristal pende do teto alto. A luz do sol entrando pelos tetos altos envia um mini arco-íris pelo lugar enquanto atinge cada pedra preciosa pendurada. Um vaso de rosas está no centro de cada mesa, preenchendo o lugar com uma fragrância doce.

Seguimos Cassandra, que corre até uma mesa em uma pequena alcova. Olhando em volta, me familiarizo com meus colegas voluntários e as crianças com quem estarei passando meu tempo. Eles são um grupo misto. Alguns parecem indispostos, enquanto outros parecem saudáveis, mas o fator comum é que todos eles têm menos de quinze anos e estão morrendo.

— Fui educada em casa. – eu ouço a adolescente na mesa ao lado dizer a seu colega. — Sim, eu sou *essa* aberração.

Fiz um som com minha língua.

É para isso que vim aqui. Para acabar com esse estigma associado à doença.

Tentando essa coisa de voluntária para ver se me aproximava da mesa, sem querer fazer pressão no meu primeiro dia. — Olá, sou a Lola. – Ambas as meninas olham para mim. — Ouvi o que você disse, e só quero



que saiba que não, você não é uma aberração. Somos apenas... diferentes.

A garota me olha, levantando os lábios com amargura. Eu sei o que ela vê. Por fora, pareço o farol perfeito de saúde.

Agachando-me e abaixando na sua altura, eu sorrio. É por isso que estou aqui. Para fazer a diferença. — Tenho um tumor no cérebro, então se você é uma aberração, então também sou. – Seus olhos se arregalam e eu posso ver. Estamos ambos no mesmo clube e ninguém quer entrar, mas estamos unidos por circunstâncias de merda, no entanto.

— Você é voluntária aqui?

Eu aceno, esperando que seja uma coisa boa.

Isto é verdade.

Ela sorri brilhantemente e alcança seu celular. — Vou enviar uma mensagem de texto para Francis e Ryan. Você tem que ser nossa amiga. A propósito, sou a Tash.

Quando li o panfleto de boas-vindas, eu constatei que um grupo de crianças recebe um amigo. Um amigo é alguém que realiza atividades com seu grupo e é o líder da matilha. Isso me aquece além das palavras que Tash me quer como dela.

O cheiro de tomate maduro e mussarela dourada paira no ar. Voluntários em uniforme verde e marinho emergem de três entradas laterais, carregando bandejas de prata com comida.

Uma senhora mais velha caminha até Cassandra e sorri. — Olá, Cassandra. Espero que você esteja com fome. Temos lasanha no menu. – Cassandra suspira, e eu não entendo por que até que a voluntária se senta ao lado dela e mostra um babador adulto. Ela o amarra em volta do



pescoço, pois Cassandra não pode fazer isso sozinha.

— Bem-vinda ao meu inferno. – ela brinca ao perceber que Tash está olhando para ela.

Tash rapidamente desvia o olhar. — Desculpe. Eu não quis ser rude.

— Está tudo bem. A síndrome de Alpers-Huttenlocher não tem sido gentil comigo por mais de dez anos. Estou acostumada com as pessoas olhando.

Eu li sobre a condição de Cassandra, pois é uma doença que ataca o cérebro. Cassandra, assim como eu, teria sido saudável e não teriam percebido logo. Ela caminhava, falava e comia sozinha, mas nossas histórias tomam o mesmo rumo. Ela teria experimentado mudanças inexplicáveis e, com o passar do tempo, teria se visto deteriorar diante de seus olhos, incapaz de impedir.

As lágrimas ardem, mas as enxugo. Nenhuma de nós quer simpatia.

Uma linda mulher com uma jaqueta lilás e calças brancas com pregas entra na sala. Seus saltos brancos adicionam altura a seu corpo pequeno. Seu longo cabelo escuro está preso em um coque alto, enfatizando os seus grandes olhos verdes e lábios carnudos pintados de cor coral.

Ela procura pela sala, parecendo procurar alguém. Quando seu olhar pousa em mim, fico surpresa ao ver que esse alguém sou eu. Ela acena, e eu viro meu ombro para garantir que é a mim que ela está se dirigindo. Eu vejo que é.

— Olá, Lola. – eu encontro seus olhos calorosos. — Eu sou Tamara Meriwether, a professora de arte. – Aceno com um sorriso. — Desculpe interromper o almoço, mas queria te dar isso. – ela me dá



uma pasta transparente enquanto estou de pé.

— Obrigada. – eu pego e abro para ver um cronograma e uma longa lista de atividades.

— Você estará ajudando na minha aula de arte. Achei que poderia querer ir agora, pois estamos iniciando algumas atividades divertidas depois do almoço.

— Isso parece ótimo. Mal posso esperar.

— Maravilha. – ela bate palmas, suas pulseiras Tiffany brilhando sob as luzes brilhantes. — Todas as informações estão na pasta. A recepção oficial acontece hoje à noite. Mas June não gosta de fazer barulho e, em vez disso, continuamos normalmente. É por isso que partimos direto para as atividades no primeiro dia. – Gosto de June ainda mais.

Antes de vir aqui, fiz uma pesquisa online sobre o que esperar. Foram cerca de três horas de pesquisa e, embora June possa parecer casual em sua abordagem, ela dirige este lugar com a maior precisão.

— Ótimo. Obrigada por isso. – eu seguro a pasta.

Ela balança a cabeça e abre a boca, pronta para dizer algo, mas então para abruptamente e olha para longe por cima do meu ombro. Espero que ela retorne o contato visual, mas ela não o faz. Na verdade, suas pupilas dilatam e ela parece perturbada.

Curiosa, eu me viro para ver o que chamou sua atenção. Não preciso ir muito longe. Parado a alguns metros de distância, Dr. Archibald fala com uma jovem. Ele escuta, balançando a cabeça de vez em quando. Ele é um pilar de apoio e cuidado.

Quando ele olha em nossa direção, um suspiro profundo deixa os lábios entreabertos de Tamara. Meu primeiro instinto é desviar o olhar, mas



por alguma razão desconhecida, não o faço. Admiro a maneira como Dr. Archibald se mantém com total confiança e controle. Ele arregaçou as mangas de sua camisa, revelando antebraços tensos e musculosos. Ele não se parece com o seu médico típico porque é jovem, cerca de trinta anos, e também parece que pertence à capa da *Vogue*.

Eu me pergunto o que o trouxe aqui.

Quando ele corresponde ao meu olhar e parece estar tão paralisado por mim quanto eu por ele, o ar vibra ao meu redor. Timidamente empurro meus óculos no nariz, sentindo um calor desconhecido dentro de mim. Estou envergonhada, pois tenho certeza de que ele pode ler minha estranha resposta a ele.

— Vejo você esta tarde. – A voz de Tamara interrompe meu estado de transe. Zoe estava certa; *Estou* infectada pelo vírus do amor pelo Dr. Roman Archibald.

— Claro. – eu liberto minha voz rouca. — Claro, então até logo.

Ela passa por mim, indo na direção do Dr. Archibald. Seus olhos ficam focados em mim. No entanto, o olhar é tão intenso que me sinto tonta. Quando ele finalmente interrompe nosso olhar, eu posso respirar novamente.

Estou ansiosa para a aula de Tamara.

O cronograma parece bem planejado, com atividades suficientes para manter todos ocupados. Quando entro na sala cor verde pastel, admiro as fotos inspiradoras que se espalham pelas paredes e aprecio o toque suave de lavanda no ar.



Cerca de dez crianças estão sentadas em mesas com pinturas brilhantes e grandes folhas de papel abertas à sua frente. Todas parecem animadas para começar.

— Olá, sou a Lola. – dou um pequeno aceno enquanto as crianças se viram em seus lugares para me dar toda a atenção. — Eu estarei ajudando hoje. Então, se vocês tiverem alguma dúvida, me avisem.

Eu não consigo afastar minha sensação de felicidade. Essas crianças parecem tão animadas quanto eu por estar aqui, confirmando que estou fazendo a coisa certa.

Tamara entra, com sua jaqueta estilosa sobre o antebraço. Ela parece à vontade e confortável em seu habitat natural. — Olá a todos. Assim que estivermos todos instalados, começaremos. – ela caminha até a base para o iPod e conecta o seu iPod rosa.

Ela então tira os saltos e os coloca no canto da sala. — Hoje, vamos fazer um exercício que não requer nada além de caneta e papel. – ela enfia a mão em sua grande bolsa. Após um momento de vasculhar, ela pegou um monte de diários. — Estes são seus para guardar, e eu os encorajo a escrever ou desenhar sempre que sentirem necessidade. – ela anda pela sala, distribuindo os diários. Seus movimentos são tão elegantes e ágeis; uma sensação de calma a envolve. Ela sorri gentilmente ao me dar meu diário.

Quando todos têm seus materiais, ela continua. — Esses diários são para quando vocês não saberem o que dizer. – ela olha ao redor da sala, conectando-se a cada um de nós. — Não há julgamento aqui. Sem regras. Não há certo ou errado. Quero que vocês expressem tudo o que vocês sentem, não importa o que seja. Não tenham pressa e lembrem-se de que este é um lugar seguro. Comecem quando estiverem prontos.



Não há dúvida de que Tamara ama o que faz.

Quando estou prestes a oferecer minha ajuda, Tamara gentilmente pega meu braço. — Que tal você ter um momento para escrever por que está aqui? Eu faço isso com todos os voluntários. Isso ajuda. – Não há necessidade de ela explicar. Estar aqui afeta a todos.

Mas nunca fui de escrever meus sentimentos, embora meus médicos tenham encorajado isso. Eu simplesmente não via sentido. Escrever o quanto minha vida é uma merda não mudaria minhas circunstâncias.

Não vejo minha opinião mudando tão cedo, mas eu abro o diário, pressionando a lombada pensando. Sempre fui uma leitora, pois a ideia de ser uma escritora é além de assustadora. Todas essas palavras detalhando seus sentimentos, eu não conseguia pensar em nada pior. Eu esfrego meu peito, com meu coração apertando enquanto eu sei por que estou com tanto medo. Eu sei sobre quem escreveria. Ela era a única pessoa que ouvia, realmente ouvia, não porque estava esperando sua vez de falar, mas porque se importava com o que eu tinha a dizer.

Com esse pensamento em mente, pego a caneta e... deixei fluir.

Eu sinto sua falta, G... muito. Todos os dias, acho que vai ficar mais fácil, mas não fica. Fica mais difícil. A ideia de fazer isso sozinha é mais assustador do que viver. Eu gostaria de ter ido com você, porque não tenho mais nada pelo que viver.



Cada noite, eu me pergunto se esta é a noite em que não vou acordar, se finalmente é minha hora. Odeio que uma pequena parte de mim fique desapontada quando testemunho um novo nascer do sol. Eu sei que você daria qualquer coisa para ter apenas mais um dia, e aqui estou eu, desejando que fosse o meu último. Eu me sinto ingrata. Eu sou.

Se eu pudesse te dar minha vida para salvar a sua, eu a daria... em um piscar de olhos.

Você foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. Lamento não ter dito isso com muita frequência. Amo você, Georgia. Por favor... volte.

As últimas três palavras parecem confusas e minha cabeça começa a girar. Algo não está certo.

— Lola? – A voz lenta de Tamara soa como se ela estivesse a um milhão de quilômetros de distância.

Uma dor aguda atinge minha têmpora, deixando-me sem fôlego enquanto seguro minha barriga.

Não, de novo não.

Pondo-me de pé, rapidamente peço licença para encontrar o banheiro mais próximo. Antes de perder o controle da realidade, todas as cores



do arco-íris piscam diante dos meus olhos e então... tudo é substituído pelo escuro.



Capítulo 03

— Ela está recuperando a cor.

— Sim, está.

— Devo verificar sua pressão arterial novamente?

— Não, está tudo bem. Eu cuido daqui.

Vozes abafadas que não são realmente abafadas flutuam como uma estação de rádio tentando sintonizar a sua frequência. Não tenho ideia de onde estou. *Qual é a última coisa que lembro?* Tento me lembrar, mas dói - sempre dói.

Passando a mão úmida pelo meu rosto, eu esfrego meus olhos.

— Sra. Van Allen, você pode me ouvir?

A voz grave é suave como cerejas de verão. Independentemente disso, eu gemo, com os olhos ainda fechados. — É Lola. Sra. Van Allen é minha mãe, e eu preferia que houvesse apenas uma dela.

— Ah, vamos lá, ela não pode ser tão ruim.



— Ela faz Satanás parecer a Madre Teresa.

Não estou tentando ser engraçada, então quando ouço uma risada rouca, abro um olho. O mundo está além de borrado. — Meus óculos? – eu cegamente estendo a mão para eles e sou grata quando são colocados na minha palma.

Deslizando-os em meu rosto, eu lentamente observo meu ambiente desconhecido. A única coisa que reconheço é o homem sentado ao lado da minha cama. — Dr. Archibald? – É uma afirmação cruzada com uma pergunta.

Sentando, ignoro a dor na minha cabeça enquanto me recomponho. As paredes brancas estéreis, bipes e cheiro de anti-séptico apontam para um só lugar.

— Como está se sentindo? – ele pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Meu cabelo embaraçado parece palha enquanto tento domá-lo. Eu desisto, pois será necessário um milagre para domar essa besta. — Sinto que estou com a pior ressaca do mundo... sem a bebida.

Novamente, eu não estou tentando ser divertida, então fico surpresa quando vejo os lábios perfeitos do Dr. Archibald se levantando no canto. Sua deliciosa fragrância exótica de frutas cítricas frescas e notas amadeiradas de sândalo supera a esterilidade e me faz querer dar respirar mais o cheiro. Mas eu não faço.

— Você desmaiou. – ele explica, inclinando-se para frente na cadeira de plástico.

— Isso não vai acontecer de novo. – Era exatamente isso que eu temia.



Esses apagões são causados por minha condição e, embora eu os tenha sob controle na maioria dos dias, às vezes surgem furtivamente. Como hoje. Percebo que me esqueci de tomar os meus comprimidos esta manhã. Uma atitude amadora da minha parte.

Há um silêncio por um momento importante, aqueles olhos azuis escondidos sob lentes claras falando uma língua que eu não entendo. Ele pega o estetoscópio em seu pescoço e se levanta. — Vou apenas verificar seus sinais vitais.

Assentindo, eu me sento mais ereta e me inclino para frente.

Ele limpa a garganta antes de colocar o disco de metal nas minhas costas. — Respire fundo. – ele instrui. Faço o que ele pede. — Inspira. E expira. – Eu exalo, com sua proximidade enviando um arrepio por todo o meu corpo.

Ele passa para o outro lado e me pede para fazer a mesma coisa. Desta vez, ele se inclina mais perto, com nossos corpos perto de se tocarem. — Ótimo. – Seus olhos encontram os meus quando ele se afasta. Sua proximidade é quase sufocante.

O decote da minha regata é baixo, permitindo fácil acesso ao Dr. Archibald. Ele engole visivelmente antes de colocar o metal contra minha pele. Eu pulo porque está frio. — Desculpe. – ele se desculpa, olhando para mim.

Eu aceno, com muito medo de falar.

Seu enorme corpo faz sombra ao meu e a sua proximidade é um conforto surpreendente. Ele ouve o meu coração que está quase explodindo no meu peito. Ele move o cilindro enquanto ouve, com o rosto pensativo. Minha respiração fica desconcertada; meu coração está determinado a vencer uma corrida imaginária. Eu



estou além de envergonhada, pois este é o pior momento para o meu corpo trair meus nervos.

Quando seus dedos tocam levemente sobre minha pele, eu mastigo o interior da minha bochecha para impedir minha resposta inesperada a ele. Tento imaginar qualquer coisa diferente do cheiro inebriante do Dr. Archibald. Quando ele levanta o cilindro e tira as pontas dos ouvidos, solto a respiração presa que nem sabia que estava segurando.

— Seu coração está bem. – declara ele, enrolando o estetoscópio no pescoço. Seu comentário estoura minha bolha de felicidade.

— O meu coração não é o problema. – respondo honestamente.

Ele franze a testa, parecendo arrependido. — Independentemente de nossas doenças, acho que o coração sempre é afetado.

Eu não esperava tal resposta, mas ele está certo. O órgão vital é nosso epicentro.

— Tamara disse que você ficou sem aula. Um dos voluntários encontrou você no banheiro, desmaiada. – ele faz uma pausa e eu sei por quê. — Tive de relatar isso a June, é claro, e ela me contou sobre sua condição.

Estou prestes a dar um sermão sobre a invasão de privacidade, mas posso entender por quê.

— Eu li seu prontuário.

Expliquei a minha condição no aplicativo. Dr. Carter me deu sinal verde para fazer isso, pois eu não queria que a administração estivesse às cegas quando me deram o trabalho.

Baixando os olhos, puxo um fio solto do cobertor de algodão. — Sorte sua.



Ele ignora minha piada. — Está tomando algum medicamento?

— Seja qual for o tempo que me resta, não desejo viver como um zumbi em coma, Dr. Archibald. Quero lembrar quem eu sou e enfrentar a morte, não me esconder sob um cobertor medicamentoso.

Posso ver que o peguei desprevenido com minha franqueza e estou prestes a pedir desculpas, mas faço uma pausa quando um estrondo grave soa alto em seu peito. — Bom para você, Sra. Lola. – ele corrige apressadamente. — Você é uma jovem corajosa.

— Estou longe de ser corajosa, mas obrigada.

Seu silêncio é intenso, falando tudo. Mas eu nunca esperei que ele expressasse o que expressou a seguir. — Nunca subestime o seu impacto no mundo. Você apenas pode ser a razão de viver de alguém.

Eu me pergunto quem é a razão do Dr. Archibald. Não tenho dúvidas de que ele tem uma longa fila de admiradoras e pode até ser casado ou ter namorada.

— Está tudo bem, então pode ir embora quando estiver pronta. – diz ele, perturbando meus pensamentos.

Seu comentário me surpreende. — Eu posso ficar?

— Claro. Por que você pensaria de outra forma?

Coçando a nuca, eu revelo: — Só pensei que, depois de desmaiar no meu primeiro dia aqui, eu não sou exatamente a voluntária ideal importante.

— June está feliz por ter você. Ela acha que você estar aqui será bom para as crianças. E eu também.

— Você acha? – Não consigo esconder minha surpresa.



— Sim, acho. Tudo o que alguém deseja é ser tratado normalmente. Você será capaz de se conectar com essas crianças de uma forma que ninguém mais conseguirá. Elas vão desabafar com você, confiar em você, e isso é algo verdadeiramente inestimável.

Eu encontro seus olhos, um olhar ilegível repleto dentro de mim. Eu não sei o que há sobre ele, mas ele me faz sentir... especial. Tive pouca experiência com homens, graças a ter ficado doente aos vinte e poucos anos, então desconsiderei porque meus hormônios reagem a um homem bonito e inteligente. Mas uma pequena voz dentro de mim está gritando que há mais.

Com medo daquela voz, puxo o cobertor e viro as pernas. Ele se inclina para frente e tenta me ajudar, mas me afasto dele. — Obrigada.

Ele parece se divertir com minha teimosia. — Sem problemas. Se cuide, Lola.

Eu aceno, prendendo a respiração até que ele se vire e saia da sala. Ao expirar, surge um sentimento de que as coisas estão prestes a mudar. Embora eu não possa deixar de me perguntar se já mudaram.

No resto da tarde, eu cumpro o cronograma e me junto com Zoe na água, ajudando as crianças a fazer canoagem. Eu decido não contar a ela sobre o que aconteceu hoje porque não quero que ela se preocupe.

Eu me diverti mais do que nunca, e mal posso esperar para ver o que o amanhã reserva. Mas agora, estou me preparando para a reunião oficial. Eu tomo meus comprimidos e faço uma rápida ida ao banheiro para me refrescar.



Quando saio, a noite úmida de verão aquece minha pele. Inúmeras estrelas brilham no horizonte. É tão claro aqui, intocado. Manhattan é uma selva de concreto; você quase esquece que existe outro mundo lá fora.

Um grande grupo de pessoas se mistura ao longo do cais e ao redor da margem do lago. Algumas se sentam com os dedos dos pés mergulhados na água parada, enquanto outras relaxam sob as árvores com flor, conversando com novos amigos. Algumas crianças brincam alegremente no lago, mas todas ficam felizes em apenas relaxar.

Ver as crianças se divertindo me conforta. Eu sei que, à medida que os dias se transformam em semanas e as semanas em meses, as coisas ficam mais difíceis para elas. O tempo não está do lado delas, e assim que os três meses acabarem, me pergunto onde estaremos todos.

Uma jovem que não parece ter mais de treze anos sentada sob um grande carvalho me chama a atenção. Ela está sozinha, mas parece contente. Quando ela se encosta no tronco e enterra o nariz ainda mais no livro que está lendo, sinto uma afinidade com ela. Ela está lendo uma cópia rasgada de *Ilha do Tesouro*.

Respirando fundo, ando até onde ela está sentada, esperando não perturbá-la. Meus tênis esmagam a grama macia, chamando sua atenção. Ela olha para cima, com o seu cabelo ruivo curto cortado em um corte pixie. As sardas estão espalhadas por suas bochechas arredondadas e nariz pequeno. Ela nervosamente puxa um medalhão de prata em volta do pescoço, esperando que eu fale.

— Oi. – eu aceno.

— Oi. – ela responde em uma voz mais suave do que um rato.

— Eu amo esse livro. É o meu favorito. – eu aponto para a cópia rasgada em seu colo.



Seu rosto irradia. Não há nada como encontrar uma colega nerd por livros. — Meu também.

— Posso me sentar?

— Claro. – ela se arrasta.

Sentando perto dela, eu estendo minha mão. — Eu sou a Lola.

— Eu sou a Sadie.

— Prazer em conhecê-la. – Nós apertamos as mãos, sua mão era frágil parecendo esquelética na minha. — Você gostou dele até agora?

Ela encolhe os ombros. — Parece bom.

Querendo mudar o ritmo, pergunto: — Você tem irmãos?

Uma tristeza a domina. Eu reconheço esse olhar muito bem. — Não. Sou apenas eu. E você?

— Eu também. – Um peso pesado me submerge. — Tive uma irmã uma vez. – eu revelo, não me segurando. — Podíamos não ser parentes de sangue, mas mesmo assim ela era minha irmã.

— O que aconteceu com ela? – ela pergunta inocentemente.

Não querendo mentir, eu revelo: — Ela, ah... ela faleceu.

Suas mãos levantam enquanto cobre a boca. Seus olhos solidários se enchem de lágrimas. — Sinto muito, Lola.

— Está tudo bem. É bom deixar alguém saber que ela existiu. É a única maneira de manter sua memória viva.

— Qual era o nome dela?

Engolindo meus medos, eu respondo: — Georgia Faye.

— Acho que gostaria de ouvir mais sobre a Georgia. Ela parece uma pessoa legal.



— Ela era. – eu respondo com convicção. — A melhor.

— Bem, sempre que você quiser conversar, venha me encontrar, e podemos falar sobre ela. – Sadie pode ser jovem, mas é muito mais sábia do que jovens da sua idade.

— Obrigada. Eu vou. E o mesmo se aplica a mim. Estou aqui a qualquer hora que você precisar bater um papo.

Seu aparelho nos dentes reflete o luar. — Parece bom para mim.

— Encontrei uma clandestina. – Zoe diz brincando sobre Cassandra, que está usando um chapéu de cowboy pink quando elas se aproximam de nós.

Sadie nervosamente se move ao meu lado. O instinto de protegê-la me vence.

— Gente, esta é a Sadie. Sadie, essas são Cassandra e Zoe. – eu aponto para cada pessoa. Ela acena com a cabeça, balançando.

— Oi, Sadie. – elas dizem em uníssono. — Devemos ir?

Eu aceno, olhando para Sadie com um sorriso. — Quer caminhar conosco?

Sua felicidade é palpável. — Sim.

Seguimos em direção ao pavilhão.

O anoitecer tomou conta da atmosfera e não demorará muito até que as estrelas brilhem acima. No amplo espaço aberto tem uma grande cúpula branca ramificando-se para cima, tocando os céus. Muitas pessoas já estão aqui, a maioria sentando e conversando alto entre si. Nós nos sentamos e esperamos June falar.

Vejo Sadie puxando seu medalhão em forma de coração novamente. Ele deve ser a tábua de salvação dela, exatamente como a bandana



da Georgia é para mim.

June se levanta de uma cadeira na primeira fila e caminha até o pódio branco - nossa pastora de pé na frente de seu rebanho.

— Ver este pavilhão lotado me deixa muito feliz. Eu quero que vocês se divirtam e faça amigos. As pessoas que vocês vêm ao seu redor não são apenas seus amigos, mas também sua família. Façam memórias felizes e vivam.

June tem jeito com as palavras, e posso ver que cada um de nós está emocionado.

— Esta noite é sobre conhecermos-nos um ao outro, e dou boas-vindas a qualquer um que se sinta confortável para vir e se apresentar. Eu sou June Carrington e Strawberry Fields é meu lar... e dou as boas-vindas a vocês.

Enquanto June desce do pódio, todos olham em volta, imaginando quem tem coragem de ser o primeiro a quebrar o gelo. Eu também olho ao redor, impotente, esperando que alguém se levante e assuma o controle, mas ninguém o faz.

Exalando alto, enxugo as palmas das mãos suadas no vestido antes de me levantar lentamente. O movimento chama a atenção de todos os presentes, e todos se viram com os olhos fixos em mim. Eu me contorço, me sentindo uma aberração de circo. Mas estou aqui para fazer a diferença.

Esse pensamento me dá a força de que preciso e eu ando para frente. Quando eu estou quase lá, minha pele formiga com uma ardência enigmática. Eu viro para a esquerda, me perguntando por quê. Quando vejo Dr. Archibald encostado no tronco de um enorme e florescente ulmus[3], sei que ele é a razão. Meu corpo está de alguma forma em sintonia com o dele, me



[3] ***Ulmus: uma espécie de árvore.***

assustando e me excitando, tudo ao mesmo tempo. Sua mesma expressão impassível me mantém adivinhando os pensamentos dele.

Enquanto eu continuo andando para frente, o canto dos lábios do Dr. Archibald se levanta de forma notável. Eu me pergunto por que por três segundos até que suas palavras voltem para me assombrar.

"Você é uma jovem corajosa."

Interrompendo a nossa troca secreta, eu me concentro no que é importante, e isso é lembrar por que vim aqui para começar.

— Oi. – murmuro no microfone. O retorno grita alto, destacando meu fracasso épico. No entanto, endireito meus ombros, odiando que as palavras do Dr. Archibald me incentivem.

— Meu nome é Lola. – eu empurro meus óculos no nariz. — E eu sou uma voluntária aqui. Estou realmente ansiosa para conhecer todos.

Arrisco um olhar para a multidão e vejo que entediei todo mundo até as lágrimas. Mas eu não os culpo. Vim aqui para ser verdadeira e, embora essas crianças sejam apenas isso, foram apresentadas a um mundo que os amadureceu além da idade.

Endireitando os meus ombros, eu sorrio. — Eu me sinto uma privilegiada por estar aqui porque, assim como vocês, sei o quão importante é cada momento. Estou aqui por vocês. Eu juro. Eu sei o que vocês estão passando... porque eu também já estive aí. Eu ainda estou aí. – eu engulo, com medo de ter compartilhado muito.

Mas quando vejo algo mudar em todos os que estão sentados à minha frente, sei que compartilhei apenas o suficiente. — Portanto, sempre que precisarem de mim, saibam que minha porta estará sempre aberta. Estou aqui para o bem e para o mal. – Quando eu vejo sorrisos irradiando os rostos daqueles que me



observam, meu coração se enche. — Então, vamos celebrar a vida e vamos... apenas nos divertir. Obrigada.

Enquanto desço, fico sem palavras quando uma morena que nunca vi antes levanta e me abraça. Eu a abraço levemente também porque fui pega de surpresa.

Demoro o dobro do tempo para voltar para Zoe e Sadie porque sou interrompida a cada passo no caminho. A maioria deseja expressar sua gratidão pelo que eu disse, enquanto outros querem apenas me abraçar.

Quando eu finalmente alcanço Zoe e Sadie, Zoe se levanta e coloca seus braços em volta de mim. Desta vez, o carinho é bem-vindo.

— O que você disse foi simplesmente lindo.

Sadie fica de lado enquanto nos abraçamos. Eu gesticulo com minha mão, e ela hesita por um momento antes de se juntar ao sanduíche humano.

Depois que algumas apresentações são feitas e a multidão se dispersa, vejo Dr. Archibald e Tamara conversando terrivelmente perto. Ele é sempre frio, calmo e controlado, mantendo as cartas perto do peito.

Por que me incomoda tanto que ela esteja avançando e ele não recuando?

"Porque você gosta dele.", uma voz que soa muito como Georgia sussurra alto em meu ouvido.

Este é um novo nível de loucura. Talvez precise ver um psiquiatra. Para lidar com a morte de Georgia, agora estou ouvindo como se ela fosse meu subconsciente? Eu realmente devo largar a cafeína.



Tamara fica na ponta dos pés e sussurra no ouvido do Dr. Archibald. Ele parece refletir sobre o que ela acabou de dizer, então concorda. Ela está eufórica enquanto o meu estômago embrulha. Eles caminham em direção à mansão, aproximando-se enquanto conversam.

Suspirando, eu empurro qualquer sentimento que emerge dentro de mim, porque não pode levar a nada de bom.

Depois de vinte minutos se misturando, Sadie boceja, parecendo tão cansada quanto eu. — Eu te acompanho até o seu quarto?

Ela concorda.

Caminhamos em direção ao quarto dela em silêncio, mas posso sentir que algo está passando pela mente de Sadie. — Sua amiga Georgia... – eu espero, dando a ela tempo para continuar. — Você tem a mesma coisa que ela teve?

Quando chegamos à sua porta, ela deixa claro que não entrará até que eu responda a sua pergunta. — Sim.

O não dito perdura, mas o que eu disse anteriormente confirma que todos nós estamos com muito tempo.

Não tenho certeza de como Sadie vai reagir, mas ela me mostra que pessoa notável ela realmente é quando envolve seus pequenos braços em volta de mim. — Boa noite, Lola.

— Boa noite, Sadie. – eu gentilmente retribuo seu abraço caloroso, e isso significa mais para mim do que ela jamais saberá.

Ela se afasta primeiro e me dá um pequeno aceno antes de entrar em seu quarto.

Eu fico do lado de fora da porta dela depois que ela está fechada, digerindo tudo o que aconteceu nas poucas horas que estive aqui. Vim para



Strawberry Fields para ajudar outras pessoas que são como eu. Mas cada minuto gasto aqui revela que talvez eu estivesse errada. Talvez estejamos aqui para nos ajudar.

Um choro suave cruza o ar calmo da noite, interrompendo meus pensamentos. Eu teria o perdido se não fosse pelo fato de o som estar em harmonia com minha alma. Eu deveria me virar e ir para o meu quarto, mas não posso. Eu sinto que agora estou de alguma forma envolvida.

Sigo o som, andando na ponta dos pés pelo corredor como um ladrão comum na noite. Ele fica cada vez mais alto quanto mais eu caminho. Viro o corredor, sem saber o que vou encontrar. O choro agora está confuso com uma confusão de palavras. Eu paro antes de uma porta aberta, sabendo que o som vem de dentro.

Isso é incrivelmente rude, e eu deveria deixar quem está lá dentro sofrer em paz. Mas a curiosidade leva o melhor de mim, e eu espio pelo batente da porta. No início, a escuridão envolve quem está trancado lá dentro, mas um momento depois, a lua cheia brilha pelo vitral, iluminando o altar e quem está dentro dele. Não há como negar aquele longo cabelo dourado.

É June.

Sua cabeça baixa e soluços abafados tocam meu coração, e eu sinto sua tristeza. O que a deixou tão triste? Ela está ajoelhada em um banco, com as mãos entrelaçadas enquanto ela murmura. — Por quê?

A pequena capela não é tão fantástica quanto o resto deste lugar, mas não precisa ser. A pesada cruz que está sobre o altar forrado é todo o conforto que aquele que vem aqui precisa. Não se vem aqui para se maravilhar com a elegância, mas para fugir dela e apenas estar com seu criador. Não sou uma pessoa



religiosa; como posso ser? Eu não entendo meu sacrifício, mas June parece confortada por estar aqui e baixando a guarda.

Eu me impus a sua privacidade por tempo suficiente e me afastei tão silenciosamente quanto cheguei.

Minha mente está atormentada porque, na superfície, June parece feliz - o pilar perfeito da alegria - mas todos temos nossos demônios.

Tirando minhas roupas e subindo na cama, estou exausta e é apenas o primeiro dia. Quando meus olhos se fecham, não posso deixar de me perguntar o que o segundo dia nos reserva.



Capítulo 04

Ainda está escuro quando acordo.

Alcançando meu celular, vejo que são 5h15 da manhã. Muito agitada para voltar a dormir, decido tomar um banho e começar o dia cedo.

Quando saio, eu me seco e fico na frente do espelho. Ele está embaçado, graças ao meu banho quente, então passo a minha mão no vidro, deixando um risco em seu rastro. Eu me observo em partes, metade do meu rosto e corpo encoberto, mas posso ver o suficiente.

Eu mudei muito. Cada dia me tira o fôlego. É como se Georgia tivesse levado um pedaço de mim com ela.

Uma pequena e incômoda voz sussurra em meu ouvido que desisti facilmente. Eu poderia ligar para o Dr. Carter e pedir para experimentar os novos medicamentos disponíveis, mas eu não irei. Desde que eu fui diagnosticada, tive a escolha feita por mim. Eu ia morrer. Mas, ultimamente, a linha ficou borrada porque eu me pergunto a cada dia se estou com medo de morrer... ou estou com medo de



viver? Tenho medo de que funcione e, portanto, posso... viver? Por que recebo tantos luxos quando a Georgia nunca teve uma chance?

Eu não me preocupo em secar meu cabelo e amarrá-lo em um rabo de cavalo bagunçado. Depois de vestir o short jeans e a camisa pólo de voluntária oficial, aplico um toque de maquiagem. Quando pareço semi-humana, coloco meus tênis, tomo meus comprimidos e, em seguida, caminho para o corredor.

As luzes são apagadas, atenuadas para não acordar os indivíduos que ainda dormem. Minha primeira aula é arte com a Tamara, então decido ir para a sala de arte e arrumar o material. Quando passo pela capela, a memória dos soluços angustiantes de June ecoam alto em meus ouvidos. É um som que nunca esquecerei. Expressar tanta dor só pode significar uma coisa - ela perdeu alguém que amava. Posso sentir sua dor porque eu também senti, e chorei suas lágrimas vãs.

O som distinto de alguém descontando suas frustrações pode ser ouvido antes de mim. A academia fica três portas abaixo, então decido ver quem está punindo esse saco de pancadas com golpes fortes. Uma janela longa e retangular na porta permite uma visão perfeita.

Algo vermelho chama a minha atenção, seguido por uma rápida sucessão de socos violentos. Ficando na ponta dos pés, eu viro o meu pescoço para a direita e vejo um saco de boxe balançando de um lado para o outro. Não consigo ver quem dá os golpes, mas quem quer que seja, não está mostrando misericórdia.

Observo, hipnotizada, com a sugestão de pele bronzeada aparecendo por um segundo antes de desaparecer atrás do saco tão rapidamente quanto apareceu. Meu nariz está a centímetros de ser pressionado contra o vidro frio, desesperada para ver quem é esse campeão. Assim que o saco se move da maneira certa, ouço uma porta se fechar e passos suavemente no carpete.



Eu viro minha cabeça para a esquerda e posso apenas ver June vindo pelo corredor. Não pretendo evitá-la o tempo todo que estou aqui, mas depois de ontem à noite, preciso colocar alguma distância entre nós. Seus clamores ainda estão gravados em meu coração.

Não posso virar à direita, pois vou dar de cara com ele, e a esquerda também não é uma opção melhor, pois é um beco sem saída. Então, sem outra escolha, abro a porta e mergulho no santuário da academia. Eu me afasto da porta apenas no caso de June passar e me ver parada como uma estátua no meio da sala.

Os socos não param, e agora que estou realmente dentro, posso ouvir a ferocidade e a crueldade dos ataques. Existe raiva por trás de cada soco. Algo com que me identifico muito bem. Dando um passo à frente, olho ao redor do pilar, agarrando-me a ele quando vejo quem é o boxeador.

Isso explica seu físico musculoso, mas quem saberia que o Dr. Archibald poderia dar um soco? Ele é uma incógnita com um segredo.

Ele não me viu quando suas costas nuas e tensas estão voltadas para mim. Seus músculos protuberantes movem conforme ele desfere cada golpe vigoroso. Gotas de suor cobrem sua pele brilhante, escorregando por entre as omoplatas e cobrindo o moletom preto de cintura baixa.

Ele é realmente magnífico, e observo por minutos, incapaz de desviar os meus olhos. Ele é dominante, mas torturado ao mesmo tempo. Quando ele dá um gancho de direita, seu tanquinho captura a luz e uma tatuagem em script aparece. Corre ao longo de suas costelas. Eu me inclino para frente, ainda usando o pilar como meu apoio, curiosa para ver o que diz.

Eleanor.



Invadi um momento privado, pois tenho certeza que Dr. Archibald não estava planejando ficar sem camisa para o público. Esta tatuagem permanece oculta por um motivo. Não é para mostrar. Está ali para seus olhos apenas como um lembrete de alguém que ele se preocupa profundamente o suficiente para ter o nome dela permanentemente marcado em sua pele.

Eu me viro rápido, rápido demais, pronta para fugir e, na minha pressa, tropeço em um aparelho de remo, dando uma cambalhota torta. Eu caio de bunda sem graça, gritando em estado de choque. Os tapetes amortecem minha queda, então eu não estou machucada. Estou mais envergonhada porque a comoção preveniu Dr. Archibald que ele tem companhia.

— Maldição. – eu xinguei baixinho quando ele se virou por cima do ombro, tirando os fones de ouvido.

— Lola? Você está bem? – ele pergunta sem fôlego quando me vê esparramada no chão. Eu procuro freneticamente meus óculos. Eles não estão em lugar nenhum porque estou procurando por eles cegamente.

— Eu estou bem. – Minha resposta nada convincente me fez desejar ser uma mentirosa melhor.

— A menos que esteja pegando moedas aí embaixo, atrevo-me a dizer que não. – eu o ouço vestir uma camiseta, depois caminhou em três grandes passos.

— Esse aparelho veio do nada. – eu provoco, com um cobertor de nervos me segurando forte.

— Tem certeza de que nada dói?

— Além do meu orgulho? Eu estou bem. Juro.



Ainda estou vasculhando no chão em busca dos meus óculos, então, quando Dr. Archibald se estica atrás de mim e os coloca na palma da minha mão, quase grito de alegria.

Depois que termina de me examinar, ele balança a cabeça parecendo satisfeito por eu não ter sofrido ferimentos. — O que você está fazendo aqui?

Eu engulo em seco, pois não posso exatamente divulgar que estava o espionando. O pensamento me fez lembrar a maneira como o seu corpo forte se movia com golpes vigorosos. Também é um lembrete de que seu corpo musculoso está a centímetros de mim. Sua fragrância característica é ainda mais refinada, e não posso deixar de absorver tudo.

Depois que coloco meus óculos, é quase impossível ignorar a forma como sua camiseta apertada mostra seu corpo. O decote é decotado, então posso ver apenas uma sugestão de pelo escuro espalhado por seu peito. Ele é uma máquina de lutar.

Eu deveria parar com a devoração visual, mas não consigo evitar. Focando na tatuagem - embora agora coberta - admiro não apenas a beleza dela, mas também a tela por baixo.

De pé, ele me oferece a mão, uma tábua de salvação que estou desesperada para pegar. Estamos de pé, frente a frente, e de repente me sinto tão pequena, diminuída por seu corpo enorme. Ficamos imóveis, com minha mão ainda envolvida na dele. Seu toque é diferente de tudo que eu já senti antes. Eu me sinto carregada. Eu me sinto viva. Ele abre a boca, parecendo querer dizer algo, mas muda de ideia no último minuto. Ele solta minha mão e vira as costas, em busca de sua garrafa de água.

Quando ele está bem hidratado, posso ver que ele hesita em se virar para olhar para mim. Por quê? Ele desenrola a fita das mãos, sem



pressa, depois passa uma toalha pelo cabelo escuro, despenteando-o ainda mais.

— Vai dar um passeio comigo? – ele pergunta friamente enquanto se vira, e eu não escondo minha surpresa.

— Quero te mostrar algo. Não vou morder. Prometo. – ele confessa quando eu levanto uma sobrancelha com suspeita.

— Onde estamos indo?

— Você apenas terá que confiar em mim. Encontre-me no estacionamento depois que você terminar sua aula da manhã?

— Ok.

Ele parece satisfeito por eu não ter recusado.

Tenho a tarde livre, então acho que posso entretê-la. Além disso, seja o que for que ele queira me mostrar, não consigo evitar a sensação de que tem o potencial de mudar minha vida para sempre.

Dr. Archibald não especificou onde eu deveria encontrá-lo exatamente no estacionamento, então eu decido sentar em um toco de árvore, o que fornece um local de espera muito confortável.

Enquanto espero, meus pensamentos vão para June. É claro que ela comanda Strawberry Fields com o máximo cuidado, mas não posso deixar de me perguntar o que aconteceu para ela criar uma organização como esta. Seus gritos angustiantes ressoam alto, revelando algo de partir o coração escondido sob a superfície.

Não tenho tempo para pensar sobre isso porque Dr. Archibald desce os degraus com um ar casual com jeans e uma camiseta cinza de



gola redonda. Óculos de sol pretos ficam na moda em seu rosto. Eu me levanto, esfregando minhas mãos suadas em meu short.

O que ele quer me mostrar?

— Eu não sabia se você estaria aqui ou pegando carona na estrada. Sorrio, apreciando seu humor seco. Ele para a alguns metros de distância, passando a mão pelo cabelo úmido. — Você está vestindo isso?

Olho para baixo em meu short jeans e regata *"Use rosa, não vison."* e levanto uma sobrancelha. — Eu não sabia que havia um código de vestimenta. – respondo, um pouco ofendida.

Dr. Archibald tem a audácia de rir. Ele não dá nenhuma explicação para sua pergunta aleatória, mas em vez disso se vira e se dirige para um grupo de carros à esquerda. Presumo que devo seguir.

Eu me sinto constrangida, pois não percebi que para onde ele está me levando exige que me vista. Ele tem vergonha de ser visto comigo? Nesse caso, por que se incomodar em me pedir para acompanhá-lo em primeiro lugar?

Minha cabeça começa a latejar, e desta vez, não é por causa das dores de cabeça normais, mas sim por eu estar pensando demais em tudo isso. Quando estou prestes a me virar, o Dr. Archibald para. Ele pega no bolso de trás e tira um molho de chaves.

Meus olhos se arregalam e aponto para o veículo que ele está perto.

— O que é isso?

— O que? – ele pergunta, fingindo horror. — *Ela* é um helicóptero low rider de 1968. Eu mesmo o reconstruí. –



A maneira como ele passa a palma da mão sobre a pintura preta e as coisas prateadas brilhantes, posso ver que é amor verdadeiro.

— Essa é uma história muito boa, mas por que estamos perto dela... dela? – eu corrijo quando ele parece que está prestes a chorar.

— Não dê ouvidos a ela, baby. – ele murmura para a moto. Um sorriso toca meus lábios. — Este é o meu veículo; embora ela seja muito mais. – ele pega dois capacetes, que estão apoiados no guidão. Quando ele passa por mim um vermelho, eu sei que ele está falando sério.

— Estamos *montando* nessa coisa agora?

Desta vez, ele não corrige meu descuido. — Sim, vamos, e você vai adorar. A menos que…

— A menos que o quê?

Ele passa a mão pelo cabelo. — Você está bem para montar? Quer dizer, ontem...

— Ontem desmaiei. Nada demais. Agora me dê esse capacete. – eu estendi minha mão.

Entendo suas reservas, mas estou bem. E eu me recuso a ser tratada de outra forma.

Quando ele me passa o capacete, agora entendo por que perguntou sobre minhas roupas. Não há nada para proteger minha pele de descascar quando eu voar pelo ar como Evel Knievel. Mas independentemente disso, isso está acontecendo.

Eu vejo quando ele monta a moto com facilidade, parecendo um valentão se sentando no assento de couro preto. Não é à toa que ele está usando aquelas botas de motociclista.



Quando ele coloca a chave na ignição, ele se vira para olhar para mim. Eu agarro o capacete com as duas mãos, engolindo em seco. — Onde eu sento?

Ele aponta para uma pequena inclinação atrás dele. Eu rio, mas paro abruptamente quando vejo que aquela coisa que ele está apontando é uma desculpa patética para sentar. — Você não está falando sério? – eu balanço minha cabeça, recuando.

— Estou falando muito sério. – ele agarra o guidão, esperando que eu suba.

O capacete parece pesar mil libras, e estou a segundos de devolvê-lo e dizer obrigada, mas não, obrigada, eu gosto da minha cabeça onde está.

Mas aquela vozinha incômoda, uma voz que está comigo desde que cheguei, de repente se tornou um pouco mais alta. Ela está me dizendo para parar de ser uma covarde e... viver.

Engraçado, eu já ouvi essa voz antes. Ela é da Georgia.

As vozes em minha cabeça não são mais anônimas. Esse fato me dá uma sensação de conforto e também a coragem de que preciso. Respirando fundo, coloco o capacete e espero por Deus não estar cometendo um erro terrível.

— Se partirmos agora, podemos chegar até o Natal. – ele olha para seu relógio imaginário com um sorriso malicioso.

Eu agarro meus lados, rindo sarcasticamente. — Quando você tirou sua habilitação?

Seus lábios se movem de um lado para o outro, como se estivesse contemplando sua resposta. — Ontem.



Ele está brincando e tentando me deixar à vontade, mas ainda estou com medo. — E se eu cair?

De repente ficando sério, ele me oferece a mão. — Eu prometo que não vou deixar você cair. – A sinceridade por trás de sua promessa me fez dar um passo à frente. — Mas se você está com medo...

O que ele está fazendo é flagrantemente óbvio, mas ainda assim, eu mordo a isca enquanto dou um tapa em sua mão. — Eu não estou com medo. – eu me atrapalho com a tira sob meu queixo, e depois de três tentativas, ela está bem presa. Agora devo tentar subir na moto sem cair de cara.

Felizmente, não estou mais cega pelo medo, mas quando vejo o quanto perto eu serei pressionada pelo Dr. Archibald, surge um tipo diferente de medo. Não há cinto de segurança à vista, então, nada para me impedir de cair de cara no chão, vou ter que segurá-lo com força.

Eu engulo em seco.

Esperando não cair de bunda, eu levanto minha perna e subo na moto assim como Dr. Archibald fez. Todas aquelas aulas de equitação vêm a calhar enquanto aperto minhas coxas e apreensivamente envolvo meus braços em volta de sua cintura firme. Seu corpo está quente e parece exatamente como eu imaginei - divino.

Uma vez que estou no lugar, ele liga o motor antes de partirmos com um ruído ensurdecedor. Eu grito e aperto meu abraço em torno dele, pressionando meu peito em suas costas. Sinto seu estômago revirar enquanto ele ri da minha reação.

Ele manobra a moto com habilidade, dando a entender que já andou por um longo tempo, e antes que eu percebesse, já passamos dos pinheiros e saímos dos portões de aço duplos.



O vento sopra em minhas bochechas, soprando uma nova vida em mim. A paisagem passa diante de mim, mas absorvo o suficiente para apreciar sua beleza. Dr. Archibald ziguezagueia, levando-me a uma jornada surpreendentemente libertadora. Sou apenas eu e este grande espaço aberto e, pela primeira vez em muito tempo, quero abraçar a liberdade.

Nós dirigimos por caminhos alternativos, e nenhuma outra alma está à vista. É bom imaginar que somos apenas nós aqui no deserto. Cerca de dez minutos depois, afrouxo meu aperto de torno e relaxo meus ombros. Se ao menos Georgia pudesse me ver agora. Ela ficaria tão orgulhosa.

Olhando para o céu claro e intocado, acho que talvez ela esteja. Ela foi a razão pela qual subi nesta moto primeiramente. Ela me encorajou a se desapegar e viver. Lágrimas ardem em meus olhos e, pela primeira vez, não as enxugo.

O restante do trajeto continua em silêncio, o que é irônico, considerando que o motor ronca com um som estridente e ensurdecedor. A quietude está dentro da minha cabeça, o que não acontecia há muito tempo.

Dr. Archibald vira à esquerda e entra em uma pequena cidade do interior. Não há muitas lojas ao longo desta parte, mas o suficiente para que os turistas parem para comprar souvenirs ou comer algo.

Dr. Archibald estaciona em um espaço, dando ré na moto com total habilidade. Depois que ele desliga o motor, fico surpresa que meu corpo ainda treme por causa do passeio. Meus braços ainda estão ligados em torno dele e me arrependo de ter que deixá-lo ir. Ele gentilmente aperta minha mão, esfregando meu pulso com o polegar antes de descer.



Tento remover meu capacete, mas a tira parece emperrada. No momento em que estou prestes a aceitar a certeza de que morrerei usando este capacete, Dr. Archibald se inclina para frente e dá uma mão. Seu toque me surpreende, mas tento o meu melhor para não parecer afetada.

Seus olhos ainda estão encobertos sob os óculos escuros, mas tenho quase certeza de que seus dedos tremem enquanto ele abre a tira abaixo do meu queixo.

Uma vez que se abre, ele limpa a garganta e abaixa rapidamente as mãos.

Meus braços ficam pesados quando tiro o capacete, mas é bom não ter minha cabeça confinada. Eu sacudo meu cabelo, quase certa de que tenho cabelo de capacete[4]. Quando acho que estou bem, estou prestes a perguntar ao Dr. Archibald o que acontece a seguir, mas rapidamente fecho meus lábios quando o vejo me observando de perto. Seus olhos podem estar encobertos, mas posso *senti-los*. De repente, sinto que estou pegando fogo.

— En... então, para onde vamos? – Minha gagueira desta vez não é devido ao meu estado, mas sim ao meu nervosismo repentino.

Minha voz parece tirá-lo de seus pensamentos. Seu comportamento frio retorna, e ele sorri. — Me siga.

Ele se vira, dando-me uma visão espetacular de sua bunda firme. Eu me repreendo por ter pensamentos tão inadequados, mas uma risada, a risada mágica *de Georgia*, gargalha alto dentro da minha cabeça. É oficial - finalmente fiquei louca.

---

[4] ***Cabelo de capacete: ela quis dizer cabelo desarrumado "amassado" pelo capacete.***



O cheiro delicioso de hambúrgueres e batatas fritas paira na brisa, resultando em meu estômago roncando. Ele dá uma cambalhota de alegria quando Dr. Archibald abre uma pesada porta de vidro, com o sino acima dela tocando, e ele gesticula para que eu entre.

Olhando para o logotipo vermelho antigo na vitrine da loja, vejo que a lanchonete à qual estamos se chama Peggy Lee's. É daqui que vem aquele cheiro delicioso. Ele não precisa me pedir duas vezes, e eu passo por ele com um sorriso no rosto.

No momento em que entro, sou transportada de volta aos anos 50. O piso lustrado é o tradicional xadrez preto e branco, complementando longas bancadas laminadas e banquetas vermelhas.

Uma garçonete com um vestido retrô verde-menta nos cumprimenta com o cardápio na mão. — Olá, Dr. Archibald.

Levanto uma sobrancelha. Parece que ele é um cliente. — Boa tarde, Anita. Como você está?

— Eu estou bem, obrigada. Ocupada como sempre. Uma cabine nos fundos seria boa?

— Claro. Vai ser.

Anita lidera o caminho enquanto o Dr. Archibald gentilmente gesticula com a mão para que eu vá primeiro. Aceno em agradecimento e sigo, ansiosa para sentar porque de repente estou faminta. Posso sentir os olhares de todos ao meu redor, parando no meio da mordida enquanto manco pelo corredor. A restrição na moto foi divertida, mas minhas pernas doloridas estão pagando o preço. Estou familiarizada com as pessoas olhando, então continuo com minha cabeça erguida.

Quando finalmente chegamos a cabine, eu me sento, grata por estar sentada. Dr. Archibald está sentado à minha frente, aceitando os



cardápios de Anita. — Vou trazer um pouco de café para vocês.

— Obrigado. – ele diz com um sorriso.

Ele não parece envergonhado de ser visto em público com uma aleijada, mas acho que ele já viu de tudo. Afinal, é o trabalho dele. Empurrando meus óculos no nariz, eu olho ao redor, sem saber o que dizer. Preciso puxar assunto, algo para quebrar o gelo. Mas o que?

Dr. Archibald se recosta no banco, calmo e relaxado. — Você sempre mancou? – Bem, isso não é quebrar o gelo que eu tinha em mente.

Eu me contorço. Eu o rejeitei de alguma forma? — Isso vai e vem. – eu confesso, pegando um saquinho de açúcar e virando-o entre meus dedos trêmulos.

— Quando é que parou?

— Quando eu fui para a academia. E quando eu estava participando dos testes experimentais. – Não há necessidade de explicar sobre o que constituiu esses testes experimentais.

Ele arruma os óculos de sol na cabeça, bagunçando ainda mais o cabelo. — Se o mancar melhorou, então os medicamentos devem ter tido um efeito positivo?

— Acho que sim.

Ele sorri, parecendo se divertir com a minha evasão. — No entanto, você decidiu acabar com os testes experimentais. Por quê?

— O que é isso, vinte perguntas? – digo, cruzando os braços sobre o peito. — Você é um médico. Tenho certeza de que tem acesso a minha ficha. Todas as informações de que você precisa estão lá.

— Eu *li* sua ficha.



Minha boca se abre de forma muito desagradável. — Você? O que? Por quê? – É tudo que consigo dizer.

— Basta responder a pergunta. – diz ele, despreocupado.

Eu bufo, soprando uma mecha de cabelo da minha testa. — Prefiro conversar de qualquer coisa diferente disso.

— Estou apenas conversando, Lola.

Sua resposta não é sarcástica ou invasiva, mas este é um assunto muito sensível para mim. Não posso discutir casualmente essa decisão durante o café como se estivesse falando sobre o tempo. Anita retorna com nosso café, quebrando o repentino clima estagnado.

Enterro minha cabeça no cardápio, esperando que Dr. Archibald pare com as perguntas. Ele não quer. — Então, quanto tempo durou o teste?

— O cheeseburger triplo com cebola extra parece incrível. – eu respondo, ignorando sua pergunta com meu rosto ainda escondido pelo cardápio.

Meu santuário dura apenas um segundo porque o cardápio é baixado lentamente por dois dedos teimosos. Levantando meus olhos e encontro os olhos de cor azul bebê divertidos do médico irritante.

— Quanto tempo? – ele pressiona, revelando que não vai deixar o assunto morrer.

Rendendo-me, largo o cardápio com um suspiro. — Um ano.

Ele balança a cabeça, imerso em pensamentos. — Você sabe que o teste foi um sucesso, certo?

— Sim e…? – Se ele tiver um ponto, espero que diga logo.



— E eu queria saber por que você decidiu parar. – ele se inclina para trás na cabine, nunca quebrando o contato visual comigo.

— Porque a vida é uma merda, Dr. Archibald. – Muito mais veneno envolve minha frase do que eu pretendia. Imediatamente me sinto péssima por ressaltar isso, mas por que ele está me pressionando?

Pegando seu café, ele parece bastante pensativo mais uma vez, o que me deixa nervosa. Se eu soubesse onde diabos estávamos, faria sinal para um táxi e escaparia de uma conversa que certamente terminaria em lágrimas. — Que tal você me chamar de Roman, e nós cortamos o papo furado, Lola?

Minha boca se abre, pois eu não esperava essa resposta. — Não sei o que você quer de mim.

— Quero que você seja honesta comigo e com você mesma. Somos apenas dois amigos tomando um café.

— Eu não me envolvo em faz de conta, Dr. *Archibald*. – digo, o seu nome nunca soou tão indecente. Eu realmente preciso me acalmar, mas ele está me irritando.

Minha ousadia, no entanto, parece agradar Roman... Dr. Archibald. Sua boca se curva naquele sorriso ousado e característico. — Você realmente não tem ideia do quanto especial você é. – Quase engasgo com o ar. — E teimosa...

— Não sou. – eu me oponho, mas rapidamente calo a boca quando acabo de provar seu ponto.

Ele continua. — Você também é uma guerreira. Eu vi isso. Ontem à noite você se levantou antes de qualquer outra pessoa. E hoje, você não teve escrúpulos em andar de moto.



— Você tem me testado? – eu não vejo sentido em ser acanhada. Já passamos disso.

— E se eu tiver? – ele responde, juntando os dedos sob o queixo enquanto coloca os cotovelos na mesa.

Olho a minha xícara, me perguntando como seria um tratamento facial de café quente se eu jogasse o conteúdo em seu rosto presunçoso. Ele lê meus pensamentos instantaneamente e ri com voz rouca.

— O que você está tentando conseguir com as suas táticas de guerrilha? – pergunto. Inclinada para frente, não estou nem um pouco intimidada. — Se esta é sua ideia de uma conversa estimulante, então sugiro que repense sua abordagem porque é uma merda. A morte está parecendo mais atraente a cada segundo.

Ele continua rindo, nem um pouco ofendido. Bem, dane-se ele.

— Eu reconheceria essa risada em qualquer lugar.

A doce voz nos faz virar.

— Erin. – Dr. Archibald se levanta, dando um abraço na jovem vestindo um uniforme idêntico ao de Anita. Ela retribui com força. Meus olhos se estreitam por conta própria. Quem é esta mulher? Ela é atraente, com grandes olhos castanhos, lábios carnudos e rosados. Um lenço de seda verde elegante está enrolado com estilo em torno de sua cabeça. É uma boa ideia manter o cabelo longe dos olhos.

Eu não devo ter uma cara de paisagem muito boa, porque ela se afasta se desculpando. — Que rude da minha parte. Eu sou Erin. – ela estende a mão, que aperto levemente. — Não deixe esse cara lhe



causar problemas. Se ele fizer isso, diga a ele que você viu uma moto maior do que a dele. – Quando ela pisca, eu sorrio. Qualquer piada às custas do doutor é boa para mim.

Dr. Archibald aperta o peito, simulando angústia. Erin ri. — Volto já para anotar seus pedidos. – ela esfrega seu braço afetuosamente antes de sair de nossa mesa.

Enquanto ele a observa com carinho, um sentimento de suspeita me oprime. Por que diabos ele me trouxe aqui? — Então, quem é Erin?

Com seu olhar ainda fixo a ela, ele revela: — Ela é alguém notável.

Juntei dois e dois e revirei os olhos. Ele me trouxe aqui para esfregar sua felicidade em meu rosto? Ou talvez ele tenha me trazido para deixá-la com ciúmes? Ou talvez ela seja namorada dele? Existem muitos talvez nesta equação, e eu não gosto disso.

— Bem, estou feliz por vocês dois. – digo, pegando meu café, na esperança de afogar minhas tristezas.

Qualquer um pensaria que Dr. Archibald está chupando um limão quando se vira para olhar para mim. Seu nariz e testa estão bem franzidos. — Não somos um... casal. – ele esclarece, gesticulando para frente e para trás entre eles com dois dedos.

— Então por que você me trouxe aqui? Dr... Roman? – É muito estranho chamá-lo pelo primeiro nome, mas esta é a única maneira de ele me dizer a verdade.

Ele gesticula com o queixo para Erin, que está rindo e conversando com os clientes. — O que você vê quando olha para Erin?

— O quê?



— Você me ouviu. O que vê? – Quando hesito, ele acrescenta: — Esta pergunta não é um truque.

Farta de seus jogos, eu olho para Erin e encolho os ombros. — Uma bela jovem.

— E?

— E o que? Duvido que ela seja loira de verdade. O que você quer de mim? – digo, jogando minhas mãos para o lado.

— Você está perdendo o ponto mais vital. Pense. Qual é a diferença entre você e ela? – ele dá a volta na mesa e abaixa o rosto a centímetros do meu. Prendo a minha respiração porque ele é absolutamente, irritantemente lindo.

Sei o que ele quer que eu diga, mas por quê? Certamente, ele não seria tão cruel. Mas ele é. — Ela anda mancando? Ou fala gaguejando? A vida dela será incrivelmente curta?

As lágrimas que tentei conter vêm à tona porque sua maldade dói mais do que eu pensava. — Por que você diria isso? – sussurro, com meu lábio inferior tremendo. — Por que você me compararia a alguém como ela? Ela é perfeita.

Não espero que explique porque nenhum motivo pode justificar tanto rancor. Eu me levanto, empurrando ele, não me importando que toda a lanchonete esteja olhando agora. Passo por todos eles; nenhum, incluindo Dr. Archibald, significa nada.

O ar puro não é suficiente para aliviar meu colapso iminente. Nada será. Ninguém nunca foi tão cruel, nem mesmo minha mãe. Eu me sinto uma tola por pensar que Dr. Archibald era diferente.

— Lola!



— Vá embora. – eu afirmo, contendo minhas lágrimas enquanto me afasto dele. — O que eu fiz para você?

— Lola, me escute. Sinto muito por ter feito você chorar. – A brisa carrega seu aparente remorso, mas eu não vou ouvir.

— Não estou chorando. – argumento teimosamente, já que ficarei furiosa se ele ver minhas lágrimas.

— Pare, por favor. – Mas é muito tarde.

Eu começo uma corrida, surpresa com o que a adrenalina pode fazer. Minha vitória é de curta duração, no entanto, porque estou envolta em seus braços e reprovo meu corpo por apreciar o contato.

— Solte-me! – Minha tristeza é constantemente substituída por raiva enquanto reajo para me livrar dele. — Se você quis me humilhar e me fazer sentir como uma merda, missão cumprida.

Seus braços fortes me levantam do chão para me impedir de me contorcer. — A resposta à sua pergunta é...

— Eu não me importo com a resposta. A única resposta que quero saber é onde estou para que eu possa me afastar de você, seu idiota!

Roman me ignora e desce um pequeno beco comigo chutando e gritando. Quando estamos fora da vista de transeuntes curiosos, ele me solta, mas empurra minhas costas contra a parede de tijolos. Tento empurrar, mas ele pressiona seu peito contra o meu, prendendo-me.

— Porque... ela era você. – ele está sem fôlego enquanto coloca o braço acima da minha cabeça, me prendendo.

— Quem? – digo, me empurrando inutilmente contra ele. Isso não vai infringir seu domínio.

— Erin era você. Ela era você.



Sua admissão sem fôlego me paralisa no lugar, já que estou além de confusa. Ele lê minha incerteza, e seu rosto, o rosto que eu sabia que estava sob a superfície o tempo todo, aparece.

— Erin era minha paciente. Ela tinha um glioblastoma de alto grau, um astrocitoma de quarto grau. – Seus olhos ficam gentis, vendo cada plano no meu rosto.

— Não é possível. – sussurro, balançando a cabeça lembrando.

— É muito possível. – ele refuta. Seu coração vacilante bate em sincronia frenética com o meu. Ele nos pressiona mais juntos. Quase não consigo respirar. — Todos os médicos disseram a ela que seu tumor era inoperável, mas ela se recusou a aceitar que sua vida havia acabado. Eu trabalho no St. Mary's Hospital; foi onde conheci Erin. Ela estava nos testes experimentais, assim como você, e como você, Lola, seu tumor diminuiu de tamanho. Mas ela nunca desistiu e, um ano atrás, ela passou por um novo teste, e o seu tumor encolheu até o tamanho que os médicos poderiam operar.

— Não, ela não sou eu. – sussurro para mim mesma.

— Sim ela é. Eu era um desses médicos. Disseram que ela não viveria além dos vinte e cinco. Ela está agora com vinte e nove anos. O tumor dela foi completamente removido porque tomou os medicamentos que você se recusa a tomar - aqueles que vão salvar a sua vida.

Eu fecho meus olhos, com suas palavras sendo um truque cruel. Não existe tal coisa. Uma poção mágica não existe.

— Você pode ter tudo o que Erin tem, mas você escolhe viver no escuro. Você tem medo de viver porque morrer é a saída mais fácil. Não sei por que está recusando o tratamento, mas não posso ficar parado e assistir você morrer sem pelo menos tentar. Eu queria que você visse o que



você poderia ter. Eu poderia te dizer, mas você é tão obstinada, e sei que já ouviu isso antes.

— Ela não sou eu. – repito, com meus movimentos diminuindo.

— Todo mundo é diferente, mas eu comparei seus prontuários, seus exames de sangue, seus resultados dos testes experimentais e tudo é quase idêntico. Sei que se você tomar os medicamentos da experiência que o Dr. Carter recomendou, você viverá. Ou pelo menos você teria feito tudo o que pudesse. Você recebeu uma tábua de salvação. Pare de ser tão teimosa! Você tem uma chance de viver, aproveite.

Meu coração dói e a verdade escapa de mim. — Eu não mereço. Por que eu tenho uma segunda chance e outros não? Minha melhor amiga está morta! Onde esteve a segunda chance dela? – eu declaro, desamparadamente.

Ele murmura, dolorosamente. — Lamento que ela esteja morta, mas isso não significa que você também tenha que estar. Pare com a culpa de ser uma sobrevivente! – Sua frustração e tristeza podem ser ouvidas por trás de sua voz. O sentimento toca meu coração, mas não entendo por que ele se importa.

— Por que é importante para você se eu vivo ou morro? – eu abro os olhos gradualmente, com as lágrimas grossas e pesadas aderindo aos meus cílios.

Minha pergunta o pega desprevenido. Ele vira sua bochecha e a sua mandíbula fica tensa. O ar está pesado com um silêncio estagnado.

Agora entendo por que Roman me trouxe aqui porque ele está certo. Ver o que eu poderia ter, quem eu poderia ser é mais tentador do que eu poderia imaginar. Mas estou com medo. Lola



Van Allen é uma covarde. E ela também não merece. Por que tenho uma segunda chance quando a Georgia não teve?

Uma vez que Roman me solta, eu caio para frente, de repente cansada além das palavras. Ele me pega, e eu caio voluntariamente, não mais protegida porque ele conhece meus podres, e ainda está aqui.

— Está tudo bem. – ele murmura, esfregando minhas costas. — Eu realmente sinto muito por fazer você chorar. Se eu pudesse ter feito isso de outra forma, eu faria. Por favor, me perdoe.

Sua sinceridade é nítida, e o fato de ele se importar o suficiente com meus sentimentos me fez enterrar meu rosto em seu pescoço e abraçá-lo com força. Minha afeição desprotegida e altamente inadequada me surpreende, mas o que me surpreende mais é que minhas ações sejam correspondidas.

— Você não sabe como é viver cada dia e não saber se será o último. Ter medo o tempo todo. – eu não tenho vergonha dos meus medos porque, mesmo que durem, não vou permitir que me dominem.

A resposta de Roman me deixa perplexa. — Você ficaria surpresa. – Estou esperando que ele explique, mas ele não explica.

O mistério continua.



Capítulo 05

"O tumor dela foi completamente removido porque ela tomou os medicamentos que você se recusa a tomar - aqueles que vão salvar a sua vida."

Eu amarro meus cadarços com um pouco de força demais quando penso nas táticas de Roman hoje cedo. Eu entendo o que ele esperava conseguir, mas falo sobre uma emboscada. Independentemente do que ele pense, eu não sou a Erin. Eu também não sou seu rato de laboratório. Pode ter funcionado para ela, mas isso não vai funcionar para mim. Interminados médicos me disseram isso, então as chances não estão a seu favor.

Mas parece que ele acredita que se eu passasse por novas experiências, seria muito teimosa e obstinada para não passar por isso. Eu daria tudo de mim, e é provável que, se o que Roman diz for verdade, eu sobreviveria.

Incapaz de pensar sobre isso sem querer vomitar, eu saio para o corredor, pronta para passar o resto da tarde com as crianças. Mas quando viro o corredor, eu esbarro em June. Ela está segurando um copo de



café, que felizmente não derramo em sua blusa cor creme.

— Ah, meu Deus! Sinto muitíssimo! – enxugo as gotas imaginárias de café em seu braço.

Ela ri, segurando o seu copo para o lado. — Tudo bem, Lola. Na verdade, estou feliz por ter esbarrado com você. Você tem um minuto?

— Claro. – Assim que estou satisfeita que ela está livre de manchas, eu afasto minha mão.

Ela olha para o longo corredor. Embora vazio, ela sugere que gostaria de conversar em particular. — Você gostaria de bater um papo no meu escritório?

— Claro. – Não posso deixar de me perguntar por que o segredo, mas a sigo enquanto ela caminha pelo corredor. Seus saltos altos pretos soam elegantemente contra o tapete macio. Meus passos pesados e irregulares distinguem nossas diferenças.

Ela entra no escritório pequeno, mas acolhedor, sentando-se na cadeira de couro de encosto alto. Eu fecho a porta atrás de mim, de pé com as mãos entrelaçadas atrás das costas enquanto olho pela janela grande. Um deslumbrante jardim de rosas logo além dos pinheiros ostenta uma pitoresca explosão de cores. Desta distância, eu não poderia nem começar a especular quantas roseiras estão perfeitamente erguidas. Sua formação rivaliza com a fanfarra mais escrupulosa.

Essa visão está além das palavras, e se June girar sua cadeira, ela poderá olhar para tudo o que ela possui e testemunhar o impacto que ela causou em tantas pessoas.

— Por favor, sente-se. – ela aponta para a cadeira de couro na frente dela, interrompendo meus pensamentos.



Eu sento.

Enquanto me movo para ficar confortável, noto uma moldura decorativa apoiada na pesada mesa de carvalho. A fotografia é de uma jovem garota de cabelo castanho que parece não ter mais de dez anos. A foto a mostra de pé perto do lago que posso ver aparecendo pela janela, segurando um peixe enorme pendurado em uma vara de pescar. Ela parece feliz e despreocupada.

— Essa é minha filha. – ela revela com um tom distante.

— Ela é uma fofa.

— Ela era.

Seu uso do tempo passado faz minhas sobrancelhas levantaram até o couro cabeludo. A realidade tem uma dor corroendo meu coração. Eu esfrego suavemente sobre ele, aflito por June.

— Ela faleceu quando tinha treze anos. – ela confirma meus piores temores. — De uma doença congênita cardíaca. Um buraco no coração. – ela esclarece. Que irônico, eu tenho certeza de que é o que June sente diariamente.

— Eu sinto... – minha voz fica mais baixa, com as lágrimas ardendo em meus olhos. — Sinto muito. – O motivo do choro angustiante de June foi descoberto.

— Obrigada. – ela enxuga o canto do olho úmido com o dedo indicador. — Foi há muito tempo.

— Mas aposto que ainda parece que foi ontem? – digo já que sei que esse tipo de perda é eterna.

— Sim. – Passando o dedo sobre o vidro, ela revela: — É por isso que Strawberry Fields existe - em homenagem à minha filha. Ela sempre foi uma criança doente, e as frequentes consultas no hospital



a tornavam pior. Eu podia ver que ela odiava ser tratada como uma pessoa doente, mas infelizmente, naquela época, não havia verdadeiras opções de onde ela poderia ir. O hospital era o único lugar onde ela podia receber cuidados 24 horas por dia. Isso não fez diferença no final.

As camadas de tristeza em sua voz me fazem mastigar o interior da minha bochecha para me impedir de entrar em colapso.

— É por isso que criei este lugar. – ela move o braço para fora. — Eu queria que os jovens, que eram como a minha filha, pudessem encontrar conforto em um lugar que não fosse um quarto esterilizado de hospital. Eu queria que eles não perdessem todas as coisas que as pessoas de sua idade faziam. Scarlett perdeu muito. – Seu desejo é claro. — Seus dias eram preenchidos com consultas e exames médicos quando deveriam ser preenchidos com ar puro e diversão. Não posso trazê-la de volta, mas posso fazer sua memória viver através de pessoas como você e todos que passam por essas portas. – ela sorri nostalgicamente.

Quando penso que posso falar sem chorar como um bebê, declaro: — Strawberry Fields é uma bela homenagem a sua filha. Acho que ela teria adorado aqui.

— Obrigada, Lola. – ela enxuga envergonhada uma lágrima perdida. — De qualquer forma... – ela limpa a garganta. — Acredite ou não, não é por isso que chamei você aqui. – Agradeço a mudança até ouvir o assunto. — Eu queria discutir seu desmaio.

Minhas costas se endireitam e todos os sentimentos voam pela janela. — Eu sinto muito. Eu entendo perfeitamente se você quiser que eu vá embora.



— Ir embora? Bom Deus, não. Só queria ter certeza de que você estava bem. Posso fazer alguma coisa para você? Temos alguns médicos que podem...

Mas aceno para ela. — Muito obrigada pela oferta, mas estou farta de médicos. – Especialmente um em particular. — Não é por isso que vim aqui.

— Claro. Mas, por favor, saiba o quanto agradeço por você estar aqui. O que você disse ontem à noite... – ela segura os lábios em um esforço para não chorar. — Isso mostrou a todos o quanto forte você é. Você pertence aqui, e eu sou muito grata por você.

Sua admissão significa muito para mim. — Obrigada por me dar esta oportunidade. Eu sei que não sou a candidata ideal para o trabalho.

— Você é perfeita. – ela interrompe. — Dr. Archibald também concorda.

— Sério? – eu levanto uma sobrancelha, intrigada.

— Sim.

— Bem, tenho certeza de que o Dr. Archibald ficou satisfeito por alguém ter concordado com ele, para variar. – eu mastigo o interior da minha bochecha, com medo de ter compartilhado muito.

Mas ela lê minha linguagem corporal. — Vá com calma com ele. Seus métodos podem ser... não convencionais. – ela continua, procurando a palavra certa. — Mas ele tem boas intenções. Ele tem o melhor interesse de todos no coração.

Quando me vê refletindo sobre o que ela acabou de revelar, ela me choca ainda mais ao pegar seu café. Ela toma um gole e diz: — Ele quer salvar o mundo. Esse é o problema dele, Lola.



Ela não explica o que isso significa, deixando-me com mais perguntas do que respostas. Quero perguntar muitas coisas a ela, mas não pergunto, porque temo não gostar de sua resposta. Seus lábios rosados formam um pequeno franzido enquanto ela vira a cadeira e toma um gole de café enquanto olha pela janela. É minha deixa para sair.

— Obrigada, June. Por tudo. – ela simplesmente acena com a cabeça em resposta.

Eu me pergunto se ela tem outros filhos, mas as fotos felizes perdidas de outra criança ou mesmo de um marido revelam que é só ela - que coisa incrivelmente triste. Deve ser esse o motivo pelo qual ela se joga no trabalho. Ela não tem família, só nós, e mesmo assim partimos, alguns mais trágicos do que outros.

June construiu este lugar para homenagear sua filha. Ela realmente a amava. Tudo o que consigo imaginar é minha mãe dando uma festa de comemoração em minha homenagem.

Incapaz de pensar sobre isso sem ficar com azia, me aventuro no lugar mais feliz do mundo que não envolve orelhas de rato[5] - uma biblioteca. Dois andares com estantes do chão ao teto cheias de livros são o que eu encaro.

Algumas pessoas estão escondidas em seus próprios cantos privados, hipnotizadas pelas páginas de qualquer mundo em que desejam se perder. Meus dedos coçam, animados para descobrir uma nova aventura e me perder antes que minha aula de vôlei comece em trinta minutos.

Caminho até a escada em espiral, mas paro quando um computador chama minha atenção.



[5] ***Orelhas de rato: é uma referência à Disney, mas precisamente ao personagem do Mickey.***

“Porque ele quer salvar o mundo. Esse é o problema dele."

O que isso significa? Por que sinto que há uma mensagem subliminar por trás de suas palavras?

“Só há uma maneira de descobrir”, diz o subconsciente de Georgia.

Mordendo meu lábio, vislumbro a escada, então os computadores. Repetindo. Eu preciso continuar subindo aquelas escadas e não stalkear Roman... como se fosse uma novidade.

Estou no computador e puxando uma cadeira antes que possa me repreender por tomar uma decisão impulsiva que certamente terminará mal. Ninguém está perto de mim, então tenho toda a privacidade de que preciso, o que é perigoso, muito perigoso.

Espiando por cima do ombro para ter certeza de que ninguém está olhando, clico no navegador da web, com o cursor piscando me provocando a cada piscar. Eu vim até aqui, então não há como recuar agora, mas o que exatamente eu quero saber?

Meus dedos hesitam sobre as teclas, sabendo que isso é um erro. Acovardando-me, pesquiso algo que é tão assustador quanto descobrir uma sujeira sobre Roman. Não sei por onde começar, então eu decido voltar ao básico.

As teclas lamentam em protesto enquanto eu digito as palavras: *resultados de testes experimentais para glioblastomas de alto grau.* Páginas e mais páginas se carregam diante dos meus olhos, e tenho uma estranha sensação de déjà vu. Isso me leva de volta a sentar no meu quarto em Manhattan, pesquisando metodicamente até o sol se pôr e depois voltar a nascer.

Eu leio os principais sucessos, não querendo ter muitas esperanças. Os medicamentos de quimio que o Dr. Carter queria que eu



tomasse, os mesmos que Erin tomou, continuam aparecendo no meu feed. Abro uma página e depois outra, comparando e analisando os resultados. Cada caso é diferente, mas as chances de pessoas como eu... não são tão desoladoras como antes. De cem casos, oito indivíduos foram "curados". Estou apreensiva em usar essa palavra porque curado pode ser interpretado de várias maneiras.

Dois desses oito foram curados, o que significa que não tinham mais tumor cerebral porque o inoperável se tornou operável. Para os outros seis, seus tumores foram reduzidos para baixo grau. Não detalha quais foram os resultados dos noventa e dois assuntos restantes, mas de repente estou curiosa.

Oito por cento tiveram resultados positivos, e tudo se resume ao denominador comum - todos estavam usando os mesmos medicamentos experimentais que Georgia e eu estávamos antes de começarem a nova medicação experimental. Seus resultados foram semelhantes aos meus, e então eles foram candidatos para a próxima fase, a fase em que optei por parar porque era covarde demais para tentar.

Fechando quatorze das quinze abas que abri, respiro fundo, de repente me sentindo tonta. Não posso fazer isso de novo. Eu não posso ter falsas esperanças. Precisando de uma distração, digito rapidamente no mecanismo de busca: *Dr. Roman Archibald.*

Não é exatamente ético, mas é uma distração.

Sou inundada com páginas mundiais de Roman Archibald, mas nada sobre o bom doutor. Eu continuo procurando, determinada a descobrir algo, não importa o quanto pequeno seja. Conforme estou passando pela página três, vejo uma correspondente que pode ser uma premiada. Clico no link, tamborilando minhas unhas na mesa enquanto espero carregar.



Quando estou prestes a desistir, quase engoli minha língua quando aqueles olhos hipnóticos aparecem na tela. É um artigo de algum jornal de medicina, detalhando a carreira do doutor.

Ele foi para a NYU - nenhuma surpresa aí - atuando em todas as suas disciplinas e se formando como o primeiro da classe. Diz que seu local de trabalho atual é o St. Mary's Hospital, especializado em pesquisa e tratamento de câncer. Hobbies incluem um monte de chatices, pois eles deixaram essa questão em branco, por padrão, sem dúvida.

No artigo, o Dr. Archibald parece o espécime perfeito, mas algo está faltando. Colocando meus dedos embaixo do meu queixo, me pergunto o que é isso. Este projeto é falho. Não há nenhuma história de fundo, e eu sei por minha experiência em pesquisar muitos médicos ao longo dos anos que a maioria gosta de se gabar. A maioria gosta de detalhar cada conquista ligada ao seu nome, e eu sei que Roman estava envolvido no caso de Erin, que eu tenho certeza de que foi algo falado no mundo da medicina.

Algo está podre na Dinamarca.

Continuo percorrendo as páginas até ver uma do Facebook que me mostra um link. Chame isso de intuição feminina, mas eu clico nele e tento não gritar de presunção quando vejo uma foto de perfil de Roman carregando um Golden Retriever como um bebê. Ambos parecem muito felizes.

Fico desapontada quando o perfil é trancado. Como posso continuar bisbilhotando agora?

Tudo o que posso ver além da foto dele é que ele cresceu em Buffalo, Nova York, e que merda, seu aniversário é em duas semanas. Ele está fazendo trinta anos.



Eu me perco nesses olhos, me perguntando quais segredos ele guarda, como quem tirou essa foto. Ele parece feliz, genuinamente feliz. É um lado que não vi desde que o conheci. Não que eu possa culpá-lo.

— Sabe... – No momento em que ouço essa palavra, quero bater minha cabeça contra a mesa, na esperança de ficar inconsciente. — Você realmente não deveria acreditar em tudo que lê.

Estupidamente, tento fechar a página, mas na minha pressa, em vez disso, minimizo e abro as descobertas do jornal de medicina sobre tumores cerebrais que foram curados. Este site já foi meu favorito, mas agora quero que vá para o inferno.

Ambas as páginas são tão ruins quanto a outra porque ambas revelam que eu estava pensando em Roman. Isso realmente não poderia ficar mais constrangedor. Isto é, até que uma janela de pop-up apareça em minha tela, detalhando como o stalkers.com encontrou mais de quinhentos resultados em minha pesquisa atual - um Dr. Roman Archibald.

Viro a tela com horror e meu rosto ficando vermelho como uma beterraba.

Ele está atrás de mim. Estou quase sufocada por sua presunção. Posso lidar com isso de duas maneiras: posso contar a verdade ou mentir.

— Foi assim quando cheguei aqui. – Vejo meu nariz crescer.

Para confirmar minha história, giro mais devagar do que um caracol e dou a Roman o melhor olhar sem culpa possível. Ele, sem dúvida, vê através da minha mentira, mas não aborda minha grande história.

Agora que já está disponível, não vejo motivo para perder esta oportunidade.



Batendo no meu queixo, declaro inexpressivamente: — Achei que você fosse uma pessoa que gostava de gatos. – Ele pisca uma vez antes de sua boca se curvar em um sorriso pecaminoso. — Então, qual é o nome dele?

— Freud.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você deu o nome para seu bebê peludo em homenagem a um filho da mamãe que tinha uma obsessão doentia por falos?

Ele passa a mão pelo cabelo, tentando esconder o sorriso. — Era esse ou Dr. Jekyll. Mas eu não estava interessado em um acordo dois por um.

Agora sou eu que sorrio.

Ele está de pé sobre mim com as duas mãos enfiadas profundamente nos bolsos da calça enquanto eu me inclino para trás na minha cadeira, ardendo sob seu olhar caloroso. — Não tive a chance de elogiá-lo por seu discurso em público. Sua mãe ficaria com ciúme. Você a superaria completamente.

Eu sei que ele está falando sobre meu discurso improvisado na noite passada porque Camille Van Allen é uma palestrante motivacional para mulheres que chegaram ao fundo do poço. Seu trabalho é inspirar e encorajar. Que pena que ela está mentindo.

Eu sorrio quando qualquer golpe na minha mãe me deixa feliz.

Então, ele fez seu dever de casa - interessante. Parece que nós dois exaurimos stalkers.com. — Obrigada.

Ele permanece com o rosto impassível. — É preciso coragem, Lola... – ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Mas



nós dois sabemos como você é corajosa. – Sua espada de dois gumes está me deixando embaraçada.

Ainda não abordamos o incidente com Erin, ou o fato de que ele me pegou pesquisando os mesmos medicamentos que ele acredita podem salvar minha vida. Eu poderia perguntar a ele sobre eles. Quer dizer, ele é médico. Ele tem todas as informações de que preciso. Mas eu não pergunto. Eu não posso. Tudo o que consigo pensar são os noventa e dois casos restantes. O que aconteceu com eles? Eles estão felizes, arrependidos ou são pessimistas como eu?

June deixou claro que Roman quer salvar o mundo, mas não tenho salvação.

Batendo minha caneta contra a mesa, me pergunto se é assim que todo autor se sente antes de escrever seus pensamentos mais preciosos. Essas palavras não são para os olhos de ninguém, mas para os meus, mas ainda assim, sinto uma incrível sensação de pressão para fazer o certo.

Nunca mantive uma agenda ou um diário, pois não via motivo para reler um passado que nunca quero reviver. A vida é curta. Não sei quanto tempo me resta, então talvez deixar um legado para trás não seja tão ruim. Mas o legado que deixo é uma homenagem a minha amiga, que me recuso a esquecer. Quero que a memória dela viva muito depois de eu ter partido.

Então, eu parei de lutar.

Eu conheci algumas pessoas legais - Zoe é ótima. Eu acho que você iria gostar dela. Eu



também conheci outra pessoa... ele é um médico. Eu sei com certeza que você iria gostar dele. Ele certamente me desafiou.

Ele acha que posso ser curada.

Faço uma pausa, pressionando a caneta no papel, mas não sei mais o que dizer. Não quero documentar meus medos porque vê-los no papel confirmará a grande e assustada gatinha que sou.

Ele é irritantemente teimoso, mas me sinto atraída por ele, e não sei por quê. Ele tem segredos, e quero desvendá-los porque, por trás deles, creio, está o motivo pelo qual ele quer me ajudar.

Gostaria que você estivesse aqui porque me diria o que fazer.

Uma batida suave soa na minha porta. — Lola? Sou eu, Zoe.

Eu imediatamente coloco o diário na gaveta da mesa, fechando-o abruptamente.

— Estou indo. – eu respondo, tirando o cabelo da minha testa e tentando acalmar meu coração acelerado.

— Ei! – Minha saudação excessivamente zelosa deixa óbvio que algo está errado, mas felizmente, ela não comenta e entra.

Ela se senta na beira da minha cama, enquanto olho a gaveta da minha mesa, desejando que meus segredos não estivessem a centímetros dela. — Então, o que está acontecendo?



— Acontecendo? Com o que? – eu sou rápida a responder enquanto pressiono minhas costas contra a parede, precisando de algo para me apoiar.

— Você sabe, a vida em geral. Como está o Dr. Archibald? – ela move as sobrancelhas para cima e para baixo.

Me acalmando, eu respiro. — Tive um encontro interessante com ele hoje.

— O que aconteceu? – ela pergunta, sentando-se mais para frente, intrigada.

Incapaz de escapar de seu questionamento, decido ser honesta porque talvez o ditado soe verdadeiro: *a verdade pode me libertar*.

— Ele leu meu prontuário. – eu deixo de fora a parte do porquê. — Ele diz que há novos medicamentos disponíveis que podem me ajudar. – eu nervosamente tiro o esmalte do meu polegar, desviando meu olhar. Quando ela não comenta, eu esclareço. — Ajudar... me curar.

Silêncio.

Arrisco olhar para cima com medo do que vou ver.

Zoe está paralisada, com a boca aberta. Não há como adivinhar o que ela está pensando, mas não é tão simples. Esta foi uma má ideia, e realmente gostaria de ter ficado quieta. — Você tem que experimentá-los. – ela sussurra, quebrando o silêncio.

— Zoe...

Ela balança a cabeça resolutamente. — Não, isso é uma decisão fácil. Por que ainda está aqui? – ela pula da cama como se estivesse pegando fogo e corre até onde estou, ainda pressionada contra a parede. — Onde está sua mala? – Quando permaneço muda, ela corre



até meu guarda-roupa, procurando minha bagagem.

— Eu não vou embora.

Ela para de procurar, virando tão rapidamente que me encolho. — O que você quer dizer com não vai embora? Você tem que ir. Esta é uma decisão simples de tomar.

— Não, não é. Já tentei isso antes. Não funciona.

— Mas Dr. Archibald diz que esses novos medicamentos vão ajudar a curar você. – ela pressiona.

Balanço minha cabeça, me afastando da parede. — Talvez, não definitivo.

Minha resposta não a acalma, no entanto. — Talvez seja melhor do que não. Talvez signifique que há uma chance. Eu gostaria que minha irmã tivesse um talvez.

Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura, me sentindo ingrata. — Eu perdi alguém, e esse alguém era minha melhor amiga, que morreu enquanto usava medicamentos experimentais. Não posso passar por isso de novo. Eu aceitei meu destino e fiz as pazes com ele.

Zoe me encontra no meio do caminho, cruzando os braços sobre o peito. — Sinto muito sobre a sua melhor amiga, realmente sinto, mas isso é uma besteira. Você recebeu uma oportunidade... por que não a aproveita?

Pisco. — Porque... – *Estou com medo,* respondo silenciosamente. — Porque... – Mas eu falhei.

— Porque você tem medo de viver? – Zoe diz baixo, tentando montar um quebra-cabeça com peças que não encaixam.



— Não, é porque tenho medo de viver com esperança! – eu confesso, odiando o quanto fraca pareço. — Não posso viver outro dia com falsas esperanças. Georgia era a pessoa mais otimista que eu conhecia, mas mesmo assim ela morreu. A vida é cruel e não espero que ela abra uma exceção para mim.

Odeio estar tremendo. Este tópico sempre termina assim - em lágrimas. Meu lábio inferior treme e eu sucumbo aos meus medos.

Zoe envolve seus braços em volta de mim, me abraçando enquanto choro. — Eu sinto muito. Eu só... eu quero que você viva.

Sua afirmação é muito parecida com o que a Georgia diria. — Obrigada, Zoe.

Ficamos nos abraçando por minutos, ambas precisando de conforto, pois tenho certeza que essa conversa trouxe à tona memórias de sua irmã.

Sua insistência me fez pensar se talvez eu devesse reconsiderar. Todos parecem tão decididos a me salvar, enquanto só quero desistir.

Já é tarde, mas não consigo dormir, então decido dar um passeio.

Sem um destino de verdade em mente, perambulo pelo corredor, pegando o longo caminho para me aventurar do lado de fora. É um erro não intencional honesto de Deus, mas quando vou ao consultório de Roman, xingo meu subconsciente infernal.

Eu deveria continuar andando, mas não ando.

A adrenalina sobe pelo meu corpo, fazendo meu coração disparar. Depois de garantir que estou sozinha, vou na ponta dos pés em direção à



porta entreaberta. Contando até três, eu me incentivo porque agora é tarde demais para desistir. Eu inalo duas respirações curtas, em seguida, abro a porta.

Este é o espaço mais precioso de Roman. Um lugar onde ele pode ser ele mesmo a portas fechadas. Eu me pergunto quem é essa pessoa. Ele não usa seu coração em sua manga, mas eu não posso deixar de pensar que enterrado sob aquele exterior duro está uma alma ferida. Lembro-me de sua tatuagem. Seja ela quem for, acredito que ela é a razão pela qual ele carrega suas cicatrizes tão perto de seu coração.

Além da mesa, uma estante de livros e um monte de prontuários, nada no consultório mostra quem Roman é. Sei quem é o Dr. Archibald, mas Roman? Vi aquele ser determinado, faminto e apaixonado na lanchonete.

Apenas o pensamento dele, de suas mãos em mim, me aquece de maneiras que são muito inadequadas. Seu cheiro forte permanece levemente no ar, trazendo de volta todas as memórias de quando senti o cheiro em primeira mão.

Passando meus dedos sobre o encosto de couro frio de sua cadeira, eu o imagino sentado muito sério enquanto contempla salvar o mundo. Ele pode me salvar?

No entanto, todos os pensamentos de ser salva são literalmente postos à prova quando eu ouço passos nítidos vindo nesta direção. Clamando em pânico, eu olho freneticamente da esquerda para a direita. Preciso de um esconderijo. A menos que eu seja talentosa no departamento de contorcionismo, então o armário terá que servir.

Abro a porta de ripas, agradecida que não haja nada dentro,



exceto alguns cabides e uma tábua de passar. Fechando a porta, selo o suspiro de meus lábios quando Roman entra em seu consultório, parecendo fugir de algo.

As ripas da porta permitem que eu enxergue lá fora, mas só posso torcer para que ele não consiga enxergar. Ele caminha pelo consultório, visivelmente angustiado. O que o deixou tão sem fôlego e perturbado?

Quando ele abre a gaveta da escrivaninha, estico o pescoço para ver de que gaveta é. O conteúdo é deslizado de um lado para o outro, pois ele obviamente está procurando por algo.

Ele revela o que um momento depois.

A luz reflete em um frasco laranja de remédio quando ele o leva aos lábios e joga a cabeça para trás, engolindo profundamente. A visão me choca por muitos motivos. Em primeiro lugar, não percebi que ele estava tomando algum medicamento. Eu me pergunto o que é e para que serve. Ele coloca o frasco na mesa, apoiando as mãos na beirada e baixando a cabeça, obviamente tentando se acalmar.

Suas costas largas sobem e descem, tornando-se firmes com o passar dos segundos. Quando ele parece calmo, ele se levanta, afastando os cabelos caídos de sua testa. Ele deixa a mão enfiada em seus cachos enquanto fecha os olhos e respira com dificuldade pelo nariz.

Sua gravata azul-marinho está torta e os dois primeiros botões da camisa desabotoados. O que aconteceu para ele perder a calma dessa forma?

Ele parece indefeso e comovente, e a visão parte meu coração.

Quando um monte de passos suaves percorre o corredor, os olhos de Roman se abrem. Ele rapidamente guarda os comprimidos em sua



gaveta. Ele ajusta a gravata e passa a mão pelo rosto.

— Roman? – A porta parcialmente aberta move lentamente, revelando Tamara como a perseguidora de Roman. Quando ela o vê de pé ao lado de sua mesa, ela sorri e fecha a porta atrás dela, fechando todos nós lá dentro.

Ele friamente coloca as mãos nos bolsos da calça, esperando que ela fale. Seu comportamento difere muito do que acabei de testemunhar um minuto atrás.

— Está tudo bem? Num minuto, estávamos conversando sobre seu aniversário, e no seguinte, você estava fugindo de mim como se eu tivesse acabado de lhe pedir para me vender sua alma.

Ele ri, mas não parece sincero. — Desculpe, Tamara. Simplesmente esqueci de fazer algo muito importante.

Dando um passo à frente, ela diz: — Tudo bem. Se eu não soubesse bem, diria que você está evitando falar sobre o seu aniversário de trinta anos. Não há nada do que se envergonhar.

— Não tenho vergonha. Eu só não gosto de comemorar meu aniversário. Você sabe disso. – ele diz, dando um passo para trás a cada passo que ela avança.

Ela sabe disso? Eles têm um passado então?

— Eu sei, e gostaria que você me dissesse por quê. – Por que seu aniversário é um assunto tão delicado para ele?

Ela o persegue até que ele contorne a mesa e seus joelhos batam na cadeira. Ele está preso, mas permanece ereto enquanto ela se esgueira como uma tigresa caçando sua presa. Ela passa a ponta do dedo pela gola da camisa dele.



Em vez de cobrir os olhos, dou um passo à frente, intrigada.

— Tamara, eu já disse que não posso te dar o que você quer.

— *Você* é o que eu quero. – ela diz, entrelaçando os dedos na nuca dele.

Meu coração acelera quando a testemunhei ficar na ponta dos pés e beijar o canto de seus lábios curvados. Ela se move para o outro lado, beijando o vinco enquanto ele permanece imóvel.

Eu deveria desviar o olhar, mas não consigo. A visão é muito pecaminosa e eu... sou fisgada. Observar Roman dessa maneira faz algo que nunca senti antes. Um pequeno incêndio se forma dentro de mim.

— Tamara, não, nós não podemos. – diz ele enquanto ela avança, tentando desesperadamente convencê-lo a beijá-la. Suas mãos estão por toda parte enquanto tenta segurar algo sólido antes que ele desapareça. Mas ele escorrega de seus dedos enquanto se afasta.

Ela faz uma pausa, com a dor evidente em seu rosto. — Roman?

— Eu sinto muito. Eu não posso fazer isso.

Seu peito sobe e desce. — Não pode fazer o quê?

— Você sabe o que. Meus sentimentos não mudaram desde a última vez que isso aconteceu.

Ela vira a bochecha, parecendo como se ele a tivesse esbofeteado com a verdade.

Seus nós dos dedos estão brancos quando agarra a mesa, esperando que ela fale. Ela o faz um momento depois.



Ficando ereta, ela arruma as roupas. — Está bem então. Então... – ela está claramente chateada, mas tentando agir com coragem.

— Então... – ele repete, passando a mão pelo cabelo. — É melhor eu ir.

Ela suspira, com sua fachada manchada por sua necessidade óbvia de se afastar dele.

Ela abre a porta, deixando poeira em seu rastro. Roman suspira, levantando os óculos e beliscando a ponta do nariz.

Assim que ele apaga a luz e fecha a porta, eu respiro, com os meus pulmões gratos pela interrupção. Espero alguns minutos antes de corajosamente abrir a porta e me juntar à terra dos não-espiadores. A luminária da mesa é a única fonte de luz, mas é brilhante o suficiente para destacar minha saída.

Assim que caminho em direção à porta, lembro o que aconteceu segundos antes de Tamara entrar e bancar a agressora. Eu deveria simplesmente sair e esquecer o que vi, mas não posso.

Indo na ponta dos pés até sua mesa, abro a gaveta e pego o único frasco de remédio, que está meio cheio. Girando em meus dedos, espero ver qualquer outra coisa além do que realmente vejo. As pílulas batem nas laterais enquanto minha mão treme em confusão.

O nome na etiqueta indica que pertencem a Roman. Mas a questão é... por que ele está tomando antidepressivo? E por que precisava disso momentos antes de Tamara entrar em sua porta?



Capítulo 06

Não há como negar que estou atraída por Roman, mas depois da noite passada, essa atração levou a algo... mais.

Essa outra coisa me deixou desesperada para descobrir quais segredos estavam escondidos em seu passado. Há algo mais, mais profundo, e me sinto atraída por cada lado que ele apresenta, o que é perigoso. Também é altamente impróprio por muitos motivos.

Estou tentando jogar futebol, mas falhando miseravelmente. — Eu vou ficar de fora.

— Ah, Lola. Vamos pegar leve com você. – diz Hayden, um diabinho de olhos azuis.

Eu rio em resposta, porque eles não farão tal coisa.

Ficar de fora é uma opção muito melhor. Isso até eu ouvir uma voz que me dá arrepios da cabeça aos pés. — Não é fã de futebol?

Protegendo o sol dos meus olhos, me viro e vejo Roman parado à minha esquerda. — Eu não sou fã de ter minha bunda chutada por crianças de oito



anos. – eu respondo com um sorriso nervoso.

Ele ri gentilmente. — Então, como está o tempo?

— Sério? – eu não posso esconder meu sarcasmo.

Ele ri da minha piada. — Estou apenas conversando.

— Sem querer ofender, mas da última vez que você "puxou conversa"... – eu usei aspas no ar. — ...você me mostrou como pode ser um completo idiota. – Bato minha mão sobre minha boca, envergonhada pelo o meu filtro de boca não funcionar bem no momento mais inapropriado de todos os tempos.

Ele não esconde sua surpresa, mas em vez de me lembrar de minhas maneiras, ele cai em uma gargalhada rouca. Ele faz muito isso quando estou por perto. Não sei se isso é bom ou ruim.

— Roman, me desculpe. Isso foi altamente...

— Divertido. – ele interrompe, ainda rindo.

Franzo minha sobrancelha. — Não tenho certeza se você me ouviu corretamente, mas acabei de te insultar. Na sua cara. – eu acrescento, apenas no caso de ele ter tido um lapso de audição.

Seus ombros se erguem em um encolher de ombros despreocupado. — Já fui chamado de coisa pior.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, ambos olhando para frente, mas sem realmente assistir ao jogo.

Embora a introdução tenha sido terrivelmente rude, foi uma introdução mesmo assim. — Por que não mencionou o que aconteceu na lanchonete?



Ele levanta os ombros de uma forma despreocupada. — Achei que você não queria falar sobre isso.

Ele está certo, não quero, mas agora tenho. — Isso nunca te impediu no passado.

— Touché. – Um sorriso malicioso puxa seus lábios.

Sua frieza é irritante. — Bem, talvez eu queira falar sobre isso agora. – Novamente, há silêncio, indicando que tenho a palavra. — Eu tenho feito algumas pesquisas e você está certo, os novos medicamentos em testes parecem ter uma taxa de sucesso melhor do que os anteriores que eu estava tomando. – Conseguir dizer essas palavras parece como se houvesse cascalho preso na minha garganta.

Ele ainda não me encara, mas em vez disso assiste ao jogo. Eu sei que ele está ouvindo, no entanto. O aperto de sua mandíbula o denuncia.

— Então, talvez, eu... – eu lambo os meus lábios nervosamente. — Quero fazer mais pesquisas, mas não sou totalmente contra repensar minha decisão.

O grito de Roman me faz estremecer, pois eu não esperava essa resposta. Alguém acabou de marcar um touchdown.

— Você está me ouvindo? – eu tento evitar o incomodo no meu tom, mas não consigo. — Isso é o que você queria, certo?

Com o mais lento dos movimentos, ele se vira para mim enquanto prendo a respiração. Não tenho ideia do que ele está pensando, o que não é novidade. Gostaria que ele dissesse algo, qualquer coisa, porque de repente eu me sinto estúpida por colocar meu coração em risco.

— Não, Lola, isso não é sobre o que eu quero. É sobre o que *você* deve querer. – Sua resposta denota que ele estava ouvindo o tempo todo. Ele sabe



como reajo quando estou encurralada, então esta é sua maneira de não me sufocar com suas crenças. — Só você pode tomar essa decisão. Posso estar aqui para você, mas não posso fazer uma escolha por você. Isso é o que significa o livre arbítrio.

Ele tem razão. Quero alguém para culpar se as coisas derem errado, mas se eu fizer isso e as coisas não mudarem, então não terei ninguém para culpar além de mim mesma, e isso é assustador além das palavras.

— Você realmente acha que sou corajosa? – eu sussurro, revelando minha vulnerabilidade.

Eu o peguei desprevenido. Ele pisca uma vez antes de suspirar. Ele parece pesar sua resposta, mas a resposta que me dá me deixa indefesa. Uma mecha de cabelo, que está grudada no meu brilho labial, é afastada por seu toque gentil. Eu paraliso, incapaz de disfarçar minha surpresa e também, meu desejo.

Diminuindo a distância entre nós, ele banha minhas bochechas com seu hálito quente e doce. — Acho que você é mais do que corajosa. Acho que você é uma mulher verdadeiramente notável, que não tem ideia do que é capaz.

Meus lábios tremem porque seu dedo ainda está no vinco da minha boca. Se eu mover um centímetro, meus lábios sentirão e provarão aquele dedo, mas não posso. Não vou. Então, em vez disso, permaneço imóvel, maravilhada como um único toque pode produzir uma série de emoções.

— Gostaria de ter sua força. – ele revela em um tom abafado. Ele está retribuindo o favor, mostrando sua vulnerabilidade. Isso é lindo.

Mordendo o lábio, espero não ultrapassar uma linha quando confesso: — Você é a pessoa mais forte que conheço. – Minhas palavras puxam seu



dedo mais fundo em direção à caverna da minha boca, e meus olhos se arregalam quando ele toca a curva do canto. O simples toque pulsa por todo o meu corpo.

— Obrigado. Se isso fosse verdade. – eu imediatamente sinto falta de seu toque quando ele deixa cair a mão, desanimado.

Seu comentário me lembra o que encontrei escondido em sua gaveta. Quero dizer a ele que isso não implica fraqueza; significa força que ele buscou ajuda para melhorar sua situação. Mas eu não posso sem me entregar.

Roman pigarreou e o momento acabou.

Eu quero dizer tantas coisas a ele que está tudo bem ser vulnerável, mas não digo. Eu simplesmente sorrio, esperando que ele possa ler nas entrelinhas.

Ele lê. — Vejo você mais tarde. Talvez possamos terminar nossa conversa em meu consultório quando você estiver livre?

— Talvez. – eu respondo, porque não fiz uma escolha de qualquer forma.

Embora minha resposta não tenha sido exatamente positiva, também não foi negativa. Estou em cima do muro, o que é um grande negócio, considerando que estava em cima do muro... na Antártica há alguns dias. O sorriso malicioso de Roman me fez chegar cada vez mais perto de um lado. Quanto tempo até a balança inclinar e eu decidir?

Sete xícaras de café depois e estou vendo em dobro. Eu pulei o jantar porque eu estou determinada a juntar o máximo de



informações possível antes de decidir o meu destino.

Até agora, as chances estão a favor dos medicamentos. Todas as pesquisas que fiz detalham as mesmas descobertas. Os testes mostraram alguns resultados fantásticos, então por que não estou pulando de alegria? A razão está amassada em meu punho.

A bandana da Georgia é como minha bola anti-stress. Alivia o estresse quando acho que estou a momentos de ter um colapso, o que acontece a cada trinta segundos.

Cada vez que leio sobre algo positivo, o rosto de Georgia aparece diante de mim e um manto de culpa é jogado sobre mim. Por que não estava disponível quando a Georgia estava viva? Nossos resultados foram muito promissores e sei que isso teria salvado a vida dela. Mas isso não aconteceu. Por outro lado, ele está aqui agora e pode salvar a minha.

Gemendo, coloco meu rosto nas palmas das mãos, desejando poder tomar essa decisão e me sentir bem com tudo o que decidir.

— Está tudo bem?

Abaixando minhas mãos, vejo Sadie de pé com um exemplar de *Hamlet* pressionado contra o peito. Ela parece mais do que preocupada.

— Na verdade não. – eu nem tenho energia para mentir.

— Gostaria de falar sobre isso? – Há tanto conhecimento por trás dos olhos juvenis de Sadie que isso me entristece.

— Não gostaria de aborrecer você. – ela sorri, puxando uma cadeira ao lado da minha, indicando que está ouvindo.

Limpando minha garganta, eu toco na tela do computador. Pista número um.



Sadie se inclina para frente e lê o título, com seus olhos inteligentes se arregalando. Ela se vira para olhar para mim, sem esconder sua surpresa. — Isso é o que você tem?

Eu concordo.

Ela continua lendo, percorrendo o artigo. Quando chega ao final, ela exala, parecendo processar tudo o que acabou de ler. Eu sei que é muito para aceitar, e não deveria ter sobrecarregado ela com isso. Afinal, eu deveria ser *seu* apoio.

— Você tem que fazer isso. – diz ela em um pequeno sussurro. Uma ordem como essa, vinda de uma criatura tão pequenina, me faz sentir na obrigação de obedecer.

— Estou pensando sobre isso. – eu revelo, pegando minha xícara de café. Olhando para dentro dela, estou desapontada que está vazia.

— Pensando nisso? O que há para pensar? – Sua pergunta não é maliciosa ou acusadora; é simplesmente honesta.

— Lembra da Georgia? – Ela acena com a cabeça rapidamente. — Eu me sinto tão... indigna de ter esta oportunidade quando ela nunca teve uma chance. Ambos os resultados dos nossos testes foram positivos, o que significa que eu estou com meia dose deste medicamento dando certo para mim. É difícil, mas não é impossível.

— Eu não entendo então. Por que você não tentaria?

— Porque Georgia tinha esperança e veja o que aconteceu com ela. Eu tive esperança uma vez, e isso sugou a minha vida. Receio que, se eu participar deste teste e tiver muitas esperanças, isso não funcionará. – Expressar minhas fraquezas e medos em voz alta é uma coisa difícil de fazer, mas quero contar a verdade a Sadie.



Ela rola a cadeira para frente para que nossos joelhos se toquem. — Está tudo bem em ter medo. Acho que é melhor ter medo, porque você fará de tudo para não se sentir assim novamente. E eu acho que é melhor ter medo ao tentar, em vez de ter medo de tentar.

Essa criança é real?

Eu não poderia ter dito isso melhor.

Incapaz de me conter, eu me inclino para frente e a abraço com todas as minhas forças. Ela é menor do que parece, o que só me faz apertar com mais força, querendo protegê-la com minha vida.

Dito de maneira simples, Sadie está certa. Melhor eu morrer lutando do que morrer sem lutar.

A vida não seria o que é sem medo, porque o medo nos leva a derrotar nossos demônios e transformar essas fraquezas em forças. Georgia me ensina isso todos os dias. Ela pode não estar aqui, mas sua memória vive, me lembrando de lutar pelo que eu acredito e amo.

— Eu devo a você pelo menos um litro de Ben & Jerry's[6].

Ela ri no meu ombro, nunca me soltando.

Ela não tem irmãos, então ela sabe o que é ficar sozinha. — Lembra quando disse a você que Georgia era minha irmã?

— Sim, eu me lembro. – ela sussurra, envolvendo os braços com mais força em volta do meu pescoço e se aconchegando perto.

— Bem, ela era mais velha do que eu. Sempre quis ser uma irmã mais velha. Talvez, se estiver tudo bem para você, eu poderia ser a sua?



[6] ***Ben & Jerry's: é uma marca de sorvete.***

Ela paralisa em meus braços, com seu corpo minúsculo ficando rígido. Bem quando acho que disse a coisa errada, ela balança a cabeça. — Eu gostaria disso... muito. – Sua voz está embargada com as lágrimas que se aproximam. Ela brinca com seu medalhão. — Minha avó me deu isso. Ela disse que eu deveria colocar uma foto de algo ou alguém que eu amo.

Eu aceno, dando a ela minha total atenção.

São necessárias três tentativas antes que os seus dedos trêmulos possam abrir o fecho. Quando ela o faz, meu coração se parte. Está vazio. Parece que somos duas pessoas iguais.

— Bem-vinda à família, Sadie. Nossa família. – eu sei o quanto isso significa para alguém que nunca ouviu isso antes.

Continuamos a nos abraçar, Sadie nunca me solta, mas tudo bem, porque devo a ela um milhão de abraços e muito mais.

Agora são 12h35 e eu estou bem acordada, pensando em tudo, desde os mistérios da vida até se quero um queijo grelhado ou não. Chutando as cobertas, decido dar um passeio para esfriar minha cabeça e acalmar meu estômago revolto.

Vestindo um vestido de verão cor de pavão e Chucks, fecho minha porta silenciosamente e ando na ponta dos pés pelo corredor na direção oposta ao consultório de Roman. A maioria das pessoas está dormindo profundamente, ao contrário de mim, os que não dormem se escondem durante a noite. Não tenho nenhum verdadeiro desejo de ir a nenhum lugar específico, mas os jardins parecem ser o meu lugar ideal quando sinto a necessidade de escapar.



O céu estrelado pisca acima de mim, me lembrando que sou uma mera partícula no grande esquema das coisas. Tantas tragédias estão acontecendo neste segundo, e eu deveria ser grata por todas as coisas boas que tenho.

Eu me aventuro em uma colina com grama e vejo os pinheiros altos me cercando em ambos os lados, o que me faz lembrar que já vi isso antes. Se bem me lembro, um deslumbrante jardim de rosas deve estar logo à frente. Era impressionante de longe, então eu só posso imaginar o quanto extraordinário parecerá de perto.

A lua está cheia, fornecendo toda a luz de que preciso para andar entre os pinheiros. Um pouco além está um espetáculo incrível que me tira o fôlego. Fileiras e mais fileiras de rosas são plantadas até onde a vista alcança. Cada rosa colorida é cultivada, com o efeito bem ordenado diferente de tudo que eu já vi antes. Todas as cores de um arco-íris rosa.

Eu me pergunto por que ele foi posicionado aqui. Por que fica tão longe do prédio principal?

Um vento fraco ganha velocidade, alertando-me que um companheiro com insônia está por perto. O movimento na terra pode ser ouvido claramente, o que me faz pensar por que alguém está mexendo no jardim a esta hora da noite.

Eu decido descobrir.

Os arbustos floridos são grossos, exuberantes e bem cuidados. Eles são cuidados com amor e carinho. Conforme observo cada movimento, a escavação fica cada vez mais alta, mas depois de cinco minutos, tenho certeza que estou ouvindo coisas e considero voltar.

No entanto, eu berro como em um assassinato sangrento quando uma voz suave soa atrás de mim.



— Lola?

— Caralho! – eu giro ao redor, empunhando o graveto que peguei ao longo da minha jornada como uma arma.

— Você está planejando me apunhalar?

— Talvez. – eu respondo sem fôlego, tentando acalmar meu coração acelerado. — Você quase me deu um ataque cardíaco. Você sabe que é assim que todo filme de terror começa, certo?

Roman passa o antebraço sobre a testa suada, deixando uma mancha suja em seu rastro.

Olhando para sua pá e botas cobertas de lama, eu levanto uma sobrancelha. — Então... você está cavando uma cova? – Não é apropriado, eu sei, mas por que diabos ele está aqui à uma da manhã?

Enquanto ainda estou balançando o graveto como uma espada, Roman estende a mão e abaixa meu pulso. O contato dispara fogos de artifício até os dedos dos pés.

— Estou mexendo no jardim. – ele revela, o que não explica por que está aqui fora a esta hora.

— E isso não podia esperar até de manhã? Quando é dia e muito menos... serial killer? – pergunto, procurando a palavra certa.

Não importa quantas vezes eu seja recompensada com esse sorriso de lado, sempre parece a primeira vez. — Não há descanso para os perversos. – ele aceita seu comentário com uma piscadinha.

— En... então que lugar é este? – pergunto, quebrando a estática repentina no ar.

Roman lambe o lábio inferior, então olha ao redor com um suspiro. — Quer que eu te mostre?



Eu concordo.

Ele estende a palma da mão. Eu olho para baixo, nervosa. — Eu não vou morder.

Afastando meus medos, eu pego sua mão, saboreando a conexão. Ele entrelaça seus dedos nos meus e lidera o caminho. Ele conhece o caminho e revela todos os tipos de rosas.

Demora cerca de quarenta e cinco minutos, mas, no final, Roman me mostrou o jardim completo. O tempo todo eu escutei, perdida em sua voz e sua paixão por algo verdadeiramente lindo.

Quando paramos no que parece ser a primeira fileira de rosas, ele não solta minha mão. Ele faz círculos na minha palma com o polegar, parecendo estar perdido em pensamentos.

Algo perto dos meus pés chama minha atenção, e olho para baixo, me perguntando o que é. A luz da lua saiu de trás de uma nuvem, destacando uma pequena placa de bronze. A mensagem inscrita e o pequeno querubim representado no canto superior direito fazem lágrimas surgirem instantaneamente nos meus olhos.

Espaço Garden for the Angels to Dance.

Uma roseira alta em um tom deslumbrante de vermelho cresce logo atrás da placa. Esta rosa é a líder da matilha. Esta é a visão que June vê todos os dias da janela de seu escritório. A compreensão do que é esse lugar me atinge e, de repente, não posso deixar de me sentir tão sozinha.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha. — Cada rosa representa alguém que... morreu, não é?

Seu silêncio diz tudo. O ar com cheiro fresco de repente se torna doentiamente doce.



Existem inúmeras rosas, cada arbusto no lugar para uma alma que viveu e respira. — Existem muitas delas.

Ele aperta seu aperto, apertando com força.

Este jardim comemorativo é o que June vê quando olha pela janela perfeita - todas as pessoas que ela perdeu. A rosa vermelha, a peça central, eu sei que foi a primeira plantada. Foi em homenagem a sua filha.

— Essa é para a filha de June? – eu gesticulo com o meu queixo trêmulo para a rosa prevalecente.

Roman acena com a cabeça baixa. Ele parece tão incrivelmente triste. — June plantou aquela rosa com as próprias mãos e nada mais. Ela não queria que sua filha ficasse sozinha, então é por isso que este lugar existe.

— E você cuida dele? – ele acena com a cabeça mais uma vez. — Você as conhecia?

Sua pausa é tocante. — A maioria delas, sim. É a minha maneira de me lembrar delas e nunca esquecer o impacto que tiveram no mundo.

Nesse estágio, as lágrimas escorrem pelo meu rosto. O pensamento é tão tragicamente lindo.

June amou a cada um e para mostrar esse amor, ela os acolheu em sua família. E o fato de Roman cuidar de cada planta com tanto amor revela que ele também as amava.

Estar rodeado por tanta beleza e saber o que cada um representa me faz expressar em voz alta algo que aflige meu coração todos os dias. — Pro... prometa que vai me plantar uma rosa



vermelha. – eu aperto meu bolso onde está a bandana de Georgia. — Era a cor favorita da minha melhor amiga.

Roman solta uma respiração por entre os dentes, com seu aperto na minha mão se tornando mais forte.

— Prometa-me. – eu sussurro quando ele não responde.

Seu peito sobe e desce, e seu rosto... o olhar abatido em seu rosto dói mais do que pensar na minha própria morte.

— Não. – ele diz apenas com uma emoção pura.

— Não? – eu questiono, sem entender por que ele recusaria este pedido final.

— Não, Lola, não vou. – Sua convicção é clara.

Antes que eu pergunte o porquê, ele cambaleia para frente, colocando a sua mão grande e trêmula na minha bochecha. — Vou plantar um girassol para você. – ele esfrega o polegar sobre a maçã da minha bochecha, enxugando minhas lágrimas.

Meus olhos se arregalam. — Por... por que você faria isso?

— Porque... – ele engole, dando duas respirações firmes. — Você é diferente. Você se destaca na multidão e merece isso, nesta vida e na próxima.

Um soluço bate em meu peito. Ninguém nunca disse algo tão lindo para mim antes. Neste momento, me sinto valorizada e, aconteça o que acontecer, nunca esquecerei esse sentimento enquanto eu... viver.

Viver.



E assim... minha decisão nunca foi tão clara. Estava escondido sob águas turvas, mas agora posso alcançá-la.

Eu posso ver isso.

Eu quero isso.

— Ok. – eu sussurro lentamente.

A mão de Roman ainda está pressionada na minha bochecha, então posso sentir o tremor passar por seu corpo.

— OK? – ele questiona, com suas sobrancelhas unidas.

— Eu vou fazer isso.

Seus olhos observam cada centímetro do meu rosto. — Fazer o que? – ele sabe o quê, mas precisa ter certeza.

Lambendo meus lábios repentinamente secos, eu respondo com sinceridade: — Viver.

A tensão passa entre nós, colocando-me em chamas. Minha decisão parece ter destrancado uma porta para nós dois, e eu sinto que acabamos de descobrir algo que mudará nossas vidas para sempre.

— Você tem certeza?

— Não, mas alguém me fez perceber algo. – ele inclina a cabeça para o lado, esperando que eu explique. — Melhor eu morrer lutando do que morrer sem lutar.

Ele fecha os olhos por um breve segundo, antes de me permitir um assento na primeira fila em sua alma. Ele parece aliviado, mas acima de tudo, ele parece esperançoso.

— Eu não irei para o hospital, no entanto. Eu não posso fazer isso de novo.



Ele acena imediatamente. — Você pode fazer os testes aqui. Eu vou cuidar de tudo.

— Tudo? – eu sei o que estou perguntando, mas preciso saber.

Essa estática opressora passa entre nós, e eu sei que algo está mudando. Eu posso sentir isso no céu. Ele acaricia minha bochecha com um toque carinhoso e corrige com voz rouca: — Eu vou cuidar... de *você*.

E eu acredito nele.

Eu me viro para o seu toque, fechando os olhos e me aquecendo nesta quietude. Não há mais barulho.

Não há mais nada a dizer porque fiz minha escolha, e estou aderindo a ela. Se eu for bem-sucedida ou fracassar, não importa. A jornada de mil quilômetros começa com uma etapa.

E acabei de pegar a minha.



Capítulo 07

— Você está ajudando a Tamara esta manhã?

Meu desjejum tem uma semelhança com a arte abstrata quando o cutuco com a colher. Cantarolando baixinho, eu o pego para fazer uma barba para o meu Papai Noel de cereal.

— Terra para Lola! – *estalar de dedos.*

O barulho de Zoe me lembra que tenho companhia e que me esqueci totalmente.

Balançando minha cabeça, eu cuidadosamente encontro seus olhos. — Desculpe, Zoe. Estou um pouco... distraída.

— Eu posso ver isso. Gostaria de falar sobre isso?

— Não! – eu quase grito.

Minha colher se catapulta da minha mão e cai ao longo da mesa. Zoe olha para baixo e depois para mim. Ela a devolve enquanto eu me encolho na cadeira. Os testes nem começaram, e eu já estou cedendo à pressão. Não tenho ideia de



como vou manter isso em segredo.

A noite passada foi intensa, a noite mais intensa da minha vida.

Depois que Roman prometeu que cuidaria de mim, voltei para o meu quarto, confuso e com medo. Esta foi uma resposta normal, é claro, considerando que eu tinha acabado de fazer um 360 em uma decisão previamente gravada na pedra.

A esperança parece iluminar o mais escuro dos espaços, e é isso que tenho. Espero que isso funcione.

Pode ser uma falsa sensação de segurança, mas ter Roman comigo a cada passo do caminho mudou minha visão. Ele disse que organizaria tudo e começaremos o mais rápido possível.

Ambos concordamos em não contar a ninguém, pois é melhor mantermos isso entre nós. Embora ele seja qualificado e licenciado para fazer os testes, não é um protocolo padrão realizá-los fora de um hospital. Sem mencionar que sou uma voluntária aqui.

Eu odeio colocá-lo em tal posição, mas a ideia de fazer isso em um hospital é insuportável.

Pela pesquisa que fiz, os efeitos colaterais são semelhantes aos do primeiro conjunto de testes. Não espero que Roman esteja disponível 24 horas por dia, sete dias por semana, porque as coisas podem ficar feias e, honestamente, preferia que ele não estivesse lá para me testemunhar vomitando minhas tripas. Não vai ser fácil, mas nunca é.

Meu celular vibra na mesa ao meu lado.

Estou pronto quando você estiver.



Meu coração se acelera porque não pensei que Roman pudesse organizar tudo tão rapidamente. Ele ficou acordado a noite toda? De qualquer maneira, isso está acontecendo. E está acontecendo agora.

— Está tudo bem? – Zoe pergunta.

— Si... sim, tudo bem. Eu só tenho que fazer algo. Vou vê-la mais tarde? – eu odeio manter Zoe no escuro, mas é melhor assim.

— Claro. – Nós nos despedimos.

Precisando de um momento para recuperar o fôlego, eu olho para o meu celular, com meus dedos vacilando sobre os botões. Esta é minha última chance de desistir. Uma vez que eu concordar, começo e não há como voltar atrás. Minha vida deste momento em diante muda para sempre. Mas não saberei se é para melhor, a menos que tente.

A mensagem de Roman me encara, com a frase inocente nunca parecendo mais importante. Pensando em ficar entre as rosas e me lembrar de todas as vidas perdidas, eu deixo minhas reservas porque não estou pronta para ser plantada entre elas.

Minha resposta pode não ser poética, mas equivale a mil palavras.

Estou pronta.

E eu estou. Não há mais nada que eu possa dizer porque, nessa circunstância, as ações falam mais alto que as palavras.

Com esse pensamento em mente, coloco meu celular no bolso e me viro, determinada a resolver isso. Minha força de vontade diminui, no entanto, quando vejo Tamara parada a alguns metros de distância.



Uma morena está falando com ela, mas ela não parece ouvir porque o seu olhar está fixo em mim. Rapidamente desvio os meus olhos, denunciando minha culpa. Ela sabe que algo está errado.

Usando isso como minha força impulsionadora, faço o caminho mais longo, evitando qualquer possibilidade de esbarrar nela. Eu respiro alto quando chego ao corredor ilesa.

Vai ficar tudo bem. Dou a mim mesma uma conversa estimulante enquanto me dirijo ao escritório de Roman.

No momento em que bato em sua porta, ele me concede permissão para entrar. Ele olha para mim por cima dos óculos. — Oi.

— Oi. – eu fecho a porta atrás de mim e percebo que ele está sentado atrás de sua mesa, enterrado sob uma montanha de papelada. — Esses são meus prontuários?

Ele concorda. — Sim. Pedi ao consultório do Dr. Carter que os enviasse durante a noite.

— Todos eles? – pergunto com admiração, apontando para a pilha de prontuários. Ele acena com a cabeça mais uma vez. — Uau. Quem é você no mundo da medicina?

Ele sorri. — Por favor, sente-se.

Faço o que ele pede e olho ao redor nervosamente. De repente, parece tão ambulatorial.

Sua máscara de médico desliza para o lugar quando ele abre uma pasta e pega uma caneta. — Ok, agora, antes de começarmos, gostaria de fazer alguns exames de sangue, pois já se passaram alguns meses desde que os foram feitos. Eu sei que seus sinais vitais estão bons, então é apenas o exame de sangue que precisamos antes de começar.



Eu concordo.

— Podemos fazer isso esta manhã, se você quiser? Você tomou café da manhã?

Eu balancei minha cabeça.

— Ótimo. Sei que o Dr. Carter explicou em detalhes o que era esperado com os testes anteriores e acredito que você fez sua própria pesquisa desde que o contatou originalmente. – Nada passa por ele. — Eu gostaria de dar a você um resumo do que esses testes envolvem e o que você pode esperar. Eles são um pouco diferentes dos anteriores. – explica ele, recostando-se na cadeira.

Eu me mexo na cadeira, com minhas palmas suando.

Brincando com a caneta entre os dedos, ele não desvia o olhar do meu. — Você vai tomar seis tipos de medicamentos, quatro vezes por semana. Também haverá uma injeção administrada uma vez por semana com uma dose mais elevada de corticoides. Não existem medicamentos de quimio potentes desta vez, então você não perderá seu cabelo. Porém, os efeitos colaterais nos casos relatados parecem ser um pouco mais... – ele faz uma pausa, procurando a palavra certa.

— Extremos. – ele diz, e sou grata por sua honestidade. — Assim que seu tempo aqui chegar ao fim, eu ainda poderei administrar o teste. Nada vai mudar.

É muito para absorver. — Que tal cruzarmos essa ponte assim que chegarmos a ela? – Não quero soar como uma Nancy negativa[7], mas no meu caso, é melhor ser realista.

— Claro. – ele se senta mais para frente, cruzando os braços sobre a mesa. — Isso não vai ser fácil.



[7] ***Nancy negativa: é uma pessoa que é considerada excessivamente e desagradavelmente pessimista.***

— Eu não esperava que fosse. – eu digo rapidamente.

— E você ainda quer manter isso entre nós? Tenho certeza de que June não...

Eu aceno animadamente, interrompendo-o. — Sim. Ninguém pode saber. Ninguém.

— Você tem minha palavra. Pelo que li, você será capaz de viver uma vida relativamente normal durante o período de teste. – Eu levanto uma sobrancelha, divertidamente. Roman lê meus pensamentos e faz as correções. — Bem, tão normal quanto se pode. Eu estarei com você em cada passo do caminho. Você pode me perguntar qualquer coisa.

Minha pergunta original ainda está arranhando a superfície. Por que ele esta fazendo isso? Mas isso pode esperar por agora.

— Você tem alguma pergunta?

— Não.

— Nenhuma mesmo?

— Não. – eu repito.

Ele está claramente surpreso; parece que esperava vinte perguntas. — Nesse caso. – ele se levanta, ajustando sua gravata vermelha cereja. — Vamos?

Eu engulo por muitos motivos.

Deixando de lado meu nervosismo, eu também me levanto e vou nervosamente para a porta.

Caminhamos pelo corredor em direção a pequena enfermaria. Há um silêncio pesado entre nós. Minha mente está a um milhão de quilômetros de distância e tudo em que consigo pensar é



como cada passo que dou mudará minha vida para sempre.

Só posso esperar que a mudança seja para melhor, porque, por mais irônico que seja, estar cercada pela morte me fez querer viver. Tanto que vou aguentar até as injeções semanais.

O horror deve aparecer em meu rosto porque Roman provoca: — Eu juro, seja o que for que você esteja pensando, não fui eu. – Virando-me para olhar para ele, não escondo minha confusão. Ele sorri. — Qualquer pensamento em que você estava perdida não parecia ser feliz.

Minha boca forma um O. — Só de pensar em todas agulhas vindo em minha direção. – eu tremo só de pensar.

Ele acena em compreensão. — Ninguém gosta de ser espetado por uma agulha. Vou tentar o meu melhor para ser gentil.

Olhando para seus longos dedos, não tenho dúvidas de que ele o fará. — Você deve pensar que sou uma grande bebê chorona.

— Que absurdo. Todos nós temos nossas fobias.

Seu comentário é minha deixa, que eu não deveria, mas vou aceitar. — Qual é a sua?

Lamento no momento em que as palavras saem dos meus lábios, porque não é apenas rude, mas o corredor se enche de uma sensação imediata de inquietação. Não tenho tempo para me desculpar, no entanto, porque June de repente emerge de uma porta, olhando o prontuário em suas mãos.

Quando Roman a vê, ele suspira baixinho, e seus passos diminuem uma fração. Não tenho tempo para questionar seu comportamento estranho, porque no momento em que o



olhar inquisitivo de June pousa em nossa direção, de repente me sinto culpada por ter sido pega.

Ela não tem ideia do que estamos fazendo, mas, independentemente, seus olhos ligeiramente estreitados revelam seu interesse em nos ver juntos. Meus passos também diminuem, já que não tenho pressa em chegar bem perto de suas suspeitas.

— Bom dia. – ela se dirige a nós dois.

— Bom dia. – Roman responde, parando a alguns metros de distância.

— Bom dia. – eu repito com minha voz vacilante.

— Para onde vocês dois estão indo? – A pergunta inocente de June não é acusadora, mas, mesmo assim, sinto que ela está investigando.

Olho para Roman, com meu disfarce quase certamente descoberto, mas como de costume, ele é tão legal quanto pode ser. — Eu estava apenas acompanhando Lola até a biblioteca. Ela me disse que está mais interessada em explorar na net em busca do último escândalo.

Eu me abstenho de chutá-lo na canela - apenas por pouco. Mas sua piadinha acalma meus nervos.

Ela sorri, mas algo está faltando por trás do gesto.

— É melhor irmos. – Tenho certeza de que ele sabe que está na ponta da língua perguntar o que estamos fazendo, mas ele permanece fiel à sua palavra e mantém meu segredo seguro.

Eu sou pega no meio de uma atração invisível e imediatamente me sinto culpada por mentir e também por colocar Roman em uma posição estranha. June é a chefe de Roman, e o fato de ele



estar mentindo para ela por minha causa me faz pensar se talvez eu deva revelar o que decidi fazer. Ele pode ter sérios problemas por fazer isso.

O sincronismo de Roman com meus pensamentos me surpreende, embora não devesse, porque houve uma atração desde o primeiro dia. — Tenha um bom dia, June.

Ele agarra meu bíceps suavemente, dispensando June.

No entanto, ela nos impede. — Roman... – ela olha para a mão dele firmemente presa ao meu redor. Eu tento me encolher, mas ele aperta seu aperto, fazendo com que minhas bochechas esquentem. — Você pode me ver depois que terminar?

Posso sentir a pulsação em seu corpo tenso. Ela sabe que algo está errado?

Quando estou prestes a divulgar tudo, com a culpa corroendo minha moral, Roman esfrega o polegar na minha pele, marcando minha pele com sua ternura.

— Claro. – Sua garantia não passa despercebida por June, cujos olhos estão observando cada movimento nosso - evidente e mascarado.

Eu me sinto além de desconfortável porque o não dito está me deixando com um caso sério de paranoia. Roman não parece preocupado e me conduz ao redor dela, brincalhão e impassível.

Caminhamos em silêncio, Roman tão confiante como sempre, enquanto eu faço meu coração se acalmar. Estou no piloto automático enquanto o sigo.

Ele fecha a porta suavemente quando entramos na enfermaria. — Está tudo bem. Eu não vou contar a ela.



— Não estou preocupada com isso. – eu esfrego minhas têmporas. — E se você tiver problemas? Eu não deveria ter pedido a você para fazer isso.

— Lola...

Mas eu não permito que ele termine. — Esta foi uma má ideia. Sem falar que é completamente desonesto esconder isso de June. Ela me deu essa oportunidade, e eu agradeço mentindo para ela.

— Lola...

— Ela não tem sido nada além de legal comigo e...

Desta vez, no entanto, é a vez de Roman me interromper. Não por palavras, mas sim pelo toque.

Ele está diante de mim, pressionando suas palmas enormes em minhas bochechas antes que eu possa registrar suas mãos em mim - de novo. — Simplesmente pare.

Meu coração começa a uma batida desconexa constante.

— Vai ficar tudo bem... *você vai* ficar bem. Se vamos fazer isso, você precisa confiar em mim. Você confia em mim? – eu vejo o azul em suas íris virar um cinza tórrido e escuro.

A pausa significativa está associada a tudo, menos ao silêncio. — Sim.

E eu confio.

O calor de suas mãos ainda pressionado em minhas bochechas diminui meu frio constante. Ele vê cada plano no meu rosto, com seu toque se tornando mais suave. — Ótimo. Portanto, pare de se preocupar. – Com um toque suave, ele passa os polegares ao longo da maçã do meu rosto antes de abaixar as mãos.



Sua presença é quase sufocante enquanto estamos a centímetros de distância. Preciso colocar alguma distância entre nós antes de implodir. — Devemos começar?

— Claro. Apenas sente-se naquela cama. – ele aponta com a cabeça em direção a uma área com cortinas. — E eu terei tudo que preciso.

Enquanto ele caminha em direção ao armário de suprimentos de vidro, eu caminho até a maca branca e subo. Olhando ao redor, vejo que esta pequena sala contém tudo que um médico precisa. Ninguém gosta de hospitais, mas June fez um ótimo trabalho em se desviar do fato de que esta sala é apenas isso.

Pensamentos de June me fazem pensar sobre o que ela quer falar com Roman.

— Honestamente, posso ouvir você pensando daqui. – Meus lábios se curvam por conta própria. — Aqui está uma curiosidade. Temos o mesmo tipo de sangue.

Encontrando seus olhos cuidadosamente, eu aprecio que posso me perder em suas profundezas azuis porque preciso de toda a distração que puder obter da agulha que ele segura. Um suor frio surge na minha testa.

Roman coloca os suprimentos na mesa lateral de aço inoxidável e coloca um par de luvas de látex azul. — Está tudo bem ter medo. Todos nós ficamos com medo às vezes.

Enquanto ele alcança a agulha, fecho os meus olhos e respiro superficialmente pelo nariz. O algodão embebido em álcool está frio contra a dobra do meu cotovelo. Eu preciso de uma distração.

— O que te assusta? – Seus dedos param de preparar meu braço.



Minha pergunta era muito direta e também muito pessoal. Estou a segundos de me desculpar, mas fico surpresa quando Roman responde. — Não me assusta muito mais. – Sua admissão não é arrogante; é simplesmente honesta. — Mas, na verdade, algumas coisas ainda me assustam.

No momento em que sinto o torniquete sendo preso ao meu braço, aperto meus olhos com mais força.

— Como o quê? – pergunto através de respirações fundas.

— Como o aquecimento global e se uma banda imitadora do *One Direction* está esperando nos bastidores. – Uma risada vacilante me escapa.

Ele é evasivo de propósito, se escondendo atrás de seu humor. Eu quero saber por quê.

Uma pequena picada penetra minha pele antes que meu braço fique pesado e o calor atinja as pontas das minhas orelhas. Eu mordo meu lábio e digo a mim mesma para me acalmar.

— As coisas que me assustam… são do tipo invisível. O que parece inofensivo para a maioria das pessoas é meu pior pesadelo se tornando realidade. – ele revela de repente.

Sua admissão sincera é no que eu preciso me concentrar, não na agulha que está sendo enfiada no meu braço.

— Eu posso me identificar com isso. – eu digo em torno de uma pequena inspiração. — Todos nós temos nossos demônios.

As paredes de repente se fecham sobre mim, e estou achando difícil respirar por outro motivo que não o que está acontecendo na dobra do meu cotovelo. Há silêncio - apenas nossa respiração pesada enchendo a sala de silêncio - mas o não dito é ensurdecedor.



— Os demônios. – declara ele suavemente. — Eles não estão lá fora, Lola. Eles estão aqui... lutando para ser livres. – Ouço dois toques sobre o que eu acho que é sua têmpora.

Meus olhos se abrem, sem me importar se vou ver sangue, agulhas e mais sangue.

Esta é a primeira vez que ele confessa que algo se esconde sob a superfície. — Que demônios?

Ele segura uma bola de algodão e fita adesiva sobre o pequeno ferimento, indicando que terminou, o que foi surpreendentemente rápido. Ele estava certo, ele foi gentil, mas minha fobia de repente ficou para trás porque eu preciso saber o que ele quis dizer.

— Você não quer dizer *quais*? – ele pergunta, tirando as luvas.

Franzo os lábios, confusa. São esses demônios a razão de ele tomar remédio? Isso faz sentido. E *quais*? Isso me faz pensar que há mais de um.

Roman é um enigma.

— Pronto. – ele rotula dois frascos, completamente sereno, enquanto meu cérebro está funcionando a um milhão de quilômetros por minuto. — Os resultados devem chegar em alguns dias. Vou deixar você saber assim que eles chegarem. – Por que a mudança repentina? Ele revelou algo que não deseja que ninguém saiba?

Mas eu não poderia me importar menos com os resultados. Eu quero falar mais sobre ele e seus demônios. — Roman... – Ele faz uma pausa, com a caneta pressionada na etiqueta branca. — Eu... se você precisar conversar, estou aqui. Sem julgamentos. Você está me fazendo um grande favor. O mínimo que posso fazer é retribuí-lo. – eu estou estendendo um ramo de oliveira.
Só espero que ele aceite.



— Obrigado. – ele parece sincero, mas posso dizer pela pressão de seus lábios que seus segredos permanecerão trancados a sete chaves... por enquanto.

Ele vira as costas e se ocupa com a limpeza.

Estou sendo dispensada?

Justamente quando pensei que ele iria compartilhar uma pequena parte de si mesmo comigo, ele se afasta e me deixa querendo mais.

Eu pulo da maca, lendo sua linguagem corporal em voz alta e clara. Roman é um livro fechado, mas a cada momento que passamos juntos, ele revela uma pequena parte de si mesmo. O problema é que quanto mais vejo... mais gosto.

Eu quero fazer tantas perguntas, mas não faço. Ainda com as costas viradas, eu me desculpo.

Enquanto caminho em direção à minha aula de esportes, não posso deixar de me perguntar o que acontecerá quando os demônios de Roman encontrarem os meus.

Meu interior se aquece.

Isso somente pode causar problemas.



Capítulo 08

Já se passaram dois dias desde a última vez que vi Roman, e nem um segundo passou sem ele em meus pensamentos. Não consigo parar de pensar nos demônios dele e se eles têm alguma coisa a ver com quem quer que seja Eleanor.

— Bom dia.

Sua voz rouca me faz esquecer tudo, menos esses sentimentos inexplicáveis que estou formando por ele.

— Bom dia, Dr. Archibald. – Zoe diz, sorrindo para o meu dilema interno repentino.

Ele sorri antes de focar sua atenção em Sadie. Ele fica terno. — Como você está se sentindo hoje?

— Melhor. – ela responde baixinho, nervosamente brincando com sua peça de Banco Imobiliário.

A troca deles desperta meu interesse quando sua resposta revela que ela não está bem - um fato do qual eu nem sabia.



— Você está bem? – pergunto gentilmente, acariciando seu braço. Ela balança a cabeça, mas baixa os olhos, denunciando-se.

Olho para Roman, que franze seus lábios, também lendo seu engano em alto e bom som.

Meu estômago embrulha. Qual é o problema com ela?

— Lola, você tem um minuto?

Sei para que ele quer me ver, fazendo meus nervos já em frangalhos estalarem. — Claro. – respondo, com minha voz pesada e atormentada.

Descendo do banquinho, concentro a minha atenção em Sadie. — Continua de pé? Esta noite?

Ela balança a cabeça, arrumando o jogo de tabuleiro.

Roman anda na minha frente, todo profissional, enquanto o sigo, desejando que ele espere. Comparo nossos passeios habituais com este. Entendo que ele é tão indiferente porque estamos rodeados de pessoas. Eu me pergunto como nós parecemos, porém, quando ninguém está por perto. Ele não mascara seus toques quando estamos sozinhos, e eu gosto disso.

Eu gosto *dele*.

"Diga a ele", diz o subconsciente de Georgia, mas eu sou rápida para reprimir sua sugestão.

Ele abre a porta do consultório, esperando que eu entre primeiro. Passo por ele, saboreando a sua fragrância quente. Sento-me e espero que ele nos feche. Assim que ele o faz, eu respiro feliz por nós estarmos sozinhos.

Enquanto espero que ele fale, noto uma bola de beisebol assinada pelos Yankees em uma



pequena caixa de vidro em sua mesa. Isso é novo. Eu me pergunto de onde veio.

— Eu tenho os resultados do seu exame. – ele começa.

— OK. – eu manco até a minha cadeira.

Meu olhar está cravado nele enquanto ele dá a volta na mesa e se senta em sua cadeira de couro. Ele junta os seus longos dedos, pressionando as pontas nos lábios, e me observa com um olhar penetrante. Eu engulo nervosamente.

— Tudo está perfeito. Podemos começar assim que você estiver pronta.

As palavras são registradas, mas meu cérebro não parece aceitá-las como verdade. — Uau. – eu consigo dizer.

Um sorriso aparece em seus lábios antes que ele abra a gaveta da mesa. Eu observo com interesse enquanto ele produz uma visão que é muito familiar. Segurando dois frascos de medicamentos laranja, ele revela meu destino em suas mãos. — Você começa com duas dessas pílulas amarelas. – ele sacode o conteúdo. — Então, duas das pílulas vermelhas esta noite.

Minha atenção está voltada para os frascos. As pequenas pílulas dentro parecem inofensivas, mas sei que não. Elas são a chave do meu futuro. Ele coloca os frascos na mesa e as desliza em minha direção.

Eles ficam entre nós - um peso nas minhas costas.

Estou diante de duas escolhas. Eu os pego ou não.

Inclinando-me para frente lentamente, pego as pílulas com as mãos trêmulas. Elas parecem leves na minha palma.



Abrindo a tampa, mergulho um dedo dentro e retiro uma única pílula. Mal cobre a almofada do meu ponteiro. Segurando-o entre o indicador e o polegar, eu o levanto lentamente, hipnotizado pela visão.

Esta é a chave - a chave literal para um novo capítulo em minha vida. Posso destrancar ou a jogar fora.

— Eu entendo suas reservas, mas, por favor, saiba que esta é sua escolha. Se não deseja continuar, esqueça que esta conversa aconteceu. – A voz de Roman murmura ao fundo enquanto minha atenção permanece grudada na pílula. Ela brilha. A luz ilumina sua importância.

Eu poderia fazer isso. Eu poderia esquecer que isso aconteceu, que eu tive uma segunda chance. Ou eu poderia...

O suspiro de Roman preenche a sala enquanto coloco a pílula na boca, jogando minha cabeça para trás e engolindo em um movimento suave. Ela desce pela minha garganta, com o gosto de giz me fazendo engasgar, ameaçando voltar, mas engulo duas vezes, engolindo em seco.

Meu corpo treme em uma reação mental ao que acabei de fazer.

— Bem... – A voz de Roman está cheia de orgulho. — Eu ia te oferecer um copo d'água, mas parece que você tem tudo sob controle.

Uma risada fica presa na minha garganta.

Para a segunda dose, aceito a oferta e bebo uma garrafa de água.

— Então o que acontece agora? – pergunto, olhando para os frascos na minha frente enquanto Roman os coloca em um saco de papel branco.



— Agora... – ele se levanta, abotoando seu blazer marinho. — Você vai aproveitar o sol com as crianças. Vá se divertir.

Seu comentário me fez pensar quando ele teria tempo para fazer exatamente isso. Ele está sempre aqui, cuidando dos problemas de alguém. Quem cuida dele?

Ele dá a volta na mesa, pronto para começar o dia, mas um desejo me vence e eu não luto contra isso. Com a porta fechada, não somos ninguém além de nós. O que é um momento, um toque proibido entre dois amigos?

Ele para, levantando uma sobrancelha, sem saber por que estou imóvel. Eu respondo a sua pergunta quando dou um passo à frente, quase peito a peito, e olho em seus olhos. Sua boca se abre e uma exalação ofegante deixa seus lábios. Meu corpo inteiro é um feixe de nervos, mas perseverei. Eu fico na ponta dos pés e envolvo meus braços em torno dele.

Pressiono meu ouvido em seu peito, seu coração bate com um ritmo forte, mas vacilante. No início, ele fica parado, congelado no local, pois minha ousadia o pegou desprevenido. Mas com uma doce rendição, ele cede. Ele envolve seus braços fortes em volta de mim, me esmagando contra seu torso firme. Eu mal posso respirar, mas não faria de outra maneira.

Seu batimento cardíaco é um som que quero engarrafar e manter para sempre. Eu me aconchego mais perto, fechando os olhos. — Obrigada.

— Obrigado? – O som profundo ressoa pelo meu corpo. Aceno contra ele, incapaz de me impedir de esfregar minha bochecha contra o algodão macio de sua camisa. — Pelo quê?

— Por não desistir de mim e acreditar na minha vida, mesmo quando não acreditei.



Ele inala profundamente. — Você só precisava de um lembrete.

Ele não está levando nenhum crédito por seu envolvimento, se opondo, mas se não fosse por ele, não estaríamos aqui, parados em seu consultório, nos abraçando. No momento em que o pensamento passa pela minha mente, percebo que ainda estou agarrada a ele como um bebê coala. Mas o que me deixa sem palavras é que ele está me segurando com a mesma força.

Parece que ambos precisamos de conforto. Mas, eventualmente, ele afrouxa seu aperto, e o meu corpo protesta contra a separação. Eu lamentavelmente o solto.

Não estou arrependida do abraço, mas sua expressão impassível me faz imaginar o que ele está pensando. De repente fico nervosa.

— Desculpe por invadir sua bolha pessoal. Tenho certeza de que deixei meu sapato dentro dela. – acrescento, na esperança de melhorar o clima.

Ele sorri, mas algo se esconde por baixo disso, me deixando ainda mais assustada.

Limpo a minha garganta, pegando o saco com as pílulas. — Obrigada, Dr. Archibald. – De repente, me sinto mal por chamá-lo de Roman.

Uma saída nunca pareceu mais atraente enquanto me movo em direção a ela. No entanto, estou parada no meio do caminho. — Você não fez.

— Não fiz? – São as únicas palavras que eu digo.

— Você não invadiu meu espaço. – ele esclarece enquanto eu lambo meus lábios repentinamente secos.



— É bom saber. – eu respondo levianamente, brincando com a sua resposta.

Por dentro, estou me contorcendo, mas tento o meu melhor para manter a calma. Estou de costas, então não posso ver seu rosto, mas sua voz grossa me alerta para sua sinceridade.

— Sim. Apenas para referência futura. – acrescenta.

— Ok, devidamente anotado. – eu abro a porta. Tenho medo de que, se ficar mais um segundo, direi algo de que me arrependo.

A brisa fresca é maravilhosa na minha pele corada enquanto eu corro pelo corredor, buscando a segurança do meu quarto. Uma vez dentro, eu me encosto na porta, respirando fundo três vezes. Meu coração está acelerado, com a adrenalina disparando correntes vivas até os dedos dos pés.

O saco de pílulas é a coisa mais distante da minha mente, o que é um milagre. Acabei de dar meu primeiro passo em direção ao desconhecido, e não me sinto assustada - me sinto viva, e o motivo é o Roman. O pensamento me deixa mais feliz do que gostaria de admitir.

Afastando da porta, vou até meu notebook e abraço a vida com as duas mãos. Esperando que ele ligue, pego os frascos de pílulas e os alinho ordenadamente. Virando cada etiqueta, olho os nomes científicos, o que deixaria a maioria das pessoas caladas.

Pegando um bloco de notas e um lápis, eu começo com a pílula vermelha. Digitando no mecanismo de busca, posiciono o meu lápis, pronta para aprender.

Os efeitos colaterais incluem:

Náusea, vômito, perda de apetite



Dor de cabeça, problemas de memória, fadiga

Tontura, fraqueza, perda de coordenação

Pegando as pílulas amarelas que tomei esta manhã, também faço uma pesquisa sobre elas.

Os efeitos colaterais são semelhantes, mas podem incluir:

Comichão, dificuldade em respirar, inchaço da boca, suores frios.

Eu imediatamente me sinto ressecada, mas sei que minha mente está apenas pregando peças em mim. Resumindo, eu estarei em um inferno medicado nas próximas semanas. Mas esses efeitos colaterais não são diferentes dos que experimentei antes. A doença vem com o território.

Eu posso fazer isso.

Uma batida suave na porta interrompe minha pesquisa.

Colocando as evidências em minha gaveta, fecho o notebook e corro para a porta. Esperando que meu rosto não traia minha culpa, abro a porta, surpresa ao ver Sadie. Suas bochechas geralmente rosadas estão agora em um branco mortal e seus olhos estão fundos.

— Sadie? Você está bem? – Minha voz estridente trai meus medos.

— Sim, estou bem. – ela morde o lábio seco. Isso é uma mentira descarada, mas não pressiono. — Eu só estou cansada. Estaria tudo bem se eu ficasse aqui? – ela puxa as mangas compridas sobre as mãozinhas, brincando nervosamente com as pontas.

— Claro. – eu abro mais a porta, convidando-a a entrar. Enquanto ela entra, quase parece um esforço para ela se mover.



— Quer fazer uma festa do pijama? – pergunto quando ela fica timidamente perto da porta.

— Mas é dia. – ela inclina a cabeça em confusão.

— Quem disse? – eu fecho as cortinas pesadas, envolvendo-nos na escuridão. Sua felicidade é palpável, o que aquece meu coração.

Nós dois pulamos na cama e, cinco minutos depois, Sadie está roncando baixinho ao meu lado. Um suspiro de satisfação a deixa quando envolvo meu braço em torno dela.

Parece que todos ansiamos por contato humano. Às vezes, um único toque é todo o remédio de que precisamos.

Isso tem meus pensamentos vagando para Roman e nossa interação anterior. Ele está lá para mim mesmo quando não quero que ele esteja. Quero fazer o mesmo por ele. De repente, me lembro da bola de beisebol dos Yankees que vi em seu consultório.

Ele está preso aqui 24 horas por dia, sete dias por semana, então eu duvido que ele tenha visto um jogo nesta temporada.

O mais gentilmente que posso, pego meu celular da cômoda, não querendo perturbar Sadie. Abro a página inicial dos Yankees e clico na guia ingressos. Ao ler cuidadosamente a programação, uma data se destaca. É o aniversário de Roman. É um jogo em casa e também no sábado à noite.

Ele pode passar a noite se não quiser voltar para cá depois do jogo. Ou ele poderia passar a noite com um amigo. Ou alguém especial.

Rangi os meus dentes com o pensamento. Mas não posso ser egoísta e presumir que ele irá sozinho. É o aniversário dele, pelo amor de Deus. Ninguém deve passar o aniversário sozinho; independentemente do



quanto eles se opõem a celebrá-lo.

Decisão tomada, permito que a página da web escolha os melhores assentos disponíveis e insiro os dados do meu cartão de crédito. Dois ingressos são enviados para minha caixa de entrada minutos depois.

Sinto-me bem com minha espontaneidade e espero que Roman também.

Quando Sadie acordou, passamos a tarde inteira rindo, tirando selfies idiotas e assistindo filme após filme. Foi a melhor tarde que tive em muito tempo. Mas agora, a dor torcendo meu estômago em nós me dá vontade de me enrolar em uma bola e morrer. Já se passaram cerca de duas horas desde que Sadie foi embora, e Roman me mandou uma mensagem, lembrando-me de tomar minha próxima dose. Eu tomei, e agora estou sentindo os efeitos dez vezes mais.

Tudo começou com uma tontura repentina, seguida por náusea.

Fico de pé, precisando me mover porque estou ficando enjoada ao sentar. No momento em que me levanto, no entanto, desabo no chão, silenciando meu gemido atrás da palma da mão. Parece que mil facas estão marchando em círculo ao redor do meu estômago, não satisfeitas até que eu esteja totalmente sangrando.

Encolhendo-me em uma bola, coloco os meus braços em volta de mim. Uma dor feroz dilacera meu corpo, e sinto o gosto de sangue enquanto mordo minha língua para silenciar meus gritos.

Eu posso fazer isso, repito inúmeras vezes. Já passei por coisas piores. Isso pode ser verdade, mas a minha mente esqueceu propositalmente esse



nível de agonia, nunca querendo reviver tal tortura.

O suor cobre meu corpo, mas sinto que fui pega nua em uma tempestade de neve. A náusea vem em ondas violentas, tão brutais que quase desmaio de dor. Quase desejo que sim.

Silenciosamente me arrastando pelo chão, chego na cabeceira, esperando que meus dedos passem sobre meu celular na minha cômoda. Quando o fazem, eu gemo de alívio.

Apertando os olhos, esperando que a ação ajudasse a dissipar minha visão embaçada, eu seguro o celular na minha frente. A tela se move dentro e fora de foco, mas no momento em que fica nítida, eu digito a única palavra que posso. A única palavra que ele vai entender.

Girassol.

O celular escorrega da minha mão e minha cabeça bate no carpete enquanto me encolho. Está quieto aqui, com a dor latejando ao fundo. Tudo está tão desordenado - partes de realidade escorregando de minhas mãos. Não sei mais onde estou ou quem sou. Mas não posso deixar de pensar que talvez seja onde sempre estive destinada a estar.

Não percebo que estou vomitando até que a minha garganta fica sensível, com a ardência quase me deixando inconsciente novamente.

— Não se atreva! Lute, Lola. Fique acordada!

Meus olhos se abrem, sua voz é a única âncora de que preciso voltar para o agora. Enquanto pisco incontáveis vezes, meu cérebro turvo



tenta decifrar onde estou. Mas meus arredores são desconhecidos. Eu sei que estou de cara no vaso sanitário, mas de quem?

— É isso aí. – eu reconheceria essa voz de qualquer canto do mundo. Roman esfrega as minhas costas, com um movimento surpreendentemente calmante.

Vou fazer minha respiração desacelerar e levar um momento para ver através da névoa. A última coisa de que me lembro é desmaiar no chão do meu quarto.

— Lola, você pode me ouvir? – Sua voz perturbada me aproxima mais perto deste plano, e a névoa começa a se dissipar.

Eu aceno, com muito medo de falar.

— Você está na minha casa. Na verdade, está no meu banheiro. Recebi sua mensagem de texto e encontrei você desmaiada no chão do seu quarto. Você acha que pode levantar sua cabeça? Garanto que há coisas muito melhores para ver aqui.

Sua piada me faz rir, mas gemer um segundo depois quando minha cabeça parece que está à beira de explodir. — Ah, vá se ferrar.

— Sinto muito. – ele ri, esfregando entre minhas omoplatas.

Quando penso que posso enfrentar a terra dos vivos, levanto a cabeça com cansaço e quase comemoro quando o cômodo para de girar. Meu cabelo cai suavemente em volta do rosto e minha boca parece mais seca do que o deserto do Saara.

— Aqui. – Roman me passa um copo d'água, e eu o engulo. Meu estômago ronca, mas fecho os meus lábios, insistindo em mantê-lo. — Você quer se deitar?

Eu aceno, com certeza posso me mover sem vomitar.



Roman gentilmente segura meu cotovelo e me ajuda a levantar. Minhas pernas parecem gelatina, mas não permito que isso me desanime.

Damos dois pequenos passos antes de eu tremer. — Eu estou aqui e não vou deixar você cair. – garante Roman, envolvendo o braço em volta de mim. Sua força acalma minha fraqueza, e eu me inclino contra ele, grata por seu apoio.

Damos passos de bebê, mas, eventualmente, chegamos à sala de estar.

Um pensamento ocorre de repente. — Sinto muito por ter arrastado você de sua cama para vir resgatar minha bunda. – ele está com um moletom cinza escuro e uma camiseta branca. Provavelmente, o acordei.

— Nem mesmo mencione. – ele responde rapidamente, apertando seu abraço em torno de mim. — Eu não tive que ir muito longe.

Podemos abordar o assunto de seu endereço mais tarde, porque a sala começa a girar novamente. — Por favor, não vomite. Acabei de limpar à seco o carpete. – Seu humor faz minha doença diminuir, e nós atravessamos a sala ilesos.

Ele acende a luz, exibindo um quarto impressionante. Uma enorme cama coberta com seda preta fica bem no centro, com uma mesinha de cabeceira de cada lado. Uma pintura abstrata colorida fica acima da cabeceira de madeira, dando ao quarto elegante um toque moderno.

Cambaleamos até a cama, onde Roman puxa as cobertas com uma das mãos. — Aqui. Deite-se.



Eu faço o que ele diz porque aqueles lençóis de seda parecem muito convidativos para não fazer isso.

Sinto que estou deitada entre as nuvens enquanto me sento no colchão com um suspiro. Roman está sentado na beirada, me observando. Olho para ele e a realidade de onde estou deitando - o tecido embaixo de mim impregnado com seu aroma. Eu imediatamente sinto um cobertor me envolver.

— Obrigada. Por tudo. – Se eu listasse todas as coisas pelas quais sou grata, ficaríamos aqui a noite toda.

Roman concorda. — Não há necessidade de me agradecer. Lamento que você tenha passado mal.

— Não é sua culpa. É tudo parte do pro... problema. – eu controlo uma respiração funda, desejando ter acabado com minha gagueira.

— Descanse um pouco. – Roman afasta o cabelo da minha testa.

Quando ele se levanta, agarro seu pulso. — Aonde você vai?

— Vou deitar no sofá.

Ah, certo. Claro que ele vai. Isso é o que um cavalheiro faz.

Eu o soltei, sorrindo timidamente. — Não apenas perturbei o seu sono, mas agora, roubei sua cama também. Vou compensar você. Prometo. – eu bocejo, com os meus olhos fechando.

Presa entre a realidade e o mundo dos sonhos, não sei o que é real e o que não é. Então, quando ouço Roman sussurrar: — Você já fez isso. – Eu não posso deixar de cair em um sono mais profundo em paz total e completa.



Capítulo 09

Só acordo porque meus músculos rígidos protestam. Não tenho ideia de quanto tempo estou dormindo. O fato de meus olhos não estarem ardendo é um sinal claro de que dormi mais de três horas.

A luz do banheiro entra pela fresta da porta entreaberta. Demoro um momento para me ajustar à escuridão, mas quando o faço, me deparo com uma visão que me lembra onde estou.

As costas nuas de Roman me cumprimentam. Ele está de pé ao pé da cama, prestes a vestir uma camisa social branca. Eu nunca vi um homem se vestir antes. Calça preta justa baixa em sua cintura estreita, chamando atenção para seu tanquinho. Os músculos de seu corpo se contraem e se curvam enquanto ele coloca os braços na roupa.

Depois de enfiar a camisa dentro da calça, ele pega uma gravata na cômoda alta à sua frente. Não é necessário um espelho, pois ele a coloca em volta do pescoço e a amarra com precisão. É uma tarefa que ele fez mil vezes antes, mas não para mim, não consigo desviar os olhos. Presumo que as abotoaduras sejam a próxima



adição à sua rotina. Uma vez que ele está vestido, ele abre uma gaveta e procura o que eu logo percebo que são meias.

Quem teria pensado que ver um homem se vestir, em vez de se despir, poderia ser sexy como o inferno? Talvez o meu cérebro esteja realmente cansado. Ou pode ser sua colônia almiscarada nublando meu bom senso.

— Bom dia.

Eu grito de surpresa, completamente destruída. Eu me pergunto por quanto tempo ele sabia que eu estava olhando.

— Bom dia. – eu respondo, com minha voz rouca.

— Dormiu bem?

Mudando de posição, eu me inclino contra a cabeceira da cama, puxando o cobertor sobre meu peito. — Sim, eu dormi, na verdade. Melhor sono que eu tive em anos. Devem ser os lençóis de seda.

Roman ri antes de se virar e quase me dar um ataque cardíaco. Seu cabelo está úmido, com os fios mais longos despenteados. Na hora, ele passa os dedos por ele, penteando-o para trás. Ele não se barbeou, então sua barba está mais longa e mais áspera.

Lembro-me de fechar minha boca quando uma covinha aparece na sua bochecha esquerda. — Quer comer alguma coisa?

A ideia de comida revira meu estômago. — Não, obrigada.

Ele se senta ao pé da cama, colocando as meias e os sapatos. Assim que termina, ele olha por cima do ombro. — Tenho que trabalhar.

— Ah, certo. Desculpe. – ele quer que eu vá embora, mas é educado demais para dizer. Tento empurrar os cobertores, mas paraliso quando Roman



coloca a mão na minha perna.

— Não. – ele sorri. — Eu não estou te expulsando. Só quis dizer que tenho que ir, mas você pode ficar.

— Ficar aqui? – eu questiono caso esteja perdido na tradução. Hoje é meu dia de folga, então acho que poderia, mas estou dividida.

— Sim. Você não está confinada ao quarto, no entanto. Este não é um romance de Stephen King. – Eu balanço a minha cabeça, sorrindo. — Estarei de volta por volta das duas e meia.

— Tem certeza de que está tudo bem ficar aqui?

— Claro. Eu escondi todos os objetos de valor e tranquei o armário de bebidas. – Eu comecei a rir, amando essa facilidade entre nós. Ele aperta minha perna antes de se levantar. — E, além disso, Freud vai adorar ter uma companheira de brincadeira. – Na hora, um latido alto e animado soa na porta. — Fique à vontade. Se você precisar de mim, é só ligar para o meu celular.

— OK. Obrigada.

Pegando seu blazer nas costas de uma cadeira, ele enfia as chaves, a carteira e o celular no bolso. — Pronta? – ele pergunta com um sorriso.

— Pronta? – eu levanto uma sobrancelha.

Minha pergunta é respondida um momento depois.

No momento em que abre a porta, um Golden Retriever turbulento entra correndo no quarto, pulando na cama com um grande salto. Ele não tem nenhum problema em invadir o meu espaço pessoal enquanto cai no meu colo, exigindo carinho na barriga.

— Ei, garotão. – eu murmuro, coçando sua mandíbula antes de ir para sua barriga.



Roman esconde seu sorriso sob a palma da mão. — Acho que ele gosta de você.

— Bem, o sentimento é definitivamente mútuo. – eu continuo coçando a sua barriga com as duas mãos, rindo quando a sua grande língua rosa sai do canto da boca. — Tenha um bom dia. Seu bebê de pelo está em boas mãos.

— Eu posso ver isso. Sortudo, Freud. – ele encolhe os ombros em seu blazer enquanto sinto minhas bochechas empolarem. Ele nos dá uma última olhada antes de sair, com a porta da frente fechando alguns segundos depois.

Quando somos apenas nós, eu expiro alto. — Seu papai é diferente. – Freud late em harmonia.

Eu me levanto, grata por estar firme em meus pés. Depois de ontem à noite, eu não sabia o que esperar.

Espio ao redor do batente da porta, sem saber em que direção fica a cozinha. Freud late uma vez e desce o corredor acarpetado. Sem nada a perder, eu o sigo. Quando ele vira à direita, vejo que mais à frente fica a cozinha. Cachorro esperto.

A cozinha pequena, mas bem abastecida, é bem iluminada e aconchegante. Duas banquetas de madeira de encosto alto estão alinhadas sob a bancada de mármore. Uma tigela de frutas com uma banana e um bule de café acabado de fazer está por perto.

Praticamente corro em direção ao café, com meu olfato dando uma cambalhota de excitação. Depois de me servir de uma xícara, eu a seguro, desfrutando do aroma amargo, mas rico.

Eu me pergunto há quanto tempo Roman vive aqui, onde quer que seja. Com esse pensamento em mente, faço um tour. Freud mostra o caminho. A primeira parada é a sala de estar, onde um grande sofá



de couro preto se curva em torno de uma mesa de centro oval de vidro. Uma luminária alta fica à direita, mas a peça central da sala são as estantes que revestem todas as paredes. Volumes e mais volumes de livros estão empilhados, sem uma prateleira sobressalente à vista. Uma TV de plasma está na parede acima de uma lareira.

O próximo da lista é o escritório de Roman. É muito parecido com o do trabalho. Há também um quarto vago, mas é bastante esparso, com apenas um sofá de couro velho e algumas caixas empilhadas. Eu rapidamente fecho a porta, sentindo como se estivesse invadindo um espaço que não deveria ser visto.

Volto para a cozinha, pronta para minha segunda xícara de café.

A casa de Roman é humilde, mas contém todas as coisas de que ele precisa. No entanto, falta uma coisa importante - fotografias. Mesmo em minha casa sem amor, Camille tinha fotos em exibição. Elas estavam lá apenas para se mostrar, mas independentemente, estavam lá. Esta casa carece de um toque pessoal. Roman fez isso de propósito? Ou talvez ele simplesmente não goste de fotos. Isso não é um crime, mas não posso deixar de pensar que há uma razão por trás da sensação impessoal.

Assim que termino meu café, lavo minha xícara e coloco na lava-louças. O relógio na parede revela que já passa das sete da manhã. Eu realmente adoraria um banho, mas não tenho roupas limpas. Tenho certeza de que Roman não se importaria se eu pegasse emprestado uma dele. A ideia de vasculhar suas gavetas parece uma invasão total de sua privacidade, entretanto.

Mas desfilar nua também.

Antes de vasculhar suas gavetas, faço sua cama. Eu ergo o punho quando encontro uma velha camiseta dos



Yankees e um moletom. Eu tiro a roupa no caminho para o banheiro, deixando um rastro de roupas.

As gotas de água quente parecem celestiais contra a minha pele enquanto o chuveiro cai como uma chuva forte. Fico sob o jato por vinte minutos, com minha mente calma.

Assim que saio, pego uma toalha limpa em uma longa prateleira retangular. Levo o tecido macio para o meu nariz e dou uma grande cheirada. Tem um cheiro fresco, como sabão em pó, mas há um pouco da colônia que é marca registrada de Roman.

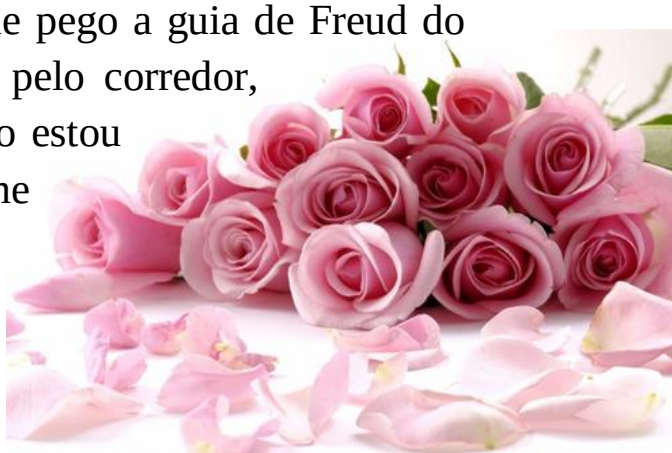
Nunca me senti assim por ninguém antes. Certo, eu realmente não estive perto do sexo oposto, mas tenho a sensação de que, mesmo se estivesse, todos eles seriam difusos em comparação com Roman. Eu brinquei e beijei alguns caras, mas ainda sou virgem. Ficar doente na minha juventude dificilmente me tornava material datável.

Vestindo roupas do Roman, eu rio da minha aparência no espelho porque suas roupas estão penduradas no meu corpo magro. Pegando na bainha desta camisa tão amada, eu me pergunto qual é a história por trás dela. Se não fosse por esta camiseta e a bola de beisebol em seu consultório, eu nunca teria sabido de seu amor pelos Yankees.

Isso me fez pensar sobre a falta de objetos pessoais não apenas em seu consultório, mas também em sua casa.

As caixas no quarto de hóspedes podem estar cheias com seus bens mais valiosos. Fotografias de entes queridos. Talvez ele esteja se mudando e tenha guardado tudo.

Decidindo dar um passeio, eu calço os meus Chucks e caminho em direção à cozinha. No momento em que pego a guia de Freud do gancho perto da porta, ele vem correndo pelo corredor, com a língua e o rabo balançando. Quando estou prestes a abrir a porta, o telefone toca, me



assustando quase até a morte. Olho para ele na bancada, me perguntando se Roman está ligando para garantir que eu não queimei sua casa.

O telefonema revela quem é um segundo depois, quando o aparelho atende.

“Oi, você sabe o que fazer.” A voz mecânica de Roman ainda tem o poder de me dar arrepios.

"Ei, cara, é o Teddy. Tentei seu celular, mas provavelmente você já está no trabalho. Queria que você soubesse que está tudo pronto para... primeiro de Setembro. Não tenho ideia de por que essa data é tão obrigatória, mas conheço você há tempo suficiente para saber que não devo fazer perguntas. Ligue-me quando estiver livre. Vamos tomar uma cerveja.”

Os bipes contínuos anunciando o fim da ligação ressoam no meu coração acelerando. O que há de tão especial nessa data? Mas o mais importante, o que está acontecendo nesse dia? Milhares de cenários diferentes passam pela minha mente e meu pulso dispara de repente.

Por que uma ansiedade paira sobre mim?

Freud late, balançando a cabeça para mim. — Eu estou apenas paranoica. – murmuro baixinho para ninguém em particular. — Ele poderia estar fazendo mil coisas, como desinfetar a sua casa para detectar insetos ou cortar o cabelo.

No entanto, minhas razões não dão certo e eu franzo a testa.

Acordo com uma grande lambida desleixada sendo dada na minha bochecha direita. Com um grito, abro os olhos, o que só incentiva



Freud a continuar lambendo meu rosto. — Você é um idiota.

— Mas um idiota adorável. – Eu levanto, quase me encolhendo. Roman ri e o som aquece minhas entranhas.

— Quando chegou aqui? – pergunto. Depois da minha caminhada, voltei aqui e deitei no sofá de Roman.

— Cerca de uma hora atrás.

— Por que você não me acordou? – O rubor sobe pelo meu pescoço.

Ele diz. — E interromper a ressonância da natureza? Eu acho que não. Eu nunca soube que havia tantos sons que um nariz humano pudesse produzir.

O rubor se transforma em um inferno, e cubro meu rosto, envergonhada.

Roman ri mais uma vez.

Seu toque é quente enquanto os seus dedos agarram o meu pulso, puxando minhas mãos para baixo.

Encontrando seus olhos, me sinto um pouco melhor quando um sorriso de lado curva seus lábios.

— Então, eu ronco? Nunca dormi ao lado de ninguém antes, então não saberia. – Minha tentativa de ser atrevida me fez fechar a boca e pressionar meus lábios.

Roman lê meu desconforto e, no verdadeiro estilo do Roman, ele ameniza o golpe. — Você também baba... mas quem está marcando o placar?



Uma risada me escapa, e desta vez, em vez de me esconder, eu ataco e dou um tapa de brincadeira em seu braço.

— Como foi o trabalho?

— Estava tudo bem. Eu estava no St. Mary's Hospital, não no Strawberry Fields.

— Quanto tempo você trabalhou lá?

— Cerca de quatro anos.

— Entre isso e Strawberry Fields, quando você tem algum tempo de inatividade?

— Eu não tenho. – ele responde uniformemente. Quando meus lábios se fecham em uma cara fechada, ele balança a cabeça. — Eu escolhi esta vida. Eu não faria de outra maneira.

— Eu sei, parece tão...

— Chato?

Eu desvio meu olhar. — Não, eu ia dizer solitário.

O silêncio preenche o espaço entre nós, e eu me preocupo por ter cruzado uma linha.

— Saber que ajudei tantas pessoas é a companhia de que preciso. Além disso, quem quer estar ligado a alguém como eu?

Não posso acreditar no que estou ouvindo.

— Trouxe suas pílulas e uma muda de roupa. Mas vejo que você fez outros planos. – Cuidadosamente encontrando seus olhos, eu respiro um suspiro de alívio quando ele não parece zangado por eu ter invadido seu quarto.

— Suas pílulas estão no banheiro.



Eu aceno e caminho pelo corredor.

Vasculho os frascos, pego duas pílulas e jogo na garganta. Abrindo a torneira, coloco um pouco de água no copo e bebo. A ardência ainda está lá, mas sei que está tudo na minha cabeça.

Assim que eu caminho pelo corredor, ouço Roman falando com alguém em um tom baixo.

Eu paro, meio passo, e encosto na parede. Eu não deveria escutar, mas a tentação é muito grande, especialmente quando ouço quem está na porta.

— Tamara, agora não é uma boa hora.

— Por que não? Eu sei que você tem a tarde de folga.

— Eu tenho, e é precisamente por isso que agora não é uma boa hora. Tenho coisas para fazer.

— Talvez eu possa ajudar? – Quase sinto pena dela. O coração quer o que o coração quer, e Tamara não pode evitar que, independentemente das rejeições, ela quer Roman.

— Obrigado, mas prefiro fazer isso sozinho.

— Fiz algo errado? – A mágoa é clara em seu tom.

— Não, claro que não. – O aborrecimento é claro na dele.

— Então por que está me dando uma bronca? Entendo que você está emocionalmente indisponível, você está há anos, mas pensei que as coisas mudariam. Você ergueu este muro ao seu redor e não deixa ninguém entrar.

— Tamara...



— Não, não desta vez. É minha vez de falar. Eu gosto de você. Eu gosto há algum tempo. Você sabe disso. O que mais posso fazer para provar que meus sentimentos por você são verdadeiros?

Uau, estou realmente invadindo um momento privado. Eu deveria dar a eles a privacidade que eles merecem, mas não dou.

— Estou fazendo isso por você. Eu não sou alguém com quem você deseja namorar. Apenas confie em mim.

— Como você pode dizer isso? Você é incrível. Não só para olhar, mas também por dentro. Roman, você é um cara ótimo. Você é o homem perfeito.

— Não existe tal coisa. – A amargura me faz recuar. — Não estou dizendo isso porque quero que me diga que sou um grande partido, ou para que você infle meu ego. Estou dizendo isso porque é como me sinto. Também é verdade. Isso não vai mudar tão cedo, então, para nunca mais ter essa conversa novamente, por favor, apenas pare com isso.

Ai. Que tapa em seu ego.

Suas fungadas revelam que suas palavras duras foram absorvidas. — Tudo bem, faça do seu jeito então. Você vai morrer como um velho solitário.

— Só posso esperar que sim.

Levanto uma sobrancelha, sem saber o que ele quer dizer.

Uma fungada segue o suspiro exasperado de Tamara. — Adeus, Roman. – Seus saltos batem contra a varanda da frente e descem as escadas de madeira.

Eu nem sei como processar o que acabei de ouvir. Eu queria ter uma visão melhor da vida pessoal de Roman, e agora que tenho, estou ainda



mais confusa. Acredito nele quando diz que está dizendo isso para o bem dela. Ele realmente acredita que não é bom para ela, ou para ninguém, na verdade. Mas a questão é que ele não está dizendo isso a ela porque tem baixa auto-estima ou precisa de um impulso de ego. Ele está dizendo a ela porque está sobrecarregado com algo que acredita que o torna um parceiro indesejável.

O que é isso?

— Você pode sair agora.

Não me surpreende que eu esteja completamente ferrada. Você pensaria que eu me importaria, mas não me importo. Agora posso resolver os problemas que estão surgindo na superfície.

Roman está de pé no centro da sala, de braços cruzados. Ele espera que eu fale. — Então…

— Então…

— Você tem a tarde de folga. Essa é uma boa mudança. – eu preciso de algum tempo de aquecimento antes de tentar pedir a ele para desabafar. Ele obviamente não está esperando minha resposta, porque de repente ele cai na gargalhada.

Poderia importuná-lo e pedir-lhe para decodificar o que toda conversa significava, mas embora ele tenha entrado em minha vida e me feito enfrentar coisas que não queria enfrentar, ele sempre fez isso dentro dos meus limites. Tenho a impressão de que este é um assunto delicado para Roman, e sei como é quando alguém pressiona quando você não quer ser pressionado.

Ele tem, de uma forma indireta, respeitado meus desejos, então farei o mesmo. Se ele quiser me contar sobre seu passado, quero que seja porque ele quer compartilhá-lo, não porque eu perguntei.



— Já que está livre, que tal almoçarmos? – Linhas de expressão se juntam entre sua testa. Ele acha que há um problema, mas não há.

Quando minha postura irradia nada além de sinceridade, sua postura relaxa e seus braços caem para o lado. — Certo. Eu sei o quanto você amou andar de moto. – ele reflete. — Para sua sorte, tenho outro meio de transporte com quatro rodas.

Cruzando os meus braços sobre meu peito, desafiadora. — Onde está a diversão nisso?

Roman balança a cabeça. — Você está cheia de surpresas. – Minha resposta ousada o pega desprevenido.

Decidindo que este será a única confirmação que farei sobre o que acabei de testemunhar, eu afirmo: — Nós dois estamos.

Depois do almoço, Roman parou no supermercado porque aquela banana solitária em sua fruteira era o único grão de comida em sua casa.

A distração de abastecer a geladeira de Roman tirou minha mente das coisas. É bom se preocupar com outra pessoa além de mim.

— Está com fome? – Sua pergunta é simples, mas continuo muda. — Já que tenho toda essa comida, que tal cozinharmos um pouco?

— Você quer comer? Aqui? – pergunto, garantindo que o ouvi corretamente.

Ele balança a cabeça, esfregando a nuca. — A menos que você tenha algo contra comida e minha casa, e queira voltar?



— Não! – eu respondo, um pouco mais alto do que eu esperava. Eu me encolho enquanto volto rapidamente. — Claro, que eu poderia comer. O que tem no menu?

— Você gosta de macarrão?

— Eu adoro macarrão. – respondo com um pouco de entusiasmo demais.

— Massa, então. – Uma bolha de excitação cresce em minha barriga. Estou muito feliz por passar a noite aqui.

Roman passa por mim enquanto rapidamente recuo para sair do caminho. No entanto, quando ele abre uma gaveta e se afasta, coçando a cabeça, sei que ele não tem ideia do que está procurando.

— Saia do caminho. – eu entro apressada, brincando, empurrando-o para o lado com meu quadril. Ele vai de boa vontade.

Junto tudo que preciso para fazer um espaguete à bolonhesa. Roman se senta em uma banqueta da bancada, observando cada movimento meu. De repente, estou nervosa, mas tento esconder meu nervosismo.

— Então, quem ensinou você a cozinhar? Sua mãe?

Não posso deixar de rir. — Está brincando comigo? Minha mãe não distingue uma colher de uma espátula. Eu aprendi desde cedo como me virar sozinha.

— Parece que ela não vai concorrer à categoria de mãe do ano tão cedo.

— Tem razão.

— Quantos anos você tinha…?



— Quando fiquei doente? – eu preencho o espaço em branco enquanto levanto os olhos da casca do alho. Roman concorda. — Vinte e um.

Sua compaixão aparece enquanto ele balança a cabeça. — A vida é realmente injusta. Sinto muito, Lola.

Eu levanto meus ombros. — As coisas são como são. Ainda fico amarga, mas, de certa forma, realmente vivi uma vida extraordinária. Só agora estou começando a perceber isso. – eu não apenas surpreendo Roman com minha confissão, mas também me surpreendo.

Ele passa os dedos pela nuca, parecendo refletir sobre o que acabei de dizer.

— E quanto a você? – pergunto, virando-me para pegar uma faca da caixa de madeira.

— E eu o quê? – ele é evasivo por um motivo, mas desta vez, eu não deixo escapar.

— Sua mãe cozinhava? – O cômodo a um grau ártico quando me viro e o vejo se mexer desconfortavelmente em sua cadeira.

— Ela... – ele limpa a garganta. — Ela costumava cozinhar.

Corto os tomates, sem pressioná-lo a divulgar algo que ele não se sinta confortável em compartilhar.

— As coisas mudaram. Meus pais se divorciaram quando eu tinha quatorze anos. Eu pulava de casa em casa, mas morava principalmente com meu pai. Minha mãe tinha depressão, então seria mais fácil se eu ficasse com ele. Isso tirou a tensão dela. Meu pai se casou novamente, então gostei de morar com ele de qualquer maneira. Minha madrasta tinha quatro filhos. Éramos uma família grande e feliz.



— E você não estava quando sua mãe e seu pai estavam juntos?

O cômodo está quieto. O único som é a faca cortando a polpa madura.

— Já fomos, mas as coisas mudam. – ele se levanta abruptamente e vai até a geladeira.

Volto a focar minha atenção nos tomates, não querendo sufocá-lo com perguntas.

O som inconfundível de uma garrafa de cerveja sendo aberta me alerta sobre as ações de Roman. Sua mãe tinha depressão. Seu filho poderia sofrer da mesma doença? Isso explica o que vi em seu consultório.

Perdida nos tomates e nas conspirações, eu não vejo Roman até que o cabelo da minha nuca arrepie em consciência intensificada. Ele está parado atrás de mim, olhando por cima do meu ombro. O ato é bastante inocente, mas ainda sinto minhas pernas ficarem fracas e minha boca secar.

— É por isso que você não tem fotos em sua casa?

Nunca saberei por que meu filtro de boca funcionou mal neste momento, mas agora que ele está disponível, não posso voltar atrás.

— Nada passa por você. – Minha pele fica arrepiada, com seu hálito quente contra o meu pescoço. — Não tenho nenhuma fotografia porque todas as memórias que tenho estão aqui. – ele coloca dois dedos contra minha têmpora enquanto paro de respirar. — E aqui. – ele então abaixa a mão e coloca o punho sobre meu coração.

Seu toque é entre meus seios, mas não é nada sórdido. Na verdade, isso traz uma lágrima aos meus olhos.



— Não preciso de um lembrete visual dos bons momentos que compartilhei, porque essas memórias sempre permanecerão comigo. Uma fotografia nunca pode capturar o que sua mente guarda ou o que seu coração sente. Esses momentos não têm preço e nunca vou esquecê-los.

Suas palavras soam verdadeiras porque minhas memórias da Georgia são muito melhores do que olhar suas fotos e lembrar quem ela era. Minhas memórias dela são uma imagem em movimento e me permitem lembrar quem ela é. Na minha cabeça e no meu coração, ela nunca irá desaparecer.

Meu peito sobe e desce, com uma lágrima escorrendo pela minha bochecha.

Roman estende os dedos e pressiona levemente a palma da mão contra meu coração acelerado. — Me desculpe por ter feito você chorar.

— Você não fez. Minhas memórias sim. – Não há necessidade de explicar.

Roman limpa a garganta antes de retornar ao seu lugar.

Assim que as minhas mãos param de tremer, eu continuo preparando o jantar. Eu me pergunto se o que acabou de acontecer será uma memória da qual minha mente tira uma fotografia.

Sentada à pequena mesa de jantar, pego minha refeição mal tocada, enquanto Roman devora até o último pedaço que resta em seu prato.



Ao longo de uma hora, aquela náusea familiar está começando a aparecer. Eu não

disse nada para Roman porque raios me partam se eu vou deixar minha doença estrague a minha felicidade. Assim que ele termina, no entanto, eu pulo e pego seu prato. Preciso de uma desculpa para me mover, esperando que ajude com a náusea.

— Posso fazer isso. Você cozinhou, então é justo. – ele se levanta, mas eu o empurro gentilmente de volta para baixo. Ele me olha confuso.

— Está tudo bem. Estou feliz em fazer isso. Fazer coisas normais como essa me ajuda a esquecer. – E é verdade. Além da última hora, me senti normal e foi maravilhoso.

Limpo os pratos antes de empilhá-los na máquina de lavar louça. Quando me levanto da minha posição, uma sensação de náusea me invade e acho que vou vomitar. Felizmente Roman está distraído quando seu celular toca, dando-me o que eu preciso.

— Vou apenas usar o banheiro. – eu mal consegui pronunciar as palavras antes de sair correndo pelo corredor, com ambas as mãos cobrindo minha boca para parar de vomitar.

Eu bato a porta atrás de mim e corro para o banheiro, vomitando o conteúdo do meu estômago enquanto seguro o vaso. Tremores percorrem meu corpo e tremo, incapaz de parar o vômito. Um leve brilho de suor cobre meu corpo, trazendo o suor frio.

Normalmente, eu estaria me xingando a escolher fazer isso com meu corpo, mas não hoje. Minha mentalidade mudou. Tento colocar um viés positivo nisso, esperando que cada impureza elimine meu corpo da doença que o assola. Certamente, quanto mais eu vomito, melhor fica. Eu uso isso como meu raciocínio enquanto vomito tudo que comi hoje.



Eu me sinto uma merda total, então, quando uma batida suave soa na porta, é esperado que minha resposta seja um confuso, *"Vá embora."* Meus desejos são, é claro, ignorados, e quando a porta se abre, enterro minha cabeça ainda mais no vaso sanitário.

— Lola? – Sua voz preocupada me faz gemer. Me sinto uma idiota. O visual que ele deve ter agora me faz vomitar de novo.

— Não se preocupe. – Minha voz ecoa no vaso. — Não acho que seja contagioso. – Esta dificilmente é a hora para fazer piadas, mas é isso ou eu choro até cair.

Quando seus passos seguem em minha direção, estico minha mão, pedindo que ele fique parado. — Não, não. Eu estou toda nojenta.

Ele me reprova, parecendo despreocupado com meu estado repulsivo. — Não seja boba. Eu não me importo com isso. Há quanto tempo você está se sentindo mal?

Encolho os ombros, segurando o vaso como se fosse minha tábua de salvação. — Cerca de uma hora.

— O que? – ele adverte. — Por que você não disse nada?

— Porque... – Há um milhão de razões, mas apenas uma palavra parece ser suficiente.

— Você é tão teimosa. – Se minha cabeça não estivesse enfiada em um vaso sanitário, eu mostraria minha língua para ele.

Ele se move ao redor do cômodo, empurrando frascos e Deus sabe o que mais para fora do caminho. A torneira fica aberta por alguns segundos antes que ele fecha e siga em minha direção. Eu me rendo porque sei que qualquer tentativa de avisá-lo para ficar longe não será suficiente.

Seu corpo enorme está nas minhas costas, e antes que eu possa perguntar o que ele está



fazendo, um pano quente é aplicado na minha nuca. A sensação acalma meus tremores enquanto meu corpo reage instantaneamente ao calor.

— Isso parece bo... bom. O... obrigada. – Quase gemo de alívio.

Eu não confio muito em mim mesma para remover minha cabeça do vaso, então fico parada, aproveitando a calma. Ele vira o pano, garantindo que eu fique aquecida. Depois de alguns minutos, ele se levanta e molha a toalha mais uma vez.

Meu estômago logo se acalma, mas sei que é apenas um ardil. Ele vai explodir novamente. Sempre é assim. — Si... Sinto muito. – eu gaguejo. De repente, estou com tanto frio. — Eu arruinei uma noite perfeita.

— Lola. – Sua voz está pesada. — Não, você não arruinou. Acredite ou não, hoje é o melhor dia que tive em muito tempo.

Eu meio que rio e meio que engasgo. — Você realmente precisa sair mais então. – Uma onda passa por mim, como um tsunami, pronta para me arrastar para baixo.

— Roman, vá. – É tudo que resmungo antes de ficar violentamente mal mais uma vez. Lágrimas escorrem dos meus olhos e quase engasgo com a ardência. Não resta comida no meu estômago, mas meu corpo quer vomitar.

— Não, eu não vou a lugar nenhum. – ele argumenta. E ele me chama de teimosa.

Estou tão envergonhada que Roman esteja aqui, assistindo a esta visão mais do que horrível. Não se culparia se ele fugisse deste cômodo e voltasse com desinfetante e alvejante.



Não tenho mais nada, mas não consigo parar. A náusea atinge meu estômago, não contente até que eu esteja completamente drenada.

— Honestamente, estou bem. Você pode ir quando quiser... – Meu discurso é de curta duração, no entanto.

O tempo todo em que estou vomitando, Roman nunca sai do meu lado. Ele esfrega minhas costas e segura meu cabelo embaraçado. Se eu não estivesse prestes a desmaiar, agradeceria a ele por ser tão legal.

— Lola, não desmaie. Fique acordada.

— Estou tão cansada. – eu murmuro, com meus olhos fechando.

Ele circula minhas costas antes de me encorajar gentilmente a levantar minha cabeça do vaso. Estou muito exausta para lutar com ele. — Você vai ficar bem.

Com os olhos ainda fechados, eu fico cega, confiando nele completamente. Minha cabeça pende para o lado, mas Roman coloca sua palma contra minha bochecha para se apoiar. Tento me afastar, mas meus esforços são inúteis. Eu não tenho mais forças.

— Por que você está fazendo isso? – É a segunda vez que pergunto a ele, mas desta vez, quero a verdade.

Seu toque vacila contra meu rosto, o primeiro sinal de nervosismo. — Porque é...

— Se você disser que é seu trabalho, juro por Deus, vou gritar. – Isso é um pequeno exagero, mas fiz meu ponto.

Quando ele não fala, eu forço um olhar a meio mastro, garantindo que ele me ouviu, e eu não disse essas palavras na minha cabeça.

Ele engole, uma dor cortando seu próprio núcleo. — Eu... eu perdi alguém muito próximo de mim. – Se eu pudesse suspirar, eu teria suspirado. —



Desde então, eu só... – ele se atrapalha com suas palavras. — Você me lembra ela. Não é por isso que estou ajudando você, eu só...

Nunca vi Roman com a língua presa, mas isso pode esperar porque quem é essa pessoa que ele perdeu? Flashes de sua tatuagem aparecem diante de mim. Pode ser a Eleanor? Isso faz sentido. Mas a próxima pergunta é: *quem é Eleanor?*

— Sinto muito pela sua perda.

— Obrigado. – Abro minha boca, preparada com mil outras perguntas, mas ele me impede. — Como você está se sentindo? – ele pergunta, claramente querendo abandonar o assunto.

— Melhor. – eu confesso, afastando o cabelo da testa. Roman quase parece aliviado.

Ele se levanta cansado e, embora não estivesse vomitando, ele estava comigo a cada tremor no caminho. Passando as mãos pelos cabelos, ele abre o armário de remédios. — Quer um pouco de Pepto-Bismol? Isso vai ajudar a acalmar seu estômago.

Terei todo o gosto em aceitar qualquer coisa, se ajudar.

Aceno, estendendo minha mão. Ele me passa o frasco. Ainda estou um pouco vacilante, então não tento me levantar. Devo aprender a engatinhar antes de andar.

Roman escova os dentes, deixando-me recuperar, o que agradeço. Observo com interesse enquanto ele enxágua a boca antes de abrir o armário de remédios e sacudir dois comprimidos de um frasco. Minha curiosidade é aguçada. Se eu não estivesse tão cansada, perguntaria para que servem.

Quando ele termina, ele se vira, com seu rosto um aglomerado de preocupação. Sinto-me péssima por colocar essa preocupação ali. — Só me



dê alguns minutos e podemos voltar.

Ele estreita os olhos. — Voltar para onde?

— Para Strawberry Fields. – Não espero ficar mais uma noite, pois tenho certeza que já abusei da hospitalidade.

— Você quer ir?

— Não, mas tenho certeza de que você quer sua cama de volta.

Ele balança a cabeça com firmeza. — Bobagem. Você pode ficar aqui. Você não está em condições de viajar.

A perspectiva de ficar mais uma noite é atraente, mas eu não podia permitir que ele perdesse sua cama por mais uma noite. — Eu fico com o sofá.

Ele zomba, ofendido. — Você não fará tal coisa. Suas roupas estão no quarto. Eu vou pegá-las para você.

— Obrigada. – eu estou sem palavras. Sua bondade não conhece limites.

Uma vez que ele está fora da porta, eu respiro fundo algumas vezes e me esforço para ficar de pé. Após a tentativa número cinco, eu me levantei enquanto me inclino contra a parede de azulejos.

Roman entra novamente, com seus olhos se arregalando quando ele me vê reagindo. — Deixe-me ajudá-la.

— Você já fez o suficiente. – Sob essa coragem, no entanto, sou grata pela ajuda, pois estou a segundos de cair de novo. Eu me inclino contra ele, colocando minha palma na parede para ganhar equilíbrio. O cômodo para de girar depois de dois minutos.

— Estou bem. – eu afirmo, firmando minha respiração. Ele me solta, mas está com as duas mãos estendidas, pronta para o caso de eu



cair. — Eu realmente quero tomar um banho.

Ele esfrega a nuca, claramente desconfortável. Eu não entendo por que até perceber o que acabei de dizer. — Ah meu Deus, não, não fui eu sugerindo para você ajudar! Acho que você já viu o suficiente.

— Eu posso ajudar, quer dizer, eu sou um médico... mas eu... – ele aperta os lábios.

Mas ele o quê? Também acha estranho? Por quê? — Está tudo bem, honestamente.

Ele parece aliviado. — OK. Eu estarei do lado de fora da porta. Chame se precisar de mim.

— Não é necessário, mas obrigada. – Quando ele demora, eu o expulso porta afora. E mesmo assim, ele hesita em sair.

Demoro cerca de dez minutos, mas finalmente estou nua. Eu evito o espelho, mas olho para minha barriga côncava. Pareço frágil e doente, mas espero que isso mude em breve. Eu me arrasto até o chuveiro, olhando para as roupas que Roman colocou na borda da pia. Posso dizer que provavelmente pegou um punhado de roupas com os olhos fechados, já que a maioria dos itens não combinam, mas tudo bem. A visão familiar acalma meus nervos.

Quando estou prestes a entrar no chuveiro, um flash vermelho chama minha atenção. Dando uma segunda olhada rápida, quase desmaio por um motivo totalmente diferente. Sob minha camiseta está a bandana da Georgia. Como Roman sabia? Por mais bobo que seja, só estar aqui me dá a força de que preciso.

Este é um sinal de que tudo ficará bem.



Capítulo 10

— Obrigada novamente.

— Não foi um problema, realmente.

O olhar de Roman nunca desvia da estrada enquanto ele nos leva para Strawberry Fields. Pegamos o jipe dele em vez da moto.

Meu estômago sensível parece que engoliu um litro de ácido, mas já está se sentindo melhor. Ao todo, os efeitos colaterais são horríveis quando acontecem, mas o resultado não é tão ruim. Com os testes iniciais, Georgia e eu ficaríamos doentes por dias.

Eu coloco a bandana vermelha em volta do meu pescoço, sorrindo com a memória de quando ela me deu. A admissão de Roman sobre não precisar de fotos para relembrar eventos especiais fica gravada em minha mente. Concordo com ele. Não tenho tantas fotos da Georgia porque nenhuma de nós queria um lembrete de como parecíamos horríveis. Prometemos que isso mudaria assim que melhorássemos. Pode ter sido uma ilusão, mas nos deu algo para esperar.

— Tudo certo?



A preocupação de Roman me afasta da minha cabeça e eu aceno. — Sim, realmente está.

Ele não responde à minha resposta estranha; ele provavelmente está acostumado com a minha estranheza agora. Isso me faz pensar. — Então, você vai me deixar na rua ou algo assim?

— Não. Vou estacionar o carro e depois te levo para dentro. – responde ele.

Eu me viro para olhar para ele, curvando meu lábio em confusão, mas não discuto.

Toda essa escapa poderia colocar Roman em sérios problemas. Eu devo a ele, o que me lembra. Levantando meus quadris, eu enfio a mão no bolso de trás do meu short jeans e pego meu celular.

— Qual é o seu e-mail?

Ele desvia os olhos da estrada, com a intriga e curiosidade franzindo seus lábios, mas ele cita seu e-mail.

Depois de anexar os ingressos ao e-mail, dou uma olhada no assunto e penso em algo inteligente para escrever.

Hut! Hut! Hike![8]

Eu pressiono enviar e sorrio. O celular de Roman vibra em seu bolso. Mensagem enviada.

Roman dá a volta por trás do estacionamento.

O sol está agradavelmente quente quando saio do carro e paro por um momento para sentir os raios balsâmicos em minha pele.



[8] Hut hut hike: é a maneira clássica de dizer ao centro (o jogador do centro) quando jogar a bola de volta.

Fechando meus olhos, eu inclino minha cabeça para trás e me aqueço sob o sol. Se os testes não tiverem sucesso e eu acabasse sucumbindo à minha doença, acho que sentiria mais falta das pequenas coisas. Os raios do sol na minha pele, o som calmante da chuva batendo contra uma janela durante uma tempestade e a tranquilidade de estar com alguém como Roman Archibald.

Nossos caminhos se cruzam com pessoas diferentes por muitos motivos, e não posso deixar de pensar que Roman e meu encontro foram destinados às estrelas. Georgia acreditava muito no destino e no futuro, e agora estou começando a acreditar nisso também. O que quer que aconteça está planejado para nós, e nós estamos apenas segurando, esperando por algo... melhor.

Abrindo meus olhos gradualmente, vejo Roman em pé diante de mim. Ele é um homem requintado, mas por trás dessa beleza existe um ser destruído. Ele me confessou isso ontem à noite, e não posso deixar de me perguntar quem ele perdeu. Eu o lembro *dela*. Ela é a razão pela qual ele está tão fechado para Tamara?

Entramos pelos fundos e abaixo meu rosto, de repente me sentindo como se estivesse fazendo o caminho da vergonha. Nós nos despedimos e, enquanto caminho para o meu quarto, esbarro em Sadie.

Ela está horrível.

Seu vestido verde fica largo em seu corpo ossudo e seus olhos estão fundos em suas bochechas magras. Seu cabelo ruivo curto está se projetando em pontas quebradas, parecendo como se ela tivesse desistido da escova no meio.

— Ei. – ela diz suavemente, torcendo as mãos nervosamente.



Assim que encontro minha voz, coloco minha cara de decidida. — Ei. Seu vestido é muito bonito.

Ela sorri, com um toque de cor tingindo suas bochechas. A visão me dá uma ideia... mas eu posso? A Georgia ficaria desapontada comigo?

“Eu não vou ficar brava, Lola. É hora de abrir mão."

Guardamos itens porque queremos lembrar, mas como posso esquecer alguém que me deu tanto para lembrar?

Desamarrando a bandana, brinco com o tecido, relembrando a força que ele me deu. Agora é hora de emprestar essa força a Sadie. Posso não ser capaz de salvá-la, mas posso segurar sua mão enquanto tento.

— Georgia... – Minha voz profunda silencia o corredor. — Bem, ela deu isso para mim. Era sua coisa favorita. Ela nunca passaria por um tratamento sem ele. Ela nunca me deu um motivo para isso significar tanto para ela, mas acho que não precisa haver um. Encontramos conforto porque às vezes, apenas precisamos dele. Eu não posso te dizer quantas vezes isso forneceu isso para mim. – eu viro a bandana em meus dedos.

— Mas eu... eu não preciso mais disso. Eu encontrei meu conforto em ser sua amiga. – Lágrimas escorrem pelo meu rosto, combinando com as que escorrem pelas bochechas de Sadie.

— Georgia gostaria que eu passasse isso para alguém que precisava mais do que eu. Nunca poderei trazê-la de volta, mas posso compartilhar quem ela foi com você. Com o mundo. E deixe-me dizer a você, ela era inacreditável.

Eu silenciosamente peço permissão.



Ela acena com a cabeça, com seus grandes olhos imersos. Com o maior cuidado, amarro a bandana em volta da cabeça dela, ajustando-a como uma bandana, exatamente como minha Georgia fazia.

"Você fez bem, criança." Eu fungo uma risada. Ela costumava me chamar assim quando fazia o papel de irmã mais velha.

— Obrigada, G. – digo em voz alta, indiferente por estar falando com a voz dentro da minha cabeça.

"Eu te amo, Lola." Eu sei que esta será a última vez que ela falará comigo. Eu a mantive porque precisava de sua força, mas agora é a hora de ser de outra pessoa.

— Só mais um episódio. – Sadie diz com um bocejo, esfregando as pálpebras pesadas.

— Sem chance, criança. Hora de dormir. – eu gentilmente levanto do sofá. Passamos o dia aproveitando o sol antes de voltarmos para a sala de estar e curtir a Netflix.

Roman me mandou uma mensagem ao longo do dia. Não consigo parar de sorrir ao relembrar sua mensagem.

Você realmente não deveria, mas obrigado.

Quando eu estava prestes a responder, uma segunda mensagem chegou.



P.S. Hut! Hut! Hike? Sério? :P Esporte errado.

Meu conhecimento absoluto zero sobre esportes apareceu. Lá se vai a esperteza.

Ainda tem uma bola com jogadores com calças ridiculamente justas, certo? Qual é a diferença? Tanto faz como tanto fez.

Há uma enorme diferença. O beisebol envolve habilidade. NFL abrange concussões.

Pelo que entendi, isso é verdade, mas não saberia em primeira mão.

Curvando-me, coloco um cobertor em volta de Sadie, sorrindo quando vejo a bandana presa em seu cabelo. — Bons sonhos. – sussurro, não querendo acordar o pouco de crianças que desmaiaram ao nosso redor.

— Boa noite. – ela responde, sentando-se na almofada do sofá. — Obrigada.

Ela me pega desprevenida. — Obrigada?

Ela concorda. — Obrigada por ser um motivo pelo qual posso sorrir novamente. De volta para casa, esqueci como era. Acho que é porque não havia uma razão para isso. Mas isso mudou, graças a você.

Minha boca se abre e meu coração incha. Esta pequena menina é uma dádiva de Deus e muito mais. Sentada na beirada do sofá, acaricio sua bochecha com as costas da mão. — Obrigada por me dar um



motivo para fazer alguém sorrir novamente.

Roman imediatamente vem à mente quando ele diz algo semelhante que parece uma vida atrás.

— Irmãs? – ela estende sua mãozinha.

Bato o punho no dela com orgulho. — Para a vida.

— Boa noite, Lola. – Sadie deita sob o cobertor, com seus olhos fechando.

— Boa noite, Sadie. – Quando sua respiração fica mais superficial, eu sussurro. — Eu te amo.

Ando na ponta dos pés pela sala e, no momento em que chego à porta, congelo, com lágrimas ardendo em meus olhos.

— Eu também te amo. – Ela me ama, e é tão bom ser amada.

As luzes fracas do corredor indicam que já passa das onze, então não há muito o que fazer a esta hora, mas suponho que poderia assistir a um filme e torcer para adormecer. Mas a ideia de dormir na minha cama não é tão atraente quanto os lençóis de seda de Roman.

Caminhando para o meu quarto, percebo que meu mancar não é tão aparente. Eu também me sinto mais forte. Meu corpo está carregado. Com tanta energia para queimar, só há um lugar para onde quero ir. Corro para meu quarto e coloco uma roupa que nunca pensei que usaria novamente. Uma vez que meus cadarços estão amarrados e pego uma garrafa de água, fecho a porta e vou para a academia.

Enquanto estou desembaraçando meus fones de ouvido, ouço uma voz quase em surdina. Está vindo da direção que estou seguindo. Suavizando meus passos, viro meu ouvido quando ouço uma voz que reconheci debaixo d'água.



— Eu só... só queria que você reconsiderasse.

— Não há nada para reconsiderar. Acabou. Você sabia qual era a minha decisão desde o início.

— Eu sei, Roman, eu só... por quê? – June sussurra, com sua voz entristecida.

Do que eles estão falando? E por que June soa como se ela estivesse a segundos de começar a chorar?

— Podemos conversar no meu escritório? Por favor. – ela quase implora quando ele permanece em silêncio.

Após uma pausa significativa, ele suspira. — Certo, tudo bem.

Seus passos avançam pelo tapete macio e para longe de onde estou, escondidos e quase sem fôlego. Eu não entendo o que acabei de ouvir, mas parecia terrivelmente grave. O que deixou June quase em lágrimas?

Quero correr atrás deles, encostar o ouvido na porta e finalmente descobrir os esqueletos do armário de Roman, mas não vou.

Uma vez que a barra está limpa, eu ando pelo corredor, incapaz de afastar minha mente do sofrimento de June.

A academia está vazia, enquanto eu estou pronta para enfrentar a esteira e correr até me cansar. Ligando meu iPod, seleciono minha música de treino e aperto o play. No momento em que a música de rock ecoa nos fones de ouvido, eu faço alguns alongamentos leves, não querendo me machucar antes mesmo de começar.

Cinco minutos depois, meus pulmões estão gritando para eu desacelerar, mas eu não desacelero. Tudo em que consigo me concentrar é no peso em meu estômago; a sensação de peso uma premonição do que está por vir. Tento afastar a sensação, mas não consigo. Algo



grande está para acontecer, só não sei o quê.

Eu continuo correndo, aumentando a velocidade, na esperança de fugir de meus medos. Mas eu duvido que algum dia serei capaz de correr tão rápido. O relógio marca vinte e dois minutos, o que é um recorde para meu corpo fora de forma.

Assim que desligo a esteira, tomo a minha água, tendo um momento para recuperar o fôlego. O saco de boxe vermelho está pendurado inocentemente à minha esquerda. A memória de Roman batendo nele com força feroz é tudo menos inocente. Foi aqui que vi sua tatuagem, e o mistério em torno dele começou e só cresceu.

Decidindo liberar um pouco da minha própria energia, vou até ao saco, maravilhada com a textura firme enquanto passo a palma da mão no centro. Roman não mostrou a este saco um pingo de misericórdia, dando golpes que pareciam tão sem esforço. Mas, na verdade, estando na frente dele e sentindo sua densidade, aprecio o quanto forte Roman é. Duvido que meus braços magros possam fazer essa coisa se mover, mas acho que só há uma maneira de descobrir.

Lembrando da postura de Roman, coloco um pé na frente do outro e flexiono os joelhos. Não tenho ideia de como dar um soco, então coloco toda minha força para trás e apenas acerto a coisa e espero pelo melhor. Focando no centro, curvo meu braço para fora e atinjo a uma parede de tijolos.

— Puta merda! – eu seguro minha mão latejante no meu peito.

Contra meu melhor julgamento, olho o saco, desafiando-me com seu estado imóvel. Embora minha mão esteja doendo, foi muito bom bater em alguma coisa. Imagine o que eu poderia conseguir se desse tudo no próximo soco, na esperança de apagar os anos de fúria que não vão desaparecer.



Esta é de repente a melhor ideia que tive o dia todo.

Cada memória negativa e bruta e cada emoção que consigo lembrar vêm à tona, armadas e prontas para explodir. Eu me sinto como uma guerreira preparada para a batalha, mas ao contrário desses guerreiros, meus inimigos estão dentro de mim. Eu me curvo, envolvo minha cintura e, quando estou prestes a bater com força no saco, algo, *alguém* me impede.

Não tenho tempo de me virar para ver quem é porque essa pessoa é repentinamente pressionada contra as minhas costas, com seu aperto firme firmemente em volta do meu pulso preparado. O perfume dele é a primeira coisa que noto e sei sem olhar quem é.

Tento me virar, mas Roman não deixa.

— Onde é o fogo, Rocky?

— Sem fogo. A questão é que este saco se parece um pouco com a cabeça da minha mãe.

Ele ri atrás de mim. — Fico feliz em saber que eu não estou fazendo uma aparição especial em sua visão de violência.

— Não, você é bom. Por enquanto.

Ele libera o controle que tem sobre mim, movendo as mãos para baixo em meus quadris. Um suspiro escapa dos meus lábios entreabertos. — O... o que está fazendo? – ele está excepcionalmente perto, mais perto do que nunca.

— Vou te ensinar como gastar essa raiva sem se machucar. – ele responde em meu ouvido.

— Não estou com raiva. – eu argumento pateticamente, segurando o meu arrepio enquanto sua respiração quente percorre o comprimento do meu pescoço.



— Tenho certeza de que sua mão machucada discorda. – Para enfatizar seu ponto, ele remove a palma da minha cintura e passa o polegar ao longo da dobra do meu pulso pulsante.

— Tudo bem, então, me mostre o que você tem.

É um desafio, que ele aceita com alegria. Ele aperta o aperto em volta da minha cintura, com o calor de seus dedos esquentando a pele debaixo da minha camiseta fina de algodão. Ele me persuade a girar meu corpo, girando meus quadris, então eu me curvo para trás, inclinando-me em seu peito. Ao mesmo tempo, ele puxa o braço que segura, então meu corpo fica inclinado e pressionado contra o dele.

Seu coração bate fortemente contra minhas costas, o ritmo irregular sugerindo que ele está tão ansioso quanto eu. Minha respiração acelera e um tremor passa por mim.

— Ok. – ele aperta os dedos em volta do meu pulso. — Você vai manter o equilíbrio e firmar os pés quando socar. Quando você socar, coloque todo o seu corpo atrás dele. Mantenha o braço na altura dos ombros. Seu polegar precisa estar do lado de fora do punho. Caso contrário, você vai quebrá-lo. – Eu ajusto automaticamente meu punho e faço o que ele instrui. — Feche o punho e tente dar um soco com os dois primeiros nós dos dedos, para não quebrar a mão.

— Manter meu equilíbrio. Firmar meus pés. Faça um punho. Não quebre nada. Algo mais? – pergunto, abrindo e fechando a minha mão para sentir minha nova postura.

— Sim. – ele se inclina para perto, com os seus lábios tocando a curva da minha orelha. Eu prendo minha respiração. — Imagine cada coisa que você odeia, absolutamente detesta, e todos os erros que foram jogados em seu caminho ao longo dos anos e use isso como sua munição para desferir um soco que irá explodir essa raiva. Esse saco é seu inimigo, e



é sua vez de mostrar quem manda.

Seu discurso acelerado faz meu estômago queimar e uma sensação de adrenalina percorre meu corpo. Começo a tremer, mas por um motivo totalmente diferente. Meus olhos se estreitam por conta própria enquanto as palavras de Roman invocam uma necessidade feroz de expulsar essa malevolência dentro de mim. O saco de repente se torna meu pior inimigo, e tudo que posso ver, ouvir e saborear são lembranças amargas, que apodrecem por dentro e me atormentam todos os dias.

Vejo a minha mãe e sua apatia por mim. As inúmeras vezes fui ridicularizada por ser diferente. Vejo o tumor cerebral corroendo meus anos. Mas na linha de frente, eu vejo Georgia, deitada em seu caixão, sua jovem vida arrancada debaixo dela porque a vida simplesmente não é justa.

Eu tremo de raiva quando um grito de guerra vem emergindo da minha barriga, explodindo para fora de mim em um grito angustiante. Mal sinto Roman me soltar quando puxo meu braço para trás, firmo meus pés, forço tudo por trás do meu movimento e bato no saco. Estou esperando ouvir ossos quebrando, seguido por uma dor lancinante, mas não. Tudo o que sinto é uma liberação tão grande que as lágrimas ardem em meus olhos.

Paro por um momento antes que a necessidade de fazer isso novamente me domine, e cedo aos meus instintos primitivos. Desta vez, eu me contenho, com medo de que tenha sido um golpe de sorte que eu realmente acertei o saco. Também me sinto idiota, sabendo que provavelmente pareço uma lunática delirante.

— Vamos, você nem está tentando. – Roman parece desapontado com meu esforço, o que me enfurece.



— Eu também! – eu acerto o saco, mas esqueço seu conselho sobre o posicionamento do meu polegar e estremeço de dor quando quase o quebro.

— Sério? Minha avó pode bater mais forte do que isso... e ela está morta. Coloque algum músculo nisso, Van Allen! – ele está me provocando e está funcionando. Grito e soco o saco de novo, com mais força desta vez, mas ainda não com força suficiente para Roman. — Eu pensei que você fosse uma lutadora, mas talvez eu estivesse errado.

Sua psicologia reversa acelera minha raiva e eu detono.

Eu não sei quantas vezes eu bati naquele saco, imaginando todas as atrocidades que me trouxeram aqui. As lágrimas cegam minha visão, mas trabalho por impulso e deixo minha raiva reprimida me conduzir. Eu me pergunto quantas vezes tenho que bater no saco antes de me sentir normal novamente?

O suor cobre minha pele. Estou sem fôlego e meus braços doem, mas continuo socando, gritando enquanto desfiro cada golpe. Eu não me importo que Roman esteja aqui, testemunhando meu colapso, porque eu não fiz o mesmo com ele? Ele sabe o que é estar atrás do saco porque carrega um segredo tão grande que precisa liberá-lo com ferocidade também.

As injustiças não estão mais pesando sobre meu peito e, embora eu esteja com falta de ar, sinto que posso respirar. Com um último soco, deixo de lado o arrependimento que me trouxe até aqui e choro de alívio. Meus braços e pernas desabam e eu caio no chão, exausta e à beira da histeria.

Roman imediatamente se ajoelhando, afastando o cabelo da minha testa grudenta. Ele olha o meu rosto, examinando cada centímetro para garantir que não quebrei. Ele se tornou a minha âncora,



meu elo para este lugar, e instantaneamente respiro novamente.

Eu encontro seus olhos, aquelas profundezas azuis me arrastando e me afogando em um abismo bem-vindo. Olhamos um para o outro, desprotegidos e crus. Os muros que ele ergueu tão resolutamente em torno de si caem inesperadamente, e eu suspiro. Um inferno fervente envolve suas íris e me queima da cabeça aos pés.

Nenhum de nós ousa dizer uma palavra. O ar está fazendo ruídos e eu me esforço para respirar. Respirações pesadas o deixam antes que ele molhe o lábio inferior com a ponta da língua. O movimento é absolutamente inebriante e deixo escapar um pequeno gemido. Meu gemido é combinado com um som baixo, e levo um segundo para perceber que o som está vindo de Roman.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, ele está avançando lentamente, com a mão pressionada na minha bochecha, usando o toque como orientação para atrair meu rosto ao dele. Todos os pensamentos de engarrafar seu perfume são colocados em espera quando seus lábios estão a poucos centímetros de distância de tocar os meus.

— Roman... – Meus lábios estão tremendo, com a ansiedade aumentando dentro de mim.

— Diga-me que isso é uma má ideia. – ele sussurra, com seus olhos pousando na minha boca.

— Isso é uma má... – Mas eu vacilo, incapaz de continuar.

Esta é uma má ideia por muitos motivos, mas nenhum deles parece importar. A única coisa que importa é diminuir essa distância entre nós e esquecer que o mundo existe.

Fecho os olhos, carregada e pronta para ele, mas não sinto nada. A sala de repente se enche com um bipe, estourando minha bolha e me



trazendo para a realidade do que eu estava prestes a fazer.

Abrindo lentamente os olhos, vejo o arrependimento perturbando Roman. Desvio meus olhos, envergonhada. — Salvo pelo gongo. – digo gentilmente.

— Lola... – Não quero ouvir o que ele tem a dizer porque não sei se esse arrependimento existe porque fomos interrompidos ou por causa do que estávamos prestes a fazer. O som continua e, com um suspiro, ele enfia a mão no bolso e tira o pager.

Demora um segundo, mas quando ele vê quem é, seu rosto se transforma em pedra. Sua máscara impenetrável me envia um calafrio. — Roman? – Minha voz está baixa, com medo.

— Eu... – ele faz uma pausa e sua boca se separa enquanto ele parece procurar pelas palavras certas. Roman nunca fica sem palavras. Eu envolvo os meus braços em volta do meu corpo, de repente com frio. — Tenho que ir. – ele finalmente diz, se recompondo.

Antes que eu possa perguntar se está tudo bem, ele coloca a palma da mão na minha bochecha. Observando o meu rosto, ele implora: — Fique aqui. Prometa-me.

— O que aconteceu?

— Lola, prometa-me. – ele implora, abaixando e me fixando com seu olhar.

Mas eu não posso. Eu posso ver em seus olhos. Esta tristeza está perto. Meu peito começa a doer e eu o esfrego, na esperança de parar de sangrar o meu coração enjaulado. Mas nada pode parar essa dor.

Meus pés agem antes que meu cérebro funcione, e estou correndo em direção à porta, com meu instinto me guiando pelo corredor. Roman chama meu nome atrás de mim, mas nada me impede. Estou correndo com



pura adrenalina, nova e antiga, enquanto meus tênis batem no carpete, atraída pelo desconhecido.

As portas se abrem, com espectadores curiosos pela comoção, mas eu os ignoro, me colocando em movimento até virar o corredor e parar no meio do caminho. A primeira coisa que vejo é Zoe, a apenas alguns metros da sala de estar. Ela está encostada na parede, com as mãos em concha sobre a boca e os olhos arregalados. Ela parece estar em choque. A próxima coisa que vejo é June correndo pelo corredor, com um celular pressionado contra a orelha e seu roupão de seda movendo atrás dela.

Tento chamar Zoe, mas minha boca está seca. Mas ela parece sincronizada comigo e vira em câmera lenta. Seus movimentos podem não ser rápidos, mas nada parece mais real quando as paredes começam a se fechar sobre mim. Encontro força para dizer a única palavra que importa - a única palavra que fará tudo ficar bem novamente.

— Sadie?

Ela simplesmente começa a chorar.

— Não. *Não*. – Uma sensação de choque me eletrocuta, e eu corro em frente, desesperada para descobrir. Não vou longe porque braços determinados envolvem minha cintura e me pressionam contra a rede de segurança de seu peito. — Solte-me! – eu chuto, mas ele não se move.

— Por favor, não olhe. Não me lembro dela assim. – Suas palavras estão cheias de perda e tristeza.

— Não! – eu soluço, como se houvesse um chocalho vibrando dentro do meu peito. — Deixe-me ir, por favor. Eu tenho



que ir. Ela precisa de mim. – Roman aperta seu aperto, como um pilar de força enquanto me encolho em torno dele.

— Sinto muito. Ah Deus, sinto muito. – Essas palavras confirmam o que eu sabia ser verdade no momento em que ele tentou me proteger de nossa realidade. Nossa realidade implacável e cruel que leva tudo, esquecendo como dar.

Minha explosão causou uma cena, dando dicas a outros voluntários sobre o que está acontecendo. O tempo todo, Roman não me solta. Ele é minha força, meu defensor enquanto caio contra ele, soluçando um grito tão gutural que minha garganta parece em carne viva. Ele está atrás de mim, nunca me deixando ir, e se eu estivesse pensando direito, sofreria em outro lugar. Quem estiver olhando pode ver que nossa conexão vem muito além do profissional. Mas não me importo porque preciso dele. Tenho medo de nunca mais voltar rastejando de uma perda sem ele.

June nos observa do lado de fora da porta. Seu rosto não mostra emoção, mas sei que ela vê. Um médico de jaleco branco passa por nós, impedindo June de dissecar o que está acontecendo entre Roman e eu. Ele para ao lado dela e ela aponta para o quarto, balançando a cabeça com um olhar inexpressivo.

Ele acena antes de entrar.

Quero ir com ele, mas sei que não posso - não posso porque não consigo me mover. Só consigo pensar nas últimas palavras de Sadie para mim. *"Eu também te amo."*

Ela sabia que aquelas palavras sussurradas seriam as últimas que ela falaria?

Roman não hesita em me abraçar. De volta ao seu peito eu fico e é como ficamos quando Tamara vira o corredor, parando abruptamente ao



nos ver. Seu choque é evidente, mas ela se recompõe rapidamente.

— Vim assim que eu soube. – ela diz com uma voz terna, se aproximando de Zoe.

Zoe parece estar em choque. Ela tem um olhar vazio enquanto acena com a cabeça.

Um médico de rosto sombrio surge. Ele olha a multidão antes que seu olhar de raio laser se concentre em Roman. Roman fica tenso atrás de mim, mas um momento depois, ele lentamente afrouxa seu aperto. Ele se inclina sobre meu ombro, sussurrando: — Eu tenho que entrar. Não demorarei nem um minuto.

— Quero ir com você. – Antes que ele tenha a chance de argumentar, como sei que ele deve fazer, pressiono: — Por favor, eu tenho que dizer adeus. – eu posso senti-lo pesando os prós e os contras, mas ele finalmente cede. Eu me viro lentamente, de frente para ele.

Olhando em seus olhos atormentados, eu aceno, com um gesto silencioso de que vou ficar bem.

Ele exala pesadamente, ainda tentando me proteger de ver uma das cenas mais difíceis da minha vida. Mas ele não pode me proteger para sempre.

No momento em que ponho os pés dentro da sala, sou atingida por muitas memórias incríveis do tempo que passamos juntas. Podemos não nos conhecer há anos, mas parecia que nos conhecíamos. Aproveitamos cada segundo, sem saber quando seria o último.

Sadie parece que está dormindo, mas não tenho sorte o suficiente para que essa mentira dure. Eu sei que ela se foi.



Eu fico paralisada, presa no meio da sala enquanto envolvo meus braços em volta da minha cintura, na esperança de manter o frio sob controle. Roman passa por mim, tocando meu ombro com ternura antes de ir até onde Sadie está deitada. Eu vejo quando ele examina o pulso. Ele tenta em vão e, após três tentativas, um suspiro de dor escapa dele.

Ele gentilmente cobre seu corpo sem vida com o mesmo cobertor que coloquei em volta dela. A bandana vermelha desaparece da minha vista. De uma forma inexplicável, a visão me conforta, sabendo que Georgia estará lá parada nos portões do céu para receber Sadie.

— Lola?

Olhando para cima, Roman está parado diante de mim, esperando que eu processe o que acabou de acontecer.

Aceno, indicando que, independentemente de seu estado, eu quero dizer adeus. Ele simplesmente desliza a ponta dos dedos pela minha bochecha antes de me deixar sozinha.

Fungando, eu cambaleio até onde ela está, demorando porque não quero deixá-la ir. Eu fico imóvel, com meu cérebro incapaz de processar essa verdade horrível.

— Lamento não estar aqui. Eu deveria ter estado. Eu deveria ter segurado sua mão até o fim. – eu enxugo minhas lágrimas com as costas da mão. — Espero que, aonde quer que você vá, você seja feliz e não haja mais dor. Georgia vai cuidar de você agora. Sei que ela vai. Minhas duas irmãs juntas. Esse pensamento torna isso um pouco mais fácil de aceitar.

Estendo a mão, eu levanto suavemente o cobertor de seu rosto de querubim enquanto uma torrente de lágrimas turva minha visão. — Tome cuidado, cri... criança. Eu te vejo em breve. – Inclinando-me para frente, dou



um beijo carinhoso em sua testa. Uma lágrima cai em sua bochecha, mas eu não a enxugo.

Dando uma última olhada para ela, eu coloco o cobertor, dizendo um adeus final para Sadie e Georgia. É assim que parece o desapego? Engraçado, me sinto entorpecida.

Uma vez que estou no corredor, naturalmente procuro o Roman. Eu não tenho que procurar muito. Ele se afasta da parede, com seus lábios voltados para baixo. Todo mundo está olhando para mim, para nós, mas nenhum de nós parece se importar. — Estou indo para o meu quarto.

Ele acena com a cabeça e as mãos inquietas ao seu lado, parecendo como se ele quisesse me consolar. Mas ele não pode. — Claro. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

Agradeço sua gentileza e desejo, como qualquer coisa, me perder em seus braços, mas com Tamara e June a poucos metros de distância, sei que isso não é uma opção.

Assim que me viro, June me impede. — Lola?

Prendo a minha respiração. — Pode vir comigo ao meu escritório?

Não tenho energia para lutar com ela porque sabia que esse momento chegaria mais cedo ou mais tarde. — OK.

Roman caminha, pronto para seguir, mas June balança a cabeça severamente. — Isso levará apenas um minuto.

O conflito por trás dos olhos de Roman é claro, mas ele finalmente concorda.



June lidera o caminho e eu sigo, acenando para Roman que vou ficar bem. E eu vou. Sou grata por ele me dar o espaço de que preciso.

No momento em que entramos no escritório de June, ela dá a volta em sua mesa e abre uma gaveta. — Sinto muito pela sua perda. Eu sei o quanto próximos você e Sadie eram. – Apenas a menção de seu nome apunhala meu coração.

Ela parece tão quebrada quanto eu. Não consigo imaginar como ela se sentiria experimentando essa perda uma e outra vez. Cada morte a lembra de sua filha? Que pensamento de partir o coração.

— Como você faz isso? Como você faz a dor passar? – Minha voz está cheia de desespero. Quando ela fica quieta, percebo que estou sendo rude e insensível. — Eu sinto muito. Não quis dizer que você não está sofrendo. Eu só quis dizer... que você é tão forte por ser capaz de fazer isso.

— Estou longe de ser forte. – ela confessa. — Ainda choro e choro por cada vida perdida. Mas acho que ficaria muito mais triste se não oferecesse este lugar para as pessoas que precisam. – ela respira fundo. — Faço isso porque sei que minha filha teria querido que eu fizesse. Ela estava sempre cuidando dos outros, uma coisinha tão altruísta. Se eu pareço forte... – ela olha para longe. — É a força dela que me permite passar o dia com um sorriso no rosto.

Lágrimas surgem nos meus olhos. — Sua filha ficaria orgulhosa de você, June.

— Você acha? – ela sussurra em um tom distante.

Sua pergunta me surpreende. — Eu sei que ela ficaria. Você fez muito por tantas pessoas. Você é nossa líder e nós a vemos como nosso farol de esperança.

Ela funga, virando-se para mim com um sorrisinho. — Obrigada. Isso significa muito



para mim. Depois que perdi Scarlett, minha vontade de viver morreu com ela. Levei anos para chegar a um lugar onde pudesse aceitar que ela havia partido. Eu ainda não acredito totalmente. Eu ainda espero que ela venha pulando pelo corredor e um sorriso com covinhas em suas bochechas rosadas. Costumávamos vir aqui no verão como uma família, quando ela era mais jovem. Ela amava aqui.

Eu quero perguntar se ela tinha irmãos. E se o pai dela ainda está vivo. Mas eu não pergunto. Esta é a história de June para contar, e vou ouvir porque às vezes, tudo o que queremos é que alguém ouça.

— Minha família é muito rica, mas nunca quis um centavo de sua fortuna. Casei-me jovem, na esperança de escapar das garras da minha mãe. – Não admira que ela tenha sido tão legal desde o início. — Mas cometi alguns erros ao longo dos anos, dos quais não me orgulho. Estou tentando muito fazer as pazes e reconquistar o amor e a confiança das pessoas.

— Todos cometemos erros. Nós somos humanos. – eu gentilmente digo, odiando seu ponto de vista repreendendo a si mesma.

— Esta casa está na minha família há décadas e, embora tenha me custado tudo o que tinha para comprar a escritura do meu irmão, eu o fiz, porque a felicidade não tem preço, principalmente para quem não a vê com muita frequência.

— Você é uma boa pessoa.

Minhas palavras parecem tocá-la porque ela recua, comovida. — Obrigada.

Por baixo de seu exterior resoluto está uma mulher em luto. Pode ficar mais fácil, mas ela nunca vai esquecer. Talvez essa seja a chave para enfrentar. Não se esqueça, mas aceite. Aceite que alguns dias podem ser



mais difíceis do que outros, mas valorize as memórias, em vez das lágrimas. Aceite que o que será, será.

— Sadie me pediu para te dar isso.

Antes que eu possa perguntar o quê, June me oferece um envelope pink. Eu fico olhando para o papel timbrado como se fosse a joia mais preciosa do mundo inteiro. E de certa forma, é. Com dedos trêmulos, eu o pego.

— Ela foi muito específica sobre o que queria. Ela pode ter sido jovem, mas estava longe de ser ingênua. Ela não queria um memorial em sua homenagem. Tudo o que ela queria era que eu desse isso a você. – Meu aperto fica mais forte em torno do envelope pink, com a sua importância ainda mais significativa agora.

Isso revela que Sadie sabia que seu fim estava próximo. — Obrigada por se preocupar com isso.

— Foi realmente uma honra.

Eu viro o envelope, tocando cada canto como se a ação fosse revelar o que está escondido dentro. Ainda não estou pronta para abri-lo. Eu não sei quando estarei.

Olhando para cima, eu a observo pesando o que dizer. — Parece que o Dr. Archibald a colocou sob sua proteção.

Tento não entrar em pânico. Ela está apenas conversando.

— Estou feliz que você e Roman tenham estabelecido uma relação. Ele geralmente é muito fechado, então vê-lo baixar a guarda é uma boa mudança. – Não sei o que dizer, com medo de dizer a coisa errada. — Parece que vocês dois estão ajudando um ao outro.

— Não sei o quanto o ajudo. Provavelmente sou mais um obstáculo.



June sorri, e a visão é verdadeiramente mágica. — Tenho certeza de que ele discordaria mais.

Espero que ela não queira conversar sobre Roman com mais detalhes porque eu acabarei desistindo. — Lembre-se, minha porta está sempre aberta.

Quase dou um suspiro de alívio. — Obrigada. Eu realmente gostei disso.

Enfio o envelope no bolso, não querendo lê-lo agora. Eu gostaria de ficar sozinha porque tenho certeza de que lágrimas horríveis serão derramadas. Mas quando o meu celular toca, sei que minhas lágrimas podem esperar.

Girassol.

Sei o que representa, uma mensagem simbólica falada em uma linguagem que só nós entendemos. Acelero meus passos e saio correndo pela porta dos fundos. A lua está escondida atrás de um aglomerado de nuvens, criando um cenário sinistro para a atividade desta noite. Descendo a colina correndo, respiro um suspiro de alívio quando vejo os abomináveis pinheiros.

A noite não está fria de forma alguma, mas de repente sinto um calafrio. Quanto mais perto chego, mais as coisas se tornam suaves. Sei no que estou caminhando; o peso no bolso de trás é um lembrete do que está por vir. Mas não estou com medo, e o motivo está a poucos metros de distância.

O rosto voltado para baixo de Roman e os ombros caídos indicam como ele está se sentindo. É um hino para o qual todos marchamos. Ele não



se vira, embora eu tenha certeza de que pode me ouvir.

O jardim de rosas está além das palavras. As vistas e cheiros são mágicos e, embora represente uma grande perda, também permite que o mundo saiba que essas vidas perdidas foram de pessoas que viveram e foram amadas.

— Ei. – Roman exala quando me ouve, mas ele ainda não se vira.

— Obrigada pela mensagem de texto. Eu realmente gostei disso. Eu quero estar aqui para isso.

Roman balança a cabeça lentamente antes de finalmente se virar. No momento em que nossos olhos se encontram, a gravidade da nossa situação atinge o alvo e o peso que se instalou na boca do meu estômago fica mais pesado. Não existe uma maneira fácil de fazer isso. Também não há palavras. A única coisa que podemos fazer é cavar.

Roman pega a pá a seus pés, em seguida, pega uma bela roseira rosa, com as pétalas aveludadas majestosas e altivas. Ela é perfeita. Sadie teria adorado.

Sua expressão está inexpressiva, mas está claro que ele está achando cada vez mais difícil cada vez que vem aqui para enterrar uma nova vida.

Caminhamos por alguns minutos, com o farfalhar suave do vento sendo o único som entre nós. Há tantas coisas que quero dizer, mas por onde devo começar?

Roman para.

Abrindo minha palma enquanto estendo meu braço, Roman não discute e me passa a pá.



Com cada monte de terra que eu movo, mais perto minhas lágrimas ameaçam cair, mas estou tentando meu melhor para mantê-las afastadas. Sadie não gostaria que eu ficasse triste. Ambos sabíamos que, mais cedo ou mais tarde, chegaria a esse ponto. Mas ser aquele que fica de pé uma e outra vez não faz você se sentir com sorte ou aliviado. É apenas um lembrete de onde você acabará. Todos nós morremos - alguns mais cedo do que outros.

Eu continuo cavando, com o pensamento me atormentando até que eu luto para respirar.

— Não se sinta culpada. Você tem permissão para viver. – Roman pode ver o meu conflito interno. — Sadie, Georgia, todos que você ama e todos que amam você... – Sua voz vacilante corresponde ao meu batimento cardíaco irregular. — Quer que você viva. E esse é o maior presente que você pode dar a eles.

Levantando meus olhos, encontro os dele. Algo se esconde atrás deles.

— Cada respiração que você dá os está honrando, honrando seus espíritos, porque eles sabem que seus pensamentos nunca estão longe deles.

Aquelas lágrimas que tentei tanto manter longe não têm chance de permanecer trancadas a sete chaves. A declaração de Roman é linda.

Ele pega a pá das minhas mãos e termina o que comecei.

Observo em silêncio enquanto ele remove delicadamente a rosa do vaso, sacudindo a sujeira e tirando as raízes. Ele está agachado sobre um joelho, mas seu olhar vai para cima. — Acho que ela gostaria que você fizesse isso.

Eu aceno, fungando enquanto pego o caule.



Tenho cuidado com os espinhos enquanto envolvo meus dedos ao redor do comprimento, imaginando o sorriso brilhante de Sadie e sua risada contagiante. Memórias diferentes me atingem enquanto me ajoelho e imortalizo Sadie da única maneira que sei como.

Eu agarro um monte de terra fértil, arrastando-a com meus dedos enquanto cubro o buraco no chão. Só gostaria de poder fazer o mesmo com o que está no meu peito, porque dizer adeus dói.

— Eu nun... nunca esquecerei de você. – sussurro, engasgando com minhas lágrimas, agarrando um pouco de terra. — Acho que se eu fosse me juntar a você, então eu estaria bem com isso. – E eu quero dizer cada palavra. — Mas eu prometo, enquanto eu ainda estiver aqui, contarei ao mundo sobre você. Não sei quando te verei de novo, mas até então, diga a Georgia que eu disse olá. Eu amo vocês duas muito... muito. – Um soluço me escapa e isso ajuda a liberar essa dor.

Não percebi que terminei de plantar sua rosa até que a mão fria de Roman se sobrepusesse à minha. Ele geralmente é tão quente, então eu pulo com o contato.

— Lola…

Através da visão turva, vejo os nossos dedos se entrelaçarem lentamente. A visão desperta algo em mim.

Eu não quero soltá-lo.

Nossas mãos estão enlameadas, mas há algo sombrio, quase primitivo nisso. Estamos unidos e essa promessa abre uma porta que eu nunca soube que poderia abrir. Eu acho... que estou me apaixonando por Roman. Não sei quando isso aconteceu, mas os sentimentos que tenho por ele parecem continuar a crescer.

Com nossas mãos entrelaçadas, ajoelhados um diante do outro e cobertos pela terra de Sadie, não deixo de ver o significado desse



pensamento. Como a rosa de Sadie, eu quero o que Roman e eu temos para florescer. Vai precisar de água, luz solar e cuidado constante, mas de repente farei qualquer coisa para vê-lo florescer.

Aqui fora, na escuridão parcial, quase posso esquecer que o mundo existe fora deste momento. Não existem regras, nenhum julgamento. A força de Sadie pulsa através de mim, e aperto seus dedos, expressando o quanto ele significa para mim.

Um sussurro de arrependimento passa por ele, mas isso é logo esquecido quando aperta minha mão, com sua necessidade vibrando por ele e queimando todo meu corpo. Estou sem fôlego enquanto antecipo seu próximo movimento.

— Lola…

Eu não permito que ele fale; em vez disso, me jogo em seus braços e murmuro quando ele me pega.

Nós envolvemos nossos braços em volta do outro, precisando acalmar os demônios um do outro. Roman uma vez me disse que tem muitos demônios, mas, neste momento, entendi que estamos todos procurando por alguém cujos demônios lidam bem com os nossos.

— Roman. – sussurro, sem saber o que quero dizer.

— Eu sei.

Ele sabe que acabamos de cruzar a linha sem volta. Mas nenhum de nós parece se importar enquanto ele se senta, encorajando-me a sentar em seu colo. Eu nunca o soltei, apertando meus braços cruzados em volta do pescoço dele e me enterrando na curva de seu pescoço. Seus braços ficam em volta da minha cintura enquanto ele coloca a cabeça no meu ombro. Eu fecho meus olhos e memorizo as batidas de seu coração batendo contra o meu.



Lub-dub[9].

Lub-dub.

O som é forte, poderoso, o que me faz sorrir. Ele está saudável e, com sorte, eu também.

Ficamos abraçados como um por minutos, com nenhum de nós querendo se mover.

Após incontáveis momentos, a mão de Roman desliza mais para baixo. — O que é isso?

Quando suas pontas dos dedos passam pelo meu bolso de trás, lembro-me da carta de Sadie. — É uma carta de Sadie. June me deu.

Com pressa, ele retira a mão. — Ah, me desculpe.

— Não se desculpe. Eu gostaria de ler agora. E eu gostaria de ler com você. Se você quiser ouvir, é claro. – eu acrescento. Eu prometi que iria compartilhá-la com o mundo. Qual a melhor maneira de começar?

Infelizmente, me soltando de seus braços, eu me afasto para que nossos rostos e nossos lábios fiquem a centímetros de distância. Ele é um homem viril, e não posso deixar de molhar meu lábio inferior, pois minha boca ficou seca de repente. Ignorando a necessidade esmagadora de diminuir a pequena distância entre nós, chego atrás de mim e pego a carta.

Meus dedos tremem quando o envelope pink pousa inocentemente em minhas mãos. Roman mantém os braços ligados ao meu corpo, o que me dá força para virar o papel e deslizar meu indicador sob o selo.



[9] ***Lub-dub: é o som do coração dele.***

A aba se abre e dentro dela está um pedaço dobrado de papel pink combinando. Não vendo sentido em prolongar mais isso, eu retiro e desdobro o vinco com cuidado. Sua caligrafia com garrancho e infantil me faz sorrir.

No entanto, quando vejo quais são os detalhes dessa caligrafia, fico em silêncio, pensativa.

Você me deu um pedaço do seu coração... então aqui está o meu.

Podia sentir um peso suave no envelope, mas pensei que eram páginas e mais páginas das palavras de Sadie. Mas eu estava errada.

Virando o envelope de cabeça para baixo, suspiro quando um coração de prata preso a um colar cai na minha palma aberta. Imediatamente reconheço o medalhão de Sadie.

Meus olhos movem para encontrar os de Roman, que parece perplexo com a oferta.

A história por trás dessa lembrança quase partiu meu coração, então, sem pensar duas vezes, abro o fecho com dedos ansiosos. O que vejo me deixa sem palavras.

O medalhão não está mais vazio.

Dentro da moldura prateada está uma fotografia minha e de Sadie tirada durante uma de nossas maratonas de filmes. Parecemos felizes, pegas rindo de algo absurdo, sem dúvida. Mas a natureza sincera dessa imagem revela o quanto nos importamos uma com a outra. A naturalidade disso reflete nossa amizade. Ser amiga de Sadie era fácil. Não precisávamos



fingir porque nossa amizade era verdadeira.

Agarrando o medalhão contra o peito, eu olho para o céu para ver uma estrela cadente cruzando o cosmos iluminado.

Sorrindo tanto que doía, eu sussurro: — Eu também te amo.



Capítulo 11

Dias se passaram desde que perdi Sadie. Sua memória ainda está enraizada em cada canto deste lugar e, de certa forma, é um conforto bem-vindo.

Dói mais do que gostaria de admitir, mas o Roman tem estado distante. Depois do que aconteceu no jardim de rosas, pensei que ele pelo menos apareceria e garantiria que eu estava bem.

Recebo mensagens de texto ocasionais, mas são breves, na maioria das vezes apenas me lembrando de tomar meu medicamento. Eu não preciso lembrar. A morte de Sadie acionou um interruptor dentro de mim. Se eu vou fazer isso, vou me jogar no fundo do poço e espero me lembrar de como nadar.

A morte abre seus olhos para muitas coisas, e perder Sadie me deu uma nova perspectiva sobre tudo. Eu fiz um sério exame de consciência esta semana e a minha determinação de viver se fortaleceu.

— Quase pronto. – A voz rouca do Dr. Tanner me tira dos meus pensamentos.



A parte da agulha é surpreendentemente boa; é o comportamento estranho e indiferente de Roman em relação a mim que me deixou confusa. Ele deu uma desculpa por não poder tirar meu sangue hoje, mas seu bom camarada e colega de confiança, Dr. Tanner, faria isso e não diria uma palavra a ninguém.

O comportamento estranho de Roman pode ser porque hoje é seu aniversário.

— Ok, pronto. Vou passar os resultados para Roman.

— Obrigada, Dr. Tanner.

Enquanto eu pulo da beirada e junto meus pertences, o Dr. Tanner zomba. — Por favor, Dr. Tanner me faz parecer tão velho e responsável. – Eu rio enquanto coloco o colar de Sadie, brincando com o medalhão. — Me chame de Teddy.

Agarro a bugiganga, sentindo meu pulso acelerar. — Você é o Te... Teddy? – pergunto, atrapalhada com minhas palavras. O mesmo Teddy que deixou aquela mensagem na secretária eletrônica de Roman, quero acrescentar isso, mas não faço.

Ele me olha com interesse, assentindo. — Ouviu falar de mim?

Eu preciso me recompor porque esta é minha oportunidade de obter algumas informações sobre Roman.

Agarrando a alça da minha bolsa, sorrio. — Talvez. – É uma desculpa, mas é a única coisa que posso dizer para explicar meu aparente interesse por ele. — Como vocês dois se conheceram?

Teddy se inclina contra a parede, balançando a cabeça, sorrindo. — Tão típico de Roman deixar de lado os detalhes. Fomos para a faculdade de medicina juntos.



— Ah, isso mesmo. – eu jogo junto, pensando de pé. — Então vocês devem ser bons amigos? Tirar férias anuais juntos? Coisas assim? – preciso saber por que primeiro de Setembro é tão importante. Por que Roman escolheu essa data? E o mais importante, o que está acontecendo nesse dia?

Teddy cruza os braços, com seus olhos cinza brilhando de humor enquanto ele cruza um tornozelo sobre o outro. — Você está brincando comigo? Sr. Viciado em Trabalho não tira férias há anos. Tentei persuadi-lo, mas tenho certeza que você já sabe, uma vez que Roman se decidi, não há como mudar. É uma das muitas coisas que respeito e admiro nele.

— Ah. – eu posso sentir a decepção saindo de mim.

Preciso perguntar de forma indireta o que ele organizou para Roman. Não pode ser uma surpresa, pois Roman sabe disso. Estou me agarrando a qualquer coisa e preciso ir com tudo, porque esta é minha única chance.

— Talvez você pudesse surpreendê-lo? Ele trabalha muito. Ouvi dizer que há um incrível festival anual de jazz em Birmingham, Alabama... na primeira semana de Setembro.

No momento em que essas palavras saem dos meus lábios, Teddy passa de relaxado à inquieto em segundos. Seu comportamento fácil desaparece quando ele descruza os braços e se afasta da parede, ficando rígido. — Roman não é fã de jazz.

— Suponho que ele sempre poderia se contentar com suas famosas casquinhas de siri então. Vamos lá, Alabama em Setembro parece divertido. Eu gostaria de fazer algo bom para ele. Ele se deu ao trabalho por mim, e eu gostaria de surpreendê-lo com algo especial.



Teddy nervosamente passa a mão pelo cabelo castanho grosso. — É melhor eu ir andando. Eu tenho um turno.

Ele tenta passar por mim, mas eu rapidamente o evito, bloqueando sua saída. Ele está claramente confuso sobre por que estou em seu caminho.

Não posso deixar isso passar porque é o mais próximo que estive de desvendar os segredos de Roman. — Qual é a pressa?

Teddy suspira e coça a sua barba grossa. — Sei que você está tentando ser legal. Roman me disse que está ajudando você, mas confie em mim, deixe isso para lá.

— Deixar o que para lá? – eu pressiono, não desistindo. — Um amigo não pode fazer algo de bom para um amigo?

Teddy tem todo o direito de me empurrar de lado e ir embora; ele não me deve nada, mas está claro que algo o atormenta. O segredo que Roman pediu que ele guardasse é aquele que o sobrecarrega. Um segredo como esse muda a vida.

Teddy suspira antes de se aproximar como se estivesse prestes a divulgar algo tão grande que precisa dizer em um sussurro. — Roman... – Prendo minha respiração. É isso - o mistério está para ser resolvido. — Roman está...

Mas a minha pergunta não foi respondida. — Roman está se perguntando por que você ainda está aqui? Você não está atrasada para o trabalho? – Sua voz está cheia de sarcasmo.

Eu coro, com vergonha de ser flagrada.

Teddy recua instantaneamente, limpando a garganta e se virando calmamente. — Falando na terceira pessoa agora? O que Freud diria sobre isso? – ele está tentando aliviar o humor azedo repentino.



No entanto, Roman não aprecia o humor. — Ele provavelmente diria que preciso encontrar amigos melhores.

Isto é minha culpa. Se eu não tivesse sido tão intrometida, Teddy não teria que lidar com o Sr. Mal-humorado. — Obrigada por hoje. Realmente eu aprecio tudo.

Roman focaliza seus olhos na minha direção.

Teddy é a carne neste sanduíche muito desconfortável, então não o culpo quando ele pede licença e praticamente sai correndo porta afora.

Continuamos nos encarando muito depois de a porta se fechar.

Eu não consigo ler a expressão no rosto de Roman. É uma mistura de diversão e aborrecimento. Seu mau humor está me irritando. Ele provavelmente está com melancolia pelo aniversário. É a festa dele e ele pode chorar se quiser. Mas não vou ficar parada e deixar isso me abater.

— O que você está fazendo? Agora mesmo? – Sua pergunta me emociona. Ele solta um som profundo, divertido com o meu silêncio atordoado.

— Eu... – Por que ele está me perguntando isso?

— Você quer ir ao jogo de beisebol comigo?

— O jogo de beisebol? – pergunto, grata por ter encontrado minha voz.

— Sim. – Sua resposta é decidida, assim como o seu olhar inabalável. Está me deixando nervosa. Tanta coisa está acontecendo por trás desses olhos comoventes.



Mas fico ereta, esperando que minha fachada corajosa permaneça. — Você não prefere levar outra pessoa? Alguém com um pouco mais de conhecimento sobre o que realmente acontece? – eu deixo o *não* dito à espreita.

— Não, eu quero ir com você. – ele enfia a mão no bolso da calça apertada, me observando de perto.

Estou a segundos de entrar em combustão sob seu olhar caloroso, mas eu caio na realidade.

Encolhendo os ombros, na esperança de parecer indiferente, digo: — Não diga que eu não avisei.

— Então isso é um sim? – ele parece esperançoso que eu concorde.

— Sim.

Minha resposta o agrada, o que me faz pensar na repentina mudança de humor. Anteriormente, ele mal podia esperar para colocar três metros entre nós, e agora ele está me convidando para o jogo... em seu aniversário, no entanto.

— Então você está pronta?

— Ah, você quer dizer agora?

Minha ingenuidade o entretém completamente. — Você já terminou por hoje?

— Sim. Eu estava agendada apenas para as atividades desta manhã. Só preciso passar pelo meu quarto e me trocar.

— Eu vou esperar por você lá na frente.



Estou surpresa com sua resposta. — Lá na frente? Você não quer se encontrar em algum lugar um pouco menos... público?

Ele balança a cabeça. — Não.

Alguma coisa o está incomodando, mas parece que seja o que for, não tem nada ou tem tudo a ver comigo. — Claro, lá na frente. Desço em cerca de vinte minutos.

Ele está mantendo suas cartas perto do peito, o que não é novidade. Mas a tendência de apatia é algo que eu não vi antes.

Eu passo por ele, garantindo que não nos toquemos, já que não tenho ideia de como ele vai reagir. Escapei ilesa e corro para o meu quarto, respirando fundo para me acalmar. Não tenho ideia do que vestir, então decido por shorts jeans, uma camisa de flanela e um moletom para o caso de o tempo esfriar.

Pegando um boné, coloco-o na minha cabeça e ajusto a aba, tentando me esconder debaixo dela.

Uma vez que eu estou satisfeita com a minha aparência quase imperceptível, desço as escadas. Roman está esperando por mim na parte inferior da escada. Ele está de costas. Se isso fosse um conto de fadas, eu faria uma grande entrada, parecendo majestosa e linda e toda como uma princesa. Mas o fato de eu estar com Chucks e meu cabelo estar preso sob um boné estraga essa fantasia antes mesmo de começar.

Seguro o corrimão enquanto desço cada degrau com cuidado, com medo de cair de cara se me apressar. Na metade do caminho, Roman se vira, e quase tropeço porque ele está extraordinário. Os Ray-Bans escuros escondem os olhos, mas a rigidez de sua mandíbula revela que ele ainda está irritado. O olhar irritado combina com ele. Ele é arrogante, quase vaidoso com um sorriso de lado franzindo os seus lábios. Ele sabe a



influência que tem sobre mim, e se esse sorriso é uma indicação, ele está aproveitando cada minuto.

Quando chego ao segundo degrau acima dele, seu olhar se move para o boné que está na minha cabeça. — Os Cubs? Sério?

Eu desço mais um degrau, então estou pairando sobre ele. — Sim, foi um presente do meu pai. Ele comprou para mim quando estava viajando a trabalho. O ursinho é adorável. Acho que é alguma coisa de preservação animal. – Quando ele faz um trabalho ruim em esconder seu sorriso malicioso, coloco a mão no quadril. — O quê, você tem uma coisa contra ursos?

— Não, de jeito algum. – Seu sorriso revela o contrário.

— Que bom, porque você com certeza agiu como alguém com dor de cabeça esta semana. – Bato a minha mão sobre a minha boca, envergonhada. Roman começa a rir enquanto eu amaldiçoo minha língua perversa. — Desculpe, eu não quis dizer...

Mas ele me interrompe, apoiando um pé contra o degrau em que estou. — Não, você está certa. Eu sinto muito.

Seu pedido de desculpas me surpreende. — Está tudo bem. Espero que isso não te incomode? – Sou eu oferecendo um pedido de paz, na esperança de que ele compartilhe por que estava desaparecido.

Ele não compartilha, mas o que ele faz é quase me causar um ataque cardíaco. Ele caminha e arruma a aba do meu boné. — Eu estou agora.

— Fico feliz. – eu resmungo, molhando meus lábios secos.

— Para que conste, os Cubs são um time de beisebol de Chicago e eles vão jogar contra os Yankees esta noite.



Minha boca forma um O. — Bem, parece que estamos em times opostos então.

— É o que parece. – ele responde com um sorriso. Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha antes de passar a parte de trás do indicador ao longo do meu queixo. Eu fico imóvel, com muito medo de respirar. — É melhor irmos antes de pegar trânsito.

Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça.

Quando ele finalmente me libera de seu feitiço invisível, eu respiro e levo um momento para encontrar meus pés. Ele se vira e segue em direção ao estacionamento. Assim que me sinto confiante para me mover sem cair de cara, sigo, com uma onda de animação fluindo por mim.

Este não é um encontro de forma alguma, mas estou animada mesmo assim.

Caminhamos para seu jipe em silêncio, e esse silêncio continua enquanto deixamos os portões de Strawberry Fields e seguimos pela I-90. Uma balada de rock suave toca nos alto-falantes, mas nós dois parecemos muito preocupados para prestar atenção na música.

— Como foi com Teddy? – Roman pergunta, quebrando a quietude.

Eu encolho os ombros, mexendo no meu esmalte. — Bem. Ele disse que daria os resultados.

— Desculpe, por eu não estar lá... Eu tive algo para cuidar. – Espero que ele elabore, mas é claro que é apenas ilusão. — Vou te repassar os resultados assim que voltarmos.

— Sem pressa. – eu respondo.



— Você não está curiosa? – Seus olhos estão focados em frente e suas mãos segurando o volante frouxamente, mas ele aperta seu aperto e para sua concentração para virar a cabeça em minha direção quando ouve minha resposta.

— As coisas são o que são. Curiosa ou não, isso não mudará o resultado. Ou os testes funcionarão ou não. Eu não posso mudar isso.

— Isso soa como a fala de alguém que desistiu.

— Ao contrário, é uma fala de quem finalmente está aceitando que o que será, será. Eu me joguei nesse teste com mais do que da primeira vez. Se não... funcionar. – eu engulo. — Então pelo menos posso dizer que fiz tudo que podia. Eu estava pronta para desistir, mas tive uma chance de esperança graças a você. Mesmo que essa esperança seja em vão, é mais do que eu tive antes de conhecer você.

Roman pisca uma vez, obviamente surpreso com minha sinceridade. Eu também.

Ele volta sua atenção para a estrada, mas os seus nós dos dedos brancos no volante me dão uma ideia do que está acontecendo dentro de sua cabeça.

— Isso vai funcionar. – afirma. — Tem que funcionar.

— Tem? – pergunto, sentando mais ereta, nunca tirando meus olhos dele. Ele se mexe no banco.

— Sim, tem que funcionar. – ele encara vagamente à frente. — Não vou aceitar um mundo onde você não exista.

— Roman. – suspiro, tocada por sua declaração.

Uma nuvem de tristeza de repente o assombra, e tudo que eu quero fazer é segurar sua mão. — Tudo isso... não é à toa. Não pode ser. Tem que valer alguma coisa,



porque de que adianta se não for?

Ouvindo meu coração, pego a sua mão, que está fechada em um punho contra sua coxa. — Sadie me disse algo, que agora faz todo o sentido. Melhor eu morrer lutando do que morrer sem lutar. – eu o persuado a se soltar e me permitir entrar. Quando ele finalmente cede, a vitória me deixa esperançosa. — Então, vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela. Por enquanto, vamos apenas aproveitar o hoje, antes de nos preocuparmos com o amanhã.

Durante toda a viagem, Roman nunca soltou minha mão e nenhuma palavra foi dita. Mas não precisamos de palavras porque é o não dito que significa muito. Eu permito que minha mente vagueie, me deixando levar por um futuro onde eu vivo saudável e envelheço. É algo em que não penso com muita frequência, não quero me torturar com algo fora de alcance. Mas agora a esperança está na superfície, graças ao homem ao meu lado.

Quando entramos em um estacionamento lotado, um mar de cores do time nos cumprimenta. Roman estaciona e pega um boné dos Yankees no banco de trás. Ele o coloca em sua cabeça presunçosamente, enquanto eu reviro meus olhos.

Sua risada rouca dissipa a seriedade porque agora é hora de jogar bola. — Devemos?

— Nós devemos. – eu levanto do banco do passageiro, oprimida pelo que vejo enquanto fico ao lado da porta aberta com admiração.

Os torcedores leais do Yankee e Cub caminham em direção ao estádio rindo e parecendo perdoar os seus amigos por torcerem pelo time adversário. A vibração é vivaz, cada espectador empolgado e pronto para a vitória de seu time.

Roman tranca o carro, sorrindo de orelha a orelha. — Este lugar é o máximo.



Ele contorna o capô, parando na minha frente. — Lamentando sua decisão?

Eu sei que ele não está apenas se referindo ao jogo de beisebol, mas também a todas as decisões que tomei desde que cheguei aqui. Ele espera, cada segundo cheio de ansiedade.

Pensando em tudo que conquistei, aprendi e senti enquanto estava em Strawberry Fields, balanço minha cabeça resolutamente. — Eu não me arrependo de nada. – E eu quero dizer isso.

Roman não esconde seu alívio. Não sei se é minha honestidade ou me perdendo no momento, mas ele oferece sua mão. Olhando para baixo, e depois para o enxame de pessoas ao nosso redor, hesito por um instante antes de deslizar minha palma na dele.

A conexão envia um arrepio através de mim, e não é apenas a união física, mas sim, fico tonta com o que isso representa. Achei que Roman não se importasse, que seu distanciamento esta semana era devido a ele se arrepender de mostrar sua vulnerabilidade, mas eu estava errado. Ele quer segurar minha mão na frente de todas essas pessoas, representando que somos algo um pouco mais do que amigos.

— Do que está sorrindo? – ele pergunta enquanto começamos nossa caminhada em direção ao estádio.

— Nada. Eu só gosto... de segurar sua mão. – eu me encolho, percebendo o quanto estúpida isso soou.

— Eu gosto de segurar a sua também. – ele confessa sem pausa, me fazendo derreter.

Esta é minha deixa, minha oportunidade de saber algo mais. — Amigos que dão as mãos. – Isso soou ainda mais ridículo em voz alta do que na minha cabeça. Eu realmente preciso calar a boca.



Enquanto estou amaldiçoando minha incapacidade de falar com os homens, ele me puxa para seu torso, então estamos tocando os ombros. — Nunca fomos amigos, Lola. – ele declara em um sussurro confiante.

Embora os sons indistintos ao nosso redor sejam penetrantes, eu o ouço claramente. Estou feliz por ele estar me segurando; caso contrário, eu teria tropeçado em meus pés. Eu não sei o que dizer, então não digo nada porque permito que Roman me guie através da multidão de pessoas.

Ele me solta para procurar os ingressos em seu bolso. Assim que somos digitalizados, ele pega a minha mão mais uma vez. A ação é tão natural, destacando seu comentário anterior.

Entramos pelos portões de aço, e se eu pensei que fora era uma loucura, isso não é nada comparado com o que está acontecendo aqui dentro. É estridente; os gritos animados dos torcedores estão altos pelo ar.

Outra coisa vibrando no ar é o cheiro de pura maldade.

Roman ri quando eu estalo meus lábios sem querer. — O que é esse cheiro de gordura, mas completamente intoxicante? – eu viro a minha cabeça da esquerda para a direita, na esperança de encontrar a fonte.

— Você tem muito a aprender. – Puxando minha mão, ele me leva em direção às comidas.

Quando na fila, olho abertamente para ele, sem vergonha de mostrar a ele como me sinto. Ele olha para mim, perplexo, mas um lampejo de algo passa diante de seus olhos. Este momento está além das palavras; é algo que guardarei para o resto da minha vida. O pensamento me dá uma ideia.



Independentemente das crenças de Roman, coloco a mão no bolso de trás e pego meu celular. Nosso olhar nunca vacila, preso em um beco sem saída, e é perfeito. Posicionando meu braço acima de nós, tiro uma foto, querendo capturar esse momento para sempre.

Não quebramos o contato visual e de repente tenho uma vontade incontrolável de beijá-lo. A guerra interna por trás de seus olhos é aparente. Ele quer me beijar também, mas sabe que as coisas nunca mais serão as mesmas se ele o fizer.

— Próximo! – O pedido me tira do meu estado de transe.

Roman suspira, colocando a ponta da língua no vinco dos lábios. A frustração o preenche, mas também parece estar nas nuvens. Pigarreando, vamos até o atendente e Roman pede nossa comida.

Estou envergonhada, mas não me arrependo de nada. O que lamento, no entanto, é pedir toda essa comida. O balconista coloca nossa montanha de guloseimas em uma bandeja, mandando-nos embora com um olhar de boa sorte. Pego a Coca-Cola e a cerveja e sigo Roman enquanto ele manobra através da multidão em busca de nossos lugares.

Roman dá instruções, permitindo-me guiá-lo, o que é uma boa mudança. Assim que chegamos ao elevador, subimos até nosso andar. Roman assume como líder e nos guia até nossos assentos.

— É uma vista incrível. – eu estou impressionada por ter conseguido lugares tão bons.

— Você fez bem. – ele responde, passando-me meu chapéu de nacho[10]. Eu aceito com um suspiro provocador. Vou levar o dia todo para fazer a diferença. Enquanto estou planejando maneiras de

---

[10] ***Um chapéu estilo sombrero feito inteiramente de uma tortilha de milho, que tem uma tigela na parte superior que pode ser recheada com queijo nacho.***



enfrentar essa montanha de loucura, Roman levanta sua Budweiser. — Vamos fazer um brinde.

— Pelo quê? – eu poderia sugerir a ocasião perfeita para um brinde, mas não faço. Não quero estragar um dia perfeito com conversas de aniversário.

Levantando minha Coca, espero que ele fale. — Por você.

— Por mim? – eu não escondo minha surpresa.

— Sim. Que um monte de bênçãos caia sobre você. – *Shakespeare*. Ele conhece o caminho para o meu coração.

— Saúde. – Nós brindamos, ambos tomando longos goles de nossas bebidas.

Quando nos acomodamos e o jogo começa, penso no brinde de Roman e como, apesar do que está por vir, já sou abençoada... graças a ele.

Quem poderia imaginar que eu seria uma fã de beisebol? Perto do final do jogo, eu estava de pé e gritando com todos os outros entusiastas, desesperada para que "meu" time vencesse.

Roman explicou a logística, mas tudo o que me importava eram os gritos quando um jogador batia na bola. A animação era contagiante; Tanto que, após o quarto tempo, eu corri para a loja de mercadorias para comprar meu dedo de espuma[11] nas cores dos Cubs.

---

[11] ***Dedo de espuma: Uma mão de espuma, comumente conhecida como dedo de espuma, é um item esportivo usado na mão para mostrar apoio a um momento específico. A versão mais comum se assemelha a uma mão grande com um dedo indicador estendido, e fendas em suas bases permitir que sejam usadas sobre as mãos.***



O jogo acabou e os Cubs ganharam, para desgosto de Roman. — Eles tiveram sorte. – diz ele, com a minha mão entrelaçada na sua enquanto esperamos a passagem do monte de pessoas. Dou um sorriso novamente, achando a sua lealdade para com os Yankees adorável.

A noite tornou-se surpreendentemente cruel e uma tempestade de verão paira no horizonte. Quando a multidão se dispersa, eu saio para o corredor, mas um bebum enorme na minha frente sai correndo ao mesmo tempo. A cerveja que ele está segurando espirra em mim e eu grito, pulando para trás. Limpo a minha camisa em vão; ela está encharcada.

— Cuidado! – Roman resmunga atrás de mim, instantaneamente empurrando o cara por cima do meu ombro. Ele está cambaleando e quase cai.

A testosterona me sufoca rapidamente e sinto que uma briga está se formando. — Ela vai sobreviver. – ele balbucia, meio sentado, meio de pé e o braço apoiado no encosto de uma cadeira. Eu hesito com a sua escolha de palavras.

— Você derramou sua cerveja nela!

— Roman, está tudo bem. – eu tento acalmá-lo, mas ele não ouve.

— Não, não está tudo bem! Peça desculpas.

— Vá se foder! – O cara revidou, finalmente encontrando seu equilíbrio.

Ele corre em direção a Roman, e Roman faz o mesmo com ele, mas eu sou a carne do sanduíche e não desejo ser esmagada. Eu vi Roman dar um soco. Isso vai acabar feio.

Empurrando meus braços, eu impeço o outro de se mover um centímetro. — Pare com isso, seu idiota!



O cara olha para os meus braços esqueléticos e ri. Seu humor dura pouco quando sinto o cheiro característico de maconha flutuando no ar. — Afaste-se, ou tenho certeza de que os seguranças adorariam saber o que você está escondendo em seus bolsos.

Na deixa, três guardas vêm correndo escada acima.

Sua mandíbula fica tensa. — É realmente difícil ter uma garota lutando suas batalhas. – ele tem que dar a última palavra enquanto encara Roman por cima do meu ombro.

Roman zomba. — Essa garota tem mais coragem do que você e eu juntos. E assim como eu, ela luta pelo que é dela.

Eu perco a respiração. *Eu sou dele e ele é meu?*

Mesmo que o cavalheirismo de Roman me toque, o comentário sexista do bebum me ofende. Deixando cair meus braços, eu entro em seu espaço, não me importando que ele seja mais alto que eu. — Eu posso chutar seu traseiro qualquer dia. E para que conste, ele também poderia... com os olhos fechados... e um braço amarrado nas costas.

As pessoas ao nosso redor bufam com o meu insulto, enquanto ele fica de pé, sem palavras, provavelmente tentando conjurar uma réplica, mas eu terminei. Eu o empurro passando por ele, esperando que Roman siga. Ele segue.

Os guardas nos param quando tentamos sair, mas eu deixo claro. — Estávamos saindo, mas aquele cara... – aponto para o idiota que está me encarando. — Derramou sua cerveja em cima de mim. Acho que sua desorientação tem a ver com a erva que ele escondeu nos bolsos.

A simples menção da droga faz com que os guardas se esqueçam de nosso envolvimento e concentrem seus



esforços no verdadeiro infrator. Quando chego ao último degrau, vejo que eles o interrogam enquanto ele esvazia os bolsos.

Roman agarra minha mão e nós passamos pela multidão, prontos para partir. Ele fica mortalmente quieto o tempo todo, e eu tenho uma sensação de irritação na superfície.

— Eu não sou frágil, Roman. – eu declaro estupidamente, mas isso só o irrita ainda mais.

O silêncio continua enquanto caminhamos para o estacionamento.

Ele está sem fôlego enquanto marchamos para seu carro, e eu me pergunto se ele está a momentos de explodir. Quero perguntar se ele está bem, mas acho que só vou piorar as coisas. Ele quase arranca a porta das dobradiças quando a abre para mim.

Quando eu pensei que essa situação não poderia ficar mais horrível, uma queda repentina na temperatura fez a lua se esconder atrás de uma nuvem de tempestade de aparência sinistra. Olhando para o céu antes claro, vejo que as coisas estão prestes a ficar feias.

Eu subo no jipe, estremecendo quando Roman bate a porta atrás de mim. Qual é o problema dele?

Eu observo enquanto ele dá volta pelo capô, colocando as duas mãos em punhos em seu cabelo bagunçado. Seu mau humor voltou e, como antes, não entendo por quê.

No momento em que ele entra no carro, eu me encolho. Suas mudanças de humor estão me deixando zonza.

Sento-me em silêncio, virando o meu rosto para olhar pela janela. Enquanto o céu noturno zumbe ameaçadoramente com um estrondo, a multidão acelera os seus passos, sentindo a calma antes da tempestade. Tenho de lidar com minha própria tempestade.



Assim que viro para perguntar a Roman de uma vez por todas o que está acontecendo, o jipe ronca quando ele gira a chave. Suas linhas de expressão enrugam-se ao longo de sua testa enquanto ele tenta ligar o carro novamente. Nada. Ele segura o volante com uma das mãos, enquanto gira vigorosamente a chave com a outra. Depois de três tentativas fracassadas, é óbvio que o carro está morto.

— Não. – Roman exclama, batendo o punho contra o volante em frustração. — Dê a partida, seu maldito. – Um estrondo de trovão vem do céu, aumentando a desordem.

Eu grito, assustada com a brutalidade deste ato da natureza.

Uma tempestade está se formando lá fora, mas é com a que está dentro deste carro que eu estou mais preocupada. O jipe está assustadoramente silencioso, e me pergunto se a verdadeira tempestade está prestes a nos afogar. — Roman, o que diabos está acontecendo?

Ele vira a cabeça na minha direção, com seus olhos preocupados. De repente, me arrependo de perguntar, porque algo está inflamando dentro dele. — Eu sinto muito. Eu sinto muito por tudo.

Meu coração entra em um rápido staccato e de repente fica difícil respirar. — Sente? Pelo quê? – ele lambe o lábio inferior, ganhando tempo. Mas é hora de ele confessar. — Do que você está falando?

Virando no meu banco, eu o encaro, implorando para que me diga a verdade. Ele joga a cabeça para trás, soltando um suspiro exasperado. — Eu tenho que te dizer uma coisa. – Meu pulso dispara, mas permaneço em silêncio, indicando que estou ouvindo. Eu estive ouvindo esse tempo todo.

Sua agitação é palpável, me deixando ainda mais nervosa.



— Lola, eu...

Uma chuva torrencial de repente cai sobre nós, com o céu se abrindo e engolindo qualquer um que seja pego em seu caminho.

O interior do jipe ecoa com a chuva forte, tornando impossível ouvir com facilidade. Mas eu perseverei. — O que você tem a me dizer? – Quase grito para ser ouvida acima do aguaceiro. Quando ele balança a cabeça, eu pulo sobre o painel central, agarrando o seu bíceps, não me importando que meu desespero resplandece. — Diga-me.

Ele abaixa o queixo, com sua mandíbula rangendo enquanto ele olha para o chão. Quando estou prestes a agarrar sua camisa e nos puxar nariz com nariz, ele exala, com um som de completo desespero. — Hoje é meu aniversário de trinta anos, mas tenho a sensação de que você já sabia disso.

Agora sou eu quem abaixa o rosto, envergonhada. — Sim eu já sabia.

— Por que você não disse nada?

— Porque achei que se você quisesse me dizer, você diria. Às vezes, algumas coisas são melhores não ditas. Todos nós temos segredos, e imaginei que seu segredo fosse o motivo pelo qual não queria comemorar seu aniversário. – eu puxo um fio solto dos meus shorts, preocupada que eu tenha estragado tudo.

Mas eu não estraguei

— Este foi o melhor aniversário que tive em, bem... em muito tempo. – Levantando meu olhar e me pergunto por que ele está confessando isso com tanta tristeza. Ele explica. — Eu não comemoro meu aniversário. Nunca.

— Por quê?



É isso. Enquanto o trovão e a chuva bombardeia ao nosso redor, Roman desnuda sua alma.

— Não comemoro meu aniversário porque... lembra quando eu disse a você que... perdi alguém? – Eu aceno, mal respirando. — Bem... – Cada pausa é seguida por uma respiração superficial, dando-lhe forças para continuar. — Essa pessoa era... – ele coloca a palma da mão contra o volante; um gesto simbólico de que ele deseja que alguém o encontre no meio do caminho. — Essa pessoa era... minha irmã. Minha irmã gêmea.

Meu coração se enche de tristeza.

— Como posso comemorar o meu aniversário quando é um lembrete de tudo que perdi? Ela era minha outra metade, e comemorar um dia que honra a nós dois parece um pouco cruel quando ela não está aqui para comemorar comigo.

Eu não acredito no que estou ouvindo.

— Sinto muito pelo meu comportamento imperdoável hoje. Estou com tanta raiva de mim mesmo porque estar com você hoje, ontem, desde que nos conhecemos, despertou algo em mim, algo que pensei que estava morto. A culpa me oprime toda vez que estou com você porque você me faz... feliz.

Quero dizer tantas coisas, mas por onde eu começo?

— Não entendo o que sinto por você. Não faz sentido. Isso não era para acontecer.

Ele finalmente encontra meus olhos, com as profundidades de um azul profundo girando com medo e confusão. Passando a mão pelo cabelo, ele implora que eu fale.

— Eleanor?



— *O que?* – Roman suspira, com seus dedos parando no meio do caminho.

— Sua irmã, o nome dela era Eleanor? – Minha voz não é páreo para os sons de punição lá fora, mas ele me ouve, alto e claro.

— Como? – Agora ele é o único sem palavras.

Eu me mexi no banco, com vergonha de confessar o que vi. — Antes de fazer papel de boba, eu vi você na academia. Eu vi o nome dela tatuado em você.

— O que mais você viu? – ele é rápido em perguntar, com o seu pomo de adão movendo enquanto ele engole.

— Nada. O que mais havia para eu ver? – pergunto, intrigada.

Ele balança a cabeça. — Nada. Eu só... – ele faz uma pausa enquanto molho meus lábios secos. — Sim, Eleanor era minha irmã. – Sua voz falha.

Muitos pensamentos me atingem, mas primeiramente estão as palavras de June. *"Ele quer salvar o mundo."*

Eu não entendi o que ela quis dizer, mas agora entendo.

— É por isso que você é médico? Você quer salvar as pessoas porque não conseguiu salvar Eleanor. – eu declaro, sem fôlego com a minha revelação. Não sei quando ele perdeu a irmã, mas acho que foi há muito tempo, tempo suficiente para transformá-lo no homem que é hoje.

Ele franze a testa. — Sim, em parte, esse é o motivo.

Em parte? Tem mais. O que mais poderia haver?

Muitos pensamentos estão agitando dentro da minha cabeça, mas de repente, um pensamento tão hediondo se sobrepõe a qualquer outro.



— É por isso que você quer me salvar? Porque você a vê em mim? – Meu estômago se enche de pavor, ameaçando transbordar e enlouquecer.

Ele está me ajudando por simpatia por sua irmã morta? Talvez o que ele sinta por mim seja culpa, e quando olha para mim, ele vê uma chance de reparar a morte de sua irmã.

De repente, não consigo respirar.

— Roman? – eu pressiono. Cada segundo de silêncio é um grito silencioso.

Ele vira o rosto, olhando para a janela. Seu silêncio é tudo que preciso?

Cada insegurança que eu já tive passa por cima de mim, e me sinto uma tola por pensar que Roman sentia algo por mim. Sua bondade era porque ele se importava, mas não da maneira que eu pensava, da maneira que eu *queria* que ele se importasse. Ele disse que não entende o que sente por mim. Talvez o que compartilhamos seja uma proximidade, movida pelo amor que ele tem pela irmã.

De repente, eu não consigo respirar.

Sem pensar duas vezes, abro a porta, sem me importar que o céu esteja caindo ao meu redor. A chuva forte atinge a minha pele, mas é bom sentir algo diferente dessa dor em meu peito.

Sem saber para onde estou indo, eu envolvo meus braços em volta da minha cintura, desejando que pudesse arrancar esse arrependimento na minha barriga. Estou além de envergonhada e com raiva por inventar algo que claramente não estava lá. Não estou aqui para ser melodramática. Só preciso de espaço porque tudo está muito confuso.



— Lola! – Roman grita para ser ouvido durante a tempestade, mas eu não me viro. Eu simplesmente fico parada e deixo as lágrimas quentes escorriam em minhas bochechas. — Por favor, entre no carro. Eu sinto muito. – Mas é isso; ele não tem nada pelo que se desculpar. Sou eu que sinto muito por acreditar em contos de fadas.

Dou um passo à frente, abaixando o queixo e permitindo que a chuva caia contra mim. Eu nunca me senti assim antes. Esta dor, este peso no meu coração... é assim que se sente um coração partido? Eu não aguento, nem posso ficar aqui por mais tempo. Já me envergonhei o bastante.

Antes de poder agir, porém, sinto Roman antes que ele fale. O calor deste corpo derrete instantaneamente o meu frio, mas eu me repreendo. Isso precisa parar.

— Lola... – Sua respiração atinge minha nuca, indicando que ele está perto. — Por favor, vire-se e olhe para mim.

O desespero em sua voz me faz hesitar por um mero segundo, mas aquele segundo parece uma vida inteira. Prefiro cortar o meu próprio braço a ouvi-lo tão infeliz mais. Eu me viro lentamente, com meu queixo ainda abaixado, incapaz de encará-lo.

Com o mais gentil dos toques, Roman coloca um dedo trêmulo sob meu queixo, persuadindo-me a encontrar seus olhos. Quando encontro, um suspiro me escapa porque o olhar refletido nessas profundezas me deixa sem fôlego.

Gotas de chuva pesadas cobrem suas bochechas, mas estou hipnotizada por uma única que escorre por sua têmpora, sobre sua bochecha esculpia e em seus lábios carnudos separados. Um desejo de lamber aquela gota de chuva me vence, e eu luto com a revelação importante de querer agir de acordo com esse desejo.



Roman me observa observando-o, e um som baixo de aprovação preenche o espaço entre nós. O dedo sob o meu queixo de repente acaricia minha mandíbula antes de deixar um rastro quente em seu rastro enquanto ele desliza sobre meu lábio inferior trêmulo.

Ele observa com ardor por trás dos olhos enquanto seu dedo acaricia ao longo da minha pele. — Estou ajudando a salvar você porque... você é alguém que vale a pena salvar. – A chuva cai forte e nós dois estamos ensopados, mas nada foi mais perfeito do que agora.

A confissão de Roman me deixa sem palavras e abro os lábios, querendo dizer algo, mas o que eu diria? Estamos em um beco sem saída, ambos sabendo que o que acontece a seguir tem a potência de explodir.

Roman não me deixa falar. Ele passa o dedo ao longo do meu lábio inferior uma última vez, com a eletricidade vibrando através de seu toque, despertando um entusiasmo fundido. Estou apavorada, mas animada ao mesmo tempo, e esse fôlego é roubado de mim quando Roman se lança para frente e substitui seu toque pelos lábios.

No início, faço uma pausa, com minha mente precisando de um momento para processar este milagre como realidade. Este não é um evento que o meu cérebro romântico conjurou; isso está realmente acontecendo. A suavidade de seus lábios, a ternura de seu toque está realmente acontecendo, e está acontecendo comigo.

Com isso como meu motorista, eu abro minha boca e permito que meu corpo assuma o controle. Eu me rendo, dando tudo o que sou a Roman porque sou dele. E ele é meu. Ele envolve seus braços em volta da minha cintura e me beija com tanta paixão que vejo estrelas. Ele está em toda parte, com seu toque suave deixando cada parte de mim em chamas.

Ele está dominando minha boca, meu corpo, sua língua exigindo cautelosamente,



mas de forma assertiva, permissão, que concedo enquanto me abro para ele e me perco no turbilhão que é Roman Archibald.

Ele coloca a palma da mão na minha bochecha, inclinando meu rosto para que ele possa me dominar e aprofundar o beijo. Nossas línguas se encontram, com a umidade quente enviando todas as terminações nervosas em excesso. Ele aperta seu aperto em volta da minha cintura, puxando-me para ele, então estamos pressionados frente a frente. Posso sentir seu coração batendo freneticamente, com uma borboleta frenética batendo as asas, exigindo se libertar de sua gaiola.

Ele morde o meu lábio inferior, arrancando um gemido de mim, mas isso faz algo para nós dois, e Roman baixa a guarda. Ele rapidamente me leva para trás, batendo-me contra o capô, com nossos lábios nunca perdendo o ritmo. Eu fico na ponta dos pés, incapaz de obter o suficiente dele, precisando tocar e provar cada parte dele.

Com força absoluta, ele me levanta e minha bunda bate no capô enquanto ele me coloca sobre ele, sentindo meu dilema. A diferença de altura não é mais um problema, e eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, nunca pretendendo soltar.

Nós nos beijamos por minutos, com Roman gemendo em minha boca enquanto segurava o lado do meu pescoço, controlando a velocidade, profundidade e paixão do nosso beijo. Eu apoio meus pés no para-choque, precisando me ancorar antes de derreter. Essa ação me abre para Roman, que fica entre minhas pernas e me puxa para frente, então eu deslizo para baixo do metal. Eu prendo minhas pernas em volta dele, saboreando a conexão. Eu o provo misturado com gotas de chuva - é um sabor que nunca esquecerei.

Isso é o que imaginei ser o nosso primeiro beijo. Vejo as estrelas proverbiais e sinto a terra se mover abaixo de mim com cada toque, carícia e a



sincronidade inacreditável de nossos corpos. Para cada empurrão, eu puxo, precisando dele tanto quanto ele precisa de mim.

Enquanto eu brinco com as mechas molhadas de cabelo enroladas em sua nuca, ele geme em minha boca antes de se afastar lentamente. Eu imediatamente faço beicinho, perdendo nossa conexão muito mais do que gostaria de admitir. Ele puxa suavemente meu lábio inferior em sua boca uma última vez. Meus olhos reviram para a parte de trás da minha cabeça.

Os lábios de Roman são vermelhos e carnudos, um distintivo mostrando ao mundo o que acabamos de fazer, e como tudo isso começou, ele passa o indicador pelo meu lábio inferior. Mas desta vez, um olhar feroz de posse envolve nós dois. Gotas de chuva grudam em seus longos cílios enquanto seus olhos olham cada canto do meu rosto.

— Esse foi o seu primeiro beijo?

Eu sei o que ele quer dizer. Ele está perguntando se esse foi meu primeiro beijo desde que fiquei doente.

Eu aceno, embora qualquer beijo antes deste tenha sido esquecido há muito tempo.

Ele diminui a distância entre nós e me beija novamente. Seus lábios me incendiaram, e enquanto ele circula o contorno da minha boca com sua língua, tenho certeza que entrei em combustão.

A chuva não liga para nós porque beijar em uma tempestade é um reflexo de como eu me sinto. Eu agarro a camisa molhada de Roman, puxo as mechas molhadas de seu cabelo, mas acima de tudo, pressiono o meu coração contra o dele, obcecada com a batida porque esse epicentro torna Roman, e é o que eu mais amo nele.



Finalmente descobri o revestimento ao redor de seu coração, e agora que eu vi, eu nunca mais quero deixá-lo ir.



Capítulo 12

Depois de nossos beijos frenéticos e ensopados de chuva na noite passada, Roman ligou para o reboque e esperamos, ambos em silêncio, digerindo o que acabara de acontecer. Adormeci durante a minha meditação profunda, porque quando acordei, estava em uma cama estranha, mas não estava sozinha. Roman estava roncando baixinho ao meu lado. Olhando em volta, vi que ele nos registrou em um hotel. Ele estava claramente exausto demais para dirigir para casa.

Não sei se isso muda alguma coisa para ele, mas com certeza muda tudo para mim.

Acordei esta manhã com as roupas amassadas e os cabelos embaraçados, mas não mudaria isso por nada no mundo.

A noite passada realmente aconteceu. Era o aniversário de trinta anos de Roman e fomos ao jogo de beisebol e nos divertimos incrivelmente. Roman lançou uma grande bomba que ele teve uma irmã gêmea, e ela está morta. Tive um mini surto, mas Roman dissipou as minhas dúvidas... me beijando.



Meus dedos involuntariamente sobem, tocando os meus lábios. Ainda posso senti-lo e saboreá-lo. Eu nunca vou esquecer o quanto bom pareceu.

Não posso evitar, mas me pergunto o que acontece agora. Quero explorar mais, tudo o que ele e a vida têm a oferecer. De repente estou tão ansiosa para ver os testes passarem porque se eu sobreviver, Roman será meu prêmio? Eu não posso deixar de sorrir de orelha a orelha. Esse sorriso só cresce quando Roman entrelaça nossos dedos.

Enquanto nós voltamos para Strawberry Fields, eu olho minha programação e vejo que tenho um dia inteiro de atividades pela frente. Entramos no estacionamento, com o Roman estacionando o carro e desligando o motor. No entanto, ele não desce imediatamente. Ele fica sentado, olhando pelo para-brisa.

Parece que ambos estamos em um estado meditativo.

Ele se vira e sorri, acariciando minha bochecha com a ponta dos dedos. Minha pele fica arrepiada, com meu corpo respondendo ao seu toque sem pausa. Fingir será difícil, porque não sou ingênua. Eu sei que não podemos exatamente andar em público, de mãos dadas.

O carro de repente se enche com a mesma grande tensão que passou entre nós ontem à noite. Prendo minha respiração e conto até três. Continuo contando quando Roman passa o dedo pelo meu queixo e desce pelo meu pescoço. Ele desliza de novo, circulando sobre meu pulso acelerado. Eu posso sentir o seu desejo. Tenho certeza que ele pode sentir o meu.

— Eu realmente quero beijar você. – ele confessa com a voz rouca e seus olhos focados em minha boca.

— Eu realmente quero que você me beije.



Um sorriso malicioso contrai sua boca pecaminosa. Eu tenho que desviar o olhar antes de entrar em combustão.

Alcançando a maçaneta, sou a primeira a sair enquanto eu desço do jipe, grata pelo ar fresco. As risadas de Roman cruzam a brisa enquanto ele segue.

Caminhamos em direção à escada dos fundos, com meus dedos coçando para estender a mão e tocá-lo, mas eu não faço. Enquanto subimos as escadas, fico surpresa que Roman esteja um pouco sem fôlego ao meu lado. Quando chegamos ao topo, ele exala.

Suavizando a minha aparência, espero poder entrar e não esbarrar em ninguém, pois é óbvio que ainda estou com as roupas de ontem. Roman está parado na porta, estendendo a mão para me permitir ir primeiro. Quando eu passo por ele, reprimo o meu gemido. É provavelmente sensato colocarmos alguma distância entre nós, porque se alguém nos visse agora, seríamos pegos em flagrante.

Enquanto caminhamos pelos corredores silenciosos, me concentro na respiração brusca de Roman, me perguntando se ele está tão ansioso quanto eu.

— Você realmente precisa controlar seus pensamentos. – eu não posso deixar de rir, já que nada passa despercebido por Roman.

Essa risada segue pelo corredor, mas morre na minha garganta quando o viramos e esbarramos em Tamara. — Roman? – ela observa nossa proximidade. Meu sangue gela.

— Onde você esteve? – ela pergunta, cruzando os braços sobre o peito.

— Acabamos de fazer uma caminhada. – É uma desculpa patética, mas é tudo que posso reunir em tão curto prazo.



— Deve ter sido um passeio, porque estou esperando você voltar desde ontem à tarde. – ela não se dirige a mim. Focando apenas em Roman.

Torcendo minhas mãos atrás de mim, eu gostaria de poder pensar de pé e inventar uma desculpa plausível. A sombra de Roman se sobrepõe à minha enquanto ele se aproxima ao sentir minha ansiedade.

Para piorar as coisas, Zoe aparece. — Lola? Onde você esteve? Você não estava em seu quarto ontem à noite. Eu estava preocupada.

Tamara empalidece. Ela sabe. — Como você pode? – Quando ela finalmente faz contato visual comigo, a culpa me vence.

— Já chega. – resmunga Roman, com seu aviso feroz silenciando a sala. Chamamos a atenção dos transeuntes.

— Roman... não. – Agarrando desesperadamente seu antebraço, eu balanço a minha cabeça. Posso sentir o que ele está prestes a fazer. Ele não pode fazer isso. Eu não vou permitir.

— Por quê? – pergunta Tamara, com sua confusão clara.

— Porque... – Eu sei que ele não vai dizer a ela a verdade. Ele respeitará meus desejos até o amargo fim. Mas não vou permitir que ele tome a decisão. Ele já o fez.

— Porque ele está me prescrevendo medicamentos experimentais. – eu confesso em uma respiração apressada. — Medicamentos que pedi para me fornecer e guardar segredo. Há uma chance de que eu possa sobreviver, e o Dr. Archibald tem sido meu salvador e minha força quando eu queria desistir.

Espiando por cima do ombro de Zoe, noto June parada na porta. Não tenho ideia de quando ela chegou, mas a sua decepção só pode significar uma



coisa - ela já ouviu o suficiente.

Tamara vai até Roman, que se move para o lado, sem esconder sua raiva. Eu realmente preciso falar com ele, mas acho que é melhor se o fizermos em particular.

Quando nossos olhos se encontram, um arrepio passa por mim. Algo está diferente nele. Alguma coisa mudou. Ele quebra o contato e algo dentro de mim também se quebra.

Tamara está diante dele, furiosamente sussurrando palavras moderadas enquanto ele passa as palmas das mãos pelo rosto, exalando. Ele escuta, acena com a cabeça e a segue para fora da sala, com as mãos enfiadas nos bolsos. June não está mais visível.

Corro pelo corredor, não estando mais feliz em ver minha porta. Uma vez dentro do meu quarto, decido me trocar e me preparar para o dia seguinte.

Minha mente está indo a um milhão de quilômetros por minuto, no entanto. O que acontece agora? O que Tamara disse a Roman, mas mais ainda, o que June dirá? Eu nunca deveria ter pedido a ele para mentir por mim. A culpa é minha e devo ser responsabilizada. Ele tem todo o direito de estar com raiva de mim.

O que me preocupa mais do que minhas repercussões é o olhar que Roman me deu antes de partir. Ele parecia triste, desapontado, mas acima de tudo, ele parecia derrotado.

Assim que calço o tênis, saio pela porta, à caça de Roman antes do início do vôlei.

Não tenho ideia de onde ele estará, então tento seu consultório primeiro. Quando sua porta entreaberta aparece, eu paraliso quando ouço sua voz abafada, seguida por uma de mulher.



June.

— O que você está fazendo com Lola Van Allen?

No momento em que ouço o meu nome, eu me aproximo sorrateiramente, parando a alguns metros da porta.

— Está sob controle.

Ela exala alto. — Roman... – ela parece desapontada. — Isso só vai levar à mágoa.

— Eu sei! – ele grita. Posso imaginá-lo andando de um lado para o outro pela sala como um tigre enjaulado. — Você já pensou que isso poderia terminar em um felizes para sempre?

Silêncio.

Minha respiração aumenta.

— Não vai. – ele finalmente conclui. — Nunca poderá.

Não aguento ficar aqui nem mais um segundo, porque acho que vou vomitar.

Saindo tão silenciosamente quanto cheguei, dou uma corrida louca para a porta no final do corredor. Uma vez lá fora, continuo minha corrida e sento contra uma árvore.

Nunca pensei que Roman e eu viveríamos felizes para sempre com dois pontos, três filhos e um carro híbrido, mas pensei que talvez, especialmente depois da noite passada, a possibilidade de ficarmos juntos não fosse tão absurdo. Parece que estava errada.

Ela está certa. Isso *vai* acabar em sofrimento por muitos motivos. O enorme elefante na sala é que eu posso morrer. Roman é saudável e forte, e eu - não sei mais o que sou.



Não sou boa o suficiente para Roman? É isso que June está insinuando? E Roman? Ele disse que não nos vê vivendo felizes para sempre, então por que ele me beijou? Isso não significou nada?

Colocando a mão no bolso, pego meu celular e envio a ele uma mensagem.

Eu espero que você esteja bem. Desculpe por tudo.

No que diz respeito aos textos, é bastante seco. Espero dez, vinte, trinta minutos, mas não recebo uma resposta. Quando quatro horas se passam e ainda estou olhando para a tela, sei que algo está muito errado.

Independentemente de nossas dúvidas, o mundo continuará girando. É um pensamento reconfortante saber que algo tem estrutura e confiança em um mundo turbulento porque ainda não ouvi falar de Roman.

Depois de um dia de atividades intermináveis e ainda sem conseguir ficar parada, acabo no único lugar que ainda faz sentido. Este lugar é meu santuário. O cheiro doce e floral se funde com nuances terrosos, e respiro fundo imediatamente. As familiaridades acalmam meu coração furioso.

A rosa de Sadie é vibrante, as pétalas vibrantes e desabrochando; gosto de imaginar que Sadie está onde quer que ela esteja. Não há julgamento aqui, apenas compreensão, e é em momentos como este que mais preciso



dessa empatia.

Caída no chão, pego um pouco de terra e vejo enquanto ela desliza por entre meus dedos. — Não sei mais o que estou fazendo. – eu sussurro meus medos em voz alta. — Achei que estava no caminho certo, mas não sei aonde ele leva. Por uma fração de segundo, pensei que tinha a chance de ser normal, mas agora, me sinto tão perdida... e sozinha... de novo.

Levantando meu pescoço, olho para o céu estrelado e desejo um sinal, uma resposta para o que devo fazer a seguir. As coisas com Roman nunca foram fáceis, mas faziam sentido. Em um mundo de caos, ele era meu verdadeiro norte, mas agora, estou tão longe do curso que tenho medo de nunca encontrar o caminho de volta para casa.

— Eu estou com medo. – eu confesso, absorvida por cada estrela, esperando que uma me leve aonde eu devo ir. — Por favor, me dê um sinal do que devo fazer. – Nenhuma brilha mais do que as outras, destruindo toda a esperança de que uma tenha a resposta que tudo se cura esperando por mim no cosmos.

Suspirando, jogo um pouco de terra no chão, me sentindo mais frustrada e vazia do que nunca. Estou perdendo as pessoas que amo, mas pior ainda, a pessoa que amo está aqui, mas também pode ter ido embora.

— Achei que fosse encontrar você aqui.

Eu inalo profundamente, sem saber se isso é um sinal ou uma maldição.

Meus olhos levantam, garantindo que minha mente melancólica não esteja invocando uma voz que estou tão desesperada para ouvir. Mas parece que eu não estou ficando louca, porque diante de mim está Roman.



Parece que passaram anos, não apenas horas desde a última vez que o vi.

Meus dedos coçam para tocá-lo, mas evito a tentação. — Você me encontrou. – eu respondo sem entusiasmo. A questão é, agora que ele me encontrou, o que ele planeja fazer?

Sou grata por ele não se perder em pretensões. — Sinto muito.

— Sente pelo quê? – ele precisa ser um pouco mais específico.

— Por tudo.

Eu engulo em seco. *Tudo* inclui o nosso beijo? — Você está com raiva de mim?

— Não. – Sua expressão se torna terna. — De modo algum.

— Então por que está me dando gelo? – eu estou sendo direta, mas ele está sendo evasivo.

A atmosfera fica obsoleta.

— É melhor assim. Precisamos colocar alguma distância entre nós. É o melhor. As coisas ficaram fora de controle. É minha culpa eu ter permitido isso ir tão longe.

Meu coração bate forte. — Por que você diria isso?

— Porque sim.

— Porque sim não é uma resposta. – digo, irritada por ele não entrar em detalhes. E com raiva, por ele pensar que eu fui coagida.

— Vai ter que servir. – Eu posso ver sua angústia em dizer tal coisa, então por que ele está dizendo isso?



Farta desses jogos, fico de pé, limpando a sujeira das mãos. Isso é o que mais minha coragem origina. Eu continuo de costas, incapaz de encará-lo.

— Sei que tudo isso é incrivelmente confuso, e se eu pudesse voltar atrás...

Não permito que ele termine e me viro, enfurecida. — Não estou interessada em ouvir sobre seus erros e depois esperar que eu o absolva de seus pecados. Eu não entendo o que está acontecendo. Eu pensei que as coisas estavam indo bem, e então você vai e dá uma guinada de cento e oitenta graus, deixando-me imaginando quem diabos eu aprendi a a... – eu me paro antes de dizer algo que me arrependerei.

— Não estou bravo com você. Estou com raiva de mim mesmo. – ele finalmente confessa, oferecendo uma pequena visão dos seus pensamentos.

— Por quê? – eu pressiono, não me importando que ele queira seu espaço. Correndo, agarro seu bíceps, implorando que ele fale. — O que quer que você esteja pensando, pare.

— Não posso! – ele exclama, levantando os olhos para encontrar os meus assustados.

Um pequeno suspiro me escapa.

— Roman... – Mas ele não me permite terminar.

Arrancando o braço do meu aperto, ele escolhe suas palavras com sabedoria. — Não, Lola... você e eu. – ele gesticula dois dedos para frente e para trás entre nós. — Nós não daremos certo. Não podemos dar.

Eu dou um passo para trás, com sua confissão como um tapa na minha bochecha.



— Por favor, tente entender. Isso é o melhor.

— Melhor para quem? – eu cruzo os braços sobre o peito, na esperança de evitar o frio.

— Para todos. – ele esclarece, franzindo a testa, infeliz. — Eu nunca deveria ter beijado você.

Um choque de desânimo se apodera da minha garganta. — Você... se arrepende?

Ele sorri, mas isso é amargo. — Não... e esse é o problema.

— Então é isso? – Ele está terminando algo que nunca teve sequer uma chance.

— Há coisas que você não entende.

— Então me explique e me faça entender. – É o meu apelo final.

— Eu estou sem palavras.

Lágrimas ardem em meus olhos e permito que caiam, porque isso torna tudo real. Devo aceitar que isso, seja o que for, realmente acabou. Agora é hora de seguir em frente, mas seguir para o quê? Tenho medo do que se esconde nas sombras.

— Em breve, você não terá que se preocupar em me ver. Você pode viver, ser forte e esquecer que me conheceu.

Minha boca se abre e uma respiração dolorosa se liberta. — O que isso deveria significar? – eu não deveria me surpreender quando sou recebida por uma parede de silêncio. Eu terminei com seus jogos. — Roman, você tem três segundos para me dizer a verdade antes de eu ir embora, e isso, seja o que for. – eu jogo minhas mãos para o céu. — Acabou.

Ele aperta os lábios, prendendo as palavras.



— Um... dois... – eu faço uma pausa, esperando que as comportas se abram por algum milagre, mas já deveria saber que milagres não são reais. — Três. – eu concluo, enxugando uma lágrima caída.

Uma pequena parte de mim acredita que ele vai me impedir de ir embora, mas ele não faz. Ele abaixa a cabeça e olha para o chão.

Não posso ficar aqui e ser rejeitada - duas vezes. Enganar-me uma vez, a culpa é sua. Enganar-me duas vezes...

Um fragmento de luar ilumina o campo de rosas, dando-me a força de que preciso. — Só para constar, você não é alguém que eu possa esquecer. O fato de você pensar que eu posso me mostra que o que senti por você claramente não foi correspondido. – Meu comentário o machuca, mas é tarde demais. Acabou. — Adeus, Roman.

Esta é sua chance de me dizer que estou errada, mas ele não fala. — Adeus, Lola.

Eu aperto meus olhos fechados. Eu sempre odiei despedidas, mas esta me parte em duas.

Incapaz de ficar aqui por mais um segundo, eu me viro e caminho às cegas para o meu quarto.

Uma vez lá dentro, as paredes começam a se fechar sobre mim e não consigo respirar. Freneticamente agarro meu pescoço, desesperada por ar, mas no processo, o colar de Sadie cai no chão, por causa do fecho quebrado.

— Não! – eu choro, ficando de quatro para recuperá-lo. Mas é muito tarde. — Não!

As lágrimas horríveis que tentei tanto manter sob controle rompe as comportas e jorram de mim em uma torrente de desolação.



Em meio às lágrimas, pego meu celular, precisando me apoiar nela mais do que nunca. Meus dedos tremem e preciso de três tentativas para desbloquear meu celular, mas quando o faço, abro minhas fotos, clicando na pasta que só me permito olhar em meus momentos de extrema necessidade.

Contorno as bochechas em formato de coração de Georgia, com seus lábios sempre sorridentes, e me lembro de suas palavras de sabedoria. Como sinto falta delas. Se ela estivesse aqui, ela me diria o que fazer, mas ela não está - ninguém está.

O pensamento me fez envolver meus dedos em torno do meu celular, tremendo de raiva e triste. Assim que estou prestes a jogar a abominação pela sala, outra imagem aparece na minha tela - uma coincidência demais para ser ignorada.

Eu pedi um sinal, é isso? É esta a intervenção divina de Georgia e Sadie?

Uma onda de emoção me atinge, deixando-me sem fôlego enquanto envolvo um braço em volta da minha cintura, meus olhos se voltam para a tela. É a única foto que tirei do jogo de beisebol de Roman e eu. Isso abrange o que nosso relacionamento e o que Roman significava, representa para mim - isso, *ele* é importante.

Se Roman me ensinou alguma coisa, foi lutar, e é isso que pretendo fazer.

Colocando o colar de Sadie no bolso, eu saio correndo pelo meu quarto com apenas um propósito em mente. Antes que eu possa questionar minha decisão, eu ligo meu notebook e sigo meu instinto.

Assim que tenho tudo de que preciso, bato a porta atrás de mim e corro pelo corredor, sem olhar para trás. Um táxi me espera enquanto desço as escadas da frente. Embora todos os ossos doam em meu corpo



dolorido, eu perseverei. O taxista digita o endereço e nós estamos acelerando pelo estacionamento segundos depois.

Tudo passa em um borrão, mas tudo bem porque apenas uma coisa precisa de clareza. Meu pé bate no assoalho enquanto o motorista me olha pelo retrovisor. — Você pode me esperar? Se eu não sair em cinco minutos, você pode ir.

Ele acena com a cabeça, sem fazer perguntas.

Isso é loucura, eu raciocino comigo mesma, mas esse eu está cansado de chorar e se perguntar onde ela errou. Uma vez que meu destino aparece, eu abro a porta e dou uma nota de cinquenta para o motorista. Não espero para ver se ele respeita meu pedido.

Os degraus envelhecidos da varanda da frente gemem em protesto enquanto eu os subo, mas a porta estala com um som oco quando bato nela com toda a minha força. Duas batidas provavelmente teriam sido suficientes, mas não posso esperar mais um segundo porque temo que vou desmaiar.

Correndo para a janela, coloco minha mão no vidro embaçado. Não há luzes acesas dentro, então talvez ele não esteja em casa. Meu vazio aumenta, ameaçando ficar preso na garganta. Mas me recuso a ser dissuadida.

Correndo para os fundos, lembro-me da chave que vi sob o vaso de planta perto da porta dos fundos. Isso não é tecnicamente arrombamento se eu tiver uma chave. A porta abre com um clique com facilidade, e eu nem penso duas vezes quando entro na cozinha, procurando o interruptor de luz na parede.

No momento em que a sala se ilumina, eu paraliso. O fato de eu estar na cozinha de Roman sem ser convidada me atinge.
O que eu estou fazendo?



Mas agora que eu estou aqui, estou comprometida; Estou comprometida com ele. Eu sei que Roman está fazendo isso porque ele pensa que está me salvando de uma mágoa. Isso é tudo que ele fez desde que nos conhecemos. Vou exigir que ele me diga do que pensa que está me salvando, porque eu não desisto das pessoas que amo. Estou pensando em dizer isso a ele também. E se ele ainda quer que eu vá embora, então irei com a minha cabeça erguida e sem arrependimentos.

Eu só preciso que ele me diga por que não posso viver qualquer vida que vivo sem saber por quê.

Freud vem caminhando preguiçosamente para a cozinha, nem um pouco preocupado por eu estar em sua casa sem ser convidada. Eu acalmo minha respiração, tendo um momento para me recompor no caso de Roman estar a momentos de entrar pela porta.

Minha compostura de repente me alerta para algo diferente, algo faltando. Virando em um círculo lento, percebo que, embora Roman tivesse suprimentos limitados, sua cozinha tinha os eletrodomésticos comuns, como micro-ondas, torradeira e até mesmo uma tigela de frutas. Mas agora, parece vazia.

Um alarme soa alto na minha cabeça, um aviso de que devo me virar e partir por onde vim, mas não posso. Minhas mãos estão instáveis enquanto abro loucamente cada armário, gaveta e encontro algo em comum com cada um - eles estão todos vazios.

Apoiando-me na bancada, cubro a minha boca aberta, tentando juntar as peças do que está acontecendo. Não tenho que olhar muito. Roman me deu a peça final; Eu estava cega demais para entender o que isso significava.

"Em breve, você não terá que se preocupar em me ver."



Não. Ele não pode. Isso não termina assim.

Meu bom senso fica na cozinha enquanto os meus pés estão plantados em sua sala de estar vazia, olhando em volta para um vazio escancarado comparável ao que estou sentindo agora. Tudo o que resta é uma cadeira de madeira e sua TV.

— Não. – eu choro, correndo de cômodo em cômodo, apenas para ser confrontada pela mesma visão. Cada cômodo está mais vazio do que o anterior. Não é à toa que ele nos hospedou em um hotel ontem à noite.

Quando chego ao seu quarto, pisco além das minhas lágrimas. A cama que me proporcionou tanto conforto em minhas horas mais sombrias não está mais envolta em lençóis de seda ou um edredom de veludo. Tudo o que resta é um colchão de solteiro no centro do quarto, coberto com um lençol branco engomado e coroado com um travesseiro plano.

Isso agora parece uma cova de posseiro, em vez da casa que era meu santuário quando eu mais precisava. Fechando a porta, eu só gostaria de poder bloquear o tormento total que sinto agora. O quarto de hóspedes que antes estava cheio de caixas agora está vazio, assim como o resto desta casa.

Só sei que Roman ainda mora aqui por causa de Freud, mas não por muito tempo. Ele está indo embora e está indo sem se despedir. O espaço vazio é de repente como olhar para um espelho.

Apago as luzes, com cada cômodo escuro desaparecendo com a luz. O último cômodo, a cozinha, o cômodo onde compartilhamos muitas risadas, é minha última esperança. Tudo parece vazio, mas ao contrário de Roman, vejo através das coisas.

Isso deveria representar tudo que ganhei, mas em vez disso, vai destacar tudo que eu perdi.



Procurando no bolso de trás, desdobro a foto que imprimi de Roman e eu. O ímã de pizza do Big Tony finalmente terá um uso, e eu o coloco sobre a foto enquanto a coloco no centro da geladeira.

Acabei de quebrar a regra de Roman de não tirar fotos, já que todas as memórias que ele deseja guardar são mantidas a sete chaves. Mas visto que ele se achava facilmente esquecível, queria mostrar a ele que o que compartilhamos… foi inesquecível.

Olhando para a foto, memorizo a felicidade pura porque não sei quando ou se vou sentir isso de novo. Roman ficará com raiva por eu ter quebrado sua regra de proibição de fotos, mas parece apropriado, considerando que ele acabou de quebrar meu coração.

Dou um último tapinha em Freud antes de desligar a luz e trancar a porta. Eu não posso demorar. Eu preciso ir. Colocando a chave onde a encontrei, desço os degraus e caminho calmamente até o táxi parado. O motorista de meia-idade olha de seu celular, surpreso por eu ter retornado.

Abrindo a porta, eu me sento em silêncio no banco de trás. O motorista espera que eu fale, mas ele não pressiona. Preciso de um momento para processar o que acabei de ver.

— Para onde, senhorita? – O motorista pergunta. Ele parece um cavalheiro simpático, e em qualquer outro dia eu puxaria conversa, mas hoje não.

Com os olhos ainda perdidos no céu, eu respondo entorpecida: — Manhattan. Por favor, me leve para casa.



Capítulo 13

Já se passaram três dias desde que fugi de Strawberry Fields na calada da noite.

Durante o trajeto de táxi de volta para Manhattan, mandei um e-mail para June, informando-a da minha decisão. Eu fui breve. Mandei uma mensagem para Zoe, implorando que ela me perdoasse por apenas ir embora sem dizer adeus. Eu prometi que a veria novamente. Eu só não sabia quando. Enviei um e-mail ao Dr. Carter e perguntei se ele supervisionaria a duração dos testes. Ele concordou.

Em seguida, desliguei meu celular e fiz a mesma coisa com minha mente.

Só acordei quando o motorista do táxi parou no meio-fio na minha casa no horizonte de Manhattan, apareceu. Achei que ficaria feliz em estar em casa, mas voltar aqui é como admitir uma derrota.

Fui até o saguão, agradecida por Pablo, o gerente do hotel, me dar uma chave reserva. Em seguida, peguei o elevador para meu apartamento.



Quando finalmente cheguei ao meu quarto, cambaleei até a cama e dormi como um morto. Mas não consigo dormir para sempre. Bem, ainda não de qualquer maneira.

Depois que estou seca e vestida, enfrento o espelho acima da pia. Está embaçado pelo vapor do meu banho quente, mas não preciso ver com nitidez. Eu sei o que minha expressão contém.

Espero que, assim que vir o Dr. Carter amanhã, essa expressão possa mudar.

Uma batida de repente soa na porta da frente. E eu não tenho ideia de quem é.

Quando abro a porta, uma lufada de ar me deixa. — Oi, Lola.

Eu pisco, sem saber se ela está realmente aqui. — June?

Ela acena com a cabeça, com seus lábios sérios. — Lamento ter aparecido sem avisar. Posso entrar?

— Você quer entrar? Na minha casa? – Meu cérebro está trabalhando com a metade da velocidade.

— Sim, por favor. Tudo bem por você? – ela aperta as suas pequenas mãos em torno de algo, e quando finalmente olho, vejo que ela está segurando a alça da minha mala.

— Ah, meu Deus, sim, claro! – balanço minha cabeça, lembrando de minhas maneiras. — Sinto muito. Por favor, entre. – eu me afasto, concedendo a ela permissão para entrar, e ela não hesita. Ela provavelmente está com medo de que eu desistir da oferta.

Enquanto ela coloca a mala atrás dela, eu rapidamente fecho a



porta e me ofereço para pegá-la dela. — Obrigada por trazer minhas coisas. Eu poderia ter mandado buscá-las. Eu me sinto péssima por você ter vindo até Manhattan...

— Eu não vim aqui apenas para isso.

Eu engulo em seco. — Ah.

— Sei que estou sendo incrivelmente indelicada, mas eu posso pedir para você um café?

Olhando mais de perto para ela, vejo sua aparência normalmente serena, ligeiramente agitada e carregada de exaustão. Parece que nós dois poderíamos tomar esse café.

— Sem problema. – Deixando os meus pertences no corredor, eu vou para a cozinha.

Mantendo minhas costas viradas, eu me ocupo reunindo tudo que preciso. Estou demorando o dobro do tempo que normalmente levaria para reunir coragem e perguntar por que ela está aqui. A banqueta desliza ao longo dos pisos lustrados, indicando que June planeja ficar um pouco.

— Lamento que as coisas não tenham funcionado para você em Strawberry Fields.

Seguro a xícara que acabei de pegar no armário, com medo de deixá-la cair. — Não é sua culpa e, além disso, as coisas funcionaram. É um lugar verdadeiramente notável. Eu só... eu precisava ir embora. Eu não me sentia bem em ficar lá por mais tempo. – eu não explico o porquê.

O silêncio pesa em nossos pensamentos melancólicos.

— Você precisava fugir de Roman?



A fina xícara de porcelana cara bate contra o pires quando a coloco na bancada. — Eu não sei o que você sabe...

— Ele me contou tudo. – ela revela, pondo de lado as minhas especulações.

— Ele contou? – Minha testa franze. — Por que ele faria isso? – pergunto, virando para olhar para ela.

Ela de repente parece tão culpada, mas aprecio que ela não quebra o contato visual, independentemente de sua vergonha. — Não estou aqui para pedir desculpas por ele, mas há coisas sobre ele...

— De que coisas sobre ele? – pressiono quando ela faz uma pausa, mordendo o lábio superior.

Ela balança a cabeça. — Não é minha história para contar.

— Mas esse é o problema. Ele não vai me contar sua história, bem, não toda ela, de qualquer maneira. Ele me contou sobre sua... – eu deixo a frase no ar, sem saber se ela sabe.

Mas ela sabe. — Sobre sua irmã? – ela pergunta desolada, e eu aceno. — Pobre Roman. – eu fico com a minha boca aberta enquanto ela enterra o rosto nas palmas das mãos.

Não tenho ideia do que está acontecendo. Seu relacionamento com Roman parece muito íntimo, mas eu suponho que ela tenha um relacionamento próximo com muitas pessoas, considerando as circunstâncias que os unem.

— Eu fui para a casa dele. Está tudo empacotado. Ele está indo embora?

June inala antes de retirar as mãos. Parece que ela sabe mais do que demonstra. — Sim, ele está.



Uma inspiração brusca passa por meus dentes rangendo. — Nada disso faz sentido. – eu passo a mão pelo o meu cabelo, segurando-o levemente pela raiz.

Colocando os dedos sobre os lábios, ela fecha os olhos e respira fundo. — Lembra que disse a você que Roman quer salvar o mundo? Bem, é isso que ele está fazendo. Você é o mundo dele, Lola, e ele está fazendo isso para salvá-la.

Sua admissão é amarga. Quero acreditar nela, mas como posso? Ele está indo embora. Se eu fosse tão importante para ele, ele me diria para onde estava indo e se despediria. — Eu entendo que seus motivos podem ser nobres, mas ao fazer isso, ele está... arrancando meu coração. – ela estremece, e eu imediatamente gostaria de ter escolhido outra frase. — Se ele quer me salvar, então ele precisa me dizer a verdade.

O café está pronto. É o alívio que preciso para entender o que ela acabou de dizer. Sirvo um pouco de café, com a minha mente ecoando e girando. Eu sou o mundo dele? Como ela sabe? Até alguns dias atrás, ela nem sabia que estávamos nos encontrando, e eu uso esse termo vagamente. A menos que... ela esteja a par dos segredos mais profundos e sombrios de Roman o tempo todo. Mas por quê?

Tento o meu melhor para permanecer serena enquanto passo por ela, com sua xícara. Ela inesperadamente estende a mão e pega minha mão. Seu toque é uma carícia de mãe. — Estou aqui porque precisava dizer que as coisas nem sempre são o que parecem.

— Eu realmente gostaria que alguém me desse uma resposta direta. – suspiro, me sentindo mais confusa do que nunca.

— Eu estava esperando que Roman o fizesse.

— Eu não esperaria muito. Ele provavelmente já se foi há muito tempo.



— Não tenha tanta certeza. – ela aperta minha mão antes de me soltar.

Há uma promessa sinistra por trás de suas palavras. Assim que termina o café, ela coloca a xícara com borda dourada na bancada e fica de pé. — Ele está hospedado no Hilton.

Eu não consigo deixar de revirar meus olhos. — É bom saber que ele está viajando com estilo. – Não tenho ideia de por que ela achou que eu me importaria. É apenas um exemplo de como ele é um idiota.

— Quarto 218.

— Por que você está me contando isso?

— Apenas no caso de você querer buscar as respostas que você merece saber.

Demora alguns instantes, mas quando percebo o motivo, eu engasgo com o meu café muito pouco feminino. — Ele está aqui? – pergunto, freneticamente enxugando meu queixo.

June sorri, o primeiro gesto feliz que vi dela o dia todo. — Sim.

— Po... por quê?

— Você sabe porquê. – eu não consigo falar. Estou com muito medo do que direi se o fizer.

Ela caminha até minha forma paralisada. Colocando as mãos em cima dos meus ombros, ela me encara com seu olhar gentil. — Talvez você seja a única a salvá-lo.

— Parece muita pressão, considerando que Roman gosta de ser um mártir.

Ela dá uma risada baixa. — Posso ver por que ele gosta tanto de você.



Olhando para cima, eu sorrio. — Obrigada, June. Por tudo.

— Foi uma verdadeira honra conhecê-la, Lola Van Allen. Sabia que você faria a diferença. – ela aperta meus ombros, com as lágrimas molhando seus olhos. Não sei o que ela quis dizer, mas é bom saber que tive um pequeno impacto no mundo.

Soltando-me, ela sorri, parecendo envergonhada de ser pega chorando. — Obrigada pelo café.

— A qualquer momento.

Sem mais nada a dizer, a acompanho até a porta, repentinamente triste porque esta pode ser a última vez que a vejo. No entanto, em vez de insistir na tristeza, alegro-me em conhecer alguém tão notável como June Carrington. — Adeus.

Um olhar de nostalgia a domina. — Adeus, Lola. – ela vai embora, e minha última lembrança dela é estar saindo com um sorriso no rosto.

Assim que ela desaparece no corredor, fecho a porta e me inclino contra ela, processando tudo o que acaba de acontecer. June veio aqui para entregar minhas roupas, mas parecia um estratagema para me dizer que Roman está em Manhattan. Não entendo por que ele está aqui ou por que ela sentiu a necessidade de me contar. Nunca achei que June era um cupido, então por que ela faria o que fez? Isso parece muito esforço para um dos membros de sua equipe.

Permito que minha mente divague, e ela vagueia para o Hilton e para o quarto 218.

Como ele ousa vir aqui e esperar... esperar o quê? Ele obviamente não espera nada porque não está batendo na minha porta, implorando por perdão.



June deu a entender que ele está aqui por minha causa, mas não acredito. O que ele poderia querer dizer que não poderia dias atrás? Voltei para casa para escapar dessa desolação, mas de alguma forma parece pior.

Preciso descobrir isso antes de seguir em frente. Mas como vou fazer isso?

— *Quarto 218.*

Gemendo, inclino minha cabeça para trás. — Droga. – eu não me incomodo em mudar ou desembaraçar meu coque torto. Se eu não for agora, vou me acovardar.

Não me importo que a Sra. Dunned esteja olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça enquanto corro pelo corredor sem me preocupar em dizer olá. Tudo que me importa é entrar naquele elevador e acabar com isso de uma vez por todas.

Meus sapatos fazem buracos no tapete, deixando pegadas prováveis na minha pressa. As portas do elevador se abrem e eu acelero meu passo, pois estou quase lá. Concentrando-me nessas portas e nada mais, esbarro em algo e, quando o faço, tenho uma estranha sensação de déjà vu.

A princípio, eu tenho certeza de que é a parede, mas isso é impossível, considerando que estou parada no corredor aberto. Isso deixa apenas uma outra opção. Acabei de bater rudemente em alguém, o que é totalmente minha culpa.

— Eu sou tão... – As palavras morrem em uma confusa convicção quando olho para cima e vejo o rosto marcante de um homem que emana pura masculinidade. A primeira coisa que chama minha atenção é a vibração de seus olhos azul-acinzentados. No entanto, desta vez, aqueles olhos estão carregados de desespero.



Meu cérebro, a placa-mãe do meu corpo trêmulo, de repente entra em curto-circuito, não acreditando que estou vendo quem estou vendo. Isso é certamente algum golpe que minha mente conjurou para ajudar a lidar com minha perda. Mas quando ele fala, sua voz doce e suave traz de volta memórias que nunca, nunca se apagam, e eu sei que isso é real.

— Desculpe. – ele diz, mas não sei se ele está falando por mim ou por si mesmo.

— Você está brincando comigo.

— Bem, olá para você também.

Sei que estou sendo rude, mas sério... você está brincando comigo. — O que você está fazendo aqui?

Alguém pigarreia, alertando-nos para o fato de que estamos parados no meio do corredor, em frente aos elevadores, no entanto. Quando me viro, vejo a Sra. Dunned atrás de nós, parecendo longe de estar impressionada. Ela não mascara o seu desgosto enquanto claramente avalia Roman. O modo de proteção entra em ação e eu estreito meus olhos, com um aviso silencioso de que se ela não tirar aquela cara feia, eu tirarei para ela... com minha palma da mão.

Não tenho ideia de por que ela não aprovaria Roman; ele se encaixa em seu círculo social. No entanto, quando olho de perto e supero meu choque inicial de vê-lo aqui, percebo que ele se parece com qualquer outra pessoa, exceto com o médico arrogante e vibrante que aprendi a amar.

Seus jeans são rasgados na altura do joelho, e ele optou por uma camiseta larga com decote em V. Seu cabelo está despenteado parecendo que ele passou os dedos por ele, em vez de um pente. Sua barba está mais grossa do que o normal, transformando a sua aparência



refinada de costume para rebelde e angustiada.

Roman dá um passo à frente, colocando a mão no meu braço para me tirar do caminho. O toque é eletrizante, com cada terminação nervosa reverberando de alegria. Sra. Dunned passa por nós e não tenho dúvidas de que ela enviará uma mensagem de texto para minha mãe, informando-a do que acabou de ver, antes de entrar no saguão.

Não estou interessada em ser o assunto da fofoca em todos os almoços de socialite de Nova York, eu encolho os ombros para me afastar de Roman. Sua boca se curva em um sorriso amargo. Isso é guerra.

— O que você quer?

Cruzando os braços arrogantemente sobre o peito, ele irradia pura dominação, o que me irrita. Como ele ousa vir aqui sem avisar? Ele terminou as coisas, mas também é aquele que não consegue me deixar em paz. — Achei que estava sendo assaltado, mas, aparentemente, não havia nada que valesse a pena roubar.

Levantei uma sobrancelha apática. — Esta é a última parada em sua turnê de despedida? Nesse caso, quero um reembolso. – Este olho por olho não está nos levando a lugar nenhum, mas é libertador, pois não estou mais triste. Estou com fome.

— Eu não vou embora.

— Você o que? – eu franzo meu nariz, confusa. — Eu vi sua casa, Roman. A menos que você de repente queira ficar, então ouso dizer que você quer ir embora. Além disso, June me disse que você estava indo. Ela me disse que você estava em Manhattan. – Meu atrevimento dura pouco.

— June te contou? Ela veio aqui?



— Sim. – eu respondo, com a minha voz baixa. Espero não ter causado problemas para ela. — Ela veio me ver mais cedo.

Ele parece ponderar minha admissão antes de inclinar a cabeça para o lado. — Onde você estava indo com tanta pressa? Você vinha me ver?

Eu zombo, tentando bancar a tímida enquanto empurro meus óculos no nariz. — Por favor, tenho coisas melhores para fazer. Eu estava indo para uma corrida. – Roman olha para minhas sapatilhas de balé e vestido de verão, com ambas sobrancelhas erguendo-se em descrença divertida. — Tanto faz, não é da sua conta para onde eu estava indo. Você desistiu do direito de saber quando se transformou em um idiota colossal! Adeus. Tenha uma ótima vida. – eu me viro, odiando que ele possa mexer com minhas emoções em um piscar de olhos.

— Lola, Lola, espere! – ele se agarra ao meu pulso, me impedindo de fugir e com seu desespero claro.

— Esperar pelo quê? Isso é tudo que eu tenho feito... esperando que você me diga a verdade!

— Eu sei e sinto muito. Achei que estava fazendo a coisa certa.

— Bem, você pensou errado.

É como olhar para um espelho, sua dor e frustração refletindo as minhas. — Sei que não mereço, mas tudo que peço são cinco minutos. Se você ainda me odiar depois disso, prometo que vou deixá-la em paz para sempre.

— Eu não te odeio. – respondo, com minha raiva desaparecendo. — Eu deveria, mas não odeio. Como cinco minutos irão desfazer todos os minutos anteriores?



Ele esfrega a barba antes de passar a mão para cima, bagunçando o cabelo. — Porque desta vez, cada minuto carregará a verdade. Estou pronto para te contar tudo. Só espero que você ainda me veja da mesma forma depois de ouvir tudo.

Meu pulso dispara e minha boca fica seca de repente. Ele não está sendo melodramático. É evidente que ele quis dizer cada palavra. De repente, estou apavorada, mas afastando esse medo, eu aceno. É um impasse e me pergunto se alguém sairá vencedor.

— Você vai me deixar explicar?

Não tenho outra escolha. Preciso saber seus segredos. Com isso como minha motivação, me viro e caminho para o meu apartamento. Seus passos pesados atrás de mim indicam que ele está me seguindo. Posso sentir a tensão exalando dele, o que me deixa nervosa. Ele geralmente é tão calmo.

Meus dedos tremem enquanto tento destrancar a porta, com as chaves batendo contra o chaveiro de coração. Respiro fundo e me acalmo. Se vou fazer isso, preciso manter a calma. São necessárias duas tentativas, mas consigo abrir a porta sem precisar chutá-la.

Jogando minhas chaves na mesa do hall de entrada, caminho para a sala de estar. Cruzo os braços sobre o peito, indicando que o chão é dele. Ele engole e começa a andar pela sala. Eu observo cada passo rígido em silêncio, entendendo que ele precisa desse tempo para reunir coragem para começar.

Quero confortá-lo, mas não o faço. Vou dar a ele o tempo que ele precisa.

O ar faz um ruído antes que ele para de andar abruptamente e vire as costas. E assim, sua história começa. — Quando topei com você naquele primeiro dia, sabia que você ia causar impacto, mas nunca pensei que fosse



causar um tsunami. Quanto mais tempo passo com você, mais me encontro completamente atraído por você. E quando separados, eu não conseguia parar de pensar em você.

— Nunca conheci ninguém como você antes. Sua força é incomensurável, e o mais notável é que você nem mesmo percebe o quanto incrível você realmente é. Sua força, sua compaixão, mas acima de tudo... – ele faz uma pausa, abaixando a cabeça. — Seu coração é diferente de tudo que eu já conheci antes.

Quero agradecer a ele por palavras tão lindas, mas fico quieta.

— O teu lugar é com alguém jovem e saudável. Alguém que pode cuidar de você.

Eu molhei meus lábios secos. *Do que ele está falando?*

— Eu não posso dar isso para você... não importa o quanto eu queira.

— Po... por que não?

— Sinto muitíssimo. Nunca quis te magoar. – O arrependimento pesa tanto que eu posso ouvir sua dor.

— Ouvi o que você disse a June em seu escritório. – eu confesso, observando seus ombros relaxarem. — O que há sobre nós que faz você pensar que não teremos um felizes para sempre? Não sou boa o suficiente para você? É isso?

Silêncio.

Eu pisco as minhas lágrimas. — O mínimo que você pode fazer é olhar para mim. – eu choro, sentindo-me rejeitada e indesejada pelo homem que quero mais do que ar.



Sua cabeça pende enquanto suas mãos se enfiam profundamente em seus bolsos. — Eu estava tentando colocar distância entre nós, Lola, porque eu estava... eu estou ... eu me apaixonei por você.

— Você o que? – eu suspiro, colocando uma mão vacilante em minha boca.

Ele exala antes de confessar: — Eu te amo. – Corações, estrelas e lágrimas deveriam seguir essa declaração, mas em vez disso, sinto que é mais um adeus.

— Me amar é uma coisa tão ruim? – perguntei, sem entender nada disso.

Quando ele responde, gostaria de nunca ter perguntado. — Sim. Isso nunca levará a nada. Eu não estava sendo correto com você. Deveria ter ficado longe, mas não consegui. Eu estava viciado em você. Eu ainda estou. Deus sabe que se eu fosse um bom homem, não estaria aqui contando isso para você. Eu teria deixado você em paz e deixado você viver. Mas eu não posso. A ideia de você rindo, sorrindo com outro homem... – ele murmura. — *Beijando* outro homem me deixa louco. Eu não aguento mais.

Meu cérebro está indo a um milhão de quilômetros por minuto. Eu deveria estar nas nuvens, mas não estou. Há uma tristeza subjacente, e estou apenas esperando pelo infame *Eu te amo, mas...*

— Por que sua casa está vazia? Se você não vai embora, onde estão suas coisas?

Cada segundo de silêncio doloroso que passa só aumenta a minha perplexidade. Ele disse seus pecados, mas estou perdendo uma peça vital. Estou tentando ser paciente, mas seus cinco minutos estão quase acabando. Não estou mais perto de descobrir esse enigma do que estava antes de ele começar.



— Qual era o objetivo disso? Qual foi o ponto de me ajudar, tentando tanto me salvar quando você nem consegue olhar para mim? Qual era o sentido de se apaixonar por você, Roman, se terminarmos em uma tragédia? – eu não percebi o que disse até que a sua cabeça se ergueu lentamente e uma lufada de ar pesada deixou seus pulmões.

— Você me ama?

— Sim. Com todo meu coração.

Se não fosse por seus ombros subindo e descendo de forma constante, eu diria que ele não estava respirando. Acabei de confessar meus sentimentos a ele, e tudo o que ele pode fazer é permanecer indiferente, aumentando minhas dúvidas.

Correndo para frente, agarro seu bíceps, forçando-o a me encarar, mas ele não se move. — Seus cinco minutos acabaram. – digo, balançando a cabeça, enfurecida. — Fui estúpida em pensar que você poderia me amar. Eu não me encaixo em seu mundinho perfeito; Nunca me encaixarei. O que eu era, algum caso de caridade pelo qual você sentiu pena? – Minha voz falha, mas eu afasto meus medos, sem derramar uma lágrima por alguém que nem mesmo consegue me mostrar as boas maneiras de se virar.

— Estou longe de ser perfeito. – ele finalmente diz. — E eu nunca senti pena de você.

— Então por que você fez isso? Por que você quer me salvar?

A tensão saindo de seu corpo tenso quase me queima, e a sala de repente fica quieta. Eu recuo e vejo seu comportamento mudar de repente. — Eu quero... eu quero salvar você porque estou... além de salvar você.

Antes que eu repreenda as suas afirmações, ele alcança a cabeça com as duas mãos e puxa a gola da camisa, puxando-a de seu corpo. Eu



fico paralisada, mal respirando enquanto me deparo com suas costas largas e musculosas. Quero perguntar o que ele está fazendo e por que está tirando a roupa, mas não consigo falar. As palavras ficam presas na minha garganta.

A camiseta flutua até o chão quando ele abre o punho. — Eleanor era minha irmã, mas esse não era o nome verdadeiro dela.

O tempo está parado. Vou me lembrar desse momento enquanto eu viver.

— Ela era uma grande fã dos Beatles e *"Eleanor Rigby"* era sua música favorita. Ela costumava tocar em loop sempre que ficava triste, o que era na maior parte do tempo. Foi sua fuga de viver uma vida que ninguém merece viver. Ela era uma pessoa solitária e, durante toda a sua curta vida, tudo o que ela desejou saber era a que lugar pertencia.

Dou um, dois passos para trás, balançando a cabeça, incapaz de respirar.

— Ela nunca descobriu onde pertencia; ela ficou sem tempo. Mas agora gosto de pensar que ela não está mais sozinha. Ela não é mais uma pessoa solitária porque está cercada por sua natureza. Um campo, um *campo de morangos* de pessoas solitárias certamente não estão mais sozinhas.

Meu coração dispara em meu peito e eu suspiro.

— O nome dela era... Scarlett. – Suas palavras se tornam mais lentas, e eu cubro meus ouvidos, balançando a cabeça violentamente.

Mas isso não faz diferença porque nada pode preparar meus olhos para o que testemunharei a seguir. A cabeça de Roman inclina-se antes que ele vira a uma velocidade terrivelmente lenta. Ele não encontra meus olhos, mas mesmo que o faça, não consigo desviar meu olhar de seu peito.



O motivo é que sobre seu coração, o coração que batia tão forte sob meu ouvido, está uma cicatriz longa e irregular. A ferida vermelha é a única resposta de que preciso.

Roman poderia ter me dito, mas como com Erin, ele sabia que me mostrar seria a única maneira que eu entenderia.

— Então, você vê... – ele coloca a palma da mão sobre o coração. — Não tão perfeito, afinal.

A visão de Roman com a cabeça baixa, com a mão no coração com cicatriz, ficará para sempre gravada em minha mente. Eu nem entendo o que estou vendo.

Com medo de estar a segundos de desaparecer, sento no sofá, tentando processar o que acabei de ver e ouvir. — S... Scarlett é sua irmã? Esse era o nome da filha de June que... ah, Deus... – eu choro, sem acreditar. Deve haver algum engano.

Mas Roman confirma as minhas suspeitas como verdadeiras. — Scarlett era minha irmã e June é... minha mãe. – ele finalmente levanta o queixo, com a tristeza se acumulando em seus olhos comoventes.

Ele está me observando de perto, avaliando minha reação ao que ele acabou de confessar. Posso parecer estoica, mas por dentro, cada fibra do meu ser está gritando de puro horror.

— Ro... Ro... Roman... eu nã... não... – eu coloco a mão na boca, fechando os olhos para conter as lágrimas.

Os passos pesados de Roman soam contra o tapete macio, chegando cada vez mais perto de onde eu estou sentada. Meus olhos se abrem, incapazes de focar em nada além da cicatriz irregular. Todas as vezes que ele me segurou perto, eu nunca soube o que ele estava escondendo. Enterrado sob o que eu percebi como perfeição estava um homem quebrado.



Ele parece envergonhado e rapidamente tenta pegar sua camisa. Mas minha mão estende e eu agarro seu pulso. Ele olha para a nossa conexão, depois volta para mim. — Não, não. Você já se escondeu o suficiente.

Quero fazer tantas perguntas a ele, mas não faço. Simplesmente dou a ele todo o tempo que ele precisa para compartilhar comigo algo que eu não acho que ele já compartilhou com ninguém antes.

Ele exala, antes de me contar sua história. — June contou a você sobre Scarlett? – Eu aceno lentamente. — Ela era uma criança tão inteligente. Não era raro ela corrigir seus médicos sobre sua condição, porque ninguém era mais culta do que Scarlett. Ela leu cada artigo médico e livro publicado sobre a sua condição. Mas isso não fez diferença. No final, a doença ceifou sua vida.

Eu abaixo meus olhos, sentindo uma afinidade com Scarlett.

— Quando ela... morreu... – Parece que Roman ainda tem problemas em dizer seu resultado em voz alta. — Um pedaço da minha mãe morreu com ela. Ela nunca foi a mesma, e ela nunca olhou para mim da mesma forma porque éramos gêmeos... por que eu ainda estava vivo e Scarlett não?

— Ela caiu em uma depressão profunda e não queria nada comigo ou com meu pai. Tentamos ajudá-la. – O desespero é claro, e acredito em cada palavra. — Mas ela não queria ajuda. Ela nos afastou.

— Perdi minha irmã gêmea e perdi a minha mãe. Eu precisava dela porque ela era a única pessoa que conseguia entender como era ter um pedaço do seu coração arrancado do peito e, em seu lugar, havia um vazio que ficava cada vez maior.

Ele observa à distância, perdido no tempo. — Ela empurrou meu pai para os braços de sua melhor amiga. Eu sei que não foi intencional, mas



ela simplesmente não nos queria por perto. Éramos uma lembrança de tudo que ela já teve, mas perdeu. Eu sei por que ela fez isso, mas eu nunca a perdoei de verdade.

Eu quero tocá-lo, mas não toco. Sento-me em minhas mãos, com muito medo de que, se fizermos contato, eu atrapalhe essa memória, que ele mantém enterrada.

— Uma criança não pode aceitar muitas rejeições. Mudei-me com o meu pai e sua nova família, mas nunca esqueci Scarlett. Como eu poderia? Cada batida do meu coração me lembrava da vida que roubei da minha irmã.

— Roubou? – Minha voz é apenas um sussurro. — Você não roubou a vida dela, Roman. Você tem todo o direito de viver.

— Eu era o seu gêmeo. Por que meu coração estava saudável e o dela não? Por que meu coração não foi o único a falhar? Eu teria dado qualquer coisa e dado a ela o meu coração, se pudesse. – O arrependimento por trás de suas palavras é insuportável, e sufoco um soluço.

Ele limpa a garganta, afastando as lágrimas. — É por isso que me tornei médico. Eu queria ajudar o máximo de pessoas que pudesse porque cada rosto era de Scarlett. Com cada pessoa que ajudei, recuperei minha crença de que era digno desta vida.

— Por que é segredo que June é sua mãe?

Ele balança a cabeça uma vez antes de se sentar ao meu lado. — Não é, mas isso também não é necessário saber. Além disso, quero ser respeitado pelo que conquistei, por quem eu sou, não por causa de quem é minha mãe. Até recentemente, nem nos falávamos.

Seus lábios se curvam nos cantos em um sorriso sarcástico. — Você sabe como é o mundo. Apenas um deslize e outro médico está



esperando nos bastidores, pronto para tomar meu lugar. Este trabalho é procurado por muitos. Não quero que ninguém pense que não ganhei meu lugar.

Compreendo. Este mundo em que vivemos é implacável e cruel.

— Depois que June aceitou a morte de Scarlett, ela quis honrá-la e à sua vida, e é por isso que a Strawberry Fields existe. Tenho certeza de que ela lhe contou tudo sobre isso. Scarlett teria adorado. Seu campo tem o nome do memorial de John Lennon no Central Park.

Há muito o que processar, mas sei que ainda não vimos a superfície. — Você disse até recentemente que não se falavam. O que aconteceu para que isso mudasse? – eu sei o que aconteceu, posso ver, mas não entendo o que estou vendo.

Todo esse tempo, Roman estava perdido em pensamentos, sem fazer contato visual, mas com o mais lento dos movimentos, ele vira o queixo para olhar para mim. Eu sabia que ele era um ser lindo, mas agora, sua beleza é extraordinária.

Minhas mãos estão frouxas no meu colo, mas ressuscitam quando Roman desliza sua palma sobre a minha. O contato aquece cada centímetro do meu corpo. Mas esse calor empalidece em comparação com o que ele faz a seguir. Com dedos confiantes, ele puxa minha mão para cima e a coloca sobre seu coração batendo.

A cicatriz sob meus dedos é lisa. Com um toque tímido, eu acaricio sobre ela, mas Roman agarra o meu pulso, como se estivesse com repulsa por estar acariciando algo que ele acha horrível.

— Foi isso que aconteceu. – ele responde, me soltando. — Sim, eu me tornei um médico para homenagear Scarlett, mas também me tornei um médico para me homenagear.



Minha respiração começa a aumentar continuamente. — Eu... eu não entendo.

Ele molha os lábios antes de confessar: — Scarlett e eu éramos gêmeos. O que ela tinha, eu também tinha. O meu estava oculto. Eu tinha uma doença cardíaca congênita, assim como Scarlett, mas a minha era - *é* - um defeito complexo e mais complicado que se apresentou pela primeira vez quando fiz 20 anos. Doenças cardíacas congênitas descobertas na idade adulta só podem ser reparadas cirurgicamente.

As paredes se fecham sobre mim.

— Minha primeira cirurgia... – ele esfrega distraidamente sua cicatriz. — Foi quando eu tinha 21 anos. Funcionou por um tempo, mas parece que meu coração é tão teimoso quanto minha cabeça. A segunda operação foi três anos depois. Realizei uma cirurgia cardíaca para substituir minhas válvulas danificadas. Isso pareceu funcionar, mas não sou tão cego. Eu sou um médico. Eu sei o que meu futuro reserva.

— E o que é? – pergunto em um mero sussurro.

Ele me consola, apertando minha mão com ternura. — Você sabe o que.

Não.

Este é o seu segredo? Seu segredo de mudança de vida é que ele está... morrendo.

Uma sensação de náusea me invade e cubro minha boca, com medo de vomitar. Nada sai, no entanto, porque estou vazia por dentro.

Ele fez tudo isso para me salvar e me proteger. Salvar-me do mesmo destino que está em seu caminho e me proteger dessa dor no coração de saber



que Roman, assim como eu, teve sua vida arrancada debaixo dele.

— Por que não contou para June antes? Sei que ela se arrepende de não estar lá para você. – Ela mesma me disse isso.

Roman sorri, e é tão amargo. — Porque minha família já teve sofrimento suficiente. Ela não precisava de outro coração partido. – ele segura minha bochecha, com seu polegar enxugando as lágrimas que eu nem sabia que tinha caído.

Cada memória me domina, e eu engulo em três respirações profundas, desesperada para me afastar e não quebrar. Os soluços angustiantes de June na capela ecoam alto em meus ouvidos. Agora entendo por quem ela derramou aquelas lágrimas. Ela estava perdendo os dois filhos. Não é à toa que ela mostrou tanto interesse em Roman e na minha vida. Ela estava recuperando o tempo perdido e isso tinha um prazo.

Lembro-me dos muitos comentários de Roman sobre não ser bom o suficiente, ou por que alguém iria querer namorá-lo. Agora sei por quê. Por que começar um relacionamento com alguém quando essa nuvem constante de desgraça paira sobre sua cabeça? Eu conheço esse sentimento muito bem.

O comentário de Tamara sobre ele morrendo como um *velho* solitário e como ele respondeu com uma resposta ambígua na época. Mas agora, isso está claro como cristal. Tudo isso está.

— Por que você não me contou? – Minha gagueira não é causada pela minha doença, mas sim pelo fato de estar indo tão perto do limite. O que acontece quando eu cair? Eu desmorono, é isso.

— Você sabe por quê. – ele simplesmente responde.



Ele me pressionou a lutar porque ele entende o que é ter um prazo. Ele quer para mim o que eu quero para ele.

Viver.

Quando você está doente, ninguém quer ser tratado dessa forma. Eles só querem normalidade. Não é?

Todo esse tempo, eu pensei que ele não me queria porque eu era defeituosa, mas na realidade, ele é quem se via como a maior imperfeição de todas.

— Você não pode desistir. – grito, agarrando às duas mãos e pressionando-as contra o rosto. Eu preciso sentir seu toque, em todos os lugares, para sempre. — Você me ensinou a lutar.

— Há esperança para você, Lola, e isso me faz o homem mais feliz do mundo.

— Ainda pode não funcionar. – pressiono, incapaz de aceitar sua rendição.

Ele balança a cabeça freneticamente, agarrando minhas bochechas com fervor. — Como eu disse uma vez, isso vai funcionar, tem que funcionar. Não vou aceitar outro resultado. Scarlett morrendo, minha mãe sendo uma casca de quem ela já foi, meu coração falhando, isso tem que levar você a viver. Porque, senão, qual é o sentido de toda essa mágoa? Viva por mim. Viva a vida que não posso viver.

Cada parte do meu corpo dói. — Como posso aceitar ser salva? Eu não sou ninguém especial.

Roman me olha com aqueles olhos azuis tempestuosos e sorrindo. — Sim, você é. E não tenho sorte de ter algo, alguém que vale a pena salvar?



Eu me jogo em seus braços, segurando com tanta força que tenho certeza de que nos tornamos um.

Ele passa a mão no meu cabelo, beijando meu pulso acelerado. — Eu te afastei porque como podemos ficar juntos? Como isso é justo com você? Não queria me apaixonar por você. Cada vez que eu pressionava, você repelia duas vezes mais forte. Cada vez que tentava ficar longe, me via querendo você cada vez mais. Você me desafiou, me testou e eu caí totalmente e irrevogavelmente sob seu feitiço. Você me deu algo pelo qual viver. Pode ser em vão, mas foi bom enquanto durou. Eu não deveria estar aqui por tantos motivos, mas não posso ficar longe de você.

— Eu não quero que você fique longe. – eu soluço em seu ombro. — Quando eu olho para você, tudo que vejo é esperança.

Roman suspira e sinto um peso invisível ser retirado de seus ombros. Ele dá beijos suaves sob minha orelha, alimentando uma chama dentro de mim. — Você pensou que eu era sua força... mas a verdade é... que você era a minha.

— Roman. – suspiro, incapaz de suportar essa turbulência. — Tem que haver outra maneira.

— Não há cura para mim, mas existe para você. – ele pressiona seus lábios na minha têmpora. — Você vai se curar. Você vai ficar forte. Você vai ser uma linda esposa e uma mãe incrível. Isso é tudo que quero para você. É por isso que eu te pressionei. O maior presente que você pode me dar é... viver.

Um soluço gutural toma conta do meu corpo e eu choro incontrolavelmente, duvidosa que algum dia eu pare.

Nós perdemos incontáveis minutos nos escondendo e mentindo para proteger o outro da mágoa, mas se tivéssemos sido honestos desde o início,



teríamos mais tempo.

De repente, o tempo é o inimigo e tudo em que consigo pensar é em não perder mais um minuto - já perdemos o suficiente.

Nada parece mais certo do que quando pressiono os meus lábios trêmulos nos dele. Minha ousadia o pega desprevenido, e ele paralisa, com seu corpo ficando tenso. Mas ele logo relaxa quando encontro seus olhos, implorando que esqueçamos tudo, exceto nosso amor.

Minhas lágrimas há muito desapareceram quando os nossos lábios colidem em uma união de desejo, desespero e necessidade. Nossos beijos são alimentados pelo que acabamos de compartilhar e de repente quero entrar nele e nunca mais emergir.

Coloco as duas mãos em seu peito, sentindo seu coração batendo forte descontroladamente sob minhas palmas. A fonte da vida é o som para o qual eu marchei, e paro de pensar demais e simplesmente deixo rolar. Fecho meu punho sobre seu coração e, com o outro, chego ao redor e começo a abrir o zíper do vestido.

Nossos lábios nunca perdem o ritmo enquanto os seus dedos frenéticos puxam as alças sobre meus ombros e braços. Eu me movo e viro antes que o vestido fique na minha cintura, deixando nós dois nus. No momento em que ele me puxa para frente e nos pressiona frente a frente, eu quero mais - muito mais.

Gosto que Roman será o meu primeiro e último, porque não importa o que aconteça, nada, ninguém jamais vai superar essa memória que estamos prestes a fazer.

Estou mais apertada do que um laço enquanto abro o fecho na frente do meu sutiã rendado. Assim que ele abre, a mão de Roman estende, me impedindo de me despir. Meus olhos se abrem e eu me afasto em confusão. Por que ele me parou?



— Você não quer? – sussurro, incapaz de esconder meus medos.

Seus lábios, aqueles lábios suaves e deliciosos, formam um sorriso pecaminoso. — Claro que quero. – A afirmação é confirmada quando ele geme, com os olhos baixando rapidamente. — Eu só... e você? – ele dá um beijo carinhoso no meu ombro, circulando sua língua, antes de se aventurar para baixo. — Porque eu quero que você saiba que eu não te disse isso esperando nada.

Um gemido apaixonado escapa pelos meus lábios. Ele respira, respirando a minha essência. O gesto simples é completamente desejável, e eu arqueio para trás, permitindo-lhe acesso total enquanto ele dá beijos suaves como uma pena contra minha pele quente.

Ele continua me explorando, com sua língua e lábios deixando um itinerário de onde ele esteve. Enquanto ele beija mais abaixo, acima da minha clavícula, e descendo, eu sei que a resposta é sim, eu sei. Nunca tive mais certeza de nada antes.

Com muito medo de falar, falo com ações, ao invés de palavras. Coloco minha mão sobre a dele e o incentivo gentilmente a me soltar - fisicamente, emocionalmente. Meu sutiã cai no sofá, me expondo exatamente como ele está. Minha pele arrepia de excitação quando ele leva um momento para observar cada centímetro do meu corpo amadurecido.

Ele geme, lambendo o lábio superior em desejo absoluto. — Você é linda. Eu quero você. Muito.

— Eu quero você também. – São as últimas palavras faladas enquanto falamos em um idioma criado especialmente para nós.

Nossas roupas caem no chão, sem nenhum fragmento delas em nossa pele. Estamos nus, de corpo e alma, e isso é apropriado, porque todas as camadas foram finalmente desnudadas. Tudo o que resta é



pura honestidade e amor.

Roman me deita no sofá, garantindo que seu peso não esteja me esmagando, mas eu quero que ele faça isso. Não sei para onde olhar, e ele sorri baixinho da minha inocência. Enquanto nos beijamos, ele agarra a minha nuca, apertando seu aperto conforme ficamos mais desesperados e intensos. A outra mão desliza para meu quadril e depois para dentro. Meus olhos se abrem e eu quebro nossa conexão, e um gemido me escapa. Ele pega meu lábio inferior entre os dentes antes de pressionar cada vez mais a minha boceta. Fico relaxada quando seus dedos me penetram.

Pelos próximos minutos incontáveis, ele domina cada centímetro do meu corpo, e eu deixo. O doce tormento nunca foi tão bom. Ele me pune com um sorriso.

— Você tem certeza? – ele pergunta sem fôlego, pegando uma camisinha de sua carteira.

Tirando o cabelo caído de sua testa, eu aceno, levantando meus lábios trêmulos. Ele se funde em mim, me beijando e me roubando o fôlego. Mas quem precisa de ar quando... Roman se move e nos conectamos da maneira mais íntima possível. Quem precisa de ar quando você tem isso.

— Ah. – suspiro, nunca me sentindo tão preenchida.

Ele fica quieto, esperando e observando que eu relaxe, sempre colocando minhas necessidades em primeiro lugar, mas quero que ele me faça gozar. Eu levanto meus quadris e estremeço, me perdendo em tudo, exceto nele. Ele me beija com ternura, movendo-se em sincronia com seus movimentos medidos e oscilantes onde nos unimos.

Isso dói, mas isso dói *muito*.

Isso é lento no início, pois o meu corpo aprende esta dança muito complicada para



dois, mas com Roman como meu professor, não demorou muito para aprendê-la. Ele penetra e eu me aproximo dele. Nós nos movemos, respiramos e nos conectamos em perfeita harmonia, e eu não quero que esse sentimento acabe.

Enquanto avançamos em direção à linha de chegada com Roman dentro de mim, eu faço uma promessa a mim mesma que não importa o que aconteça, lutarei até o amargo fim. Lágrimas escorrem dos meus olhos e Roman de repente fica imóvel, sem fôlego e ofegante.

— Eu machuquei você? – ele pergunta, tocando minhas lágrimas com a ponta do dedo e o medo permeia enquanto ele observa cada centímetro do meu rosto.

Eu balancei minha cabeça. — Não. Eu nunca estive mais feliz. Não pare. – Arqueio meus quadris, com a imensa percepção diferente de tudo que eu já senti antes.

— Eu te amo. – ele sussurra em meu ouvido, beijando a minha pulsação frenética e mordendo o meu queixo.

Meus olhos reviram para a parte de trás da minha cabeça, com a fricção e a sensação de estar unida dessa forma quase sendo demais.

Ele observa e me ampara, garantindo que a minha primeira vez seja a mais perfeita possível. E ela é. Com os nossos muros não mais levantados, nos libertamos e nos perdemos na simplicidade disso... na simplicidade do amor.

Com minha palma pressionada sobre seu coração agitado, eu gozo com um prazer estrondoso, e ele me segue logo em seguida. Ele sussurra palavras doces em meu ouvido, prometendo nunca me deixar ir... e espero que ele nunca o faça.



Capítulo 14

Eu acordo com meu segundo cheiro favorito no mundo - café. O primeiro seria a pessoa que está fazendo barulho na cozinha.

Esticando como um gato preguiçoso se aquecendo ao sol, meu corpo geme, mas é uma sensação de contentamento. A noite passada foi incrível. Excedeu tudo que já imaginei que fosse. Achei que ficaria tensa e tímida, mas não fiquei. A sensação de Roman encaixado em meu corpo e alma aniquilou todos os medos, e eu me perdi em uma união que me mudou para sempre.

Tirando o cabelo da testa, sento-me, rindo quando vejo que de alguma forma acabamos no chão. Depois de nosso terno amor, Roman me abraçou e caímos em um sono profundo. Acordei algumas horas depois com uma onda de beijos. Eles começaram nas minhas pálpebras, descendo em cascata pelas minhas bochechas, pelos meus lábios e, em seguida, descendo entre os meus seios. Enquanto o percurso de Roman pelo meu corpo continuava cada vez mais baixo, me rendi e dei carta branca a ele. Estávamos abraçados



segundos depois, com o Roman me mostrando que essa coisa chamada amor vem em muitas formas e tamanhos.

Nossa primeira vez foi terna, conhecendo o corpo do outro, mas na segunda e terceira vez, fico vermelha só de pensar em todas as coisas más que fizemos.

Mas agora que o sol da manhã conquistou a lua, concentro-me na única coisa que importa - a sobrevivência de Roman. Simplesmente não posso aceitar um mundo onde ele não viva.

Ele parece ter aceitado seu destino. Eu deveria saber porque eu estava no lugar dele não há muito tempo. Mas até que eu tenha esgotado todas as opções possíveis, não vou desistir. Acabei de encontrá-lo, e não me importaria se ele fosse arrancado de mim antes de termos uma chance de viver.

Pegando o meu celular da mesa de centro, vejo que já passa das nove da manhã. Ligando para o consultório do Dr. Carter, pergunto a sua secretária se posso falar com ele por um minuto. Ela nos põe em contato e sua voz jovial ressoa na linha segundos depois.

— Lola, é ótimo ouvir você. Está tudo bem com seu exame esta manhã?

— Sim. – eu reúno coragem para revelar o verdadeiro motivo pelo qual liguei. — Eu queria saber... você pode recomendar algum cardiologista? – Quando ele fica em silêncio, acrescento rapidamente: — Não é para mim; é para um amigo.

— Eu sei de alguns. Vou pedir para Wilma enviar um e-mail com uma lista. Embora Dr. Archibald seja provavelmente a melhor pessoa para você perguntar.



Meu coração está saindo pela boca. Eu esperava que ele não dissesse isso. — Obrigada. Vejo você esta tarde. – desligo, sentindo um fracasso total e absoluto.

— Bom dia. – Sua voz suave é como chocolate clássico, e meus ombros caem instantaneamente.

Virando para olhar para ele, eu mordo meu lábio, sufocando o meu gemido.

O sol forte brilhando da janela destaca tudo que eu admirava na escuridão da noite. Seu músculo em V é forte como uma rocha, rivalizando com seu abdômen. Seu cabelo despenteado fica em montes rebeldes, e essa rebelião é desafiada pelo status de nerd gostoso quando ele colocou seus óculos de aro escuro.

Ele parece um modelo da Calvin Klein, mas ainda mais perverso.

Sua cicatriz é sua medalha de honra, mostrando ao mundo que ele era muito mais forte do que tudo o que tentou vencê-lo. Sua tatuagem também. Ele me observa observá-lo e, conscientemente, esfrega seu peito. — Desculpe, não tenho algo melhor para oferecer a você.

Levantando meus olhos, eu balanço minha cabeça, pressionando a manta que estou envolvendo no meu peito. — Eu não mudaria nada. – Seus lábios rosados se curvam em um sorriso sexy e eu entro em combustão interna.

Com dois cafés nas mãos, Roman vai até onde estou sentada no chão. Ele para e parece pesar os danos da noite passada e de manhã cedo. Ele parece incrivelmente satisfeito com os nossos esforços. Sentado ao meu lado, ele me oferece um café. — Com quem você estava falando?

Nada passa por ele.



Saboreando meu primeiro gole da tão necessária cafeína, seguro a xícara e suspiro. — Dr. Carter.

As costas de Roman ficam tensas. — Você está bem? Você se sente mal?

Eu rapidamente coloquei sua mente à vontade. — Estou bem. Eu devo vê-lo hoje. Pedi a ele para assumir o cargo de... – eu deixo a frase no ar.

— Claro, isso foi uma coisa sábia a fazer. Então você vai ficar em Manhattan?

Levanto meus ombros. — Eu não pensei muito nisso. Eu ia ficar, mas agora...

— O que? – ele pergunta, olhando para mim por cima dos óculos.

— Agora as coisas mudaram.

Nós dois estamos quietos, tomando nossos cafés, provavelmente nossas mentes divagando na mesma página. A noite passada mudou tudo. Não apenas o sexo, mas com a condição de Roman, sinto que estamos ficando sem tempo.

— A noite passada foi...

— Incrível. – ele diz arrogantemente, me interrompendo. Eu não posso deixar de sorrir.

— Sim, realmente foi, mas eu... – A xícara de Roman faz uma pausa no ar, esperando que eu elabore. — Mas eu, o que você me disse, como podemos mudar isso? Tem que haver alguma outra maneira.

Ele suspira pesadamente, terminando seu café antes de colocar o pires na mesa. — Não há. Eu gostaria que houvesse. – Sua resposta é tão direta.



Piscando para conter as minhas lágrimas, seguro minha tristeza, mas Roman vê através de mim. — Ei. – ele segura a minha bochecha, com sua grande mão envolvendo meu rosto. — Vai ficar tudo bem.

— Quanto? – eu me inclino para o seu toque, viciada nele. — Quan... quanto tempo você tem? – eu não quero fazer a pergunta temida, mas preciso saber.

— Não muito. – ele responde suavemente.

Meu lábio inferior treme incontrolavelmente.

— Eu não disse isso esperando que um milagre acontecesse. Eu te disse porque quero passar o tempo que me resta com você. Não perder mais tempo. Já perdemos o suficiente. Mas…

Engulo nervosamente e meu pulso começa a subir. — Mas o que?

— Mas se for demais para você, eu entendo totalmente. Venho com muita bagagem. – diz ele, com sinceridade.

— Eu também. – eu respondo. — Mas isso não o impediu.

Ele sorri e me derreto. — Como eu poderia? Fiquei apaixonado no momento em que te conheci. Eu não tive chance.

Memórias de nós dois juntos, pele com pele, atingem meu cérebro e um gemido involuntário escapa pelos meus lábios.

Isso não passa despercebido por Roman.

Seu olhar desce instantaneamente para os meus lábios, e eu mordo o interior da minha bochecha para impedir que outro gemido escape. O ar faz barulho ao nosso redor, e a mesma sensação começa a se agitar. Lembro-me de seus lábios contra minha garganta quando ele me reivindicou com posse feroz. Lembro-me de nunca me sentir mais preenchida do que quando ele se moveu dentro de mim. Ele estava em todo



lugar e eu gostei.

— O que quer que você esteja pensando, não pare. – ele se inclina e dá um beijo quente embaixo da minha orelha. Ele me chuta no plexo solar[12] e quase tombo.

Eu me arqueio para trás, permitindo-lhe controlar totalmente o meu corpo. Eu dou, e ele pega. O mais simples dos toques desperta uma fome enraizada e, em pouco tempo, eu quero mais do que apenas seus lábios em mim. Mas temos um compromisso marcado.

Nós ficamos prontos, ambos de humor sombrio com o que enfrentamos hoje.

Roman disse que queria um bagel, então não questiono para onde estamos indo quando ele mostra o caminho. Estou muito perdida na minha cabeça de qualquer maneira. No entanto, quando me concentro em onde estamos, sinto como se tivesse acabado de sair de uma máquina do tempo e pousado na década de 70.

Balançando a minha cabeça da esquerda para a direita, vejo vegetação rasteira luxuriante e árvores florescendo e salgueiros nos cercam. A vegetação serve de pano de fundo para o grande grupo de estranhos vestidos com camisetas tingidas e calças boca de sino.

Uma voz suave acompanhada por um violão cruza a brisa quente, adicionando uma vibração ligeiramente hippie. Uma garota está ao meu lado, com os olhos fechados e uma margarida enfiada atrás da orelha direita. Ela parece hipnotizada pela música enquanto dança e canta junto com a letra.

Olho para cima, prestes a perguntar a Roman onde estamos, mas quando vejo seu olhar fixo pensativo no chão, sei que a resposta está aos nossos pés. Quase com medo de olhar, eu olho para

---

[12] ***Plexo solar: é uma complexa rede de neurônios que no corpo humano está localizada atrás do estômago e embaixo do diafragma.***



baixo, apenas para tomar consciência do refrão da música que agora reconheço.

Aos meus pés está uma palavra.

Imagine.

Roman me levou a Strawberry Fields no Central Park.

Eu imediatamente esqueço meu drama mesquinho e ofereço a ele o mesmo apoio que ele está constantemente me dando. Ele me trouxe aqui porque realmente não havia outro lugar para estar. Este lugar traz tudo em perspectiva, porque todos nós podemos imaginar.

Nas palavras de Pablo Picasso, *"Tudo o que você pode imaginar é real".*

Suspirando, eu inclino minha cabeça contra o ombro de Roman, fechando os olhos e me perdendo na magia que envolve este lugar milagroso. As pessoas vêm aqui para refletir, enquanto outras querem apenas uma pausa da selva de concreto.

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos, hipnotizados pela quietude acalmando meus nervos em fúria. Posso entender por que June optou por seu próprio Strawberry Fields. Quando Roman lidera o caminho em direção a um banco, eu o sigo, sem fazer perguntas.

Eu fico ao seu lado, e ele envolve seu braço em volta de mim. Eu gostaria que pudéssemos ficar assim para sempre, mas estar aqui consolida o que nós dois sabemos ser verdade. — Deve haver algo que você possa fazer. – eu sussurro, nem mesmo tenho certeza se ele pode me ouvir.

Mas ele ouve, alto e claro. — Há sim. – Eu levanto minha cabeça, indicando que estou ouvindo. — Posso viver o tempo que me resta com você e não me arrepender.



— Não é tempo suficiente. – Meu lábio começa a tremer. Minhas emoções estão em uma montanha-russa. Não tenho certeza de quanto mais posso aguentar.

Roman passa as costas de dois dedos pela a minha bochecha. — A vida não se mede no tempo, mas sim em momentos, memórias.

— Não quero ser uma memória. – Sei que eu estou sendo incrivelmente egoísta, visto que fui eu, semanas atrás, aceitando o mesmo destino.

— Você é a melhor memória que tenho.

Não há argumento com ele; ele já se decidiu. Eu seria uma hipócrita completa se argumentasse, porque vi seu mundo do mesmo lado. Deixei o assunto morrer, determinada a não estragar este momento.

Enquanto eu estou perdida em pensamentos, Roman confessa suavemente: — Embora seja raro, alguém que tem uma doença cardíaca congênita com risco de vida pode receber um transplante de coração. Mas a cirurgia não vai funcionar para mim. Eu tenho as cicatrizes para provar isso.

Fechando os meus olhos, tento não pensar na finalidade de seu comentário. Não consigo imaginar um mundo sem Roman vivendo nele. Eu preferiria imaginar um universo onde Roman e eu sejamos felizes e saudáveis, onde envelhecemos com nossos dezoito netos ao nosso redor, contando a história de quando nos conhecemos.

Nossa história não é convencional, mas é nossa.



No momento em que entramos no consultório do Dr. Carter, sou atacada por

memórias que gostaria de poder esquecer. A secretária, Wilma, sorri ao me ver. — Ele está atrasado. Sente-se.

Wilma está aqui desde que me lembro. Ela provavelmente poderia ter se aposentado anos atrás, mas sua admiração pelo Dr. Carter é claramente evidente. Ele é um bom homem e, se não fosse por ele, não tenho dúvidas de que estaria morta.

Eu meio que me sento no sofá de couro preto, incapaz de ficar parada. Roman não fica em pé. Ele se senta ao meu lado e lê com calma os e-mails em seu celular.

Quando a porta do escritório do Dr. Carter se abre, eu dou um beijo rápido nos lábios de Roman. — Lola e... – Quando Roman se vira para olhar para Dr. Carter, ele acrescenta surpreso: — Dr. Archibald. É bom ver vocês dois. – Minhas bochechas ardem quando tenho certeza de que ele viu nossa troca não tão discreta.

— Olá, Dr. Carter. Obrigada por me receber.

— O prazer é meu. Estou feliz em te ver de novo. – Dr. Carter está com quase 50 anos, mas o tempo tem sido gentil com ele e ele não parece ter mais de 45 anos.

Roman está ao meu lado, estendendo a mão. — É bom ver você de novo, Richard.

Eles apertam as mãos e o respeito mútuo é claramente evidente. — Você também. – O que mais gosto no Dr. Carter é que ele não gosta de conversa fiada. — Podemos? Temos que realizar o exame na outra sala.

Eu aceno, com minha frequência cardíaca começando a subir.

— Wilma. Estarei de volta em cerca de trinta minutos. Não estou para ninguém até então. – Ela acena com a cabeça e acena um adeus enquanto



Roman segura a porta de vidro aberta para nós. Começamos a caminhar pelo corredor.

— Como você respondeu a esses testes?

— Bem. Melhor do que da primeira vez.

Dr. Carter acena com a cabeça, colocando as mãos em seu jaleco branco. — Você supervisionou o teste dela, Roman?

Ele fica tenso ao meu lado. — Na maior parte, eu supervisionei.

— Perfeito. Você pode sentar comigo e monitorar o exame para que possamos discutir os resultados.

Até agora, não estive nervosa ou ansiosa. Mas agora, a realidade do que estou prestes a fazer me atinge e me sinto tonta. Eu ando no piloto automático, com minha mente fazendo uma panorâmica sobre o que os próximos trinta minutos irão revelar. Terá funcionado ou não. Não há cinza. Apenas preto e branco.

— Você perguntou ao Dr. Archibald sobre os especialistas em coração recomendados para o seu amigo? Eu não tive a chance de enviar e-mail para você. Eu sinto muito.

A cabeça de Roman vira em minha direção e eu cuidadosamente me concentro no chão branco e brilhante. — Não, Dr. Carter. Eu não. – eu não elaborei, mas minha resposta medíocre sugere que não é um tópico que eu gostaria de discutir mais.

Roman está chateado por eu ter agido pelas suas costas, mas posso lidar com isso mais tarde. No momento, tenho questões mais urgentes para lidar, como a máquina intimidante que me cumprimenta quando o Dr. Carter abre uma porta. Eu estive nesta máquina muitas vezes antes, mas agora, há um senso de urgência em torno dela.



Dr. Carter sorri. — Você se lembra do que fazer?

Aceno, nervosamente mordendo o meu lábio inferior. Ele começa a pressionar vários botões e preparar a máquina de ressonância magnética enquanto finalmente encontro os olhos de Roman.

— Desculpe. – eu sussurro, mas ele balança a cabeça, passando suavemente o indicador ao longo do comprimento do meu pescoço. Eu não tenho a chance de saborear o toque porque foi por um motivo. Ele tira cuidadosamente o colar de Sadie - que consertei recentemente - e o guarda no seu bolso.

— Está pronta? – ele pergunta e nada tem importância além da sua pergunta.

— Eu estou. – Minhas mãos começam a suar.

— Eu estarei lá fora. – ele aponta com o queixo para onde uma janela de vidro separa a sala.

— OK.

Seja qual for o resultado, nós dois sabemos que mudará nossas vidas para sempre. Se ele funcionou, significa que eu vou conseguir sobreviver, mas Roman ainda morre. E se não funcionou...

— Te vejo em breve. – Curvando-se para frente, ele coloca seus lábios na minha testa.

Assim que estou vestida com o avental do hospital, saio de trás do biombo. Antes de me sentar na cama, olho para Roman. Ele se senta e se inclina para frente, colocando os dedos sobre a boca. Eu odeio que ele esteja aqui por minha causa. Ele já tem problemas suficientes para lidar, mas aqui está ele, abdicando da sua saúde pela minha.

— Eu te amo. – murmuro, indiferente ao que o Dr. Carter pode ver.



Roman acena com a cabeça uma vez antes de colocar a palma da mão no vidro, dando margem que seu coração bate por mim também.

Com essa imagem como minha força propulsora, eu me deito, no plástico frio embaixo de mim. Eu respiro três vezes para me acalmar, fechando os olhos e indo para o meu lugar feliz.

— Ok, estamos prontos. Você pode ouvir música enquanto está aí dentro. Isso levará aproximadamente vinte minutos.

A dor de Roman é flagrada através do vidro, mas uso isso como minha força para acalmar meu nervosismo e viver por nós dois.

Segundos depois, a cama desliza para dentro do túnel circular, me isolando do mundo real. O barulho é insuportável, com o som monótono cruzando os meus canais auditivos. Meu couro cabeludo começa a arder, mas sei que isso é uma resposta psicológica ao motivo de estar aqui.

Eu aperto meus olhos e me concentro na única coisa que posso para fazer tudo isso ir embora.

Roman.

Depois que esse exame terminar, saberei o que o meu futuro reserva, mas e quanto a Roman? Ele disse que não tinha muito tempo. Engulo o nó na minha garganta.

Isso não é justo, mas aprendi que a vida raramente é. Enquanto a máquina balança ao meu redor, eu planejo um curso de ataque, determinada a exaurir todas as opções para Roman. Não vou desistir dele. Eu não posso.

Deitada aqui com uma possível segunda chance na vida, eu entendo o comentário de Roman sobre se sentir indigno de sua vida. Não parece justo que estejamos vivos, enquanto aqueles que amamos foram levados



ou enfrentamos um futuro obscuro pela frente.

Pelos próximos vinte minutos, eu parto em outra direção para um plano, nem aqui nem lá. Eu estou flutuando acima de mim mesma, olhando para a minha vida e me perguntando onde posso melhorar as coisas. A vida de Roman é muito mais importante para mim do que a minha. Eu quero que nós dois vivamos, mas a realidade é que isso não vai acontecer. Um ou os dois vão morrer e, verdade seja dita, prefiro que essa pessoa seja eu.

Lágrimas escorrem dos meus olhos, com uma dor ardente no meu peito, mas sou levada de volta ao presente, percebendo que o exame acabou. A cama retrai lentamente, e eu sou grata por vinte minutos parecerem dois. Minhas pupilas demoram um pouco para se ajustar à luz forte e eu pisco, na esperança de espairecer.

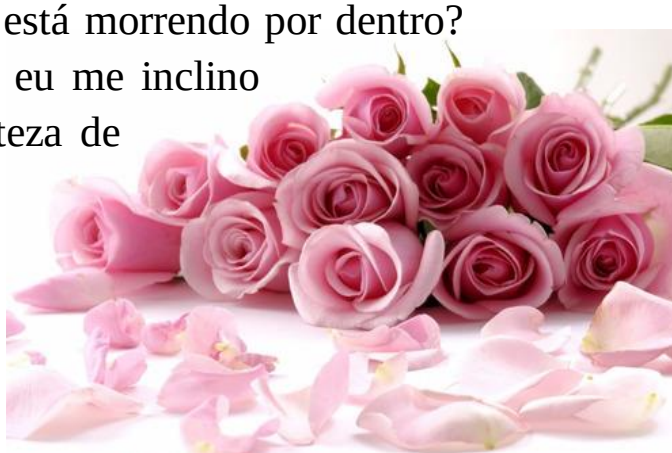
Quando penso que posso ficar de pé, levanto meu corpo cansado, mas tenho a sensação de que algo está horrivelmente e gravemente errado. — Roman? – sussurro, mas tudo fica frio.

Meus óculos dissipam minha visão, mas não entendo o que estou vendo.

— Lola, demoraremos apenas um minuto. – A voz do Dr. Carter mantém a mesma resposta sombria de todos aqueles anos atrás. De repente, sou transportada para quando nos conhecemos.

Roman está imóvel, com as mãos entrelaçadas no alto da cabeça enquanto suas bochechas incham, exalando profundamente. Ele parece tão perdido. Eu imploro que ele me diga o que está errado, mas ele olha fixamente para frente.

O que aconteceu para ele parecer que está morrendo por dentro? Uma nuvem de inquietação me envolve e eu me inclino contra a cama para me apoiar. Tenho certeza de que algo aconteceu com ele.



Dr. Carter entra na sala, com uma pasta e o que parece ser meu exame em sua mão esquerda. Espero Roman entrar, mas ele não entra. Voltando-me para olhar para o vidro, não o vejo mais.

— Dr. Archibald precisava de um minuto.

— Um minuto para quê? – Minha voz trai meus medos.

— Que tal voltarmos ao meu consultório, para discutirmos os resultados? – Por que ele está protelando? — Você gostaria de se sentar?

— Por que você está me tratando como se eu estivesse doente? Eu estou bem. O que está acontecendo?

Ele contrai os lábios, com a seriedade do que está prestes a revelar pesando em seus ombros. — Seus resultados do exame... – ele caminha até um quadro e o ilumina, prendendo meu exame na grade superior. — Eles revelaram uma massa escurecida aqui e aqui. – ele enfia a mão no bolso e acende uma pequena luz laser.

Ando devagar, com meus pés movendo no piloto automático.

— Este aqui. – O laser vermelho circula uma mancha escura. — É o seu primeiro tumor. E esse... – Suas frases todas misturadas em uma, porque tudo que eu posso focar é na palavra 'primeiro'. Primeiro, significaria que estava aqui antes de quaisquer outras, outras que não estavam lá da última vez que verifiquei.

— Onde está Roman? – eu sussurro, interrompendo o Dr. Carter.

Ele faz uma pausa, com o ponto vermelho do laser parado em uma bolha menor que eu não vi antes. — Você ouviu o que eu disse? – ele fala em um tom monótono, como faria com qualquer outra paciente que acaba de receber a pior notícia de sua vida.

— Sim.



— E você entende o que tudo isso significa? – ele me olha, com nada além de tristeza refletida em seu rosto gentil.

— Na verdade não. – eu não posso aceitar suas notícias até saber que Roman está seguro.

Suspirando, Dr. Carter coloca suavemente a palma da mão no meu antebraço, solicitando minha total atenção para o que ele está prestes a revelar. — Lola. Eu sinto muitíssimo. Esses medicamentos, se funcionassem, teriam funcionado imediatamente. Eles não precisam de tempo para fazer efeito.

— Mas, infelizmente, agora você tem dois tumores. Seu original dobrou de tamanho. O mais novo ainda é pequeno, mas... – Sua pausa me deixa sem fôlego. — Mas é só uma questão de tempo. Vai ficar maior. Ambos vão.

— O... o que isso significa? – eu gaguejo, com minha cabeça de repente pesando mil quilos.

— Significa que não funcionou. – A resposta não vem do Dr. Carter.

Virando, eu vejo Roman parado na porta, parecendo além de quebrado. Seus ombros estão caídos e as mãos enfiadas nos bolsos, com o rosto voltado para baixo escondendo seus medos.

— Você está bem? – pergunto, incapaz de me conter enquanto corro.

Ele levanta o queixo, e eu nunca o vi com o coração mais partido do que agora. — Eu estou bem? – ele pergunta, confuso.

— Sim. – eu respondo, tocando seu rosto, garantindo que ele é real. — Seu coração está bem? – Na deixa, coloco minha



mão sobre a batida estrondosa. O ritmo frenético é mais rápido e irregular do que eu já senti antes.

— Lola, pare com isso! – Roman grita, agarrando meu pulso e apertando-o com força. — Pare de se preocupar comigo. Preocupe-se com você! – Sua explosão me deixou chocada, atordoada. — Não, o meu coração não está bem. Está quebrado, pra caralho! Você ouviu o que o Dr. Carter disse? – ele solta meu pulso, apenas para agarrar meus braços, me sacudindo com fervor. — Por que você não está dizendo nada? Por que você não está tão zangada quanto eu?

Preto consome suas pupilas, refletindo o que ele está sentindo por dentro.

— Contanto que eu saiba que você está bem, eu posso lidar com qualquer coisa que eu precisar. – E isso é a verdade.

Todo esse tempo, eu estava mais preocupada com o bem-estar de Roman do que com o meu. É assim que se parece o sacrifício? Colocando quem você ama antes de suas necessidades?

— Como isso é possível? – Roman me solta e corre até o Dr. Carter, que está parado sem expressão na frente do quadro iluminado. — Ela estava melhorando.

— Porque ela queria, e em algum momento, eu acredito que ela estava. – ele simplesmente responde. — Mas os medicamentos eram, são... – Dou um passo à frente, sabendo o que ele vai dizer. — Eles estão simplesmente prolongando o inevitável. – Ele se vira para olhar para mim, com nada além de arrependimento prejudicando sua conduta. É o mesmo olhar que ele me deu quando eu disse a ele que parei da primeira vez.

Passei a admirar o Dr. Carter, não apenas porque ele é um médico maravilhoso, mas também porque ele é um ser humano maravilhoso. Ele deu



esperança à Georgia e, por isso, serei eternamente grata. — Obrigada, Dr. Carter. Por tudo.

Ele balança a cabeça, mas aceitar minha gratidão não parece ser uma coisa fácil. — Foi um prazer absoluto.

Isso está realmente acontecendo.

Agora que a poeira baixou, eu vejo. As duas massas escurecidas parecem tão inofensivas, mas seu significado é venenoso. Desta vez não há pílula milagrosa, mas acho que nunca houve. Este foi o meu destino desde o início. O teste me deu algum tempo, tempo para conhecer e me apaixonar pelo homem que mudou minha vida para sempre.

— Não! – Roman grita, com a sua explosão me assustando. Eu nunca o vi tão furioso antes.

— Roman, está tudo bem. – eu tento acalmá-lo, mas não adianta.

— Não está nada bem, porra! Como pode estar? – ele aponta o dedo para o exame, olhando para ela como se fosse seu pior inimigo e ele quer estrangulá-lo com as próprias mãos. — Você está morrendo! Diga-me em que universo isso pode estar bem?

Abro a boca, mas a fecho logo em seguida. Eu entendo o que ele está sentindo. Eu senti isso no momento em que ele me contou seu destino.

— Isso é besteira! – ele não dá tempo ao Dr. Carter ou a mim para consolá-lo. Ele sai furioso da sala.

Dr. Carter suspira, passando a mão pelo rosto cansado. — Vou pedir a Wilma para agendar uma consulta de acompanhamento.

— Por quê?



— Pode haver algo mais que possamos fazer. – ele responde, perplexo. Ambos sabemos que esgotamos minhas opções. É o fim da linha. Estou surpreendentemente mais calma do que eu pensei que estaria. Mas acho que a mesma notícia da segunda vez ameniza o golpe.

— Não, eu desisto. Se não há nada que você acha que pode fazer, então eu quero viver o tempo que tiver sóbria e não me dopar.

Ele acena, entendendo meu pedido.

Engolindo em seco, faço a pergunta que todos queremos saber de uma forma mórbida. — Quanto tempo me resta?

Eu não invejo o Dr. Carter. Seu trabalho teria que ser um dos mais difíceis do mundo. — Eu não sei... um mês, talvez dois.

Uau. Eu fico com minha boca aberta e minha mente girando com tudo o que o Dr. Carter disse.

— Isso é só um palpite, a julgar pelos exames. Sempre podemos fazer alguns testes, mas... eu realmente sinto muito. – Ainda imóvel, o Dr. Carter faz algo que nunca fez antes. Ele me abraça.

Estou atordoada por tantos motivos diferentes, mas ser abraçada por um homem que quase não demonstra nenhuma emoção faz com que uma lágrima escorra pelo meu rosto. Eu toquei alguém que me tocou. Passamos a vida esperando causar um impacto, e consegui isso com um homem que respeito, admiro e estimo. Posso sair desta sala com um sorriso no rosto.

— É melhor eu ir encontrar Roman. – eu timidamente me afasto de seu abraço. — Obrigada novamente. Eu realmente gostei disso. Você foi tão bom para a Georgia e para mim. Eu sei que ela agradece a você também.



Dr. Carter acena com a cabeça, e eu mordo minha bochecha. Esta é a última vez que eu o verei? Ele deve ser capaz de ler meus pensamentos, porque de repente ele vira as costas, mas não antes de eu ver uma lágrima em seus cílios.

Não faço barulho. Simplesmente pego minhas roupas e saio.

Depois de me trocar no banheiro, eu calmamente pressiono o botão de chamada, olhando para minhas mãos firmes. Elas nunca vão ficar enrugadas, nem vão cuidar dos meus filhos desde o meu útero. Essa camada externa será imortalizada com o tempo. É assim que as pessoas vão se lembrar de mim - para sempre jovem.

As portas do elevador se abrem e eu desço até o saguão principal. Eu saio, com os meus passos não vacilando e minha cabeça erguida. Finalmente me sinto livre. Não recebi uma sentença de morte. Recebi mais uma chance de viver.

Saindo pelas portas giratórias, vejo Roman sentado em um banco do parque, com a cabeça baixa e as pernas abertas. Suas mãos estão entrelaçadas, como se ele estivesse orando para qualquer deus que possa estar ouvindo. Eu sei que ele provavelmente vai arrancar minha cabeça, mas ele precisa saber que estou bem com isso. Eu disse a ele que aceitaria os resultados, quaisquer que fossem. Com o bem vem o mal, mas é o mal que faz você apreciar e valorizar o bem.

— Eu venho em paz. – Erguendo a cabeça, vejo a tristeza amarga por trás de seus olhos. Eu paro a alguns passos de distância, sem saber se ele quer que eu vá embora. — Posso me sentar?

Ele passa a mão pelo cabelo bagunçado, com tantas emoções o atormentando. — Você nunca precisa pedir permissão para ficar perto de mim.

Eu coloco minhas mãos atrás das costas. — Eu sei, mas você saiu bufando. E não tenho



certeza se você ainda está zangado. – eu estou tentando aliviar o clima. Não suporto vê-lo triste, sofrendo por minha causa. Quase grito de alegria quando ele se arrasta para dar espaço.

Não sei como iniciar uma conversa como esta. Não existe uma maneira fácil. Tudo mudou, e eu não sei o que acontece agora.

— Tem que haver algo mais. – ele diz, quebrando o silêncio. Eu não posso deixar de comparar nossos apelos.

— Eu entrei nisso sabendo dos riscos. Nunca foi uma coisa garantida.

— Como você pode estar tão calma? – ele pergunta, irritado.

— Tenho certeza de que fiz a mesma pergunta.

— Isso é diferente. – ele teimosamente repreende.

— Por quê?

— Isso não deveria ter acontecido. – declara ele, balançando a cabeça, com os olhos fixos no chão. — Você deveria viver e...

Sua pausa me fez levantar uma sobrancelha. — E depois?

Quando ele exala e inclina a cabeça para trás, olhando para o céu como se pedisse força, sou repentinamente atingida por um peso ameaçador.

— Diga-me. – eu pressiono.

Ele se levanta, andando na minha frente, incapaz de ficar parado. — E então eu poderei ir. – ele confessa com pesar.

— *O que?* – Meu suspiro me deixa ofegante. — Ir aonde? – eu me encolho no banco abaixo de mim.



Levo um segundo para perceber que ir significa ir embora para sempre. Então ele estava planejando partir o tempo todo? Mas ainda estou perdendo algo.

Analisando cada coisa de que consigo me lembrar, de repente sou confrontada com um mistério ainda a ser resolvido. Esqueci o seu significado até agora. — O que tem em primeiro de Setembro?

Quando ele para, sei que atingi o seu ponto fraco. — Teddy te contou? – ele pergunta, com a mandíbula rangendo.

— Não, mas você está prestes a contar.

— Apenas deixe isso para lá. Acho que já tivemos sofrimento suficiente por hoje.

— Conte-me. – Levantando-me, agarro seu bíceps, implorando que ele fale comigo.

— Não. – Sua mandíbula obstinada se contrai.

— Não? Você está falando sério agora? – Agora é minha vez de usar um tom de raiva. — Eu pensei que já tínhamos passado por isso. Sem mais segredos, lembra? Roman, diga-me!

Finalmente, ele se rende.

— Depois de seus testes... – Meus pés estão cimentados no chão. — Uma vez que eu soube que você estava bem... – ele está procurando as palavras certas. Mas tenho a sensação de que não há nenhuma. — Eu iria para um pequeno chalé em Niágara que minha família alugou durante o verão antes de Scarlett adoecer. – Sua voz é melancólica. — Tantas lembranças felizes estão associadas àquele lugar. Parece adequado que seja uma das primeiras memórias que tenho, porque também seria a minha última. Bem, penúltima.



Eu não acho que estou respirando.

— A última memória que tenho será de você, Lola. A melhor memória com que eu poderia deixar este planeta.

— O... o que você está falando? – eu engulo, com medo de desmaiar.

— Não vou esperar que esta doença me enfraqueça. Quando eu for, quero que seja nos meus termos. Teddy sabe o que fazer.

O tempo está parado.

— Por favor, nã... não me diga que você está fazendo o que eu acho que você está. – Seu silêncio fala por si. — Roman, *não*. – Lágrimas surgem diante de meus olhos. Isso não pode ser real. — Por que você não me contou?

Ele suspira, com sua respiração alterada aquecendo meu pescoço. — Porque você era a única coisa que poderia mudar minha mente.

— Isso é tão ruim?

— Sim. – ele confessa com pesar. — Não quero viver assim porque só vou ficar mais fraco. Eu não quero que você se lembre de mim dessa maneira.

Mesmo que eu possa me identificar com seu raciocínio, ainda estou furiosa. — Mas você me fez fazer os testes.

— Porque há esperança para você. Não há nenhuma para mim. – Embora esse raciocínio esteja obsoleto, ele fazia todo o sentido na época.

— Sempre há esperança. Você me ensinou isso. – eu fungo.

Agora estamos ambos presos em uma encruzilhada. O que nós fazemos?



— O que você está propondo, você está cometendo suicídio. – As palavras parecem ácido escorrendo dos meus lábios.

Não há dúvida de sua aflição total por causa de toda essa situação, mas sua mente está decidida. — Como é diferente de colocar um querido animal de estimação para dormir? Estamos mostrando compaixão a eles; é a coisa mais humana a se fazer. Quando não há mais nada que se possa fazer, por que prolongar?

Ele é tão prático que dói. Certamente, as coisas agora mudaram.

— Então eu quero ter a mesma opção.

— O que? Não. – ele recua, parecendo horrorizado que eu sequer sugira tal coisa.

— Por que não? Ambos enfrentamos a mesma situação agora. Por que você tem a opção e eu não? Tudo o que você acabou de me dizer se refere a mim também.

Seus lábios se curvam em puro tormento. — E eu odeio isso. Mas isso não é Romeu e Julieta. Uma vez que você se for, você se foi. Ninguém vai escrever um soneto sobre nós.

Pisco, atordoada. — Você acha que não sei disso? – pergunto, irritada por ele pensar tão pouco de mim. — Eu não sou uma criança. – eu não vou desistir. Antigamente, essa pode ter sido uma saída para ele, mas agora parece uma saída fácil - ponto final.

— Não, Lola. A resposta é não. Sempre será não. Eu não farei parte do fim da sua vida. – ele afirma teimosamente, com a mandíbula rangendo.

— Mas você espera que eu me sente e observe você morrer? É isso? Você consegue uma rota de fuga, enquanto tenho que definhar e morrer! Como isso é justo? – Minha abordagem calma se foi há muito tempo, e a



raiva que Roman queria ver em mim surge em sua cara feia.

Um impulso pulsa por mim e eu empurro seu peito com todas as minhas forças. Ele tropeça para trás, surpreso com minha hostilidade. Isso não é culpa dele. O fato de ele querer ser o juiz de seu destino também não é culpa dele. Posso entender a decisão dele. Eu respeito sua força.

Mas estou cega de fúria por causa de como tudo está bagunçado. Não era ruim o suficiente que uma de nossas vidas estivesse chegando ao fim prematuramente, mas agora ambas - que destino cruel e sádico que ambos enfrentamos. Esse pensamento é a chama por trás da minha raiva, e eu ataquei a única pessoa que entende minha dor.

Eu o empurro de novo e de novo, odiando que cada golpe diminua com a minha agonia. Ele aceita a violência, quase como um castigo por tudo o que aconteceu entre nós. Meus braços ficam moles, mas eu continuo lutando, porque assim que eu parar, com certeza vou desabar e chorar.

— Como isso é... justo? – eu grito, me debatendo freneticamente, com os meus minúsculos punhos nem mesmo fazendo um arranhão.

— Nada disso é justo! – ele exclama, finalmente tendo o suficiente e prendendo meus pulsos.

Tento me libertar, mas é inútil. Ele é muito forte e eu estou sem forças.

Ele envolve seus braços em volta de mim, me pegando em seu abraço trêmulo. Eu quero escapar, mas ele me segura com força. Preciso de tempo para pensar.

— Você vai mudar de ideia? – eu inclino minha bochecha contra seu peito. A batida forte de seu coração é uma traição porque está falhando a cada dia.



Seu silêncio é toda a resposta de que preciso.

Nunca pensando que diria essas palavras em voz alta, eu sussurro: — Por favor, me deixe ir.

— Lola…

— Não, eu preciso de tempo. – ele relutantemente me solta, e eu me liberto, mas nunca me senti mais presa.

— Tempo para quê? – ele se impõe, com nada além de um coração partido ao seu redor.

— Tempo para pensar. Você me diz essa coisa inesperada e espera que eu aceite isso. Eu não vou. Eu especialmente não irei quando você nem mesmo negocia sua decisão.

Ele inclina a cabeça para cima e solta um suspiro exasperado. — Isso nunca foi negociado. É por isso que não te contei. Essa é *minha* vida.

Dou um passo para trás, ouvindo tudo o que precisava ouvir. — Eu pensei que fazia parte da sua vida.

Ele desvia o olhar, já que eu obviamente atingi seu ponto fraco.

— Estou sem despedidas. – declaro, segurando minha tristeza. — Você quer me deixar, e tudo o que posso pensar é em gastar cada minuto, cada segundo que me resta segurando sua mão. Mas acho que essa é a diferença entre nós. Eu quero lutar, mesmo com as probabilidades contra nós. E você, tudo que quer fazer é dizer adeus, uma e outra vez.

Uma única lágrima escorre pelas comportas, mas eu a enxugo. — Eu falo com você mais tarde.

— Lola... – ele avança, mas eu estico a mão.



— Não, não. Por favor, só me dê espaço.

É aparente que ele prefere arrancar seus próprios braços, mas ele concorda. — Deixe-me dar-lhe dinheiro para um táxi. – ele enfia a mão no bolso de trás, mas eu balanço minha cabeça.

— Não, eu vou andando. O ar puro vai me fazer bem. – eu posso ver que é preciso cada grama de força de vontade para não protestar.

Não estou tentando ser difícil. Só preciso de tempo para manter minha cabeça em de algo que não faz sentido. Ele está indo embora em primeiro de Setembro para que Teddy possa injetar nele uma dose letal de algo para encerrar sua batalha para sempre. Nunca me opus à eutanásia. Como posso me opor? Em alguns casos, teria sido a coisa mais humana a fazer. Mas quando falamos sobre o homem que eu amo, isso não é humano. É o oposto completo.

Dando uma última olhada no homem que era o meu abrigo, me pergunto o que acontecerá quando ele se for.



Capítulo 15

Achei que ajudaria a pensar depois de andar pelas ruas de Manhattan, mas não ajudou. Não há como processar tudo isso sem querer gritar, chorar e reagir. Meus resultados estão muito longe de meus pensamentos porque já experimentei isso antes. Mesmo prognóstico, época diferente. Não mudou muito.

Mas a bomba que Roman lançou; Eu nem sei por onde começar.

Eu entendo sua decisão e a respeito. É preciso coragem para acabar com sua vida. Mas é preciso ter o coração de um verdadeiro campeão para vivê-la. Nosso futuro está longe de ser ideal, mas estou disposta a enfrentá-lo de frente.

Dr. Carter disse que tenho um mês - quatro semanas, trinta dias - de vida. O tempo está passando e é hora de eu não querer o perder lutando. Mas não posso forçar Roman a viver. Ele pode ter feito isso comigo, mas no fundo, eu queria que ele fizesse. Eu precisava de alguém para lutar por mim quando eu estava com muito medo.



Quando June me contou sobre Scarlett, antes que eu soubesse quem ela era, lembro-me de pensar o quanto irônico ela morreu de um buraco no coração, porque tenho certeza de que June sentia isso todos os dias quando pensava nela. Mas agora, é exatamente como me sinto.

Se meu dia não foi repleto de drama o suficiente, meu pai ligou e disse que eles voltaram da Europa mais cedo. Ele queria que eu viesse jantar. Eu podia sentir a seriedade em seu tom e, embora não estivesse com nenhum estado de espírito, concordei.

No momento em que a porta se abre, sei que meu pai vê. — Você está bem? – ele pergunta, claramente preocupado.

— Estou bem. Só um pouco tonta. Não dormi bem. – eu reprimo minha doença, minimizando-a, pois não quero preocupá-lo. — Por que vocês voltaram mais cedo?

Meu pai me recebe em seu palácio, enquanto tento bloquear a má sorte que este lugar tem. Tento andar, mas minhas pernas cedem e eu caio.

— Lola! – Felizmente, meu pai me pega antes que eu atinja o chão duro. — Você precisa se deitar.

— Eu estou bem. – eu reafirmo, mas o meu corpo trêmulo diz o contrário.

Ele me ignora e me leva para a sala. Leva cinco minutos para a sala parar de girar.

— Pare de se preocupar. – eu passo os dedos nas rugas entre as suas sobrancelhas franzidas.

— Impossível. – ele coloca a mão na minha testa. — Você está com febre. – ele vai se levantar, mas eu pego seu pulso.

— Eu estou bem. Eu vi o Dr. Carter hoje.



Os ouvidos do papai ficam em alertas. — Dr. Carter? Por que você está vendo ele?

— Estou passando por um novo teste. – eu respondo, sem coragem de lhe contar a verdade até depois do jantar.

— Você está? – Meu pai me olha como se ele acabasse de me ver pela primeira vez. — Eu não sabia, Lola. Eu sinto muito.

— Está tudo bem. Não se preocupe com isso. – Decido deixar de lado o fato de que até conhecer Roman, eu nem sabia que queria viver.

Ele nunca foi de palavras, mas eu simplesmente presumi que era porque minha mãe falava tudo. Mas agora que ele não está envolto por sua sombra autoritária, é como se eu também o tivesse visto pela primeira vez. — Eu te decepcionei. Eu sinto muito por tudo. Sua mãe...

— Não vamos estragar uma boa conversa. – eu interrompo, não querendo ouvir nenhuma desculpa por ela.

Ele puxa os lábios, passando a mão pelo cabelo grisalho. — Ela ama você. Há coisas sobre ela...

Zombei, inclinando-me para trás e cruzando os braços em desafio. Minha náusea felizmente passou, substituída por indiferença. — Está tudo bem. Você não tem que dar desculpas para mim. Ela é o que é. – eu me abstenho de dizer o que ela é - uma vadia gigante e crítica.

— Acho que sua mãe gostaria de saber sobre esses acontecimentos.

— Duvido. – Minha recusa dói. Posso ver isso e imediatamente me sinto culpada.



Pensamentos de June e do relacionamento tenso com Roman passam em minha mente. Se Roman podia perdoar a mãe, talvez eu também devesse.

— Vou usar o banheiro. – ele vê minha necessidade de silêncio e concorda.

Uma vez que estou firme o suficiente para ficar de pé, faço um desvio para meu antigo quarto. A caixa de música rosa brilhante de bailarina chama minha atenção. Lembro-me de quando minha mãe me deu. Eu tinha onze anos. Ela queria me comprar algumas riquezas, mas tudo que eu queria era aquela maldita caixa de música. A bailarina de corda lá dentro, aninhada entre a seda rosa, era a coisa mais linda que já vi. Eu ficava sentada por horas vendo-a dançar, desejando poder imitar seus movimentos graciosos porque tinha dois pés esquerdos.

Minha mãe costumava escovar meu cabelo enquanto eu observava a bailarina girar com o *Lago dos Cisnes* de Tchaikovsky. Pego a caixa com as mãos trêmulas. Parece tão pequena, mas suponho que minhas mãos tenham crescido desde a última vez que o peguei. Segurando-a na altura dos olhos, eu fecho um olho, desejando ter visto o mundo como antes. Virando-a de cabeça para baixo, enrolo a pequena alça de cobre e passo o dedo pela bailarina no meio da pirueta.

A bailarina giratória é meu pêndulo e eu estou completamente enfeitiçada. Se eu soubesse então o que sei agora, trocaria de lugar com ela em um piscar de olhos.

— Você costumava adorar essa caixa de música. – eu fecho a tampa, quase decepando dois dedos no processo.

— Eu costumava amar um monte de coisas. – respondo secamente, recolocando a caixa na cômoda. Virando, cruzo os braços quando



vejo minha mãe parada na porta. O que ela quer?

Parando um momento para observá-la, noto algo diferente sobre ela. Ela parece menos... malvada. Seu terninho branco pode ser a razão de sua aparência de santinha.

— Seu pai me disse que você foi ver o Dr. Carter. Você está fazendo outro teste? – ela parece sinceramente interessada.

Reviro meus olhos. É tarde demais para o ato maternal em questão. — Sim, eu estava. Mas não funcionou. Eu devo estar fora de seu alcance em cerca de um mês.

Eu estou esperando algum tipo de reação como um *viva*. Mas, pela primeira vez em muito tempo, vejo culpa. Me enerva ver uma emoção humana passar por seu rosto estoico de sempre.

— Lola, podemos conversar?

— Conversar sobre o quê, exatamente?

Ela limpa a garganta, evidentemente desconfortável com o que quer que queira dizer. — Eu quero esclarecer as coisas entre nós.

— O que? – eu bato meu punho no meu peito, na esperança de desalojar o nó na minha garganta. Quando vejo que ela está falando sério, não consigo evitar a risada sarcástica de escapar dos meus lábios. — Não tenho certeza se você me ouviu direito, mas disse que tenho um mês de vida.

Ela recua, magoada porque eu disse que demoraria muito mais do que isso para fazer o que ela propõe.

Ela entra no quarto e eu instintivamente dou dois passos para trás. — Você tem todo o direito de estar com raiva de mim.

— Raiva? Isso é ser tolerante.



— Eu não sei o momento exato em que as coisas se desintegraram entre nós. – ela caminha, com cada passo me deixando mais e mais curiosa pelo que ela quer.

— Que tal a vez em que você me renegou como sua filha? Ou o fato de que você tem vergonha de ter uma filha imperfeita? – digo opções para ela. Certamente, uma vai se encaixar no perfil.

Ela baixa os olhos e me sinto culpada por explodir. Eu não gosto disso. Estou tão acostumada a brigar com minha mãe que não sei como lidar com esse lado dela - esse lado humano dela.

Ela se senta no pé da minha cama, pensativa. — Eu nunca tive vergonha de você.

— Você poderia ter me enganado. – eu declaro, cruzando os braços sobre o peito.

— Há tantas coisas que eu teria feito de forma diferente. Eu... eu sinto muito. Eu tenho sido uma mãe terrível para você.

Minha boca se abre. Nunca fiquei mais surpresa do que agora. Quando recupero a compostura, pergunto: — Por que você está me dizendo isso? Isso só chegou cerca de quatro anos tarde demais.

— Eu sei. – Quem é essa pessoa sentada diante de mim? Ela usa o rosto da minha mãe, mas não tem como essa ser ela.

Levantando os olhos, eu suspiro quando vejo que estão molhados. Ela tem algo neles porque de jeito nenhum eles estão molhados de lágrimas.

— Qual é o seu problema? Você está morrendo? – pergunto, já que essa é a única explicação de por que ela está se comportando dessa maneira.



Ela fecha os olhos por um segundo. — Se isso significasse que você viveria, eu o faria, felizmente.

Estou realmente sem palavras. Eu preciso sentar. Sentando no sofá de cetim, tento decifrar o que diabos está acontecendo.

— Você acha que eu tenho vergonha de você. – Não tenho escolha a não ser ouvi-la, porque estou enfeitiçada. — A verdade é que... tenho vergonha de mim mesma. Eu falhei com você.

Algo aconteceu para ela se comportar dessa maneira, e a única coisa é que ela recebeu uma segunda chance.

— O que aconteceu?

Ela puxa as pérolas em volta do pescoço, um sinal claro de que estou certa. Eu nunca vi Camille Van Allen embaraçada, não até agora. — Alguns dias atrás, eu encontrei um caroço... no meu peito.

Eu pisco. Não era isso que eu esperava.

— Eu não pensei nada sobre isso, mas decidi dar uma olhada. É por isso que encurtamos nossa viagem.

Eu espero com a respiração presa.

— Recebi os resultados hoje.

— E?

Ela abaixa o olhar, com o lábio inferior tremendo. — Está tudo em ordem. Eu estou bem.

Uma respiração ofegante me escapa. Eu não entendo. — Por que você diz isso como se fosse uma coisa ruim?

Ela finalmente encontra meu olhar confuso. — Porque o tempo todo, tudo o que eu pensava era: como Lola faz isso? Como ela fez isso durante toda



a vida? Eu estava com tanto medo, mas não conseguia me lembrar da última vez que te vi assustada. Você tem estado sobrecarregada por quatro anos, e nenhuma vez eu ouvi você dizer “por que eu?”

— Isso é tudo que eu conseguia pensar quando estava sentada lá hoje, esperando minha vida mudar. Pensei em como você é uma garota forte e corajosa, e em como fui uma mãe péssima e horrível para você.

As palavras me escapam. Eu sento imóvel.

— Eu estava tão preocupada em me ocupar porque, no momento em que parei, tudo em que conseguia pensar é em como falhei com você. Eu não pude te ajudar. É por isso que queria ajudar tantos outros. Que tipo de mãe não pode ajudar seu filho? Eu não sabia o que fazer. Eu estava com tanto medo de dizer a coisa errada, então não disse nada.

— Venho de uma família que não demonstra emoções. Mas então conheci seu pai e ele mudou isso. Ele me mostrou que não havia problema em chorar, rir e amar. E nós fizemos isso. Mas então você ficou doente. Eu não sabia como agir. Minha única filha estava doente e eu não pude fazer nada para fazê-la melhorar. Todo o dinheiro do mundo não fazia diferença. No final do dia, você estava morrendo e eu tive que aceitar isso.

Ela engole, enquanto eu mal estou respirando.

— Não sabia mais como agir perto de você, e te culpei por isso. Estou tão envergonhada de mim mesma. Nós nos distanciamos cada vez mais, e isso foi inteiramente minha culpa. Doeu estar perto de você, e eu me distanciei porque eu era - *eu sou* - uma covarde.

Uma lágrima desliza pelo meu rosto, com a sua confissão apunhalando meu coração.



— Isso não é uma desculpa; esta é uma explicação que veio tarde demais. Mas hoje, sentada ali naquele consultório médico, percebi que mulher verdadeiramente notável você é. Nunca conheci ninguém mais corajosa do que você, e tenho muito orgulho de chamá-la de minha filha.

Eu levanto, incapaz de ficar sentada por mais um momento. — Eu precisava de você, mãe. Mas você me fez sentir como se eu nunca fosse boa o suficiente.

Ela também se levanta, mas agradeço que ela não tente estender a mão. — Eu sei. Nunca poderei me desculpar o suficiente por decepcionar você. Não espero que me perdoe e, independentemente dos resultados de hoje com o Dr. Carter, eu teria lhe dito. Não estou dizendo isso para descarregar minha culpa. Estou lhe dizendo isso porque quero que saiba que nada disso jamais foi sua culpa.

Um soluço cambaleante se liberta. É a única coisa que eu sempre quis ouvir. Isso e...

Ela coloca a mão sobre a boca, com lágrimas que eu não tinha visto antes de escorregar. — Eu te amo, Lola. E eu sinto muito por tudo. Por favor, me perdoe.

Envolvendo meus braços em volta de mim, sou incapaz de conter os anos de rejeição e tristeza que mantive longe. Isso não desculpa seu comportamento, mas é um começo. Se a morte me ensinou alguma coisa, é que a vida é muito curta para guardar rancor.

Ela espera pacientemente, controlando sua tristeza. Em toda a sua vida, ela teve tanto medo de ser vulnerável, mas neste momento, ela nunca pareceu mais forte. Eu não entendo totalmente o raciocínio dela, mas a perspectiva da morte o faz fazer coisas estranhas, como a eutanásia voluntária.



Eu poderia sair deste quarto e dizer a ela que o pedido de desculpas chegou tarde demais. Mas o que ganharia com isso? É preciso mais esforço para odiá-la do que aceitar que ela cometeu um erro. Um grande erro, mas pelo qual ela parece realmente lamentar.

Enxugando minhas lágrimas, eu respiro fundo. Ela parece à beira de um colapso. — Eu estou contente que você esteja bem.

Ela pisca duas vezes, não esperando essa resposta. É o melhor que posso demonstrar. Ainda não estou pronta para brincar de família feliz, mas estou disposta a tentar.

— Obrigada. – ela sorri, mas é amargo. Estou satisfeita que pelo menos um de nós recebeu boas notícias hoje.

Então o que acontece agora? Parece muito clichê dar um abraço nela e fingir que tudo está perdoado. Mas, por outro lado, não quero que ela pense que não apreciei sua honestidade, então, chegando a um acordo, levanto meu punho.

Ela olha para baixo, movendo os lábios de um lado para o outro.

Incapaz de me ajudar, eu zombo de brincadeira: — Você consegue!

Um sorriso de lado aparece em seus lábios.

Ela não me deixa à espera e gentilmente bate seu punho contra o meu, balançando a cabeça com meu absurdo. Uma batida de punho universal é o primeiro passo em direção à nossa cura. Quem teria pensado?

Parece que um peso foi tirado de seus ombros e, de certa forma, sei como ela se sente. — Vou me arrumar para o jantar. Seu pai exagerou um pouco. Eu não tive coragem de dizer a ele que fui para a Magnolia Bakery no caminho de casa.



Camille Van Allen está fazendo piadas? Hoje é um dia realmente estranho.

Agradeço que ela não fique, e quando ela fecha a porta atrás dela, fico no meio do quarto, digerindo tudo o que acabou de acontecer.

A caixa de música rosa chama minha atenção. Talvez eu finalmente esteja livre para dançar como a bailarina, afinal.

Eu não consigo dormir

Contei a papai sobre os testes e ele fez algo que nunca pensei que faria. Ele largou os talheres na mesa de jantar e chorou. Ver seu pai, que você sempre viu como grande, forte e invencível, soluçar como um bebê, é desconcertante, mas foi bom saber que ele se importava.

Minha mãe derramou uma lágrima, mas acho que ela as está mantendo aprisionadas, sabendo que muitos mais estão por vir.

Depois de me encher mais do que uma piñata na festa de aniversário de uma criança de dez anos, agradeci aos meus pais pelo jantar e fui para casa. Pensei que chegar exausta, considerando os eventos de hoje, mas não cheguei. Fico acordada, olhando para o teto, me perguntando o que vai acontecer agora.

Passar pelo resto dos testes parece sem sentido; como disse o Dr. Carter, é apenas prolongar o inevitável. Essa decisão vai resultar em eu cruzar a linha de chegada mais cedo ou mais tarde, mas é o que eu quero.

O que eu também quero é Roman.

Eu odeio a maneira como deixamos as coisas. Eu precisava de um tempo para esfriar minha



cabeça e, embora não esteja mais claro do que antes, eu sei que não quero gastar meu tempo restante sem ele. Não concordo com sua decisão, mas se for o que ele quer, então eu tentarei apoiá-lo.

Virando-me de costas, bufo, irritada por ainda estar bem acordada às três da manhã. Quanto mais tento adormecer, mais acordada pareço estar.

Chutando os cobertores, desisto de contar ovelhas e decido terminar de escrever no diário que Tamara me deu. Os registros são atormentados por incertezas, mas este será um novo capítulo.

Assim que pressiono a caneta no papel, meu celular toca. Faço uma pausa, olhando da esquerda para a direita, me perguntando se estou ouvindo coisas. A tela iluminada na minha mesa de cabeceira revela que minha audição ainda não está me prejudicando. Alcançando meu celular, meu coração pula na minha garganta quando vejo o que diz a mensagem simples.

Girassol.

Esta palavra assumiu um significado totalmente diferente. Nosso SOS.

Levantando da minha cama, eu escorrego ao longo do azulejo e quase colido com a porta da frente quando a abro. No entanto, eu colido com algo quente, duro e com um cheiro delicioso quando saio para o corredor.

Ele me pega, assim como eu sabia que ele faria.

Roman me pega em seus braços e me segura com todas as suas forças. — Eu sinto muito. Eu não sei o que estava pensando. Eu sou um



maldito idiota. Por favor, me perdoe. – ele murmura contra minha têmpora.

Eu fecho meus olhos e me deleito com sua sensação, seu cheiro, seu calor. Eu vou sentir muito a falta disso. — Não há nada a perdoar. Está tudo bem. Você está aqui e isso é tudo que importa.

Ficamos abraçados no corredor, sem nenhum sinal de desistir. No entanto, quando percebo que estou de pijama no corredor, eu gentilmente me afasto de seus braços. As luzes fracas se associam a sua postura destruída, e eu não quero ver esse olhar novamente.

— Entre. – Agradeço quando ele acena com a cabeça.

No momento em que fecho a porta, Roman pressiona seu peito nas minhas costas e me puxa para seus braços mais uma vez. Há uma urgência persistente em nossa conexão e sei que ele também sente isso.

— Eles deveriam funcionar. Não é assim que a sua história termina. – diz ele, apertando seu aperto em volta da minha cintura.

— A história de cada pessoa é diferente.

— Eu lhe dei falsas esperanças. – Sua culpa é palpável, mas ele não tem do que se culpar.

— Pare. – eu pressiono. — Qualquer esperança é melhor do que nenhuma.

— Isto é minha culpa. – Uma corrente de seu hálito adocicado aquece o comprimento do meu pescoço. — Eu tinha certeza de que funcionaria.

— Não é culpa de ninguém. Eu estava tão determinada a viver, e fiz. Esse curto período de tempo foi a melhor época da minha vida. Eu vivi uma vida plena porque você me ama. – Minha voz vacila e



meu coração se enche com o amor incomensurável que sinto por este homem.

Ele esfrega o nariz no meu cabelo, inalando. — Todo esse tempo, nossa história deveria ser... você vive e eu morro. Mas, infelizmente, há uma reviravolta na história. O escritor da nossa história é uma vadia confusa e sádica.

Eu não posso deixar de rir debilmente porque ele está certo.

— Nós dois estamos lutando mais um pela vida do outro. – eu digo, não entendendo totalmente esse vínculo irrevogável que nós compartilhamos.

Ele está em silêncio, sua respiração pesada é o único som que trai seus pensamentos. — Quando se trata de aceitar sua própria morte... acho que demos uma trégua que é nossa hora. Mas quando confrontados com a morte de alguém que você ama... você lutará *por* eles e *com* eles até o último suspiro. – ele confessa abertamente.

Eu suspiro porque é exatamente como me sinto. Eu simplesmente não conseguia encontrar as palavras certas.

Roman é para sempre meu protetor, mas nesta circunstância, ele tem que desistir. — Você pode salvar a vida das pessoas... mas não pode salvá-las da vida. – E essa é a verdade honesta de Deus.

— Você sempre pode fazer mais testes experimentais. – Seus apelos estão começando a falhar.

— Qual é o ponto? Você ainda está morto e eu não quero viver em um mundo onde você não exista.

— Bem, nem eu.

Que encruzilhada para ficar preso.



— Então o que fazemos agora? – E essa é a pergunta de um milhão de dólares. Essa é a pergunta que eu tenho me feito o dia todo.

— Agora... – ele sussurra, com um gemido escapando de mim quando ele abaixa os lábios e beija meu pulso latejante. — Esquecemos o hoje e nos concentramos no amanhã.

— Eu gosto do som disso. – eu mal consigo pronunciar as palavras enquanto ele morde e lambe minha pele sensível.

Não demora muito para que fique relaxada contra ele, permitindo-lhe controlar todo o meu corpo. Suas mãos e lábios estão por toda parte, tirando meu fôlego com sua exigência de me envolver por inteira. Ele me vira, e nossos lábios pressionam, desesperados para nunca se separarem.

Ele agarra meu cabelo, com seus ruídos vorazes provocando uma queimadura em minha alma. Não podemos mais esperar, pois cada segundo é verdadeiramente precioso. Ele me levanta e eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, nunca separando nossos lábios movendo em perfeita harmonia.

Minhas costas atingem no sofá e o peso de Roman cai em cima de mim logo depois. Somos um borrão de mãos frenéticas e línguas famintas enquanto puxamos as roupas um do outro, com o desespero me deixando sem fôlego.

No momento em que estou nua embaixo dele, ele aprecia cada centímetro do meu corpo. Perdendo-me nele e eu nunca quero ser encontrada. Ele comanda até o último tremor de prazer meu antes de finalmente recuperar o ar.

Eu vejo com a visão nublada de luxúria enquanto ele alcança sua cabeça e arranca sua camiseta. Meus olhos se concentram no centro de seu peito. A iluminação suave mostra a cicatriz, trazendo o fato de que nosso



tempo juntos vem com uma data de validade.

Fui corajosa, mas na escuridão parcial, eu abaixei meus muros. — Estou com medo. – sussurro, levantando minha mão e colocando a palma em seu coração acelerado.

— Eu também. – ele confessa. — Mas tudo o que vale a pena fazer começa com medo.

— Não é do começo que eu tenho medo. – eu reconheço, virando meu rosto, envergonhada.

— Não tenha medo. Eu nunca vou parar de segurar sua mão. – A importância de sua promessa chega ao clímax quando ele coloca sua mão sobre a minha. — Eu nunca vou desistir de você.

E eu sei que ele fala sério.

Uma única lágrima cai pela minha bochecha antes que as palavras não sejam mais suficientes. Pego seu pescoço, puxando seu rosto de volta para o meu. Ele pressiona nossas testas, olhando profundamente nos meus olhos. Esse único olhar equivale a mil palavras. Diminuo a distância entre nós e o beijo como se não houvesse amanhã.

Sua calça caiu no chão minutos depois, e em pouco tempo, estamos nos movendo, respirando, vivendo como um. Eu nunca vou me cansar desse sentimento. Nada pode superar isso.

— Eu... te amo. – eu suspiro, com os olhos caindo a meio mastro em puro êxtase.

Minhas palavras o inspiram a se mover mais rápido e mais forte, ligando-nos para que nem mesmo um pouco de ar passe entre nós. — Eu também te amo.

— Nunca me deixe ir. – Com dedos trêmulos, traço cada curva de seu rosto esculpido, desejando memorizar cada parte dele. Com



um ritmo sem pressa, ele se move, saboreando a sensação de nos tornarmos um.

Sua cabeça cai no meu ombro. Ele geme, respirando, lambendo, provocando minha pele suada. — Eu prometo. – ele pronuncia o seu comentário com um movimento de seus quadris. Eu gemo, segurando seus ombros suados.

E ele permanece fiel à sua palavra. Bem, por hoje à noite de qualquer maneira.



Capítulo 16

Eu me espreguiço preguiçosamente, abro parcialmente um olho.

O belo adormecido ao meu lado parece satisfeito, com um leve sorriso em seus lábios rosados. Hoje não está melhor do que ontem, mas está tudo bem. Com Roman ao meu lado, podemos resolver qualquer coisa.

Não consigo me conter e me apoio em um cotovelo, olhando para o homem que mudou minha vida para sempre. Nunca pensei que algum dia me sentiria assim por outro ser humano, mas o simples fato de conhecer Roman me mostrou que tudo é possível.

Deslizando meu dedo ao longo de sua testa, abaixo na inclinação de seu nariz, traçando o contorno daqueles lábios pecaminosos. Eu não perco um minuto e coloco minha boca na dele. Um gemido sonolento ressoa em seu peito.

— Esta é a minha chamada para acordar? Se for, acho que ainda estou dormindo e dormirei por um bom tempo. É melhor você se esforçar mais. – Eu rio em torno de sua boca, feliz em obedecer.



Eu aprofundo o beijo, com meu cabelo caindo em torno de nós para nos esconder do mundo real. Nossas bocas se movem em um ritmo lânguido. Não temos muita pressa de sair desta sala tão cedo. Mas quem disse que precisamos?

Ainda não estou confiante o suficiente para dar as cartas, mas rolo em cima dele, dominando-o como ele normalmente me dominaria. O movimento parece agradá-lo, enquanto ele geme profundamente, com o som baixo atingindo onde dói.

Ainda nós estamos muito nus e não demorou muito para algo delicioso se mexer embaixo.

— Eu sou insaciável quando se trata de você. – ele confessa com a voz rouca, mordendo o lábio inferior.

A visão me deixou indefesa.

Indo com o instinto, sento-me ereta, montando a cintura de Roman. A conexão nos faz gemer. Ele levanta a mão e passa pelo lado do meu pescoço antes de abaixar e segurar meus seios. Levanto meu pescoço para trás, perdendo-me em uma sensação comparável ao céu.

No entanto, o céu está prestes a se transformar em inferno.

— Lola, eu espero que não se importe, mas entramos com a chave reserva... ah, meu Deus!

Viro o meu ombro tão rapidamente que tenho certeza de que distendi um músculo do pescoço. Mas isso não se compara ao músculo que minha mãe contraiu em seu rosto quando sua boca se abriu e seus olhos saltaram das órbitas. Ela parece estar a segundos de desmaiar.

— Eu... ah... meu... eu estou... Deus ... nua... tão nua... sinto muito! – ela se atrapalha com suas palavras, agarrando-se ao batente da porta, firmando



seu corpo vacilante.

Ela acaba de pegar a sua filha nua, deitada em cima de seu namorado muito nu, e de repente acho que é a coisa mais engraçada do mundo.

Uma risadinha escapa de mim enquanto cruzo os braços sobre o peito, enquanto Roman senta no sofá, esperando que o engula inteiro. — Volte em cinco minutos.

Ela acena, mas não move um músculo. Acho que ela entrou em choque.

— Mãe, um pouco de privacidade, por favor.

Roman coloca o antebraço sobre os olhos, balançando a cabeça horrorizado. Eu ainda estou rindo.

— Ah Deus, sim, claro. Eu sinto muito. – ela finalmente se vira e bate a porta da frente.

Quando a barra está limpa, eu faço um som de tanto rir, incapaz de parar.

— Isso não é engraçado. – adverte Roman, apenas piorando a situação. — Eu não queria conhecer sua mãe nu.

Ele gentilmente me empurra de cima dele, levantando do sofá, em busca de suas roupas.

Eu viro para o lado, tentando recuperar o fôlego. — E que bunda ele tem.

Ele ignora meu desabafo, vestindo sua calça jeans e camiseta. — Ela vai me matar, não é?

— Não. – eu respondo, recuperando o fôlego.



— Não? – ele pergunta, parando no meio do caminho passando os dedos pelo cabelo desarrumado.

Levantando do sofá, procuro algumas roupas. — Vamos lá.

Este é um rito de passagem como tal, já que nunca apresentei meus pais a um namorado antes. Antes de ficar doente, eu namorei alguns caras, mas nunca ninguém sério, ninguém que eu queria que meus pais conhecessem.

Eu ando até a porta da frente com Roman arrastando os pés a cada passo do caminho. — Tem certeza de que vou deixar esta casa com todas as partes intactas?

Eu seguro uma risada por trás da minha mão.

No momento em que eu abro a porta, minha mãe empalidece, enquanto o meu pai sorri, sem saber de nada. Ela claramente não deixou transparecer quando entrou. — Olá. Bom Dia. Oi.

Eu nunca vi minha mãe incomodada. Eu sorrio, muito entretida. — Bom Dia. Entre. – Eles entram.

Roman pigarreia. — Bom dia, Sra. Van Allen. Sr. Van Allen. Eu sou Roman Archibald, Lola é...

— Ele é o meu namorado. – eu preencho a lacuna. Eu queria apresentar Roman aos meus pais de outra maneira. Mas o tempo não parece estar do meu lado em todos os aspectos da minha vida.

Minha mãe suspira, enquanto meu pai avalia Roman. Ele parece feliz com o que vê.

— Roman é médico. – eu explico, deixando de fora os detalhes de como nos conhecemos. Eles podem resolver os pequenos detalhes.



A tensão pode ser cortada com uma faca até que meu pai diga: — Olá, Dr. Archibald.

— Roman está bom. – ele corrige com um aceno.

— Por favor, me chame de Dermott então. Está com fome? – ele levanta as sacolas e a bandeja de café que está carregando. — Trouxemos café da manhã.

— Sim. Obrigado.

Minha mãe ainda está sem palavras, mas nos segue até a mesa.

— Tem algo especial hoje? – meu pai pergunta, mexendo o seu café.

Roman pega um bagel e o coloca no meu guardanapo. Eu olho para ele, sorrindo. — Não tenho certeza. – Provavelmente devemos discutir o que exatamente planejamos fazer.

— Há a corrida Color Vibe neste fim de semana, certo? Isso parece divertido. – Meu pai deve presumir que Roman dará certo. Sua constituição musculosa implica isso. — Você viu da sua janela no ano passado, não foi, Lola?

Quando estou prestes a mudar de assunto, como sei que Roman não está em condições de participar de nenhuma corrida, ele diz: — Sim, está certo. E é divertido. Costumo participar todos os anos. Mas não participarei este ano.

Tanto minha mãe quanto meu pai dão a ele toda a atenção.

Ele limpa a garganta. — Na verdade, tenho uma doença cardíaca congênita. – Meu pai para de mastigar e os olhos de minha mãe se



arregalam pela segunda vez hoje. — Tem piorado progressivamente. Minha irmã gêmea faleceu há muitos anos. – Eu instintivamente estendo a mão e seguro sua mão.

Meu pai abaixa o café. — Minhas condolências a você e sua família.

— Obrigado. Foi há muito tempo. – Independentemente disso, a dor ainda está viva.

Roman não precisa entrar em detalhes. Meus pais sabem que a doença acabará por ceifar a vida dele também. O que eles não sabem é que ele escolheu vencê-la da única maneira que conhece.

— Está tudo bem. Cada dia é um milagre, um que eu não considero garantido. – Eu sorrio com sua coragem, orgulhosa de ser dele. — Eu quero que vocês saibam que eu amo a Lola. Muito. – ele acrescenta, olhando com nada além de devoção. — Nunca a magoaria e eu farei de tudo para protegê-la.

Abaixei meus olhos, entendendo a faca de dois gumes.

— Tenho a sensação de que você é a razão de Lola ter participado dos testes experimentais. – diz minha mãe.

Mas Roman repreende sua suposição. — Não, Sra. Van Allen, *Lola* é a razão porque ela é uma guerreira. Posso ter dado um pequeno empurrão. – ele sorri, para dizer o mínimo. — Mas ela é a pessoa mais forte e determinada que conheço. Eu gostaria de ter a força dela.

Meu pai sorri com orgulho para mim. — Ela herdou isso da mãe. – Antigamente, isso teria me ofendido totalmente, mas agora, isso não parece tão ruim.

— Você está certo. Vocês dois estão. – ela diz com um sorriso, enquanto meu pai ri calorosamente.



Eu não consigo esconder meu choque. Ela está fazendo mais uma brincadeira?

Continuamos comendo em silêncio, com todos absorvendo o que foi compartilhado.

Eu odeio que Roman não possa mais participar de eventos de que ele obviamente gostava. — Talvez possamos dar uma olhada? – eu sugiro, quebrando o silêncio. — Há um atalho mais curto em que podemos competir. Um quilômetro em vez de cinco.

Roman mastiga pensativo, mas concorda. — Tenho certeza de que podemos cuidar disso. – E ele está certo. Com Roman ao meu lado, posso cuidar de tudo.

Paramos no hotel de Roman para que ele pudesse tomar um banho e pegar uma muda de roupa. Parece bobo ele ficar em um hotel, mas ainda não sei quais são os planos dele. Primeiro de Setembro não está tão longe, e se o que o Dr. Carter disse for verdade, estarei fora em quatro, talvez oito semanas, se tiver sorte.

A ideia de estar aqui sem Roman é quase insuportável. Eu não acho que posso ficar parada vendo-o tirar a própria vida. Eu sei que ele nunca esperava que eu fizesse, mas se ele ainda decidir ir em frente, então eu seguraria sua mão, assim como ele está segurando a minha.

Centenas de milhares de competidores em formação lotam a linha de partida no Brooklyn. Quando chegamos à mesa de inscrições, vejo alguém que nunca pensei que veria novamente.

— Dr. Archibald? – Erin diz. A surpresa dela é aparente.



— Olá, Erin. Como você tem estado?

Ela dá a volta na mesa e dá um grande abraço nele. — Eu tenho estado ótima. O que você está fazendo aqui?

— Eu esperava que pudéssemos nos inscrever.

Erin olha para mim e fica surpresa quando ela obviamente se lembra de quem eu sou. — Ah meu Deus. Oi, Lola, certo?

Não posso deixar de sorrir com a energia dela. — Sim está certo. Oi, Erin. É bom te ver de novo.

— Você também. – ela olha entre nós, sorrindo. Ela sabe que algo mudou desde a última vez que nos viu juntos.

— Está em cima da hora. – ela brinca, puxando o lápis de trás da orelha. Ela não usa mais o lenço na cabeça com que a conheci. Ela usa seu cabelo curto espetado, orgulhosamente. — Mas para você, posso abrir uma exceção.

— Dr. Archibald? Você está perdido? – provoca um homem de meia-idade quando ele se aproxima. Ele também está participando da corrida.

Roman ri, estendendo a mão. — Olá, Gus. Não achei que eles permitissem que os idosos competissem. – Gus tem um ataque de riso. — É bom ver você.

— Você também. Onde você esteve se escondendo?

— Em lugar nenhum, apenas ocupado com o trabalho.

É evidente que eles são bons amigos. Fico triste porque, independentemente de quanto apreciado Roman seja, ele vai deixar este mundo sozinho.

— Esta é minha namorada, Lola Van Allen.



Nunca vou me cansar de ouvi-lo se referir a mim dessa forma. Eu aperto a mão de Gus; ele parece surpreso.

— Uau, sinto muito por olhar. – diz ele, ainda apertando minha mão. — Mas eu conheço Roman há mais de dez anos, e nenhuma vez conheci qualquer uma de suas namoradas.

— Isso porque não havia ninguém para apresentar. – ele envolve seu braço em volta de mim, me puxando para o seu lado.

Eu sorrio com orgulho, sentindo minhas bochechas corarem.

Gus parece além de eufórico com Roman, assim como Erin. Ela parece tão bem. Melhor do que quando a vi pela última vez. Não estou ressentida porque os testes dela foram um sucesso e os meus não. Estou feliz porque ela é a prova viva das vidas que Roman tocou.

— Venha aqui e vou inscrever vocês dois. – diz Gus a Roman, gesticulando com a cabeça para uma mesa à esquerda.

— Eu estarei de volta em um minuto. – ele beija minha testa.

Eu me afasto para o lado, mas Erin pede a uma garota para assumir. É claro que ela quer bater um papo.

— Sei que isso está completamente fora de questão. – ela começa. — Mas estou tão feliz por Roman ter encontrado alguém. Ele ajudou a vida de tantas pessoas, dando-lhes esperança. Parece justo que ele também esteja feliz.

— Obrigada, isso significa muito para mim. – Roman tocou tantas pessoas. Erin é apenas uma entre milhares, tenho certeza. Quero que ela saiba por que Roman nos apresentou primeiramente. — Espero que você não se importe, mas Roman me disse que ajudou você.

Seu sorriso se torna nostálgico. — Não, não mesmo. Estou orgulhosa.



— O motivo pelo qual ele me disse foi porque... – eu pego no meu esmalte cor de vinho, na esperança de decidir honrar a próxima frase da melhor maneira que posso. — Porque eu tenho um tumor no cérebro. O mesmo tipo que você tinha.

Seus olhos se enchem de lágrimas. — Ah, sinto muito.

Eu aceno para ela, grata por sua compaixão. — Está tudo bem, sério. Estou tão feliz que as coisas deram certo para você.

Ela abaixa os olhos e eu vejo. Culpa. A mesma sensação que senti quando tive uma segunda chance. — Ah, Lola... – ela entende que meu teste terminou de forma diferente do dela. — Eu realmente sinto muito.

— Obrigada. Eu não disse para você se sentir culpada, mas porque você é um milagre. Você é a prova viva da determinação e do compromisso de Roman em salvar o mundo. – eu não consigo conter as lágrimas porque em breve ela será uma espécie rara.

— Penso isso todos os dias. – ela sussurra, com seu lábio inferior tremendo. — Se não fosse pelo Dr. Archibald, eu odiaria pensar onde estaria. Devo minha vida a ele.

Muitas pessoas devem, eu silenciosamente respondo.

Roman retorna, olhando para nós com atenção. Nós duas enxugamos nossas lágrimas.

— Pronto para ter seu traseiro chutado? – eu provoco, ficando na ponta dos pés e envolvendo meus braços em volta do seu pescoço. Erin sorri antes de voltar a trabalhar atrás da mesa.

— Não sabia que era uma corrida. – ele sorri, com um brilho em seus lindos olhos azuis.

— Vamos tornar as coisas interessantes. – eu respondo. — Por vinte e quatro horas, o



perdedor tem que fazer tudo o que o vencedor diz. – De repente, estou determinada a perder.

Roman murmura, com o som ressoando todo o caminho até o meu núcleo. — Você sabe que não gosto de perder.

— Bem, nem eu. – eu respondo, mordendo o meu lábio inferior quando um sorriso de lado contrai sua boca.

— Combinado. – ele finalmente diz. Eu não tenho a chance de responder porque ele se inclina para frente e me beija ferozmente.

Eu agarro os fios macios de cabelo ondulado em sua nuca, sem me importar que estamos nos beijando na frente de milhares de pessoas. Esta é uma memória que nunca esquecerei.

— Apenas uma amostra do que você terá quando eu vencer.

Eu vejo estrelas e sorrio. — Uma tortura absoluta. – eu provoco. — Tchau, Erin. – eu aceno, e ela olha para cima, balançando a cabeça sentimentalmente.

Roman parece despreocupado e relaxado. Ele balança as pernas e os braços, um verdadeiro aquecimento de atleta. Eu sei que não tenho chance de acompanhá-lo, mas também sei que ele vai me levar a cada passo do caminho.

Eu me viro para ele, apreciando cada segundo que estamos juntos. — Eu te amo.

Seu peito infla com orgulho. — Eu também te amo. – ele se inclina, me beijando suavemente.

A pistola soa de repente, alertando-nos que a corrida começou. Mas não pode se comparar com a aceleração do meu coração. Roman interrompe nosso beijo, rindo quando faço beicinho. Ele pega minha mão e começamos uma corrida lenta, tentando acompanhar o fluxo



dos corpos. Todos parecem trabalhar em uníssono, sem esforço ou empurrando, porque não é disso que se trata esta corrida.

O sol está brilhando intensamente, aquecendo os meus músculos cansados e me dando forças para continuar. Estamos correndo em um ritmo muito lento, mas é perfeito para Roman e eu. Aprecio as vistas do Brooklyn, um mundo verdadeiramente diferente de Manhattan.

Eu estou curtindo a paisagem, sem acreditar que estou aqui, participando de um evento que nunca pensei que seria capaz. Eu experimentei tantas coisas com Roman, e cada um ficará para sempre gravado em minha mente.

Também parece que Roman também teve uma experiência inédita comigo.

— Então... – digo sem fôlego. — Sou a primeira namorada a ser vista em público com você. Estou honrada. – Roman ri, com seus braços balançando enquanto ele corre sem esforço ao meu lado. — Então, quantas não namoradas você já teve?

— Muitas para contar. – ele zomba, rindo quando me viro para olhar para ele.

— Esqueça o que eu disse. – eu engulo em seco, percebendo que esta é uma caixa de Pandora que eu não desejo abrir, agora ou nunca.

Eu pego o ritmo, mas Roman acompanha com facilidade. — Nenhuma delas importa. – diz ele com honestidade. — Você é a única mulher que me fez querer viver.

Eu estico meu pescoço para olhar para ele, me perguntando se ele está insinuando o que eu acho que ele está. Ele mudou de ideia?

— “E o que acontece depois que eu for?



— Eu vou com você. – ele responde igualmente.

— O... o quê? – eu gaguejo, chegando a uma parada abrupta. — Você mudou de ideia? Roman? – eu agarro seu pulso, prendendo-o no lugar.

Ele parece triste, mas concorda. — Sim. Ainda pretendo ir para o Niagara, mas não antes... – ele deixa a frase no ar, sem precisar preencher as lacunas.

Isso é um progresso. Eu gostaria que ele não estivesse indo para o Niagara. Embora ele diga que não tem muito tempo, existe realmente um prazo em sua vida? Ele pode ir em duas semanas ou mais em dois anos?

— Você disse que não tem muito tempo. Quanto tempo você tem? – Este é o pior lugar para perguntar isso a ele, mas quando será que haverá um bom momento.

— Lola. – ele adverte, mas eu pressiono, apertando seu pulso.

— Quanto mais?

— Cerca de seis meses. – ele confessa. Ele sabe o que estou prestes a dizer antes mesmo que eu tenha a chance de abrir minha boca. — Mas não há garantias. Vou ficar mais fraco e meu corpo vai falhar comigo. Não posso viver o resto dos meus dias relembrando o que eu já tive, sobre quem eu fui. Não poderei trabalhar, e as tarefas mais simples, que agora considero naturais, serão impossíveis de fazer.

— Mas seis meses? Tanta coisa pode acontecer nesse tempo. Um novo medicamento pode ser lançado amanhã.

Ele balança a cabeça, indignado. — Você não entende. Não tenho mais nada pelo que viver.



Fecho meus lábios, emocionada, mas com raiva, tudo ao mesmo tempo. — Roman…

Mas ele dá um passo à frente, colocando as mãos em minhas bochechas, olhando meu rosto. — Tomei essa decisão muito antes de conhecer você. Eu fiz as pazes com isso. Eu ainda estou aqui por sua causa, mas quando você estiver... – ele fecha os olhos, aflitos. — Você não estiver aqui, então também não estarei. Por favor, respeite os meus desejos.

Eu quero protestar, mas como posso? Se a situação se invertesse, eu faria a mesma coisa? Eu sei que a resposta é sim.

Um nó se forma na minha garganta porque isso está realmente acontecendo. Achei que por algum milagre ele mudaria de ideia, mas isso nunca foi uma opção. Ele se comprometeu e manteve sua palavra de me proteger até o fim. Eu só queria poder fazer a mesma coisa por ele.

Não posso fugir dos meus medos, mas eu sou capaz. E é isso que pretendo fazer. Se eu ficar parada por mais um segundo, tenho certeza que vou cair no choro. Eu aponto com minha cabeça, sugerindo que vamos terminar o que começamos.

Roman percebe minha agitação interna, mas não dou a ele a chance de falar disso. Eu saio correndo, precisando de algum tempo para pensar. Corremos em silêncio, com minha mente divagando. Sei que preciso aceitar isso, mas não posso.

Enquanto a minha mente acelera implacavelmente e o mesmo acontece com meus pés. Eu pego o ritmo, nem mesmo percebendo. Quanto mais rápido corro, mais confusa me sinto. Preciso encontrar uma solução. Deve haver algo que estou perdendo. Muita coisa pode acontecer em seis meses, e pensar que Roman desistiu me faz querer lutar o dobro.



Listo todos os cenários, eliminando situações infinitas porque já passei por eles. Enquanto movo minhas pernas com mais força, meu coração bate forte dentro do meu peito. O som é um pêndulo hipnotizante, exibindo minha força e fraqueza.

A primeira parada colorida está à frente, indicando que nós conseguimos meio quilômetro. Virando por cima do ombro, vejo que Roman está alguns metros atrás. Suas bochechas estão de um tom vermelho vivo e está claro que ele está lutando para respirar.

É exatamente disso que ele está falando. Um ano atrás, não tenho dúvidas de que ele estaria perto da linha de chegada. Mas este ano, ele terá sorte de fazer um quilômetro.

Eu me esforço cada vez mais, determinada a salvá-lo. Mas como? Eu preciso de um milagre. Eu preciso de um sinal.

As pessoas passam por mim e eu sei que estou correndo com pura adrenalina, mas tenho medo que, quando eu parar, terei que enfrentar a verdade. Roman está morrendo, e não há absolutamente nada que eu possa fazer a respeito.

Uma explosão de cores aparece diante de mim, um arco-íris literal brilhando diante dos meus olhos enquanto passo pela primeira parada colorida. Cada cor imaginável cobre minha pele suada, transformando algo simples em algo mágico.

Meu coração bate forte dentro do meu peito, elevando minha percepção, porque eu pensei que nunca poderia fazer isso. Mas esse é o problema; Não há nada de errado com meu coração. O problema é minha cabeça - o paradoxo perfeito.

Olhando para minhas mãos multicoloridas, as viro, desesperada para descobrir como essas mãos podem ajudar a curar. Deve haver algo que eu possa fazer. Eu não posso ficar para trás e vê-lo tirar a própria vida. Até



que todos os cenários possíveis sejam exauridos, eu não desistirei. Eu não posso. Roman nunca desistiu de mim e não pretendo desistir dele.

Thump.

Thump.

Thump.

De repente, eu sou atingida por uma gravidade tão forte que cambaleio para trás, tentando recuperar o fôlego enquanto agarro meu peito. Através dos caleidoscópios de cores, finalmente vi a luz. Eu estava procurando nos lugares errados. O arco-íris me levou à resposta mais simples, aquela que esteve me encarando o tempo todo.

Os corredores passam enquanto fico imóvel, chorando lágrimas coloridas. Eu estou chorando um arco-íris, e é simplesmente lindo. Encontrei meu pote de ouro. Não acredito que não pensei nisso antes.

Virando minhas mãos uma e outra vez, pela primeira vez em muito tempo, tenho esperança porque... Eu sei como posso salvar Roman.

Fui declarada vencedora, e fui, mas não da maneira que Roman pensa. Voltamos para o hotel para tomar banho, depois do qual Roman caiu em um sono profundo.

Sua saúde está se deteriorando. Eu posso entender porque ele não quer viver assim. Esse fato é o motivo pelo qual não preguei o olho. Eu pesquisei até tarde da noite, analisando algo que tenho certeza que salvará Roman.



Eu sei, sem dúvida, que ele vai se opor nisso. Ele vai discutir até ficar com o rosto vermelho, então preciso elaborar um caso forte e inflexível, então ele não terá outra escolha a não ser dizer sim.

Digo a mim mesma enquanto estou olhando a bilionésima página da web no meu celular.

Ele não vai concordar com isso de jeito nenhum. Posso ver essa conversa se tornando a pior da história. Mas tenho que tentar.

Levantando-me devagar da cama, ando na ponta dos pés pelo quarto, sem querer acordar Roman. Ele está fora de combate há horas e não parece que vai acordar tão cedo. Eu me tranquei no banheiro, olhando para o meu celular.

Assim que eu fizer esta ligação, será oficial. Não haverá mais volta. Encostada na porta, eu me olho no espelho. Lembro-me de cada memória que me trouxe aqui. Meus amigos morrendo, eu morrendo, tudo não pode ser em vão.

Roman uma vez me disse que se eu morresse, *qual era o sentido de toda essa mágoa?* Essa frase ressoou em mim desde a primeira vez que a ouvi, porque agora sei o que tudo isso significa.

Meus dedos tremem enquanto percorro minha lista de contatos. Passa um pouco das cinco da manhã, mas mal posso esperar. Eu tenho medo de me acovardar se fizer isso. Pretendo deixar uma mensagem, então fico surpresa quando o Dr. Carter atende o telefone.

— Lola? – Sua voz rouca é um sinal claro de que o acordei. Eu imediatamente me sinto péssima por perturbá-lo. — Está tudo bem?

— Desculpe, Dr. Carter. Eu não queria te acordar. Posso ligar de novo... – faço uma careta, envergonhada por tê-lo acordado.



— Não, não, está tudo bem. Eu estou acordado agora. O que posso fazer por você? – Eu ouço um farfalhar e passos suaves.

— Eu estava me perguntando se eu poderia ir ver você hoje. Eu queria te perguntar uma coisa. – eu mordo meu lábio, nervosa por ele recusar.

— Claro. Venha me ver por volta do meio-dia.

Eu exalo de alívio. — Muito obrigada.

— O Dr. Archibald virá com você?

Olhando meu reflexo, digo a mim mesma que essa é a coisa certa a fazer. Roman tem toda a sua vida para ficar com raiva de mim. — Não, só eu. Se você não se importar, não pode mencionar isso a ninguém?

Ele fica em silêncio, provavelmente se perguntando por quê. — Claro. Vejo você esta tarde.

Desligo, com um passo mais perto de alcançar o que eu sei que funcionará. Roman vai me odiar - disso eu tenho certeza - mas esse é o único jeito.

Deixo uma carta dizendo a Roman que voltarei mais tarde, pronta para reivindicar meu prêmio.

Sei que provavelmente será a última vez que verei o Dr. Carter. Depois de hoje, minha vida mudará para sempre.

Esta sala de espera com o seu exterior perfeito cobre apenas o que está escondido por baixo. Essas paredes



sofreram uma dor incomensurável, mas espero estar em minoria onde as coisas às vezes são como deveriam ser.

Wilma me olha por cima do balcão de mármore, concentrando-se no meu pé, que move incontrolavelmente. — Desculpe. – murmuro, perdida em meu próprio mundo.

Ela sorri. Eu sempre gostei dela. Ela tem sido boa para a Georgia e para mim. O pensamento da minha amiga me faz me endireitar. Eu sei que ela ficaria orgulhosa do que eu decidi.

— Lola. – Dr. Carter abre a porta de seu consultório, sorrindo quando me vê.

Pressiono a pasta com a montanha de papéis contra o peito enquanto fico de pé. — Oi, Dr. Carter.

Ele me dá todo o tempo de que preciso enquanto manco até sua porta. Eu sei que hoje é apenas um de muitos que virão.

Depois de cruzar a soleira, sento na cadeira de couro, respirando fundo. É isso. O ponto de não retorno.

Dr. Carter percebe o meu desespero e coloca as formalidades de lado. — O que posso fazer por você?

Meu coração começa a bater loucamente. Embora eu esteja apavorada, o som é reconfortante. Isso me encoraja a continuar. Inclinando-me para frente, passo a pasta para ele. Tudo que eu preciso dizer está lá.

Ele pega, com sua confusão aparente. Mesmo assim, ele coloca seus óculos de armação prateada e abre o que espero ser o futuro de Roman. Dr. Carter é um homem inteligente e não demorou muito para descobrir por que estou aqui. A carta que escrevi para ele é a primeira coisa que ele lê.



— Isso é verdade? – ele pergunta, balançando a cabeça, atordoado.

Eu aceno, brincando com o medalhão em volta do meu pescoço. — Sim.

Ele se recosta na cadeira, soltando um suspiro alto. Dou a ele todo o tempo de que ele precisa, porque é muito para absorver. — Lola... isso é...

— Eu sei. – ele não precisa completar a frase. Eu sei o que ele está pensando.

— Tem certeza de que é isso que deseja fazer?

— Sim. – eu não preciso de tempo para pensar, porque é a única coisa que faz sentido.

Ele junta os dedos, ponderando. Ele não pode dizer não. Ele é a única pessoa que conheço que pode me ajudar.

— Por favor... me ajude a *ajudá-lo*. Ele é a única coisa que importa.

Dr. Carter viu minhas lágrimas antes, mas algo neste apelo o comove. Se é minha honestidade ou o que estou propondo, eu nunca vou saber, mas quando ele acena, o tempo para. — OK.

Continuo sentada, com muito medo de me mover. Isso está realmente acontecendo. — O... obrigada.

Ele suspira, pegando seu telefone. — Wilma? – ela responde um segundo depois. — Por favor, cancele a minha agenda. E você pode trazer dois cafés pretos?

Eu me encolho em minha cadeira, como uma bola de energia nervosa. Este é o primeiro passo, e nunca estive mais curiosa para ver como termina.



Olhando meu reflexo na parede espelhada do elevador, retoco meu batom cor de ameixa e arrumo meu vestido preto. Tudo tem que ser perfeito. As portas se abrem e eu hesito. Nunca estive mais assustada. Assim que eu sair deste carro, tudo mudará. A parte assustadora é que não sei se essa mudança será para melhor.

Eu posso fazer isso.

Agradeço a minha mãe por sua frase de efeito estúpida enquanto caminho em direção à porta de Roman. Quando ele abre, todos os meus medos e preocupações desaparecem. Estou fazendo isso pelo homem que amo. Eu sei que ele verá a razão – algum dia.

— Uau! – Roman exclama, me olhando da cabeça aos pés. — Você está maravilhosa.

— Essa coisa velha? – eu provoco, tentando esconder o meu constrangimento.

Ele sorri enquanto eu me lembro de respirar. — Entre. – Eu dou um passo à frente, apenas para ele me puxar para seus braços.

Olhando para ele por baixo dos meus cílios cobertos de rímel, espero que ele não perceba meu nervosismo. Se ele olhar bem, eu sei que ele será capaz de ver.

— Senti sua falta. – declara ele com a voz rouca.

— E... eu senti sua falta também. – Meu coração começa a bater cada vez mais rápido.

— Você está tremendo. Qual é o problema? – Com o mais gentil dos toques, ele afasta o cabelo do meu rosto.



— Eu ... eu preciso falar com você.

Ele levanta uma sobrancelha. — Sobre o que? – Sua voz está cheia de suspeita e alarme.

— Vamos entrar. – eu pego a sua mão e o guio para dentro. Ele segue, mas seu corpo de repente fica tenso.

Eu queria liderar um pouco mais sutilmente, mas deveria saber que ele veria através de mim. No entanto, eu nos levo até o sofá, mas não acho que posso ficar parada.

— O que está acontecendo? – ele cruza os braços sobre o peito, esperando que eu explique meu comportamento bizarro.

— Eu, só... você pode sentar? – eu esfrego a minha testa, infeliz com a forma como isso começou. Seus lábios se contraem em uma linha fina e irritada, mas ele finalmente obedece.

O clima está pronto para uma noite romântica; as velas cintilam calorosamente pela sala, e uma garrafa de vinho está sobre a mesa. Mas isso terá que esperar.

Fico na frente dele, me perguntando como iniciar essa conversa. Eu pratiquei o que dizer um milhão de vezes na minha cabeça, mas minha língua ficou inesperadamente muda.

Roman se inclina para frente, com as pernas abertas e sua postura pronta para atacar. — Lola?

— Eu... eu... – eu preciso me mover. Começo a andar, me repreendendo por ter medo do palco no pior momento possível. As palavras parecem um nó na garganta.

Exalando, decido mostrar, em vez de contar, porque cada segundo desperdiçado está deixando Roman mais perto do limite. Alcançando minha bolsa, pego a pasta que mostrei ao Dr. Carter. Tem aumentado



desde hoje. Ele me deu tudo que eu preciso e o meu passo agora é perfeito. A escolha agora é de Roman.

Passando a pasta para ele, pego de volta rapidamente quando ele a pega. — Prometa-me uma coisa.

Ele bufa, irritado. — OK. – ele me dá toda a atenção.

— Prometa que vai ler tudo antes de dizer uma palavra.

— Lola. – ele me adverte.

— Prometa-me. – eu pressiono. — Prometa que você vai ler isso com a mente aberta.

Suas sobrancelhas se juntam, e ele balança a cabeça, totalmente perplexo, mas então ele finalmente concorda. Ele sabe que não tem escolha a não ser concordar se quiser ver o que está dentro, porque minha postura inflexível é definitiva.

Satisfeita, eu afrouxo meu domínio e rezo para que isso não saia pela culatra.

Antes de ele abrir, acrescento: — E lembre-se de nossa aposta. Você tem que fazer tudo o que eu disser a partir de agora. – eu preciso aliviar o clima.

Ele franze a testa, sem graça.

É isso. Vou fazer meu coração disparar para se acalmar. É a razão pela qual estou aqui.

Roman passa a palma da mão na frente, imerso em pensamentos. Ele sabe que o conteúdo pode mudar sua vida para sempre?

— Aconteça o que acontecer, lembre-se de que amo você mais do que minha própria vida. Tudo que eu farei... eu farei por você.



Ele olha para mim; ele parece tão perdido quanto eu. Ele balança a cabeça antes de abrir o que eu só espero que seja o seu futuro.

Não suporto ver, mas também não suporto olhar para longe. Sua expressão é estoica. Eu sei que isso é apenas o começo do que está por vir. Ele lê a primeira página, franzindo as sobrancelhas em confusão. É muito para absorver, e sei que vai demorar um pouco para assimilar.

Quando ele vira a próxima página e depois a próxima, a cor desaparece de seu rosto e ele suspira. Seus olhos vão para cima, olhando meu rosto, me implorando para dizer a ele que isso é uma brincadeira. Mas isso não é.

— O... o que é isso? – ele exige acaloradamente, agitando os papéis no ar.

— Você sabe o que é. – respondo baixinho, com o meu corpo tremendo.

— Não, eu realmente não sei, porque o que estou lendo não faz sentido, porra! – ele se levanta, completamente furioso. — Por favor, me diga que você está brincando.

Eu mordo meu lábio, mas mantenho minha posição. — Não. Eu não estou.

— Você ficou maluca?

— Roman, apenas ouça... – eu começo, mas recuo rapidamente.

— Não! – ele grita, jogando os papéis no chão, sem estômago para vê-los. — Eu não vou. Isso... – ele aponta para a papelada caída espalhada por todo o tapete branco. — Não está acontecendo. Nunca! – ele franze o lábio, chocado.

— Você prometeu que leria com a mente aberta.



Ele ri. — Eu fiz essa promessa sem saber que iria ler a coisa mais horrível que você poderia propor. Como você pode pensar que eu concordaria com isso?

— Porque faz sentido. Vai funcionar. – eu estou tentando manter a calma porque ele acabou de ir de zero a dez bilhões em cinco segundos.

— Não, não importa e isso não acontecerá! – ele segue em frente, no caminho da guerra. — Nada disso faz algum sentido.

Eu não desisto. — Eu fiz a pesquisa. Consultei o Dr. Carter e os melhores médicos de Nova York. Todos disseram que vai funcionar. Por favor... – eu me agacho, pegando a papelada. — Apenas leia o resto. – eu dou um pouco. Ele recua como se eu tivesse pedido a ele para cometer o pecado final.

— Não. Afaste isso de mim! – ele acena com a mão, virando a cabeça, incapaz de olhar na minha direção.

— Roman. Por favor. Isso vai funcionar. – eu estou de joelhos, implorando para ele ver a razão, mas ele não vê.

— Você não entendeu! – ele joga os braços para o lado. — Eu não me importo com o que os resultados dizem. Pode funcionar, podemos ser compatíveis, mas não farei isso. Como posso? Como você pode esperar que eu faça isso?

Lágrimas ardem em meus olhos. Isso foi muito pior do que eu esperava.

— Po... porque eu quero que você viva. – eu choro, juntando a pasta e seu conteúdo, precisando fazer outra coisa além de olhar para a bagunça que eu fiz.



— Lola... eu não posso. – A raiva em seu tom diminui. — Eu faria qualquer coisa por você... *qualquer coisa*... mas de jeito nenhum eu concordaria com isso.

Meus dedos se atrapalham e as lágrimas nublam minha visão. Este foi meu apelo final. Esta era a única maneira que eu conhecia de salvá-lo. Mas ele não quer. Um soluço abafado me escapa, mas cubro minha boca, sem querer desabar. Eu falhei. Eu não posso acreditar como isso é terrível.

— Por favor, não chore. Sinto muito, mas não posso fazer isso.

— Não pode ou não quer? – eu pressiono, ainda de joelhos.

Ele fica em silêncio, com a raiva diminuindo lentamente. Mas a corrente ainda tem a capacidade de nos arrastar para baixo. — Olhe para mim.

Mas eu não posso. Tenho medo do que vou dizer ou fazer.

— Por favor. – ele se abaixa diante de mim em ambos os joelhos.

Levanto os meus olhos, com uma lágrima escorrendo pela minha bochecha. Ele a enxuga, acariciando meu queixo.

— Isso não é uma solução. É uma tragédia. Como posso fazer isso? Como posso andar por aí todos os dias sabendo o que fiz? – Sua voz falha.

Rendendo-me, eu declaro a única coisa que faz sentido. Nesta escuridão tumultuada, esta é a única luz que posso encontrar. Colocando minha mão sobre o seu grande coração, eu me perco nas batidas.

— Porque ... você me deu seu coração... e agora... é hora de eu te dar o meu. – E quero dizer isso em todos os sentidos literais.



Roman fecha os olhos, balançando a cabeça, aflito.

A papelada enfrentada por Roman eram anotações detalhando que eu era uma doadora compatível. Meu coração bateria dentro dele. Isso lhe daria vida. Ao acabar com minha vida, eu poderia dar uma nova a ele. Fiz os exames e meu coração está saudável. O medicamento o deixou intacto.

— Este é o único caminho.

Ele murmura, com a verdade o queimando. — Aqui é onde você estava hoje?

— Sim. – eu sussurro.

— Por que você não veio até mim?

— Porque eu sabia que você reagiria assim! Você não me deu outra escolha. Você disse que esta era a única maneira. Que um transplante de coração salvaria sua vida. – Alcançando a sua mão, coloco-a sobre meu peito. — Bem, eu tenho um coração. Pegue o meu. Eu não preciso dele. – Olhando seu rosto, eu imploro para ele ver a razão. — Ele está se partindo todos os dias de qualquer maneira, sabendo que você está morrendo. Posso fazer algo para ajudar a salvar você. Por favor. Pegue-o.

Ele tira a mão, sacudindo-a freneticamente. — Eu não posso! Você não vê por que eu não consigo?

— Não. Tudo o que vejo é sua teimosia no caminho. – Ficamos em silêncio, ambos olhando um para o outro.

— Mesmo se eu fizesse isso, como poderia viver comigo mesmo? Como eu poderia viver sabendo que estou vivo porque você está morta? Eu não posso. – A vontade de lutar nele começa a fracassar, e tudo o que resta é a dor absoluta.



— Se a situação fosse inversa, você faria o mesmo por mim?

Sua mandíbula fica tensa. — Isso não é a mesma coisa.

— Responda-me. – eu exijo. — Você iria? – Quando ele vira o rosto, eu o forço a olhar para mim segurando seu queixo.

— Lola... – Seus olhos azul-acinzentados estão cheios de tristeza.

— Diga-me!

— Sim! – ele grita, com a sua raiva misturada com devoção. — Claro, eu faria. Eu ficaria feliz em acabar com a minha vida para salvar a sua! Vou lutar por sua vida até meu último suspiro. – ele se levanta, andando de um lado para o outro, puxando o cabelo. A forte determinação em sua postura revela que, independentemente do que ele confessou, não faz a menor diferença.

— Então é isso? Você nem vai discutir sobre isso comigo?

— Não. Não há nada para discutir. Estou furioso com você! Como você pode pensar que eu ficaria bem com isso? E não só isso, você agiu pelas minhas costas. – ele continua andando, parecendo um tigre enjaulado.

— Ninguém, exceto o Dr. Carter sabe que é você.

— Essa não é a questão! – eu nunca o vi tão bravo. É evidente que ele quer algum tempo sozinho enquanto vira as costas. — Não. A resposta é não.

De pé, eu sussurro: — Se isso for um adeus, então diga isso primeiro. – Minha voz hesita. Eu não posso acreditar que chegou a esse ponto.

A papelada espalhada no chão é como confete em um desfile destacando meu fracasso.



— Nunca será um adeus. – declara ele com a voz depressiva.

Segurando minhas lágrimas, me viro para sair, mas então paro. — Você é um hipócrita, Dr. Archibald. Você foi tão inflexível que eu deveria viver, mas a verdade é... você tem tanto medo de viver. – eu fecho a porta atrás de mim.

Só quando entro no elevador, permito que as lágrimas caiam. Eu choro lágrimas horríveis e não tenho certeza se algum dia serei capaz de parar. Eu agi pelas costas de Roman, sabendo muito bem que isso acabaria assim. Mas eu precisava tentar.

É melhor ter medo enquanto morre do que ter medo de tentar.

Eu pego um táxi para casa.

Tirando minhas sapatilhas, vou cambaleando para o meu quarto, com os soluços de boca fechada me roubando o fôlego. Eu quero colocar juízo em Roman. Ele está com tanta raiva porque sabe que estou certa. Ele sabe que esse é o único jeito, mas para ganhar de volta sua vida, tenho que perder a minha.

Caindo no final da minha cama, seguro meu rosto, soluçando em minhas mãos. Uma pequena parte de mim pensou que talvez, apenas talvez Roman veria a razão, e embora não seja algo que eu esperava que ele aceitasse imediatamente, ele eventualmente mudaria de ideia.

Mas eu pensei errado.

Três dias depois...



Dormi muito, incapaz de enfrentar o mundo porque Roman não ligou.

Ao sugerir o que fiz, nunca esperei afastá-lo. De uma forma ingênua, achei que isso nos aproximaria.

Agora é dia; Sei disso porque a minha mãe acabou de me dar ordens para sair da cama e tomar banho. Eu realmente preciso revogar a chave reserva dela.

Depois de tomar banho e me vestir, me sinto semi-humana, mas um buraco enorme foi perfurado em meu peito. Sinto falta de Roman. Muita. Embora eu mantenha minhas convicções, nunca quis que as coisas acontecessem dessa forma.

— Lola? Você pode vir aqui? – Minha mãe chama de fora da porta do meu quarto.

Aplicando uma camada de brilho labial, eu não me incomodo com sapatos enquanto manco pelo corredor.

Minha condição parece exacerbada desde a minha briga com Roman. Será que ele foi minha poção mágica o tempo todo?

Assim que viro o corredor, levo um momento para recuperar o fôlego, mas essa respiração é em vão.

— Roman? – eu sussurro. Certamente, minha visão falhou. Na verdade, tenho certeza que sim.

Esfrego os olhos sob as lentes, esperando que, quando as remover, tudo isso seja minha imaginação pregando uma peça cruel.

Mas isso não é. Aqui está ele, na minha sala parecendo pior do que eu. Sua barba está grossa, seu cabelo está bagunçado, e tenho certeza de que ele parece mais magro do que da última vez que o vi.



— O... o que você está fazendo aqui? – eu me agarro no topo do sofá, com medo de cair de cara.

— Eu liguei para ele. – diz minha mãe, carregando uma bandeja de prata ao entrar na sala. O cheiro de café a segue.

— Por quê?

Roman estremece, claramente magoado, mas dane-se.

— Porque acho que é hora de você falar. – ela é tão prática. Eu posso ver de onde vem minha teimosia.

Eu franzo os lábios, propositalmente evitando olhar para ele. — A última vez que conversamos, ele não tinha muito a dizer.

— Porque você falou tudo. – ele rebate facilmente.

— Bem, eu chamo isso de como eu vejo, e tudo que eu vejo... – finalmente faço contato visual, anulando a felicidade de vê-lo aqui. — É alguém desistindo. E não gosto de desistentes. Uma qualidade que aparentemente você gostou em mim, Dr. Archibald.

Roman suspira, agarrando seu cabelo em frustração.

— Ah, Lola, pare com isso. Você sabe que está feliz em vê-lo. – eu me viro para olhar para minha mãe, arregalando os olhos em sua direção. De que lado ela está?

Ele sorri, e só assim, posso respirar novamente.

— Vou deixar vocês dois sozinhos. Vá com calma.

— Eu irei. – Roman diz, acenando em gratidão para minha mãe.

Mas ela balança a cabeça. — Não, eu estava falando com a minha filha.

Eu reviro meus olhos. — Tchau, mãe.



Ela sai com um sorriso. Maldita intromissão, mas não posso negar que ela se saiu bem desta vez.

Um silêncio desconfortável enche a sala. Não é uma ocorrência comum entre Roman e eu, mas acho que as coisas mudam.

— Você quer um café?

— Não, estou bem.

Silêncio.

Bem, isso não é nada estranho.

Ele está ao lado da lareira, me observando. Eu puxo minha saia, de repente me sentindo como se estivesse em exibição.

— Lola... – Eu espero, usando o sofá como minha barricada. — Eu sinto muito pelo outro dia. Eu exagerei.

— Você acha? – eu zombo.

— Estou tentando aqui. – ele diz, obviamente esperando um reencontro melhor.

Roman me irrita profundamente porque somos obstinados e teimosos, especialmente quando se trata do bem-estar do outro.

— Você achou que isso ia ser fácil? Se você achou, você pensou errado.

— Não. – ele suspira. — Nada é fácil com você.

— Eu não peço desculpas por quem eu sou.

— E eu não quero que você faça isso. Eu amo isso em você.

A bomba. É bom saber que ele ainda se importa. Mas a questão é: ele se importa o suficiente?



Ele enfia as mãos nos bolsos, com o cabelo cobrindo o rosto enquanto ele abaixa o queixo. — Eu li a papelada. Impressionante. Você seria uma boa advogada.

— Talvez em outra vida. – respondo, esperando que ele continue.

— Você está certa. – ele encontra meu olhar. — Isso funcionaria. Mas .. eu simplesmente não posso. É tudo o que tenho pensado nos últimos dias, mas eu só... não consigo. Eu sentiria...

— Indigno? Culpado? – eu sugiro quando ele faz uma pausa.

— Sim.

Eu conheço bem esses sentimentos. Não fui eu quem expressou as mesmas preocupações quando Roman me deu a oportunidade de viver novamente? Estou com raiva, desapontada, mas acima de tudo, entendo como ele se sente.

No papel, isso funciona, mas moralmente, Roman não conseguiria viver consigo mesmo. — Se coloque no meu lugar. Como você se sentiria se eu propusesse o que você está?

Eu preferia morrer a viver o resto dos meus dias com o coração de Roman batendo forte dentro do meu peito? Cada batida é um lembrete constante de tudo que perdi. Um manto de desalento me envolve e de repente não consigo respirar.

— Eu sei que não é o que você queria ouvir, mas...

Não consigo ouvir mais uma palavra.

— Desculpe. – eu vou para o meu quarto.

Meu mundo está de cabeça para baixo, porque é isso. Não importa o quanto eu odeie o que Roman decidiu, eu entendo. Para salvar a vida dele, eu teria que desistir da minha. Claro, que eu esperaria até que a natureza



seguisse seu curso, mas isso não faz diferença. No final do dia, Roman estaria vivo e eu não. Ele não pode viver com a culpa.

— Posso entrar?

— Eu não posso te impedir. – eu respondo desanimada do pé da minha cama.

Roman entra, fechando a porta atrás de si. Ele está no meio da sala, com os braços cruzados atrás das costas. — Eu não quero brigar com você. *Eu te amo.* Eu amo que você esteja disposta a fazer isso por mim. Você literalmente está me dando seu coração. – ele dá um passo à frente, ajoelhando-se aos meus pés. — Obrigado. Isso é o que eu deveria ter dito a você. Obrigado por me oferecer vida.

Olho para ele, com muito medo de falar. Sua postura é derrotada. Diante de mim está um homem quebrado. — De nada. – eu sussurro.

Com um tremor ao seu toque, ele gentilmente segura minhas panturrilhas com as duas mãos. No momento em que ele faz contato, arrepios percorrem o meu corpo. Eu senti tanto a falta dele. — Eu vou ficar com você enquanto eu puder.

Sua promessa consolidou nosso destino. Nós dois vamos morrer. Nunca aceitei totalmente essa verdade até agora. Meu último resquício de esperança flutua no vento, deixando-nos em carne viva e expostos. Não há uma segunda chance. Tudo o que resta a fazer é... viver.

Excluo as incertezas que enfrentamos e, em vez disso, concentro-me em seu toque. A ternura de suas carícias traz lágrimas aos meus olhos. Sentirei tanta saudade dele. Como alguém pode se enterrar tão profundamente em seu âmago, que você quase esquece como era antes de conhecê-lo? A resposta é, antes de Roman, eu estava apenas meio viva.



Roman continua o seu afagar, parecendo tão desesperado pelo toque quanto eu.

— Posso estar morrendo. – sussurro, com os meus olhos entreabertos. — Mas morrerei com um sorriso no rosto porque amei e fui amada também.

— Você será amada até seu último suspiro. Isso eu prometo a você.

Pisco afastando a minha tristeza, não querendo que este momento seja uma memória coberta de lágrimas. Isso é tudo que sobrou para Roman e eu - momentos para transformar em memórias. E eu planejo fazer memórias a cada segundo que me resta.

Alcançando atrás da sua camisa, a puxo para cima, pressionando os meus lábios nos dele. Ele me beija sem pensar duas vezes, esse ato entre nós é tão natural quanto o pôr do sol. Este beijo não é gentil; está cheio de desespero e saudade.

Provo beijos salgados em pouco tempo, mas eu não sei se são minhas lágrimas ou de Roman, mas não importa. Minha dor é dele. Ele segura o meu pescoço, me roubando o fôlego enquanto domina minha boca de um jeito que só ele sabe fazer.

Sua língua explora cada centímetro meu, acendendo uma chama dentro de mim. Com *Carpe Diem*[13] como meu lema, rastejo para trás, deitando no colchão e levando o Roman comigo. Nós estamos frenéticos, rasgando as roupas um do outro, desesperados para remover todas as camadas, deixando-nos expostos e nus.

Uma vez que estou nua embaixo dele, Roman se senta sobre os



[13] ***Carpe Diem: aproveite o dia e confie o mínimo possível no amanhã***

calcanhares, observando cada centímetro de mim. Eu iria fugir uma vez, mas não hoje. Não há nada além de completa adoração por trás de seu olhar, e me sinto a mulher mais sortuda viva.

Ele desliza a mão no vale do meu peito, antes de circular o meu coração acelerado. Nenhuma palavra é necessária. Eu compreendo. Estremeço quando ele segura um seio, depois o outro, despertando cada centímetro do meu corpo.

Seus lábios seguem o seu toque. Eles estão em toda parte. Sua língua circula sobre meus mamilos, abaixando para deixar um rastro úmido ao longo do meu estômago agitado. Levanto, precisando de mais. Minhas pernas se abrem, o acolhendo.

Ele adora não apenas meu corpo, mas minha alma. Ele me diz o quanto me ama e que sou dele para sempre. Ambos sabemos que nosso para sempre é atemporal porque nossas memórias nunca irão desaparecer.

Ele me penetra lentamente, saboreando cada segundo, cada toque, pois cada momento é precioso. Eu nunca me cansarei de senti-lo enraizado tão profundamente. Estar conectado como um é o mais perto que chegarei de nossos corações batendo como um.

Nós nos movemos em harmonia, seu yang com meu yin. Estamos conectados e a morte não mudará isso. — Eu te amo. – eu suspiro, enfiando minhas mãos em seus cabelos.

— E eu a você. – ele sussurra, dominando o meu corpo com seus movimentos poderosos.

Meu orgasmo está próximo, sempre está, mas algo sobre isso parece diferente. Finalmente aceitamos que este é o nosso futuro. Não importa o quanto curto seja, nunca iremos desistir. Eu



preferia viver um dia sendo amada por Roman, do que viver uma vida inteira sem ele ao meu lado.

Esse pensamento é minha ruína, e eu gozo com um grito de abalar a terra.

Ele se move profundamente dentro de mim, sussurrando em meu ouvido. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Saiba que meu coração será seu para sempre.

Eu aperto meus olhos, soluçando de prazer e dor.

Acelerando seu ritmo, ele segue o exemplo logo em seguida, falando palavras tragicamente belas.

Ficamos deitados nos braços um do outro por horas, nus e exaustos. Nada nunca foi mais perfeito.

Quando estou quase dormindo, Roman fica sob as cobertas, me aconchegando em seu peito. — O que você sempre quis fazer?

— Durma. – eu respondo grogue.

Ele ri, com a sua respiração aquecendo minhas bochechas. — Eu pretendo fazer de você a garota mais feliz do mundo.

— Você já faz.

Como nós dois estamos prestes a cair em um sono tranquilo, eu percebo que isso está realmente acontecendo, e estou pronta para qualquer coisa que a vida jogar em meu caminho. O que quer que esteja por vir, eu nunca desistirei. E quero dizer isso de todas as maneiras possíveis.



Capítulo 17

Seis semanas depois...

Eu venci todas as probabilidades, mas realmente não há nenhuma surpresa nisso. A cada dia fico mais fraca, mas curiosamente, isso não me deixa triste. Eu sei que não tenho muito tempo, mas cada dia passado com Roman nas últimas semanas me fez apreciar a vida de uma maneira que nunca pensei ser possível.

Viajamos, rimos, amamos e choramos. Nada se interpôs em nosso caminho. Nada era muito exagerado ou demais. Abraçamos a vida com as duas mãos.

Minha saúde não só piorou, mas também a de Roman. Ele se esforça para fazer tarefas simples, como subir uma escada ou levar Freud para passear. Eu sei que ele odeia isso, mas estamos presos em um acordo silencioso para não falar sobre "isso". Ele ainda é teimoso, cabeça dura e tão irritante como sempre sobre o assunto, mas eu também sou.



Eu deixei isso assim, porque queria viver nossos últimos dias em paz. E nós temos vivido. Nenhuma conversa sobre morte, desgraça ou melancolia era permitida.

Mas isso está prestes a mudar.

Acredito que tudo acontece por um motivo, então meu retorno a Strawberry Fields foi inevitável. Se milagres podem acontecer, então esta noite é a noite. Parece adequado que termine onde tudo começou, porque Roman não tem ideia do que está para acontecer.

June organizou uma festa para as crianças e suas famílias. É um evento bastante luxuoso. Mas há uma razão para estarmos todos aqui.

Eu sabia que assim que saísse daqui, seria uma mulher mudada, mas nunca soube o quanto. Eu me tornei a mulher que sempre quis ser e alcancei tudo que sempre quis, independentemente do fato de ter um prazo. Todos nós queremos mais tempo, mas eu não desistiria da minha vida, mesmo assim.

— Sente-se e fique quieta. – Zoe me adverte de brincadeira, puxando uma mecha do meu cabelo.

Agarrando o medalhão entre meus seios, encontro o olhar de Zoe no espelho em seu quarto. — Obrigada. – E quero dizer isso de forma literal.

Ela acena com a cabeça e um sorriso nostálgico puxando seus lábios.

Enfrentar a morte não me transformou em uma super-heroina. Isso me tornou humana. Nunca soube o motivo pelo qual fui atraída para cá, mas agora sei.

— Pronta? – Zoe pergunta, colocando as mãos no meu ombro.



Ela me conhece muito bem. Nunca desistirei de Roman. Vou lutar por ele até o último suspiro.

— Sim. Eu nasci pronta.

Ela ri, e sentirei falta desse som.

Demoro três tentativas, mas acabo me levantando.

— Você está tão bonita. – Zoe coloca um cacho atrás da minha orelha.

Olhando-me pela última vez no espelho, acabo percebendo que não estou bonita; Eu pareço viva, o que é um paradoxo, considerando que estou abraçando o fim dos meus dias. Optei por lentes de contato e meus olhos estão envoltos em um brilho cinza. Meus cílios com rímel são longos e cheios, e minhas bochechas estão tingidas com um brilho rosado. Quase se poderia me confundir com saudável - quase.

Ela me oferece o braço, sempre meu pilar de força.

Minhas sapatilhas enfeitadas de joias arrastam-se pelo tapete, mas Zoe não me apressa. Ela está comigo a cada passo lento do caminho.

Demora cerca de vinte minutos, mas finalmente chegamos ao pavilhão externo. Uma canção de amor dos anos oitenta paira na brisa fresca, e uma sensação de borboletas de repente enche minha barriga.

— Estou nervosa. – eu confesso, limpando as mãos no vestido balonado.

— Não fique. – Zoe está certa. O que planejei fará com que tudo isso valha a pena.

Respirando fundo, eu aprecio a visão gloriosa diante de nós. O céu noturno brilha com centenas de luminárias com velas espalhadas ao redor do terreno. As mesas, tanto quanto os olhos podem ver, estão espalhadas



pelo gramado.

Vejo muitos rostos conhecidos, muitos dos quais convidei. Teddy e Dr. Carter estão sentados perto do pequeno bar. A voz rouca do Dr. Carter soa bem alto, sem dúvida sujeita ao charme infame de Teddy.

Tamara e meus colegas se sentam em uma mesa, conversando e sorrindo alegremente. Ela deve sentir que estou olhando para ela, porque ela se vira e encontra meus olhos. Não há ressentimentos entre nós. Para ela seguir em frente, Roman contou tudo a ela. Suas ações foram explicadas, e ela logo percebeu que não era ela. Se as coisas fossem diferentes, ela seria uma companheira perfeita, mas a vida não funciona assim. Eu deveria saber.

Ela acena com a cabeça, com um sorriso de conhecimento em seus lábios. Eu vou sentir falta dela.

Meus pais estão na pista de dança improvisada, abraçados enquanto sussurram palavras doces um para o outro. Eles parecem felizes. O medo da saúde da minha mãe mudou as vidas de ambos para melhor. Às vezes, precisamos perder algo para apreciar seu valor.

Observo o mar de rostos conhecidos, grata por ter a chance de conhecê-los.

De repente, alguém com uma cabeça de cabelos castanhos compridos e exuberantes me chama a atenção. Pisco, certa de que estou vendo coisas, mas quando ela se vira, sei que não estou.

Minha Georgia não perderia isso por nada neste mundo.

Ela para de girar pela pista de dança, ficando parada. Sempre houve um ar de tranquilidade em torno dela, e agora isso não é exceção. Ela parece saudável. Ela parece feliz. Ela está me dando boas-vindas.



Ela levanta a mão em um aceno imóvel, um gesto gentil de que ela está pronta quando eu estiver. Eu levanto minha mão, sentindo seu calor familiar contra minha pele. O mundo está girando em torno dela, mas o tempo ainda pararia para salvá-la.

— Para quem você está acenando? – Zoe pergunta, olhando para cima para ter um vislumbre de quem chamou minha atenção. Mas ela não vai ver ninguém.

— Ninguém. – eu respondo sonhadoramente.

Georgia acena com um sorriso consciente. Ela sabe que ainda não é hora, pelo menos não ainda. Seus pés deslizam pelo chão, como um fantasma, enquanto ela dança ao som da música assustadora. Ela não tem peso. Ela dança ao som de seu próprio ritmo. Ela sempre fez isso.

Minhas pernas cansadas tremem, implorando por uma trégua, mas ainda não terminamos. Há apenas uma pessoa que meu coração busca. Ele irá, até o fim dos tempos, sempre procurá-lo no meio da multidão.

Os galhos baixos de uma árvore alta sombreiam meu Príncipe Encantado. Mas a escuridão eterna nunca pode evitar sua luz. Seu smoking realça sua verdadeira beleza masculina; ele parece robusto e imponente, e ele é todo meu.

Um sorriso de lado franze seus lábios enquanto ele curva o dedo, me chamando para o lado escuro. Eu não tenho chance.

Começo minha lenta descida pelo tapete com estrelas, parando sob o arco e admirando seu esplendor. Tranças com diamantes caem do cume e pequenas estrelas pendem das pontas. Realmente parece que estou dançando sob as estrelas.

Roman me observa com nada além de paciência enquanto espera por mim. Ninguém, nada existe além de nós. Eu mantenho meus olhos fixos nos dele, não acreditando que este homem seja realmente



meu. Ele me ensinou muitas coisas, mas acima de tudo, ensinamos um ao outro como viver.

Ele sai debaixo da árvore com a lua cheia iluminando seu esplendor. Nada era mais perfeito. Isso me dá força para continuar.

Paramos a alguns metros de distância, ambos apreciando a visão diante de nós. Seu cabelo está penteado para trás e sua barba está grossa. Ele não se parece em nada com quando nos conhecemos, mas acho que eu também não. Nós crescemos e aprendemos, e essas lições de vida nos transformaram nas pessoas que sempre estávamos destinados a ser.

Meu coração o reconhece instantaneamente e começa a dança familiar de querer se tornar um. Mas Roman tem outra dança em mente.

— Concede-me esta dança? – ele estende a mão e, assim, estou no céu.

Eu coloco minha palma na dele e permito que ele me leve até a pista de dança. Meu vestido segue atrás de mim, deixando pegadas de magia em seu rastro. Meus pais sorriem quando Roman me puxa para seus braços, parecendo feliz por finalmente ter encontrado o meu para sempre.

Eu me derreto em seus braços, apoiando a minha cabeça contra seu peito enquanto nos movemos suavemente com a música. Nossos corpos se movem em sincronia. Estou envolta em sua fragrância e seu calor, e só queria que pudesse ser sempre assim entre nós. Mas neste momento, as memórias que nós criamos são mais do que suficientes. Eu nunca esquecerei.

— Você está se divertindo? – ele sussurra em meu ouvido.



— Sim. – eu me aconchego mais perto, sem querer falar porque tenho medo do que vou dizer. A vida de Roman está prestes a mudar em minutos. Manter isso em segredo dele não foi uma coisa fácil de fazer.

Eu queria dizer a ele tantas vezes, mas aquela promessa não dita estava no caminho. Eu aguentei o máximo que pude, mas o tempo não está do nosso lado e não posso mais esperar. Espero que isso não saia pela culatra. Espero que ele entenda por que fiz o que fiz.

Eu permito uma batida de coração final de conforto antes de buscar meu prêmio.

Erin está ao lado de uma mesa, esperando pela minha deixa. Eu aceno com um sorriso gentil.

Ela bebe a cerveja, parecendo precisar da coragem holandesa[14]. Eu conheço a sensação muito bem. Ela caminha para a pista de dança, vindo em nossa direção. Agarro Roman com mais força, guardando-o na memória, mas as minhas memórias nunca serão comparadas com a realidade.

— Posso interromper? – Erin pergunta. Roman não esconde sua surpresa ao vê-la aqui. Eu respondo por ele enquanto me afasto de seus braços. Ele franze a testa, perdendo a conexão. Eu não posso deixar de amá-lo ainda mais.

Beijo sua bochecha, me perguntando se ele sabe o que está por vir. Eu não olho para trás.

Procuro Zoe, que está conversando com Tamara. Tudo está como deveria ser.



[14] ***Coragem holandesa: é uma referência da cerveja holandesa.***

— Você tem certeza de que quer fazer isso? – Zoe pergunta, com seus olhos focados em Erin e Roman, observando o meu plano se desenrolar.

— Sim.

— Ele vai ficar tão bravo. – diz Tamara, com um toque de humor em seu tom.

Eu encolho os ombros, brincando. — Isso não é nada novo.

Ela ri, mas volta ficar séria. — Você acha que vai funcionar?

Observando a mudança na postura de Roman devido às lágrimas de Erin, sei que a resposta é sim. Tem que ser. — Vai funcionar. Eu tenho certeza disso.

Ambas as garotas ficam quietas, sem questionar minha confiança porque sabem que nunca desisto do que quero.

Esta noite é sobre Roman. Sempre foi. Posso não ter falado sobre o que não foi dito, mas isso não significa que não estava tramando. Eu não queria estragar nossos últimos momentos com tristeza, mas agora, não tenho mais nada a perder.

Olhando para a lista de convidados, todos eles têm uma coisa em comum - *Roman*. Cada pessoa foi tocada por ele, ou viram como ele me tocou. Todo esse tempo, Roman duvidou de seu valor. Estou aqui para mostrar a ele o quanto valioso ele realmente é.

A música termina e Erin enxuga suas lágrimas. Ela beija Roman na bochecha antes de deixar a pista de dança, precisando de um momento sozinha. Teddy é o próximo da fila. Assim que Roman faz um movimento para onde estou, Teddy o agarra pelo braço e o leva em direção ao bar. Dr. Carter e Gus também estão lá.



Pelos próximos quarenta e cinco minutos, eles conversam com Roman, detalhando como ele não apenas tocou suas vidas, mas também mudou a vida de muitas outras pessoas. Seu trabalho como médico salvou inúmeras vidas. Se ele deixar este mundo, quem o fará?

Teddy fica sério antes de puxar Roman para um abraço. E essa é minha próxima deixa.

As crianças de quem Roman cuidou o cercam, com todas compartilhando suas experiências pessoais com ele. Ele senta na banqueta do bar, passando a mão pelo rosto. Fico à vista, não querendo me esconder.

Tamara acaricia o meu ombro antes de se juntar ao bando de defensores.

Sei que ela ama Roman, e embora nada seja pior do que amar alguém que não se sente assim em também, ela ainda quer ajudar a salvá-lo porque ele é alguém que vale a pena salvar.

Ela e Roman sentam-se encolhidos, com ela soluçando em seu peito. Ele a conforta, com seu rosto devastado com cada palavra que ela fala. Zoe é a próxima. Ela fala em nome de Sadie. Meus pais assumem o lugar dela quando ela termina.

Eles não detalharam o que planejavam dizer a Roman, mas sei que respeitam e aceitam minha decisão. Demorou um pouco, porque aceitar o fato de que sua filha quer doar seu coração ao homem que ela ama não é algo que você ouve todos os dias. Mas viram a mudança em mim, e se essa mudança foi graças a Roman, então eles ficaram mais do que felizes em ajudar a salvar sua vida.

Quando os meus pais vão embora, a longa lista de pessoas que encontrei que ficaram mais do que felizes em atestar a gentileza de Roman assumem o papel - médicos, enfermeiras, pacientes, voluntários, antigos



professores e estranhos que ele conheceu por um mero momento... a lista é infinita.

Roman tocou tantas vidas, e a ideia de que ele acabará com a sua é uma realidade que nunca aceitarei. Sei que ele disse não, mas sou uma Van Allen. Eu não aceito não como resposta.

As lágrimas da minha mãe são desagradáveis quando ela se vira por cima do ombro, com seu amor por mim inundando em seu olhar. Não tenho ideia do que ela disse a ele, mas seja o que for, ele finalmente levanta seus olhos e encontra os meus.

Todo esse tempo, ele manteve suas cartas perto do peito. Não tenho dúvidas de que ele está furioso comigo, mas, no fundo, sei que ele está surpreso por eu ter feito tudo isso por ele. Ele pode não ser capaz de ver seu valor, mas eu posso. Eu sempre pude.

O mundo precisa de Roman. Ele só precisa ver o porquê.

Seguro as minhas lágrimas quando vejo isso - um vislumbre de esperança. Por baixo das camadas de raiva e teimosia, há um pouco de aceitação. Ele levanta uma sobrancelha, estendendo os braços, perguntando se isso foi obra minha. Balanço minha cabeça lentamente e aponto para as pessoas ao nosso redor - foi nossa.

Cada pessoa que se afasta de Roman tem lágrimas nos olhos. Elas aliviaram as suas almas, e eu só posso esperar que ele tenha feito o mesmo.

Um toque gentil me faz sorrir. Ela é meu ás na manga. Ela é a razão pela qual fui capaz de fazer isso. — Tenho certeza de que posso ouvi-lo xingar você daqui.

— Isso não é novidade, June. – eu me viro para olhar para ela com um sorriso.



Quando eu a informei do meu plano, ela não quis ter nada a ver com isso a princípio. Seu relacionamento com Roman ainda era tenso.

Mas seu apoio aparecia quando era mais importante. Ela nunca poderá recuperar os anos perdidos, mas pode recomeçar sua história e tentar novamente.

— Eu sabia que você vinha aqui por um motivo. – ela confessa. Agora que sei que ela e Roman são mãe e filho, eu não posso deixar de comparar a compaixão que eles compartilham. — Você veio aqui para salvar meu filho. E você veio aqui para me salvar. Obrigada, Lola. – ela envolve seus braços em volta de mim, beijando minha bochecha. — Eu nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente.

Abraçando-a com força, eu sussurro: — Você já fez isso. Cuide dele. – eu choro em seu ombro, sabendo que está quase na hora. — Por favor, dê a ele assim que eu for embora.

— Eu vou. – ela promete entregar meu último presente de despedida a Roman.

Nós nos separamos. Ela enxuga minhas lágrimas. Com um sorriso final, ela se vira e caminha em direção ao filho. No momento em que ela simplesmente o envolve em seus braços e ele vai de boa vontade, eu sei que ele vai ficar bem. Eu posso ir agora

Dando uma última olhada ao meu redor, eu classifico cada momento que passei aqui e o arquivo no fundo do meu coração. Agora entendo porque vim aqui. E isso era viver.

Minha saída não é grandiosa ou memorável. Eu simplesmente vou para a escuridão; com cada parte de mim cheia de amor. Eu manco até o único lugar ao qual pertenço.

"Estou orgulhosa de você, criança."



Fechando meus olhos, eu caminho no piloto automático, com meu corpo desacelerando. — Obrigada, G. Eu na... não poderia ter feito sem você.

O cheiro doce me guia. Não está longe agora. *"Não, é aí que você está errada. Você sempre foi a forte. Só precisava ver isso sozinha."*

Eu sorrio, feliz por finalmente ter descoberto porque estou aqui.

"Estarei esperando. Quando estiver pronta, saiba que estou aqui. Todos nós estamos."

Eu comecei a chorar de felicidade, com meus ombros tremendo de felicidade amarga. Eu paro, abrindo lentamente os olhos.

As fileiras perpétuas de rosas sempre me tiraram o fôlego e agora não é exceção. Eu me sinto em paz aqui. Como se eu pertencesse. Eu caio no chão, com meu lindo vestido se acumulando em volta de mim, coberto de terra.

Eu aperto a terra, com a energia vibrando no meu braço. Tudo é intensificado. Este não é o fim... é apenas o começo. Uma vez desejei ser outra pessoa, mas não sou mais. Estou orgulhosa de ser eu. Como não posso estar? Veja tudo o que vivi. Veja a vida incrível e extraordinária que levei.

Posso ter conhecido Roman apenas por um minúsculo espaço no tempo, mas eu não mudaria isso por nada no mundo. Posso desejar ser outra pessoa, mas se fosse, nunca teria conhecido Roman, e preferia morrer com sua memória do que viver sem ela.

— Você sabe que não estou bem com isso.

Sua voz interrompe o silêncio e aquece meu corpo trêmulo. — Eu sei.



— E você sabe que prefiro desistir da minha vida para salvar a sua.

— Eu sei. – Não há mais nada que eu possa dizer.

Ele está parado acima de mim, com a gravata borboleta desfeita e o botão de cima aberto. — Mas você vai me obrigar a fazer isso, não é?

— Sim. – eu arrisco encontrar os seus olhos, esperando que seu conflito tenha acabado.

— Você é a mulher mais irritante que já conheci. – ele começa a andar, puxando seu cabelo.

— Obrigada.

Ele se vira, apontando um dedo acusador na minha direção. — Quando você planejou tudo isso? – ele está tentando entender como ele perdeu isso. — Quando?

— Quando você não estava olhando. – eu respondo, não tendo energia para entrar em detalhes.

— Eu disse a você como me sentia. – Seu comentário é mordaz.

— E eu disse para você que não me dou por vencida. – eu repreendo, com a mesma teimosia. — Só porque eu não estava falando sobre isso, não significa que não estava pensando sobre isso. Não posso forçá-lo a viver, mas queria que você visse o impacto que sua decisão teria sobre tantas pessoas. Você é um bom homem, Roman. O mundo precisa de você.

— Eu deveria estar furioso com você, mas isso não parece fazer diferença.

Dou-lhe o tempo que ele precisa para processar isso porque sei que é muito.



— Fique com raiva de mim o quanto quiser, mas não se castigue. Você sabe que este é o fim da linha para mim. Você sabe que esta é a coisa certa a fazer.

Ele murmura, andando para frente. — Não... não diga isso. Não há certo nesta situação. Nunca haverá.

Desvio meu olhar, de repente com medo de que esta noite não faça a menor diferença. — A vida não é justa; nós dois sabemos disso. Mas um de nós tem uma chance de viver. Viver. – É um apelo, meu último apelo. A luta diminui de meus ossos. — Você não pode fugir de viver. Eu não vou deixar você fazer isso.

Ele exala, entrelaçando as mãos atrás do pescoço. — Como posso aceitar isso? Como posso lidar com você... morrendo? – É a primeira vez que ele diz isso. A primeira vez que ele aceitou isso.

Tudo começa a ficar lento, mas eu continuo. — Ao fazer isso, você está honrando minha vida.

Ele vira o rosto, afligido. — Você deveria viver.

— Eu deveria.

— Você tem vinte e cinco anos! – ele chora, balançando a cabeça. — Sua vida apenas começou.

Estou tão cansada, gravemente cansada. — Minha vida começou no dia em que te conheci... e vou viver em você.

O peito de Roman vibra, segurando suas lágrimas. — Eu só... eu quero mais tempo.

Seu apelo é minha ruína, e uma sequência de fungadas me escapa.



— Eu tive mais tempo... mais tempo para conhecê-lo. E foi o suficiente porque conhecê-lo foi atemporal. Este foi o meu destino o tempo todo. Eu não quero ir... mas eu tenho que ir.

Roman leva um momento, olhando para o céu estrelado. — Eu estou roubando mais uma vida.

Sua culpa atinge meu âmago. — Não, Roman, você não está. – eu sei que ele está falando sobre Scarlett. — Você me disse que teria dado a ela seu coração se pudesse. – ele abaixa o queixo, com o luar refletindo sua tristeza. — Bem, eu sinto o mesmo. Você é digno desta vida. Você vale muito mais.

Ele leva segundos para processar o que eu disse antes de cair de joelhos, derrotado e vencido.

Esta foi a peça final - eu.

Colocando minha palma sobre seu peito, eu guardo na memória este momento porque é por isso que estou aqui. — Não parta meu coração. – eu sussurro, piscando para segurar minhas lágrimas. — Cuide dele. Pegue. É seu. Ele pertence a você. Sempre foi assim.

Seu coração bate forte sob minha mão. Me dá força saber que logo meu coração vai bater nele. Ele fecha os olhos, balançando a cabeça, totalmente quebrado.

— Lola. – ele chora, me apertando em seus braços. No momento em que ele se rende, eu sorrio. Ele pode não saber ainda, mas eu sei que ganhei - nós dois ganhamos.

Ficamos nos abraçando por alguns minutos, Roman nunca querendo me soltar. — Não estou fazendo nenhuma promessa. No momento, estou... indeciso.

— Indeciso é melhor do que um maldito *não*.



Ele ri da minha escolha de palavras.

— Ainda estou com raiva de você, mas obrigado por esta noite. Ver a maneira como o mundo e a forma como *você* me vê é simplesmente... indescritível. Você nunca deixa de me surpreender.

As coisas ficam quietas.

— Eu não te disse o quanto bonita você está. Como você é linda. –ele acrescenta, beijando meu pulso. — Você dança comigo?

Embora esteja grata pela mudança de assunto, eu me afasto gentilmente, com minhas sobrancelhas franzidas. — Aqui?

Ele acena com a cabeça e seus olhos comoventes esperançosos.

— Mas não há música.

— Vamos fazer a nossa própria. – ele sussurra, dando um beijo suave em meus lábios, antes de se levantar e me pegar em seus braços. Eu me aconchego contra ele, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço.

Ele começa a dançar com um ritmo invisível, mas é o ritmo perfeito e a música perfeita. Ele está me segurando com força, me carregando como se eu fosse o seu prêmio mais precioso. Dançamos por meio de uma trilha sonora feita especialmente para nós. Roman não me solta. Eu fico encolhida contra ele, minha dança final, a melhor da minha vida.

A lua cheia é nosso único farol de luz, e sob as estrelas, eu me perco em cada memória que me trouxe até aqui. Roman me deu muito para lembrar, e essas memórias vão contar minha história muito depois de eu ter partido. Eu junto cada uma e as coloco dentro do meu coração, então sempre que Roman estará sozinho, ele poderá desbloquear cada uma, lembrando o impacto que nosso amor teve no mundo.



— Você está assustada? – Sua voz cruza a noite silenciosa, dando-me conforto para o que está por vir.

— Agora não. – eu respondo, fechando os meus olhos e enterrando meu rosto em seu pescoço.

— Por quê? – ele continua dançando, com o movimento me embalando em um estado confortável.

— Porque... você está segurando minha mão.

Uma respiração dolorosa escapa dele. Ele está ganhando tempo. — Eu prometo... eu nunca vou soltar. Não importa aonde você vá... eu vou te encontrar. Eu te amo. Muito.

— Eu sei. – sussurro, com a escuridão começando a conquistar a luz. Mas não estou com medo. Eu salvei o homem que amo, então estou finalmente livre. Com a respiração superficial, minhas palavras de despedida são minha reverência final. — Aja com seu coração... e você me encontrará. Sempre.

Não há mais dor ou incerteza. Tudo o que resta é amor...



Epílogo

— Vem me pegar! – O esplendor da risada despreocupada de uma criança nos lembra da simplicidade da vida. Às vezes me esqueço de como é isso.

— Owen, vá brincar com a sua irmã! – Owen cruza os braços gordinhos sobre o peito, fazendo beicinho. Tão teimoso, assim como seu pai. Ele obedece um segundo depois, no entanto, correndo atrás da sua irmã mais nova.

O sol está suave contra a minha pele envelhecida, mas eu perdi a capacidade de me manter quente há muito tempo.

Meu corpo cansado faz barulho quando me abaixo no solo fértil, mas ignoro a dor, com as memórias substituindo qualquer dor. Este jardim me proporcionou infinitas horas de conforto. Vir aqui é como voltar para casa.

Strawberry Fields nunca esteve mais bonito. O doce perfume das rosas me transporta de volta no tempo, e fecho meus olhos, revisitando minha memória favorita de todas.



“Aja com seu coração... e você me encontrará. Sempre."

E ela estava certa. Ela sempre estava.

Dançamos a noite toda com ela confortavelmente em meus braços. Se analisarmos bem fundo o suficiente, quase posso a sentir, a cheirar - desejo senti-la apenas mais uma vez. Aquela noite milagrosa foi a última que passamos juntos.

Depois que a levei para casa, fizemos amor pela última vez. Na manhã seguinte, ela entrou em coma profundo, ao qual não resistiu três dias depois. Seu último desejo era que eu ficasse com o seu coração, mas o pensamento era hediondo demais para compreender.

Sabia que ela iria quando estivesse pronta. Lola nunca fez nada que ela não quisesse fazer. Então eu me sentei com ela, segurando sua mão. Prometi nunca desistir, e não o fiz. Ver a pessoa que você ama mais do que a própria vida morrer diante de seus olhos faz algo para você. Eu não via sentido em viver se a pessoa que fazia sua vida valer a pena já tivesse morrido.

Tentei lidar com a realidade de que viveria depois que ela morresse, graças a ela. Mas não queria estar aqui sem ela. Então, decidido, eu esperei, esperei para me reunir com meu único amor verdadeiro.

Mas no verdadeiro estilo Lola Van Allen, ela lutou até o amargo fim, falando comigo à beira da morte. Minha mãe sabia da minha decisão e não insistiu, mas disse que Lola queria que eu tivesse algo, esperando que eu fizesse a escolha certa.

Quando ela me entregou o diário de Lola e o colar de Sadie, eu sabia que, mesmo depois do túmulo, ela não deixaria isso passar. Aquele diário foi meu salvador. Parecia que Lola estava lendo suas palavras. Uma mulher perdida e assustada escreveu o primeiro registro, mas



cada página detalhava sua força e seu crescimento.

Eu ri; Chorei. Nunca me senti mais amado do que quando li como aparentava nos olhos de Lola.

A última página li no último dia. Eu estava segurando, sabendo que o que quer que estivesse escrito naquela página tinha a capacidade de mudar minha mente em um piscar de olhos... e mudou.

Vi a vida de Lola começar a desaparecer e, antes que fosse tarde demais, abri o diário, percebendo que o final era apenas o começo.

Quem diria que uma simples palavra poderia mudar a vida de uma pessoa para sempre. Mas, em nosso caso, essa palavra era nossa para sempre.

Viva.

Pode não ter sido poético, mas aquela palavra mudou minha mente. Eu faria isso por ela. Eu viveria em sua honra, com o seu coração se tornando o nosso.

— Pai, você está bem? – A voz do meu filho me traz de volta ao presente, me lembrando que me mantive fiel às palavras de Lola - eu vivi.

O transplante foi um sucesso. Seu coração agora batia forte no meu peito. Cada batida forte era um lembrete de tudo que não apenas perdi, mas também o que ganhei. Eu não precisava de uma fotografia para me lembrar de Lola porque ela me deu muito para lembrar.

Minha mão com artrite fecha o punho sobre o meu coração - ela está aqui - sempre.

Quando estava bem o suficiente, fiz tudo o que sabia que ela queria que eu fizesse. Eu vivi.



Tirei férias com Teddy e fomos ao festival de jazz em Birmingham, Alabama. Ela mencionou isso para ele quando estava sendo intrometida de costume. Passei pela atmosfera, honrando-a com cada passo que dei. Seu rosto estava em todos os outdoors que pude encontrar. Arrecadamos mais de dez milhões de dólares para pesquisar a doença que matou sua jovem vida.

Parei de me esconder atrás dos meus medos, falando com pessoas que eram exatamente como Lola e eu. Camille ajudou de todas as maneiras que pôde; ela era a mestra dos discursos, afinal. Nunca escondi o fato de que a mulher que amava salvou minha vida. Eu estava determinado que o mundo soubesse quem foi Lola Van Allen.

Minhas palestras pelo país ganharam a atenção de uma editora de Nova York. Eles me ofereceram um acordo que não pude recusar. Dois anos depois, o belo rosto de Lola estava em todas as listas dos mais vendidos em todo o mundo. A história envolveu a luta dela e a minha. Foi a coisa mais difícil que já tive que fazer, mas saber que minha Lola nunca seria esquecida valeu a pena.

Leitores de todo o mundo me escreveram, dizendo o quanto nossa história os tocou. Eles nunca esqueceriam Lola. Minha alma gêmea foi imortalizada para sempre.

O dinheiro que eu ganhei financiou testes experimentais para medicamentos e procedimentos inovadores para curar tumores cerebrais e defeitos cardíacos. Dirigia o maior centro de pesquisa de câncer dos Estados Unidos. Todas as pessoas que participaram dos testes experimentais foram Lola. Visitei-os não apenas como amigo, mas também como médico.

Lola ajudou a salvar muitas vidas. Sua morte nunca foi em vão.

Os anos se passaram e, embora nunca tenha esquecido meu amor por ela, me apaixonei por alguém que sei que ela aprovaria. No



início, senti que estava traindo Lola, mas seu diário, o que mantive escondido na minha mesa de cabeceira, era a prova de que ela queria que eu seguisse em frente.

Casei-me com uma colega médica que havia perdido o parceiro devido à leucemia anos atrás. Nós dois estávamos quebrados, mas de alguma forma juntos, nos encaixamos. O nome dela era Ivy, e tínhamos três filhos maravilhosos.

Depois que June faleceu, eu fui o proprietário oficial da Strawberry Fields. Ivy entendeu por que eu queria mantê-lo, e nós o mantemos. Continuamos a visão de minha mãe, abrindo as portas para qualquer pessoa que precisasse deste lugar mágico como seu santuário.

Essas paredes viram muita dor e tristeza, mas também forneceram um refúgio para pessoas como Lola. E assim como Scarlett. Este lugar é para eles - é para cada alma que encontrou o caminho de casa.

— Estou bem, filho. Entrarei em apenas um minuto. – Meu mais velho, Peter, é como sua mãe. Sempre cuidando e garantindo o bem estar dos outros.

Ele hesita, mas quando meu neto, Owen, e sua irmã gêmea, Olivia, exigem sorvete, ele sabe que é melhor obedecer.

Peter, Addison e Lachlan são meus filhos, de quem tenho tanto orgulho. Eles trabalham aqui em Strawberry Fields, porque meu corpo cansado não consegue mais acompanhar. Ivy faleceu há cinco anos, então agora, sou só eu.

Eu tenho meus filhos e netos, mas eles têm suas próprias vidas para viver, e eu quero que eles tenham. Todos são merecedores deste dom chamado vida. Cada batida do meu coração é a confirmação disso.



Abrindo os meus olhos, eu olho para cima, contemplando para o gigante muito alto acima de mim. Fiz uma promessa a ela e a honro todos os dias. Em vida, Lola Van Allen se destacou na multidão... então, parece apropriado que ela faça o mesmo na morte.

Um imponente girassol amarelo vai até o céu, muito acima das rosas entre as quais está plantado. Minhas mãos envelhecidas, mãos que perdem seu toque todos os dias, agarram a sujeira em torno de suas raízes, sentindo a fonte de vida disparar em minhas veias.

Isso é uma homenagem a ela - à mulher cujo coração me deu vida, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente. Tenho tantas saudades dela. Eu vivia apenas pela metade até conhecê-la e, embora tenha vivido uma vida extraordinária graças a ela, estou pronto para vê-la novamente.

Ela sempre será jovem e bonita, e sempre me lembrarei daquela garota. Sempre me lembrarei de como ela me fez sentir. E eu quero me sentir assim novamente.

Vou olhar para trás, para esta vida, com nada além de felicidade, e esse pensamento fez meu coração, *nosso* coração desacelerar, finalmente me permitindo voltar ao passado e me perder para sempre com ela.

Colocando o meu corpo envelhecido contra o solo, eu espero que ela venha. O sol aparece por trás das pétalas de girassol amarelo, de repente aquecendo meu corpo no inverno.

— Lola? – eu quase não reconheço minha voz.

Lub-dub…

Lub-dub…

Lub… dub...



Nosso coração pulsa por ela, implorando para que ela me salve pela última vez.

Enfiando a mão no bolso, eu recupero a única foto que me permiti guardar. Minhas mãos trêmulas memorizaram as dobras e, ao longo dos anos, tive que lidar com esta lembrança com cuidado. Está amarelada, envelhecida e desbotada, mas é mais clara do que qualquer outra foto tirada depois dela.

Abrindo com ternura, eu forço minha miopia para ver duas pessoas que parecem meros estranhos, mas minhas queridas memórias daquele dia no jogo de beisebol confirmam que minha velha mente senil não está perdida ainda. Meus olhos se fecham, com um sorriso estampado no meu rosto.

Lembro-me da suavidade de sua pele, do toque terno de seus lábios. A chuva caiu em torno de nós, mas ela não se importou. Enquanto estivéssemos juntos, o mundo poderia se encaixar ao nosso redor.

E ainda pode.

— Olá, Dr. Archibald.

De repente, sou transportado de volta no tempo.

Meus olhos se abrem e pisco duas vezes. Eu posso ver claramente. Acenando minha mão na minha frente, eu suspiro quando os planos destruídos não estão mais visíveis. O que está acontecendo?

Sentado ereto, estou surpreso de poder me mover sem dor. Mas essa surpresa é rapidamente esquecida quando vejo quem está parado a alguns metros de distância.

— Lola?



Quando ela sorri, meu coração para... eu voltei para casa.

— Senti sua falta. – Sua voz... fala com a minha alma.

Eu mal posso acreditar. Isso certamente é um sonho. — Eu... eu senti sua falta também.

Ela é exatamente como eu me lembro dela, mas quando olho mais de perto, ela parece diferente - ela parece saudável e viva. O colar de Sadie está pendurado em seu pescoço.

Quando ela se ajoelha, sua fragrância característica atinge os meus sentidos, e memória após memória colide em mim. Não me atrevo a respirar quando ela estende a mão e desliza suavemente os dedos pela minha bochecha. Eu posso sentir ela. Eu reprimi meu gemido.

— Você está pronto?

— Pronto para que? – Minha mente está ricocheteando, incapaz de acompanhar.

Ela sorri com aquele sorriso insolente que tanto sentia falta. — Pronto para morar.

Meu coração dispara de novo, forte, vibrante e vivo.

Colocando minha mão contra seu peito, uma sensação de paz me envolve porque seu coração bate forte também. É tudo o que sempre desejei desde que ela foi embora.

— Sim. Estou pronto.

E eu estou.

Não dou a ela a chance de recuperar o fôlego enquanto pressiono meus lábios nos dela, incapaz de esperar um



segundo a mais. Mas para onde estamos indo, não precisamos de ar - ela é o único ar que respiro.

No momento em que nos conectamos, tudo se encaixa, e os longos anos perdidos de saudades dela parecem meros minutos. Nada mais importa além disso. Ela sempre foi meu destino, meu para sempre e mais um dia.

Enquanto nos agarramos um ao outro, ambos chorando lágrimas de felicidade, percebo que tentei desesperadamente salvá-la, mas verdade seja dita, no final, ela me salvou.

E mesmo agora, na morte, ela me salvou mais uma vez.

Fim

